

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CRISTIANO ESTEVÃO CABRAL

O LUGAR DA ESCOLA E DO TRABALHO NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE
ADOLESCENTES CUMPRINDO MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM
RONDÔNIA

Porto Velho- RO
2019

CRISTIANO ESTEVÃO CABRAL

O LUGAR DA ESCOLA E DO TRABALHO NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE
ADOLESCENTES CUMPRINDO MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM
RONDÔNIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Psicologia, do Núcleo de Saúde, para a conclusão do curso e obtenção do título de mestre em Psicologia, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Linha de pesquisa: Psicologia Escolar e Processos Educativos.

Orientadora: Profa Dra. Juliana da Silva Nóbrega

Porto Velho - RO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

C1171 Cabral, Cristiano Estevão.

O lugar da escola e do trabalho nas trajetórias de vida de adolescentes cumprindo medida socioeducativa de internação em Rondônia / Cristiano Estevão Cabral. -- Porto Velho, RO, 2019.

265 f. : il.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Juliana da Silva Nóbrega

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1. Adolescente em conflito com a lei. 2. Socioeducação. 3. Escolarização. 4. Escola. 5. Trabalho. I. Nóbrega, Juliana da Silva. II. Título.

CDU 159.922.8(811.1)

Bibliotecário(a) Ozelina do Carmo de Carvalho

CRB 11/486

FOLHA DE APROVAÇÃO

**O LUGAR DA ESCOLA E DO TRABALHO NAS TRAJETÓRIAS DE
VIDA DE ADOLESCENTES CUMPRINDO MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**

CRISTIANO ESTEVÃO CABRAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (MAPSI) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia

Linha de Pesquisa: Psicologia Escolar e Processos Educativos

Orientador: Dr.^a Juliana da Silva Nóbrega

Banca examinadora:

Profa. Dra. Juliana da Silva Nobrega (orientadora)

Universidade Federal de Rondônia (MAPSI)

Assinatura:



Profa. Dra. Lílian Caroline Urnau

Universidade Federal de Rondônia (MAPSI)

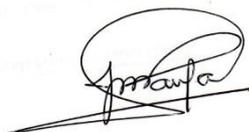
Assinatura:



Profa. Dra. Jania Maria de Paula

Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

Assinatura:



Data da defesa: 03 de dezembro de 2019

Dissertação aprovada em: 03/12//2019

Dedicamos este trabalho a todos os adolescentes que participaram da pesquisa e a todos aqueles que, com garra, permanecem lutando para sobreviver nesta sociedade desigual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade da vida e por ter me permitido galgar degraus em relação ao conhecimento.

Agradeço à minha amada Daiane, esposa e companheira, que me compreendeu e me apoiou em minhas distâncias e ausências, mesmo estando presente. Agradeço por suas palavras de força e por sua fé, em Deus e em mim. Amo-te cada vez mais.

Agradeço ao meu filho, João Miguel, que me impulsionou neste Mestrado, mesmo ainda sendo infante— e, agora, tendo-o em meus braços. Meu coração explode de alegria por ter você.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais (Manoel e Aurenir), que me incentivaram, oraram e torceram por mim, sofrendo também por minhas ausências nas tardes da semana. Vocês me ensinaram e têm me ensinado a cada dia. Amo vocês.

Agradeço ainda às minhas irmãs (Roseli, Rosangela e Isamara), que sempre estiveram e estão dispostas a me ajudar e contribuíram diretamente para este ciclo de minha vida com palavras de incentivo e ânimo. Com vocês, sou mais forte.

É inadmissível deixar de agradecer à minha querida orientadora, Profa. Dra. Juliana, que me acompanhou, apostou em mim e que, quando necessário, me despertou. Agradeço sua paciência, a compreensão e o incentivo. Durante esse tempo de convivência, aprendi e reaprendi, principalmente em minha prática profissional.

Agradeço à Profa. Dalva, que, desde o início, apostou em mim e me estimulou a enfrentar este desafio (Mestrado). Agradeço por ter me ajudado durante meus pedidos de socorro e por toda sua disponibilidade para contribuir. Obrigado, és querida para mim.

À Sonia, querida colega, que foi uma das incentivadoras para a seleção do programa.

Ao Junior Minin, que, com carinho e atenção, contribuiu com sua leitura do meu trabalho.

Aos colegas de Mestrado, pessoas especiais com quem compartilhei choros e risos, obrigado pelos momentos terapêuticos e por todo ânimo em cada etapa do Mestrado. Tenho certeza de que fiz grandes amigos.

Agradeço com carinho à querida Eudeir, que me ajudou nessa trajetória e em trajetos com suas divertidas caronas.

Sou grato às professoras doutoras Lilian e Jania, que aceitaram contribuir com meu crescimento através deste Mestrado. Obrigado pela disponibilidade, a atenção e o carinho.

Aos amigos, resta minha gratidão por cada palavra de incentivo, apoio e oração.

CABRAL, Cristiano Estevão. **O lugar da escola e do trabalho nas trajetórias de vida de adolescentes cumprindo medida socioeducativa de internação em Rondônia.** 265 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

RESUMO

As medidas socioeducativas são aplicadas em decorrência da prática de atos infracionais por parte do adolescente e estão baseadas nas diretrizes regidas pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que estabelecem o direito à educação e à profissionalização mediante uma inserção protegida na escola e no mundo do trabalho. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo conhecer os sentidos de escola e de trabalho produzidos pelos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação, tendo como foco suas trajetórias de vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, referenciada na perspectiva pós-construcionista em Psicologia Social (SPINK, 2010), segundo a qual os sentidos são produzidos no cotidiano no processo interativo entre sujeitos e como uma construção social (que ocorre em um contexto histórico e cultural). Para tanto, foram realizadas entrevistas (SPINK; PINHEIRO, 2004) com método da história de vida, em que os jovens relataram suas trajetórias. Na perspectiva pós-construcionista, a entrevista pode ser entendida enquanto *prática discursiva*, isto é, como uma interação situada e contextualizada por meio da qual os sentidos são produzidos e visões da realidade são construídas entre pesquisador e pesquisado. Foram realizadas entrevistas com cinco adolescentes internados no Centro de Atendimento Socioeducativo do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (CASE / SINASE), localizado no município de Ji-Paraná (RO). Os adolescentes tinham idade entre 15 e 18 anos e estavam matriculados no ensino modular ou em processo de matrícula. Essas narrativas foram transcritas e submetidas à análise a partir do foco nas práticas discursivas de escola e trabalho produzidas pelos adolescentes. Concluiu-se que os sentidos de escola para os adolescentes dizem respeito desde ao mero cumprimento da função de ensinar a ler e escrever até a ser uma ferramenta que lhes proporcione recursos para ascender socialmente, garantindo-lhes um emprego que seja estável e que lhes permitirá “ser alguém na vida”. Percebeu-se ainda que a escola pode ser considerada como algo passageiro, apenas um lugar por onde precisam passar para cumprir as exigências da família e da sociedade. Foi possível também compreender que, ainda assim, há um esforço em pertencer a este lugar. A escola é, de um modo ou de outro, também um dos primeiros lugares onde se tem contato com a criminalidade de modo mais efetivo e com o uso de drogas, por meio das amizades. De toda sorte, a escola não se apresentou, para estes jovens, como espaço de transformação e fomento de potencialidades, passando por suas vidas e deixando poucas ou nenhuma marca de ascensão. Já no que diz respeito ao trabalho, entende-se que para alguns meninos seus sentidos foram embasados na ideia de que ele seria capaz de retirar o indivíduo da criminalidade e que caberia ao sujeito essa decisão de buscar, por meio de seus esforços pessoais, uma vida melhor, longe das práticas infracionais. O trabalho ainda era experimentado por alguns deles como forma de “endireitar” suas vidas, abandonando a criminalidade e iniciando uma vida honesta. Destacou-se, também, o sentido de sobrevivência que o trabalho possui, como ferramenta capaz de ajudar a família financeiramente nas necessidades materiais. Para um desses garotos o trabalho ainda foi visto como desvalorizado por permitir condições mínimas de sobrevivência, gerando revolta e valorização do tráfico de drogas como mais rentável por gerar renda para obter bens de consumo. Os sentidos a respeito da escola e do trabalho para os adolescentes que cumprem MSI são entrelaçadas pelo contexto cultural e social que, por sua vez, permanecem

evidenciando a crença de que ambos podem retirá-los da criminalidade a fim de ascenderem socialmente, mesmo que isso não se cumpra na vida destes meninos em decorrência da exclusão social.

Palavras-chaves: Adolescente em conflito com a lei. Socioeducação. Escolarização. Escola. Trabalho.

CABRAL, Cristiano Estevão. **The place of school and work in the life trajectories of adolescents fulfilling socio-educational measure of confinement** in Rondônia. 265 f. Dissertation (Master's Degree in Psychology), Federal University of Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2019.

ABSTRACT

The application of socio-educational measures occurs through the practice of offensive conduct by the adolescent and is based on the guidelines established by the National Socio-Educational Service System (SINASE, in Portuguese) and the Statute of the Child and Adolescent (ECA, in Portuguese), which establishes the right to education and professionalization through a protected insertion in the school and in the world of work. On that subject, this study aimed to acknowledge the meanings of school and work produced by adolescents who comply with socio-educational measure of internment, focusing on their life trajectories. This is a qualitative research, referenced by the post-constructionist perspective in Social Psychology (SPINK, MJ, 2010), for which the senses are produced in daily life on the interactive process between subjects and as a social construction (which occurs in a historical context and cultural). To this end, interviews were conducted (SPINK; PINHEIRO, 2004) using the life history method, in which the young people reported their trajectories. In the post-constructionist perspective, the interview can be understood as discursive practice, that is, as a situated and contextualized interaction through the senses are produced and visions of reality are constructed between researcher and researched. Interviews were conducted with five adolescents admitted to the Socio-Educational Center of the National Socio-Educational System (CASE / SINASE), located in the city of Ji-Paraná - RO. They ranged in age from 15 to 18 and were enrolled in modular education or enrollment process. These narratives were transcribed and subjected to analysis from the focus on the discursive practices of school and work produced by adolescents. It is concluded that the senses of school for adolescents are between the mere fulfillment on the function of teaching reading and writing, and a tool that provides them with resources to rise socially, guaranteeing them a job that is stable and that will allow them to "be someone in life". It was also realized that the school can be considered as temporary, just a place where they need to go to meet the demands of family and society. It was also possible to understand that, still, there is an effort to belong to this place. In one way or another, schools are also one of the first places where crime is most effectively dealt with and drug use is made through friendships. In any case, the school did not present itself to these young people as a space for transformation and development of potentials, passing through their lives and leaving little or no mark of ascension whatsoever. With regard to work, it is understood that for some boys their senses were based on the idea that they would be able to remove the individual from criminality and that it was up to the subject to decide, through their personal efforts, a better life, away from infringing practices. The work was still experienced by some of them as a way of "straightening out" their lives, abandoning crime and starting an honest life. Also highlighted was the sense of survival that work has as a tool capable of helping the family financially in material needs. For one of these boys, the work was still seen as undervalued for allowing minimum survival conditions, generating revolt and valorization of drug trafficking as more profitable for generating income to obtain consumer goods. The senses about school and work for adolescents who comply with measure of internment are intertwined by the cultural and social context, which in turn remains evidence of the belief that both can remove them from crime and rise socially, even if this is not true fulfillment in the lives of these boys as a result of social exclusion.

Keywords: Adolescent in conflict with the law. Socio-education. Schooling School. Job.

LISTA DE ABREVIATURAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil
BO – Boletim de Ocorrência
CASE – Centro de Atendimento Socioeducativo
CEB – Câmara de Educação Básica
CEEJA – Centro Estadual de Educação para Jovens e Adultos
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CF – Constituição Federal
CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas
CNE – Conselho Nacional de Educação
CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
CPB – Código Penal Brasileiro
DP – Delegacia de Polícia
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FEASE – Fundação Estadual de Atendimento Socioeducativo
FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FECOEP – Fundo Estadual de Combate e Erradicação da Pobreza
FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço.
FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MSI – Medida Socioeducativa de Internação
PCC – Primeiro Comando da Capital
PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNBEM – Política Nacional do Bem-Estar do Menor
PNE – Plano Nacional de Educação
PRF – Polícia Rodoviária Federal
SAM – Serviço de Assistência ao Menor
SEMBEAS – Secretaria Municipal de Bem-Estar e Assistência Social
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

TAA – Termo de Assentimento para Adolescente

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 BOLÍVIA: A DIFÍCIL TAREFA DE ESTUDAR E TRABALHAR	21
3 O PERCURSO METODOLÓGICO	64
3.1 A ESCUTA DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS ADOLESCENTES.....	66
3.2 CAMINHOS TRILHADOS: PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	70
3.3 CRITÉRIOS ÉTICOS: DA SUBMISSÃO AO CEP	72
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	72
3.5 CARACTERIZAÇÃO DO CASE.....	74
4 LUAN : UMA ESCOLA SEM SENTIDO	77
5 AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS	80
5.1 OS CÓDIGOS DE MENORES E AS FEBEMS	80
5.1.1. Os menores do Segundo Código de Menores.....	86
5.2 DAS FEBEMS AO ECA	91
5.3 A APLICAÇÃO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO	94
6 JOAQUIM: ESTUDAR E TRABALHAR PARA SER “ALGUÉM NA VIDA”	97
7 ESCOLA E CRIMINALIDADE: O MITO DA ESCOLA REDENTORA E A MERITOCRACIA	105
7.1 ALGUNS DOCUMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO.....	105
7.2 CRÍTICAS À IDEIA DE ESCOLA REDENTORA	110
7.3 ESCOLA: UM (DES)CASO PARA OS MAIS POBRES	114
8 JÚLIO: UM TRABALHADOR COM ORGULHO	118
9 TRABALHO, CRIMINALIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO	147
9.1 A CENTRALIDADE DO TRABALHO NA SOCIEDADE ATUAL.....	147
9.2 Mundo do trabalho e desigualdade social	150
9.3 O TRABALHO NA MEDIA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO	153
9.4. SENTIDOS DO TRABALHO NA SOCIEDADE E A CRIMINALIDADE	156
10 GABRIEL: UM ADOLESCENTE “EXTRAVIDADO”	163
11 DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA E HISTÓRIAS DE VIDA	172
11.1 SOBRE A FAMÍLIA	172
11.2 SENTIDOS DE ESCOLA	180
11.2.1 “ <i>Continuei estudando</i> ”: a persistência de Bolívia	180
11.2. 2 “[...] <i>eu já sabia de tudo</i> [...]”: o conhecimento de Luan.....	184
11.2.3 “[...] <i>estou estudando</i> [...] <i>pra ser alguém na vida.</i> ”: o objetivo de Joaquim... 188	
11.2.4 “[...] <i>a escola tem um papel importante, mas não vou saber explicar</i> [...]”: a incerteza de Júlio	195
11.2.5 “ <i>Mas pra mim foi perdendo a graça de estudar</i> ”: a escola para Gabriel	199
11.3 SENTIDOS DE TRABALHO	204

11.3.1 “[...] <i>ah véi, eu tô trabaiano mais num tô conseguindo nada</i> ”: a revolta de Bolívia.	204
11.3.2 “ <i>O que eu aprendi na infância eu posso usar</i> ”: perspectiva de Luan	211
11.3.3 “ <i>Trabalho é você sustentar sua própria família, né.</i> ” O trabalho para Joaquim	213
11.3.4 “[...] <i>nunca fui obrigado, nunca [...]</i> ”: a motivação de Júlio	215
11.3.5 “[...] <i>o único destraviado é eu</i> ” O conceito de Gabriel	221
11.4 OUTROS SENTIDOS	226
11.4.1 Sobre a internação	226
11.4.2 Sobre as drogas	232
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS	236
REFERÊNCIAS	243
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO RESPONSÁVEL LEGAL (TCLE)	258
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	260
APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA ADOLESCENTE (TAA)	261
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA	264

1 INTRODUÇÃO

A ideia para realizar esta pesquisa surgiu a partir de reflexões a respeito das situações que vivenciamos em nosso dia a dia de trabalho. Somos psicólogos de um centro de atendimento socioeducativo de internação masculino, desde março de 2016; atuamos com adolescentes internados que cometeram algum ato infracional considerado grave ou que tenham descumprido qualquer outra medida. Mesmo que não seja um trabalho clínico¹, escutamos diversas histórias. Pela nossa sala, onde costumamos conversar com esses meninos, já passaram muitas delas: relatos de jovens que tiveram seus direitos violados ao longo de suas vidas; garotos que tiveram que optar entre escola e trabalho ou mesmo deixar ambos de lado para criar outras formas de existir numa sociedade caracterizada pela exclusão social (SAWAIA, 2001).

Nessas conversas, as experiências escolares e de trabalho apareciam, em geral, como negação, como fracasso. Ao mesmo tempo, a percepção da preocupação de todo o sistema de socioeducação em promover a escolarização durante o processo de internação e as tentativas de inserção no mundo do trabalho nos convocou a refletir sobre o que esses garotos pensam a respeito da escola e do trabalho, orientados pela seguinte pergunta: quais os sentidos de escola e de trabalho para os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação no interior de Rondônia?

Desta forma, essa pesquisa teve como objetivo conhecer os sentidos de escola e de trabalho entre adolescentes² em conflito com a lei, mais especificamente entre aqueles que se encontram cumprindo medida de internação em Rondônia.

Num estado marcado por uma história de ocupação conturbada e violenta, decorrente dos vários ciclos do avanço da acumulação capitalista na Amazônia (PACHECO, 2013; OLIVEIRA, 2007), a população empobrecida do campo e da cidade vivencia, de diferentes maneiras, os efeitos da desigualdade social. No campo, a população de baixa renda é levada, por diversos fatores, a migrar para a cidade em busca de melhores condições de vida – enquanto, nas cidades, nas periferias se aglomeram cada vez mais famílias com poucos direitos garantidos. Cidades de médio e pequeno porte, em Rondônia, são como outras tantas no país: territorialmente segregadas entre os mais ricos e os mais pobres e cada dia mais violentas, fator que atinge de maneiras distintas o centro e a periferia.

¹ O trabalho do(a) psicólogo(a) nas unidades socioeducativas segue as normas do Código de Ética da profissão e das referências técnicas de atuação. Seu trabalho é institucional, em um contexto interdisciplinar e com emissões de pareceres para subsidiar o Judiciário em suas decisões (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2010).

² O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece a adolescência como período que compreende dos 12 anos completos aos 18 anos incompletos (BRASIL, 1990), público-alvo desta pesquisa.

Nesse contexto capitalista, as subjetividades dos indivíduos são afetadas até mesmo no contexto escolar. As escolas têm sido meios de reproduzir uma visão empreendedora motivada pelo capital, cuja busca constante pelo saber é entendida como competição entre os demais sujeitos, tornando o conhecimento um capital que gerará maiores possibilidades (LEMES; JUNIOR, 2017). A subjetividade capitalizada pela experiência de escolarização se produz também entre crianças e adolescentes pobres e negros; expulsos da escola por um histórico de repetidos fracassos (PATTO, 2007), a escola pouco participa ou se constitui como possibilidade de dignidade, nos moldes correntes dessa sociedade, a não ser pela meritocracia. Assim, o acesso à educação formal é cada vez mais inviabilizado (MELLO, 2001).

Contudo, a desigualdade não traz consigo apenas privação de direitos: ela carrega uma discriminação que é vivida por classes subalternas, consideradas de segunda categoria. O contraste evidenciado entre pobreza e riqueza fomenta a concepção de um desregramento, que pode ocasionar uma desordem social, culminando numa insegurança. A violência causa essa desordem e contribui com a formulação de fantasias carregadas de preconceitos associados à pobreza, muitas vezes divulgados pela mídia (MELLO, 2001).

Mello (2001) destaca que a cidade não possibilita aproximações demoradas que propiciem identificações entre os cidadãos. Na cidade, o outro sempre é um desconhecido. Deste modo, para as classes dominantes, é difícil reconhecer um outro igual que esteja inserido na pobreza, reconhecendo-o como desigual e aproximando-o da inferioridade.

Nesse cenário, os jovens são os mais atacados, uma vez que estão numa idade de inquietação e em busca de novas experiências, principalmente quando não encontram na escola, na família ou em bairros as respostas para suas insatisfações, recorrendo então às ruas e a outros espaços (MELLO, 2001).

O relatório apresentado pelo *Mapa do Encarceramento do Brasil* (2015) retrata uma diminuição dos homicídios na população brasileira entre os anos de 2002 a 2012; porém, indica que houve aumento no número de homicídios praticados contra a população jovem negra (BRASIL, 2015). Os 300 anos de escravidão vividos no Brasil deixaram marcas profundas nas práticas cotidianas e institucionais da sociedade brasileira. Para Carvalho (2015), o Brasil é retrato de práticas punitivas autoritárias e genocidas decorrentes do período escravocrata em desfavor dos negros, que configuraram atitudes racistas. Essas práticas punitivas sustentam o controle social da juventude negra, foco das agências penais. Segundo o autor, isso é evidenciado por dois processos: pelos homicídios desta população causados por agentes públicos e pelo encarceramento massivo dos negros nos últimos 20 anos. Naturalizam-se práticas racistas praticadas pelos poderes, em especial, pelo judiciário. Em 2012, a maioria dos

presos do Brasil era do sexo masculino; a cor predominante no número de homicídios era a cor negra – os negros foram vítimas de 73% dos assassinatos registrados naquele ano (CARVALHO, 2015).

De acordo com o *Panorama da execução dos programas socioeducativos de internação e semiliberdade nos estados brasileiros*, feito pelo Conselho Nacional do Ministério Público entre agosto e setembro do ano de 2018, o número de adolescentes que cumpriam medida de internação por tempo indeterminado no Brasil era de 18.086 (BRASIL, 2019). Segundo a Coordenação Geral do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, por meio do último *Levantamento Anual SINASE* (2016), o número de jovens (entre 12 e 21 anos) que estavam em restrição e privação de liberdade é de 25.929. Desse número, 70% estavam em regime de internação, ou seja, 18.567. Na região Norte, o número compreende 1.866 adolescentes em restrição e privação de liberdade, o que corresponde a 6% da população nacional. Em Rondônia, o número apresentado foi de 269 adolescentes internados em 2016 (BRASIL, 2018).

Segundo o *Levantamento Anual SINASE* de 2016, percebe-se que 59,08% dos adolescentes e jovens que estavam em restrição e privação de liberdade foram considerados de cor parda/preta; 23,49% considerados de cor branca; 0,91% de cor amarela; e de raça indígena, 0,98% (BRASIL, 2018). A região Norte concentra o maior percentual (71,6%) de cor/raça preta/parda dos adolescentes em privação e restrição de liberdade. No estado de Rondônia, da mesma forma, a cor/raça predominante foi parda (BRASIL, 2018). Esses dados corroboram o que é apresentado por Alves (2017), quando diz que o racismo tem cor e classe: negros e pobres, público que sofre violências cotidianas – genocídio –, sejam letais, sejam formas não visíveis de violência.

Do universo apresentado em 2016, do público nacional, 96% dos jovens em restrição e privação de liberdade eram do sexo masculino e 4% do sexo feminino. A faixa etária de maior predominância se concentrava entre 16 e 17 anos, com 57%, seguida pela faixa de 18 a 21 anos, com 23%; de 14 a 15 anos, com 17%; e de 12 a 13 anos, com 2% – restando 1% que não apresentou especificação da faixa etária (BRASIL, 2018). Em relação aos atos infracionais que culminaram na aplicação da medida de internação, os dados demonstram que 47% dos adolescentes e jovens praticaram ato análogo ao roubo (artigo 157 do Código Penal³); outros 22% cumprem medida por tráfico de drogas (artigo 33, Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006); 10% por analogia ao homicídio (artigo 121 do Código Penal); 3% praticaram ato análogo à tentativa de homicídio (artigo 121, *caput*, combinado com o artigo 14, II do Código Penal); 3%

³ Os artigos citados acima estão são encontrados no Código Penal Brasileiro (CPB) – Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De12848compilado.htm.

cumprem medida por furto; 2% por porte de arma; 1% por lesão corporal; 1% por tentativa de roubo; 1% por ameaça de morte; 1% por receptação e 4% por outros atos infracionais.

A realidade desse público apontada nestas estatísticas nos revela a exclusão vivenciada por eles – evidenciada pelo destino excludente de parcelas majoritárias da população mundial, muitas vezes imposto pelas transformações sociais do mundo do trabalho e também por situações geradas por modelos e estruturas econômicas que culminam em desigualdades de qualidade de vida (SAWAIA, 2001). Essa desigualdade social é historicamente compreendida e atravessa séculos estigmatizando mendigos, pedintes, vagabundos e marginais.

O termo vulnerabilidade social, inicialmente, destacou-se na área dos direitos humanos; posteriormente, foi introduzido no campo da saúde, especificamente nas campanhas sobre a AIDS, e passou a propagar o conceito de “grupo de risco”, ou seja, a condição de vulnerável ligada à conduta (GUARESCHI *et al.*, 2007; BUCHALLA; PAIVA, 2002). Ao contrário disso, atualmente, vulnerabilidade deixou de denotar grupo de risco e passou a referir-se ao indivíduo que está privado do acesso de materiais e bens de serviços que possam evitar que ele se torne vulnerável. O conceito está ligado à vida social, envolvendo campos como educação, trabalho e políticas públicas, aludindo às condições de vida e suportes sociais (GUARESCHI *et al.*, 2007), já bastante mencionadas anteriormente.

A exclusão social está presente de diversas maneiras; é social, não individual, mesmo que atinja pessoas em suas subjetividades – é social porque se mantém nas relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade. A naturalização do fenômeno da exclusão e o papel do estigma servem para justificar e reforçar a incidência dos mecanismos que promovem o ciclo de reprodução da exclusão, demonstrado pela aceitação da sociedade e do excluído da situação vivenciada, sem esperança de mudanças. Isso revela a fragilização do vínculo societal.

O estigma é a cicatriz que marca e denota o processo de desqualificação do indivíduo na lógica da exclusão. Para Goffman (1891), o estigma é caracterizado pela depreciação do sujeito em seus atributos considerados fora do padrão “normal” de uma sociedade. O autor assevera que a sociedade categoriza os sujeitos com base nas expectativas normativas e aqueles que não se enquadram nesse perfil devem ser evitados. Atualmente, estigmas são resultados das marcas carregadas pelos criminosos, deficientes, negros e pobres. No contexto socioeducativo, é comum ouvir o uso de termos pejorativos que desqualificam e estigmatizam os adolescentes como bandidos.

A exclusão contemporânea é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que tende a criar,

internacionalmente, indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção (WANDERLEY, 2001, p. 25).

A autora destaca – e isso chama atenção – que a exclusão faz com que o sujeito excluído seja desqualificado, tornando-o desnecessário ao universo produtivo da lógica neoliberal; resta-lhe resignar-se, uma vez que sua inserção social como integrante da população dominante está impossibilitada. Tal como os garotos internados por terem cometido atos infracionais, a lógica da desqualificação social vem sendo propagada pela mídia, de forma que, gradualmente, se constrói também a narrativa de que é necessário reduzir a maioria penal e/ou de que jovens infratores devem ser privados de liberdade além do que é estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Pensando a partir de Foucault (2014), resta a estes a sentença judicial de encarceramento, que lhes imprime o suplício de seus corpos e resulta numa exclusão do convívio da sociedade – que, na verdade, já ocorria pelas restrições de seus direitos, os quais deveriam ser garantidos. Essa dinâmica põe em evidência a desqualificação atribuída ao adolescente que cometeu ato infracional, por ser considerado indigno de retornar à sociedade e usufruir de seus direitos.

A ideia é corroborada por Vêras (2001, p. 38):

Há um conceito correlacionado intimamente à exclusão que é o de pobreza; mas esta, hoje, mudou de nome e de forma. Além de ser a privação: de emprego, meios para participar do mercado de consumo, bem-estar, direitos, liberdade, esperança e outros itens necessários à vida digna, a pobreza recebe, hoje, uma dimensão moral, não oferecendo mais alternativa e nem mesmo a possibilidade remota de ascensão social.

Tanto a escola quanto o trabalho cumprem, histórica, social e supostamente, o papel de retirar a pessoa dessa condição. A escola, como forma de acesso a conhecimentos científicos, com maior prestígio social e *status*, pode conduzi-la ao trabalho digno – para “ser alguém na vida” e outros chavões. O trabalho, por sua vez, será a oportunidade de mudar de vida, melhorar as condições materiais, etc. Entretanto, ainda que essas possibilidades de fato se efetivem para alguns – especialmente em melhores condições sociais e políticas –, para boa parte dos jovens negros e pobres, esse não é o futuro que se reserva.

No dia a dia de trabalho como psicólogos no centro de internação, percebemos no discurso de agentes e de outros responsáveis pelos adolescentes a ideia de que a escola possui o papel social de proporcionar novos caminhos para os meninos, mas também a crença de que

sua ausência e a evasão escolar podem levá-los às práticas infracionais. Esse papel social não é distante quando se trata do conceito de trabalho – que, por sua vez, tiraria o adolescente da ociosidade e lhe garantiria um reconhecimento financeiro por seu esforço laboral. Esse discurso é também percebido nas falas dos adolescentes que atendemos.

Entretanto, a crença social é de que a escola confere ao sujeito a capacidade de sair de sua situação de exclusão através de seus esforços pessoais internos. A escola, do contrário, em muitos casos, tem apenas reforçado essa exclusão e o estigma, generalizando e homogeneizando os sujeitos, distanciando jovens que apresentam dificuldades na escolarização, ignorando as diferenças que há entre eles (PADOVANI; RISTUM, 2013). Quando não lhe é ofertado o acesso à escola por meio de políticas públicas, o jovem é excluído de sua sociedade e, mais uma vez, posto à margem dela, atribuindo-se a ele um potencial criminoso gerado por sua pobreza e por seu pouco grau de escolarização.

Carvalho e Martins (2011) alegam que o modelo capitalista insere na sociedade a ideia de ascensão social por meio da meritocracia, isto é, os esforços individuais do sujeito farão com que ele transforme sua realidade econômica. Desta forma, compreende-se que se encontra no próprio indivíduo a capacidade de sair da marginalidade gerada pela exclusão social. Contudo, é preciso entender que, na maioria das vezes, a desigualdade está encarnada no sujeito desde o seu nascimento (por sua cor de pele, por sua origem social), na infância, em gerações passadas, na sua comunidade – em condições materiais precárias, desde o acesso às condições básicas para sua sobrevivência. Queremos apontar que a minoria possui uma escolarização de ponta e muitos são privados do acesso à escola porque, na maioria dos casos, ajudam suas famílias financeiramente no mercado de trabalho informal. Isso faz com que os incluídos saiam à frente da largada, enquanto que os excluídos ficam à mercê da própria sorte.

Em discursos dentro do centro, ouvimos com frequência dos operadores do direito aconselhamentos sobre esforços pessoais para um novo caminho para estes adolescentes. Em diversos momentos, eles são instruídos a permanecer na escola e a buscar, por meio do estudo, um futuro que lhes seja “melhor” que o mundo do “crime”. Esse discurso é reafirmado com a “certeza” de um trabalho garantido após a conclusão do processo de escolarização. Há, ainda, o discurso de que, caso o adolescente não queira estudar, deve apenas procurar um trabalho informal para sobreviver e sair da criminalidade. Mais uma vez, isso é resumido na meritocracia.

Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que não são oferecidas ao jovem pobre condições materiais e estruturais de acesso à escola, outorga-se à escola e ao trabalho um

potencial de ferramentas capazes de fazer com que o jovem saia da marginalidade e seja inserido na sociedade.

Essa discussão é o fomento para esta pesquisa, que visa compreender os sentidos de escola e de trabalho para meninos internados, com a finalidade de entender, por meio de práticas discursivas, a interferência do meio social nessa temática.

Como diz Maria Helena Souza Patto (2007), seria a escola *redentora* para esses meninos? Como eles percebem a escola? Que lugar ela ocupa em suas trajetórias de vida? Segundo essa visão, a escola seria o lugar das possibilidades de diminuição da criminalidade, em que a moral e os bons costumes são ensinados; por consequência dessa *boa* inserção no mundo escolar, haveria a possibilidade de esse jovem ingressar no mercado de trabalho.

Por sua vez, ao adquirir formação/qualificação e um diploma, haverá vaga de emprego garantida? Que possibilidades de trabalho esses adolescentes vislumbram? De que forma as experiências de trabalho anteriores à internação repercutiram em suas vidas? Com um emprego e um salário, é certo que esses jovens ascenderão socialmente e sairão da situação de pobreza alarmante em que vivem?

Quais são, portanto, os sentidos de escola e de trabalho para os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação no interior do estado de Rondônia? Esse foi o objetivo deste estudo: levantar, a partir da trajetória de vida dos adolescentes em cumprimento de medida de internação, os sentidos de escola e de trabalho.

Para isso, utilizamos um referencial teórico-metodológico embasado na perspectiva pós-construcionista em Psicologia Social, orientada para a produção de sentidos no cotidiano das práticas discursivas. Nesta perspectiva, busca-se conhecer as noções/os sentidos circulantes no cotidiano da sociedade a partir de um entendimento de que estas práticas, que são linguísticas, são construções sociais e históricas que produzem não apenas palavras, mas, principalmente, formas de ser e de estar no mundo datadas e localizadas. Tomamos como fundamentação teórica as discussões da Psicologia Escolar Crítica (Maria Helena de Souza Patto, Marilene Proença e Rabello de Souza, Herculano Ricardo Campos, Marilda Gonçalves Dias Facci, Paulo Freire) e também aquelas da Psicologia Social do Trabalho (André Gorz, Ricardo Antunes, Leny Sato, etc.) concernentes às análises sobre as medidas socioeducativas e a produção de desigualdades nesse contexto.

Esta dissertação está organizada em 12 seções, que incluem as entrevistas colhidas, por acreditarmos que as trajetórias de vida são a essência do estudo; intercalamo-las entres as seções teóricas.

Assim, na primeira seção, trazemos a introdução. A primeira narrativa apresentada é de Bolívia, e também a primeira entrevista realizada – transcrita na seção dois. Logo em seguida, na terceira seção, tratamos da metodologia utilizada na pesquisa: história de vida. Tentamos descrever como ocorreram as entrevistas e o processo de análise na perspectiva de produção de sentidos de Mary Jane Spink, que parte do conceito de que os sentidos são produzidos durante as conversas em que ocorrem as falas, considerando os tempos longo, curto e vivido, e como o tempo vivido é fundamental para a compreensão dos sentidos; apresentamos também a descrição do campo em que as entrevistas ocorreram e o processo ocorrido durante as entrevistas.

A entrevista de Luan está exposta na quarta seção. O processo histórico das medidas socioeducativas desde o Código de Menores até a homologação do ECA, incluindo alguns instrumentos legais e fatos que consideramos mais relevantes, estão descritos na quinta seção. Em seguida, na sexta seção, há a história de vida de Joaquim.

Na sétima seção, explanamos sobre o direito à educação nas medidas socioeducativas e apresentamos os documentos legais que preconizam esse direito. Temos, ainda, o interesse de trazer a compreensão de Paulo Freire sobre escola com o intuito de subsidiar a compreensão do papel desta instituição na vida dos jovens, que é construído socialmente e embasado na cultura. Esta discussão é necessária para compreender o caráter histórico das medidas socioeducativas e o papel da escola construído nesse processo – que surgem como conceitos datados e localizados.

A oitava seção traz a entrevista com Júlio. A temática sobre trabalho, seus conceitos, compreensões e crenças sociais que possui, bem como sua relação com a criminalidade, são discutidas na nona seção. Logo após, na décima seção, segue a história de vida de Gabriel.

A seção de número 11 apresenta a discussão conforme a fundamentação teórica, embasada na Psicologia Social e Escolar e em teóricos que falam sobre o trabalho, com o objetivo de apresentar os sentidos de escola e do trabalho produzidos pelos adolescentes – e de fazer alguns apontamentos sobre as temáticas família, drogas e medidas de internação; isso porque foram falas trazidas pelos adolescentes que, para nós, caracterizaram um grau de importância durante suas histórias de vida. As considerações finais estão apresentadas na última seção deste trabalho.

De forma geral, esperamos que este trabalho permita ao leitor vislumbrar um pensamento crítico desta sociedade excludente frente as situações vivenciadas por estes adolescentes.

2 BOLÍVIA: a difícil tarefa de estudar e trabalhar

Iniciamos essa dissertação com o depoimento profundo de Bolívia, um dos adolescentes que ouvimos. Curiosamente, ele também foi o primeiro a ser entrevistado. Como trabalhamos no CASE, este adolescente era acompanhado por nós. Ao encerrar um atendimento psicológico, fizemos a proposta para que ele participasse de nossa pesquisa. Apresentamos a ideia e o objetivo e ele, prontamente, aceitou. Dessa forma, agendamos a entrevista e a realizamos no dia 10 de novembro de 2018, às 9 h, na sala de Psicologia. Por possuir 18 anos completos, não foi necessário solicitar a autorização dos responsáveis. Ele mesmo assinou Termo de Consentimento. Bolívia estava matriculado no ensino modular II na Educação de Jovens e Adultos, que corresponde à etapa do 5º ao 9º ano do ensino fundamental. A entrevista foi longa e Bolívia sentiu-se bastante à vontade para falar de sua trajetória de vida. Foram necessários poucos questionamentos, pois percebemos que ele já tinha elaborado nitidamente toda sua história até a chegada no CASE. Após a entrevista, não mais que duas semanas, Bolívia recebeu progressão de medida socioeducativa e, como residia em outro município, não foi possível confirmar as informações após a transcrição. Segue sua história:

Família, vim de família humilde. Não pobre, mas, tipo assim, com condição financeira para sobreviver nesse mundo aí. Tradicional, cristã, mais caseira. Só que aí, minha vó veio e contou uma história pra mim, num tem, quando eu era mais novo minha mãe num quis ficar comigo. Ela falava que filho homem dava muito trabalho e a minha vó fala que ela também tomou remédio pra mim abortar. Ai minha vó, um certo dia saiu de casa e ficou sabendo que ela ia dá eu pra uma mulher, uma mulher que morava umas duas quadra da casa da minha avó... a mulher tava comprando enxoval. Eu já tava com uns oito mês, quase nove mês já... a mulher tava comprando o enxoval e falou pra minha vó que... ai minha vó perguntou se ela ia ganhar um bebezinho ou se a filha dela ia ter. Daí ela foi assim:

– Não, a sua filha falou que ia dá o neném dela pra mim.

– Não vai dá não, que ela não é doida! ela não vai pegar e dá o filho dela pros outros!

Minha vó discutiu com ela e entrou no acordo que ela ia pegá eu pra criar. Após eu nascer, minha vó foi cuidando de mim. Ela sempre falou pra mim isso que aconteceu tal, nunca escondeu o motivo de eu morar com ela. Fui indo assim, fui criado por ela. Morei um pouco com minha tia.

Nesse caminho aí eu fui indo pro lado certo, pro lado errado. Sei lá! Eu acho que eu fui muito, eu pensava muito nessas coisas, num tem? Motivo de eu ser rejeitado, tal! Fui indo, fui

crescendo, fui pra escola, me envolvendo com pessoas mais antissocial, as pessoas que ficavam mais isoladas. Fui me envolvendo com droga... mas, tipo que, eu queira desligar a realidade entendeu?! Eu não queria viver assim sob pressão da realidade que era ruim assim, queria ficar mais isolado, não ter tanto contato com as pessoas, tal. Fui indo, fui crescendo, mas no meio de uns doze anos eu já tava fumando maconha. Com uns treze já tava vendendo, fui embalando num tem?! Fui vendendo. Com quatorze eu já era fumante de cigarro, fumante memo, tinha que fumá toda hora. Com quinze todo mundo já sabia o que eu fazia. Minha mãe, minha vó tentou afastar eu né, mandaram eu pra Jaruanã⁴. Fiquei um ano lá, trabalhava tal, fiquei afastado um tempo. Ai eu voltei de novo, eu voltei, fiquei distante num tem?! Ai eu comecei a trabalhar.

Minha vó foi e começou a ir pra uma chácara, o cara, meu vô foi e um cara chamou ele pra trabalhar numa chácara, ai eu fui trabalhar lá também. Ficá com eles lá no sítio, minha vó achou que ia ser melhor eu ficar afastado da rua, por causa que eu conhecia muita gente, e as pessoas fica chamando, chamando. Aí eu fui pá chácara fica lá. Fiquei lá uns quatro, cinco mês. O cara teve uma discussão tal! Num deu muito certo, então eu tive que vim pá rua. Voltei pra cidade.

Foi pela primeira vez que eu fui ter um contato assim com a minha mãe. Morar junto, mas assim, nunca foi um contato assim tal! Contato assim: oi tal, chega em casa, sai de casa. Nunca nós chegou assim a conversar memo nesse assunto. Nunca conversou não, o motivo pelo dela tal, nunca perguntei também não. E perguntar também porque eu acho meio desconfortável também pra ela falar sobre isso.

Eu arrumei um serviço. Comecei trabalhar num lavador. Num tava dando muito certo, fui pra marcenaria, onde comecei a trabalhar na marcenaria fixa também. Peguei uma profissão. Trabalhava bem, mas eu sempre... o pessoal falava pra mim assim tal:

– E ae vamo fumá um beck? Pá!

Eu ia fuma num tem?! Sempre tive um envolvimento assim com pessoal, sempre conheci todo mundo da cidade que mexia com certo e com errado, mas sempre tive uma amizade boa e ruim também. Fui indo, ai minha mãe pegou, continuei trabalhando normalmente, fumando cigarro controladamente. Minha mãe não sabia não, achou que eu tinha parado, só que de vez em quando ela falava:

– É, cê tá falando que tá parando com isso ai e tá fumando de novo.

– Não tal, tô parando de fumar. Tô fumando não (risos).

⁴ Os nomes das cidades foram substituídos por nomes fictícios e por cidades de desenhos, para que não facilitasse a identificação dos adolescentes entrevistados.

Ela conheceu um... um cara em Transilvânia. Ela falou que ia se mudar pra lá num tem, ai eu falei:

– Não beleza então.

Ela falou que era pra eu ir junto com ela, que nós tava tendo uma relação boa, tal! Num tava brigando. Eu e minhas irmã, que ela queria todo mundo junto. Eu falei:

– Não. Tô dando certo aqui, tô trabalhando, tô ganhando bem, vou ficar aqui.

Ela falou:

– Beleza então.

Eu não tinha as coisa pra morá sozinho. Eu falei com ela:

– Não! Eu quero suas coisas então. Já que a senhora vai pra lá e o cara tem tudo, deixa seus móveis aqui comigo, sua geladeira, fogão tal, essa coisas.

Ela falou, chegou em mim e falou que não ia deixar nada não que, eu fumava droga, que eu era usuário de droga, que eu não tinha juízo. Ela falou que se eu quisesse ficar com as coisas eu tinha que comprar. Que ai eu podia fazer com as coisas o que eu bem entendesse.

Só que eu sempre fui meio assim...não sou bem, comé que fala é... comportamento normal assim, que as pessoas têm. Sou meio ansioso, meio elétrico, meio assim.. o que me der na telha eu faço no hora num tem?! Ai já fui tal. Fui trabalhar naquele dia; eu tava com uma raiva. Fui no meu patrão no escritório:

– Minha mãe tá indo embora tal, tô precisando de um dinheiro pra comprar umas coisas ai pra eu continuar morando aqui.

Ele falou:

– Não, beleza.

O cara confiava em mim num tem, ele foi e me emprestou dinheiro. Eu cheguei em casa e tava meio com raiva e eu fui e joguei o dinheiro em cima dela num tem. Ela foi e falou pra minha vó que eu tava humilhandoela, que eu tava jogando dinheiro em cima dela assim. Mas eu num joguei assim pra humilhar, não foi minha intenção entendeu?! Ela tava deitada e eu falei:

– Aqui mãe o dinheiro.

Joguei assim num tem. Num foi jogar assim pra humilhação. Ela foi, pegou o dinheiro e não falou nada não. Eu tomei um banho sai de casa. Ela foi na casa da minha vó e falou pra minha vó que eu tava humilhando ela, que eu joguei dinheiro nela.

– Não fiz isso não, ela falou que se eu quisesse as coisas eu tinha que comprar, eu fui e paguei pelas coisas.

Minha vó falou:

– Sua mãe também aumenta as coisas, é meio doida.

– Beleza.

Eu fui e comprei as coisinhas. Ela ficou uns dias, ela pegou e o cara veio buscar umas roupas, as coisas que ia levar num tem. Eu fui aluguei um apartamento uma quadra atrás da casa da minha vó. Levei as coisas tudo, ela ficou morando umas duas semana comigo no apartamento.

Eu pedi pro meu patrão me matricular na escola. Que eu já não tinha contato com a escola desde daquela época que eu tava fumando, 2014 tal! Voltei pra escola, 2015 eu acho. 2015 eu tava morando sozinho, trabalhando o dia inteiro, estudando a noite. Eu fui voltei pra escola.

Ah, eu num sei, tinha parado pô. Eu tinha envolvimento com droga, pessoal lá em casa desacreditava num tem, falava que eu não ia pra escola pra estudar mais, que eu só ia pra piseiro, que tive 180 falta no ano. Mas eu nunca deixei de estudar num tem, tipo assim, eu ia pra escola e não reprovava se matriculasse. Eu deixava de estudar, parava, eu não ia mais, mas se eu fosse eu passava.

Eu sempre tive objetivo de ir pra estudar. Mas chega assim na amizade, tal o cara é corrompido pela... ai ele vai pro mal caminho. É mais ofertivo, é melhor, tal, na hora ali no momento.

O uso de drogas também acontecia na escola, à noite. Eu peguei e voltei a estudar. Estudando a noite e trabalhando de dia. Mas naquela condição, assim: que quando eu tava muito cansado eu não ia. No dia em que eu tava mais sossegado eu ia. Eu continuei estudando né.

Minha mãe, acho que passou quatro meis, deu uma discussão tal, o cara... não entendi direito o que aconteceu não, eles não quis me contá. Que era mei doido assim, eles ficou com medo de eu fazer merda. Minha irmã tinha tomado remédio, achando que o cara tinha abusado dela. Eu não sabia direito o que tinha acontecido, fui saber depois já, muito tempo que a... Ficou com medo de me contar a história. Ai minha mãe foi e ligou pra mim chorando, pedindo pra que eu mandasse as coisas que ela tinha me vendido, que eu emprestasse pra ela tal que eu consegui comprar. Ai eu lembrei do dia que ela disse que não ia deixar pra mim, que eu era noiado, tal! Falei:

– Não, pode vim buscar as coisas. Pode arrumar um carro e vir busca - Ela não tinha dinheiro nem pra pagar um táxi - Beleza então! Vou pegar um dinheiro lá e levar pra senhora.

Fui no serviço falei com meu patrão, meu patrão:

– Não, ao invés de eu te pagar vamos fazer assim, eu levo essas coisas lá pro cê. Tem um caminhão aqui, nós vamo lá um dia, eu levo lá pro cê. Nós mesmo descarrega e já deixa lá no lugar que for.

– Beleza então.

Num dia de sábado, nós saiu do serviço pegou o caminhão. Levei lá, deixei as coisas e voltei. Eu fui falei com minha avó, continuei morando com minha vó. Continuei estudando. Ai fui e parei de estudar de novo. Tava tendo complicação no serviço, problema respiratório por causa da poeira. Parei de estudar. Só trabalhando só. Passei um tempo sem trabalhar porque eu fiquei internado. Eu tive é, como é que fala, eu tava numa situação assim de não, não me alimenta bem, não fazendo as coisas direito. Pegava, saia do serviço ia pra algum lugar comia só uma bolacha tomava um refrigerante, não almoçava, ai chegava de noite assim só comia um lanche, num jantava.

Eu tava com 15, quase fazendo 16 anos, já trabalhava e estudava (pigarro na garganta). Não tava tendo aquela alimentação assim, num tem?! Ai eu fui ficando doente, doente. Teve um dia que minha avó foi e me levou no hospital. Tava com infecção no sangue, tipo intoxicamento... de droga, entendeu?! Quando você não tem alimentação e usa muita droga. Eu tomei, tipo um, negócio lá que é pra desintoxicá. Que chega queima na veia assim. Os cara aplica três dose por dia. Eu fiquei meio hospitalizado, acho que duas semana. Tomando soro, tal. Eu fui, fui no serviço:

– Não pô, não vai dá de eu trabaiá ai não que eu tô ficando doente, tal.

Eu sai do serviço e fui pra outro lugar, outra marcenaria. Isso já tinha passando um ano num tem, outro ano seguinte que já era 2016. 2016 voltei a estudar de novo. Minha vó já, eles já não acreditava, num tem, eles falava assim:

– Não! Para com isso você vai começar a estudar e vai parar. Se não vai adiante, cê sempre faz isso, tal.

– Não, cê não me coloca pra mim tenta não vai dá certo num tem.

Mas eu queria terminar, só que eu num conseguia. E me atrapalhava entendeu?! Com os horário, cas coisas que ia fazê. Tipo, deixa de ir pra escola pra fazer outra coisa, ia trabaia ficava até mais tarde, ai no outro dia tava cansado pra ir. Me atrapalhava, entendeu?! Ai eu num ia. Mas era que eu queria parar assim por um motivo a toa. Em 2016, ela matriculou eu e voltei a estudar. Tava trabaiando em outra marcenaria já, estudando.

Ai eu conhecia uma menina lá. A Morena tinha um bebezinho acho de três mês, dois mês. Comecei a sair com ela, a conversar com ela e tal, pá, ai nos começo a namora. Minha vó ficava falando pá, que eu namorava e dormia na casa dela, num tem:

– Não! Ajunta logo, casa logo. Cê tá fazendo isso ai, não é certo tal.

Minha vó foi e deu uma força e eu fui morar com ela, num tem! Foi onde eu tive nove meis sem contato com nada. Nove meis assim, que eu não tive contato com droga, com as amizades antigas. Só o pessoal familiar. Que eu tava só de serviço ai ia pra casa. Conversava com os parentes, minha irmã, minha vó, minhas tia. Churrasco na casa da minha vó. Deu só o contato familiar, não tinha mais aquele contato com o pessoal que conhecia. Eu fiquei nove mêis assim.

Só que ai eu sou meio temperamental. Sempre nós brigava. Ela ia dormi na casa da mãe dela, nunca bati nela, assim essas coisas. Eu já falava pra ela, acho que nós não vai dá certo não, porque toda hora nós arruma discussão, implica com as coisas. Ela falava assim:

– Num é uai, é que nós, cê que viver bem, só que se tá trabaiano. Cê sai de casa, se não fica em casa tal.

– Não! Mas tem que compra as coisas e vai sempre faltando dinheiro.

Porque era eu, ela e o nenezinho ainda, dá gasto né! Eu falei pra ela:

– Beleza então.

Conheci a Nega, que era a mulher que vendia drogas também, que era das antigas que eu conhecia ela. Eu tava descendo, vindo do serviço, tava só a raiva só! Porque tava sem dinheiro, aluguel vencendo. Só ia pegava o dinheiro no final do mês e já não dava mais. Nós indo pra escola nós dois juntos ainda, tinha o neném ainda, tinha que levá pra escola. Eu tava pensando em para de estudar de novo. Porque ia eu, ela, e tinha que levar o neném pra escola a noite. Uma aula ela assistia, eu ficava cuidado do neném. A outra eu assistia e ela ficava cuidando do neném, na escola, nós assistia uma aula, revezando a outra. Se ele tivesse dormindo nós entrava na sala, senão ficava fora.

Ai eu fui indo, topei a mulher vindo do serviço ela falou assim:

– Ah, cê não quer ia lá vender droga pra mim lá, tem ninguém lá não. Tô precisando de alguém de ficá lá pra mim pelo menos umas duas semanas e tal.

– Não. Eu to sossegado, vou mexer com isso de novo não. Eu parei, agora só trabalhando.

– Beleza então.

Ai eu fui pra casa fiquei pensando, pensando. Eu voltei no outro dia, falei:

– Não! Vou ficar só duas semanas lá, o dinheiro que tiro eu já pago esse aluguel ai e fico mais sossegado. Ganho um dinheiro a mais.

Eu já fui naquilo, num tem?! Cê já é acostumado a mexer e sabe que rapidão cê vai conseguir ali. No outro dia eu fui na casa dela, eu falei:

- Não Nega, eu vou lá pro cê.
- Beleza então, cê vai a noite.
- Já é!

Ai me passou a mercadoria né. Eu já levei pra casa, ficou guardada em casa. Já não fui estudar mais não, só ficava em casa. Ela falou que se eu não fosse pra escola ela não ia também, ela já parou de estudar também. Ai eu saia do serviço, chegava seis horas em casa, só tomava um banho, trocava de roupa e já ia pro local onde vendia droga já. Ficava lá até duas horas, quatro hora da manhã. Eu vendia droga, ganhava um dinheiro até... sossegado pra se manter ali. Ai eu fui... num tava mais questão de dinheiro, num brigava mais por causa de dinheiro, nós brigava por outro motivo, por eu não tá em casa mais. Nós já não brigava por causa de dinheiro, dinheiro tinha, num tinha minha presença. Tipo era só ela e o nenezinho morando de boa sozinha. Trabalhava de dia e a noite eu ia pra outro lugar vender droga. Ela não me via em casa mais, ela ficava brava por causa disso. Ai a mãe dela foi e descobriu um dia que eu tava vendendo droga. A mãe dela falou assim que, se eu não parasse, eu, pra eu separar da filha dela que.. não ia dá certo num tem?! Porque se o conselho pegasse ia dá... eu ia ser preso, a menina ia pro conselho tutelar e o nenezinho também ia pro conselho tutelar.

Eu tinha 16, ela tinha 15. Ai não ia dá certo num tem. Ai eu falei pra ela:

- Não beleza: vou parar.

Vou parar, demorei quase um mês pra parar (risos), que eu já tava acostumado entendeu?! Pegar dinheiro, ai antigamente que nós não fazia que era ir numa lanchonete no final de semana, nós já ia, nós já tinha dinheiro pra compra uma roupa pra ela, viu, é tipo assim, é um prazer financeiro entendeu?! Cê num tem, ai cê passa a ter, ai nisso a pessoa vai indo, se vai se empolgando naquilo ali e vai embora. Era fui, consegui num tem, falei pra ela, vou parar então, ai eu fui e parei. Mas nisso ai nos voltou a discutir de novo, nós já num tinha dinheiro e já faltava as coisas e tal. Ai teve um dia que nós tava, eu tava nervoso rapais, ela foi e falou que ia embora.

– Não, beleza então, cê quer ir embora?! Amanhã vou chamar um carro pra levar suas coisas.

Nesse dia eu nem dormi em casa, dormi na casa da minha vó. Eu peguei no outro dia, já fui no serviço, só passei em casa troquei de roupa fui pro serviço, nem falei com ela não, fui pro serviço. Chamei um cara lá, que tem esses carro de frete num tem?! Falei pro cara:

- Hoje à noite cê vai lá em casa pra fazer um frete rápido lá.

Ai ele falou:

- Beleza, eu vou lá.

Eu já paguei pra ele, ele foi num tem (risos). Rapai, quando o caminhão chegou na frente de casa assim que ela viu o caminhão chegando e eu já fui pra dentro pra arrumar as coisas, ela começou a chorar, ela viu que o bagúí era sério (risos), num tem?! Num ia fica mais junto não. Eu peguei, comecei arrumar as coisas. Ela falou:

– Não! Pára!

– Não ué, cê num queria ir embora?! Cê vai embora agora uai, vai embora pra sua mãe.

– Não, não sei o que, tal.

Mas antes do caminhão desce, eu já tinha vindo pela rua de trás, tipo assim eu sai de casa 4 hora, o caminhão ia chega seis hora em casa, eu sai do serviço 4 hora, passei na casa da mãe dela e disse:

– Não nós não tá dando certo não, eu vou arrumar lá as coisas lá de sua fia. Vou pegar nada não, eu comprei as coisas vou deixar tudo com ela, vou deixar tudo com ela. Não quero nada não, vou pega só minha roupa só, eu vou trazer as coisas dela aqui na sua casa.

Num peguei ela na rua num tem. A mãe dela falou:

– Beleza então, só vou arrumar um espaço aqui, cê coloca as coisas aqui. Mas cê num quer pegar as coisas não?

– Não. Pode ficar com as coisas pra ela.

Eu fui pra mãe dela, avisei a mãe dela. Ai o caminhão chegou, já liguei pra mãe dela, a mãe dela veio. A mãe dela é mais amiga minha do que ela, que era meia... a mãe dela foi, ajudou arrumar as coisas, nós embalou tudo, ai levou embora. Já deixei ela na casa dela.

Voltei na casa da minha avó. Eu tava morando na casa da minha vó. Minha mãe não tava dando certo em Transilvânia. Já não tinha.. não conseguia mais trabalhar. Minha mãe não é assim uma pessoa que trabalha assim entendeu?! Ela é mais envolvida assim, festa, entendeu?! Ela gosta de ficar em casa, beber tal, não gosta de trabalhar muito assim, é mais uma pessoa mais festeira. Não tava dando certo, ela foi ligou pra mim, falou:

– Não, cê tá trabalhando ainda?

– Tô memo.

– Aluga uma casa ai que eu vou levar as coisas, nós vai morar junto. Cê tá na casa da sua vó ai sua vó, sabe como é que é né, dorme cedo, cê fica saindo de casa, chega tarde, nem volta, ela fica preocupada tal.

– Beleza uai! Vou aluga a casa ai a senhora vem.

Aluguei uma casa, num tem?! Paguei de novo pra trazer as coisas, ai trouxe as coisas dela pra minha cidade de novo. Nós foi morar junto. Em seguida quando eu separei, passou dois meses minha irmã também separou do marido dela. Ai foi morar eu, minha mãe e minha

irmã. Tudo na mema casa. Eu tava trabalhando tal, ai eu sai do serviço ia no bar da Nega. Ela tinha um bar. Eu passava no bar tomava uma cerveja mais ela. Nisso eu já voltei a fumar cigarro de novo, eu tinha parado de fumar, voltei a fumar de novo. Ai ela falando assim pra mim:

- Ah, se separou dela lá, aquela muié chata sua, vamo trabaia comigo?
- Não tô sossegado, vou mexer com isso mais não.
- Não rapaz, borá?! Cê sabe que vc mexe com negócio lá sossegado cê~ganha dinheiro.
- Não. Tô sossegado de mexer com isso ai rapaiz.

Passou eu fui, fui indo num tem?! Falando pra ela que eu não ia mexer tal. Ai começava a ver as coisas assim, a véi eu to trabaiaando mais num to conseguindo nada. Ó que disgrama, trabaiaando só pra cume mermo, trabaio, trabaio não ganho nada, não consigo nada, abandona esse trem, vou trabaia mais não.

Já fui pro serviço, falei rapaiz:

– Vou dá um tempo ai bixo. Vou trabaia não, vou ficar um tempo sossegado ai – Falei pro camaradinha lá que era meu patrão.

– Não beleza, pelo menos você veio avisar, tem cara que nem me avisa, some, num deixa nada, num fala nada.

– Não, beleza!

– O movimento ta meio fraco também, ai se o movimento melhorar eu ti ligo ou eu vou arrumar um camaradinha ai.

– Não, beleza, então.

Eu já sai fui embora pra casa, era umas meio dia, fui pra casa já rapaiz, tomei um banho, vesti uma roupa, voltei e fui no bar dela. Eu tava lá no bar dela bebendo tal, ai já arrumou um corre lá.

– Não! Vai em tal lugar assim, cê vai pegar um negócio lá pra mim se vai ganha um dinheiro já rapidão.

– Beleza, então.

Nisso eu já fui lá na casa do camaradinha, que só, um monte de droga na casa dele, droga de quilo, de maconha, pedra, pó tal, um monte de coisa que ele vendia. Eu fui lá peguei a mercadoria com ela:

– Bom essa aqui cê vai vender. Cê vai na boca vender, na boca tal - lugar onde vendia droga, esse aqui cê vai passar pra tal pessoa.

Já conhecia todo mundo num tem?! Eu sabia noção de tudo já. Eu falei pra ela:

– Beleza então.

Já comecei a ganha dinheiro num tem, ganha dinheiro, dinheiro. Só que conforme se ganha dinheiro se vai sendo alvo num tem?! Num circula tanta droga, ai começa circular tanta droga de uma vez só a polícia já vai notando quem que é num tem?! Nisso os policial já sabia que eu mexi cas coisas, só que eles sabia que eu tinha mei... que parado ou algo assim. Os policial falou assim:

– Não, vamo dá uma batida pra saber se ele tá vendendo.

Nesse dia eu acordei cedo rapaz, era sete, quase oito hora, fui na casa... falei:

– Vou na casa da minha vó tomar um café né.

A casa da minha vó era três casas pra frente da casa da minha mãe, nós tinha alugado. Quando eu sai do portão assim, a mulher falou que, a senhora que morava frente de casa, falou que a viatura estava parada quais duas hora na esquina. A viatura tinha chegado umas cinco hora da manhã. Tava na esquina só esperado eu sair de casa. Quando eu sai de casa, quando eu coloquei o pé na rua a viatura veio e “zip” me parou já. Me revistaram, entraram dentro de casa, ligaram na DP, chamaram um monte de viatura. Chegou 4 viatura na frente de casa assim, ó! Aquele monte de policial. Rapaiz eu fique sossegado, parado assim só olhando. Revistaram, reviraram a casa da minha mãe tudin menino. A sorte deles que eu tava com três parangas no bolso só, de pó. Levaram eu pra DP. Deu um beozinho lá que era tráfico tal! Eu fui liberado, pras mei dia. Eu fui oito horas e lá pras meis dia eu fui liberado. Eu fiquei só o ódio rapaz. Ai a Nega já tava sabendo.

Quando eu cheguei no bar dela ela falou:

– É menor, cê já tava na DP né?!

– Cê é doido! Os cara tinha parado eu lá em casa, falando que eu que tô movimentando tráfico aqui no setor 4 tal. Falei não sei de nada disso não (risos).

Ai eu voltei lá pro bar dela.

– Fica sossegado. Vende, mais sossegado. Cê tá vendendo muito ó, os cara já ta batendo em cima.

– Não, vou ficar sossegado. Beleza, então.

Nisso eu já tinha dinheiro. É coisa que você num entende entendeu, se tá trabalhando o dia inteiro e não tem dinheiro. Eu trabalhava a noite e tinha dinheiro pra gastar a semana inteira. Um dia que eu trabalhasse já ficava sossegado. Ai cê tem amizade, eu num andava mais de pé já, eu andava só de moto, carro tal, entendeu?! Isso ai, cê vai sendo corrompido pela sociedade, cê vai tendo dinheiro, cê vai sendo mais bem enxergado, nisso todo mundo quer ter dinheiro rápido e fácil entendeu?! Fui indo, movimentando e tal, ai conheci um... veio, um camaradinha... lá de São Paulo. Veio pinado, pinado tipo assim, reconhecimento entendeu?!

Ele roubou seu carro entendeu?! Cê viu ele, ai ele sumiu, só que cê viu o cara, cê sabe como é o rosto dele. Ai quando eles achar ele vão chamar o cê pra reconhecer entendeu?! Ele tá pinado. Eu também tava na city quando eu cai preso.

Ai eu peguei, a Nega falou assim vai lá na casa lá, tal casa, cê vai levar droga pra esse menino aqui vender ó. Esse menino aqui também é da peita, é da mema facção que você é.

– Não. Tô sossegado desse negócio de facção, deixa isso ai quieto Nega, ninguém precisa saber disso não. Dá maior B.O⁵. isso ai.

– Não, mas ele é sossegado, mas beleza.

Eu fui lá pá, levei um droga pra ele. Bati palma assim falei ei:

– Cê que é o Branquelo?

– Eu memo.

– Nega mandou uma encomenda pro cê ai.

Fui lá entreguei o negócio pra ele. Ele falou:

– Não, chega ai vamo fumar um cigarro, tal?! Um beck ai.

Eu cheguei, fui conversei com ele. Fumei um beck tal.

– Aí! A Nega tinha falado pra mim que vc é da peita⁶, tal.

– Não. Sou, mas tô sossegado num tem?! Sou primo, mas eu tô sossegado de mexer com esse negócio da peita, a peita só dá prejuízo pô, só quer que cê faz o corre bom pra eis. Na tua, ganhar dinheiro.

– Tô querendo metê umas fita⁷ ai.

– Cara, tô sossegado de meter fita véi.

Eu já tinha metido umas fita antigamente na época que eu estudava num tem?! 157⁸, cê roubar, tipo assim. Quando eu estudava, na época que eu estudava, que eu tava começando a fumar maconha, na época da escola, dos treze, catorze, os mais véi leva os mais novo né. Naquela onda, juntava os molequim, aquele grupo assim pra fumar maconha: “ah, vamo fazer um mercadim.” Primeira coisa que cê faz quando se é um molequim assim, treze catorze, é mercado. Chega aquele bonde assim, faz um arrastão no mercado, leva dinheiro, entendeu, nós fez... quando eu era muleque eu fisco mercadim, celular, 155, residência, só que.. isso ai cê faz rapidão assim num tem?! Rouba ali, vende ali, pá! Mas ninguém fica sabendo. Isso é quando você é muleque, rapidão, num dá pra descobrir. Tipo assim, não tem ninguém em casa, chego

⁵ Refere-se a problemas que podem surgir.

⁶ Refere-se a uma determinada facção criminosa.

⁷ Refere-se a praticar crimes como por exemplo roubo.

⁸ Refere-se ao ato infracional análogo ao crime de Roubo, de acordo com o Código Penal Brasileiro.

e roubou quem vai saber quem roubou?! Sabe que roubou, mas não sabe quem foi entendeu?!
Ai eu falei pra ele:

– Não, pô! Tô sossegado. Ideia pá memo, tens uns quatro ano ai que eu não roubo, tô sossegado de metê fita.

– Não rapaiz, eu tô com uns, uns negócio ai de roubar caminhoneta, pá, rouba caminhoneta leva pra Bolívia e trocar em droga.

– Não! Cê é doido rapá! Vou mexer com isso não, isso ai é sequestro doido. Pode ficar sossegado. Faz seus corre ai, num tem, o pessoal conhece uns camaradinha que quer fazer uns corre ai passo o número pru cê.

– Beleza, beleza então.

Direto ele me ligava:

– Ei pô! Vem cá, vem cá! Aqui pra nós fumá um beck, troca uma ideia.

– Não, tô sossegado.

Entendeu?! Porque esse camaradinha eis cá porque eles vendiam em lugar fixo. Eles alugava uma casa e ficava vendendo droga ali. Polícia vinha e... (gesto com a mão) prendia. Eu não vendia droga num lugar assim. Eu vendia droga, tipo assim, (sinal de telefone feito com a mão):

– Ah! To precisando de uma droga aqui - eu ia levá entendeu?! Chegava, levava já era. Ninguém sabia onde que eu tava, se eu movimentava ou se eu vendia ou não. Pessoa via eu andando, mas todo mundo, andar é normal na cidade, você anda ali, volta li, andá lá, volta cá, é normal. Cê tá indo visitar alguém, cê tá indo compra alguma coisa, normal, não faz diferença.

Ele falou bem assim:

– Ah, pô tal, eu tô precisando de um dinheiro ai. Tô devendo uns dinheiro pro uns cara ai, sabe comé os cara né?! Se eu não paga os cara, os cara vai manda eu pá vala.

Iam matar ele.

– Não pô, eu vou! Beleza, vou te ajudar. Não tô precisando de dinheiro, mas vou te ajuda beleza?!

– Beleza então!

Ele arrumou uma fita lá de um depósito. Eu já assim:

– Cacete! Não gosto de meter 157, vou meter por causa desse cara.

Eu fui na casa do Polaco. Cheguei na casa do Polaco. O Polaco:

– Não, fica sossegado. Rouba lá pô, se vai ganha um dinheiro, além do cê tá ajudando o cara se vai tá ganhando um dinheiro.

– Polaco, se sabe que eu não gosto desses negócio ai, véi! Esses negócio ai dá ruim doido, se metê arma na cara de gente. Dá ruim pô! Isso não dá certo não. E se tá ligado como é né, Polaco, se faz uma depois se quer fazer outra.

Tipo assim, se eu ia uma vez, não é uma coisa que se faz e não quer fazer mais. Cê faz e se quer fazer de novo, entendeu?! Ai se vai... (movimento com as mãos demonstrando repetição). Quando você ganha alguma coisa, se não quer ganhá de novo?! Tipo assim, vamo supor que se fez uma aposta. Ah, eu tô aqui fazendo tipo um jogo aqui. Cê apostou e se ganhou 100 reais, se vai apostar de novo. Ai cê apostou e já ganhou mais duzentos, ai se quer apostar de novo, num quer?! Cê já tá naquela, tipo assim, vou ganhá mais, entendeu?! Isso é o que acontece. Se vai num clico vicioso aquilo.

Eu fui rapaz, já não queria ir, enquanto eu não tinha feito eu não queria ir. Depois que eu fisso eu queria ter feito. Enquanto eu tava na casa beleza. Arrumou um moto lá, uma moto, moto... moto pra fazer corre memo, sem placa, sem documento, ai nós foi e fez o corre. Beleza, fez a fita. Pá! Nós foi pro sítio assim, a viatura tava vindo, entramo no matão assim se escondeu, esperamo passa, passou. Pegamo o moto taxi e voltamo. Fumo pras casa das muié que nós conhecia lá que eu vendia droga pra elas. Cheguei na casa delas, ai peguei falei pra elas, vou tomar um banho aqui, depois eu vou sair fora. Rapaz eu sei que eu tinha enfiado dinheiro dentro da calça assim ó (demonstrando), eu achando que era nota de 2, eu não tinha visto as notas, tava escuro, num tem?! Quando eu comecei a tirar a calça, começou a cair nota de dinheiro no chão, os pacote só de 100. Aquele bixo, assim que abriu, a felicidade assim pro meu lado, falei vixe Maria! Parecia um menino quando tá tomando sorvete. Eu sei que nós contou o dinheiro deu 9 mil e 700. Pro cara que não tinha nem dois reais no bolso já ia pega quatro mil e 500. Ele já tava muito feliz, que ele ia paga a conta dele. Eu normal, sossegado num tem, fui, já peguei meu dinheiro, tomei um banho já descí pra minha casa. Ele falou:

– Não menor vamo ficar aqui, se é doido tal, se vai sair na rua.

– Rapaz eu vou sair na rua que é pra eles sabe que eu não fisso fita, vou andar normalmente na rua uai. Se acha que eu vou ficar entocado ai?!

Já fui em casa troquei de roupa, já fui pra um bar beber. Se os cara falasse: “tá roubando”

– Não, tô bebendo. Quem tá roubando tá escondido, tô bebendo aqui ó, desde manhã (risos).

Pros cara não desconfiar entendeu?! O cara queria ficar entocado eu já queria ir pra um lugar público já, pra fica sossegado.

Eu peguei, cheguei em casa, falei pra minha irmã bem assim:

– Cê têm dinheiro ai?

Eu fui ranquei, ranquei o dinheiro pra minha irmã num tem?! E falei:

– Tem não.

Um pacote de dinheiro desse tamanho assim ó (demonstração com os dedos), ai minha irmã chamou minha mãe:

– Mãe o Bolívia tá com dinheiro. Pede dinheiro pro Bolívia.

A mãe chegou e falou:

– Rapaz, dá dinheiro ai pra eu pagar aluguel, pagar energia, pra eu comprar umas coisas.

Já fui ranquei dinheiro e di pra ela, num tem. Pagou aluguel, pagou energia. Minha Mãe sabia. Pagou energia. Mas não trabalhava, mas também não fala assim:

– Não faiz isso, tipo assim, para com isso, entendeu?!

Ela não queria que eu fizesse, mas não recusava o dinheiro que eu dava, entendeu?! Eu fui, paguei o dinheiro pra ela tal. Chamei minha irmã:

– Ó! Vamo, vamo dá uma saída na rua ai.

Nós foi e lanchou tal. Eu voltei pra casa, dormi. No outro já chamei minha outra irmã mais nova... pra nós sai. Peguei um carro de um camaradinha que eu conhecia lá, num tem e fui nas loja, comprei umas roupa. Fiquei com o dinheiro ainda, num tem.

Falei bem assim pro menino:

– Tô sossegado!

Ele já queria mete outra fita. Já tinha pago a conta dele e queria faze outro... roubá de novo pra ganha mais dinheiro pra pagar outra conta que ele tinha. Ele tinha saído da cadeia entendeu, ele tava com... comé que fala.. dívida lá dentro. Que ele tinha usado droga lá dentro, tava devendo lá dentro. Ai tinha que depositá pá mulher desse cara, pros cara pagá pros cara lá dentro. Lá dentro os cara tem telefone, entendeu?! Ai aquelas conta no aplicativo quando o cara deposita, os cara já vê lá dentro que caiu na conta e já não tá devendo mais. Lá de dentro memo eles já manda fazê... (sinal de arma) passar o cara aqui fora. Eu fui e falei pra ele:

– Bixo! Bandonna isso rapaz, se vai deve pros cara, cê deve 10 mil pros cara, doido! Cê tá pagando os cara. Cê é doido véi! Não, rapaz! Vende droga e paga esse negócio em droga doido.

– Não, se eu for pagar com droga eu vou demorar muito tempo, os cara não vai esperar não.

– Rapaz, se tá lascando heim!

– Não, mano! Esse corre que nós vai fazer ai vai dá pra eu paga tudo. Eu vou mandar em droga pra ele e vai paga tudo.

– Bora então, uai. Mas eu não vou fazer mais corre com cê mais não, esse ai vai ser o último. Tô sossegado. Cê se arrumar outro ai, se manda outro no meu lugar que eu vou fazer não, eu tô com dinheiro, vendo minha droga sossegado ai, fico sossegado, pô. Vou ficar fazendo esses core ai pra eu ficá torrado. Cidade piquinininha. Todo mundo vai saber quem roubou.

Ai beleza, ele foi e arrumou outro véi, um véi que... Nem tinha dado ideia pra mim, num tem, tava sossegado só, tomando minha cervejinha, indo pá praça, indo nos lugazim vendê minhas droga pros muleque lá, maconha, um pó, pros muleque. Ficava sossegado, num tem?! Ele foi e ligou pra mim no sábado. Eu tava lá no bar bebendo, eu, minha irmã e uma amiga da minha irmã. Nós tava num bar bebendo, bar não, choperia bebendo, ai ele ligou pra mim:

– O que se tá fazendo?

– Rapaz eu tô aqui em tal lugar bebendo.

– Tem como você vim aqui na casa do Polaco, rapidão?

– Fazê o quê?

– Não, vem cá pô!

– Beleza, vou chegar ai daqui a pouco.

Peguei o moto taxi e desci pra lá. Cheguei lá tava ele, o Polaco, a muié do Polaco. Todo mundo lá, parado. Ah, não sei o quê, pô! Nós arrumou esse... esse senhor aqui ó (risos). O cara tinha uns 40 ano.

– Esse senhor aqui vai levar a camioneta lá na... na Metrópolis.

Beleza uai, ele sabe dirigir?

– Ele tem habilitação.

Falaram.. nem falaram que ele sabia não, falaram que ele tem habilitação.

– Beleza então! Por que se tá me chamando aqui então véi?!

– Não pô, seis.. seis escondeu a arma aquele dia lá?

– Ah, tá escondida lá na sétima lasca em tal lugar.

Que era uma... um oitão e uma simulacro.

– Vai mais ele aqui e vê se ele sabe dirigir (risos) - Que era o senhor num tem?! - Vê que se ele sabe dirigir, vai com meu carro.

O carro dele era um celta, celtinha.

– Beleza, dá a chave ai.

Ai ele me deu a chave e di a chave... quando nós tava entrando no carro assim o cara já foi pro lado do carona, nem foi pro lado do motorista não (risos). Eu falei:

– Não, se vai dirigir pô!

Joguei a chave pra ele assim, já entrei no lado do carona (risos), fiquei só observando, num tem. Ele já engatou a primeira, vou falar pro cê, nem pisou na embreagi não, foi a seco... “crac”... ele chegou a... “craaaac”... (risos), falei: Nossa Senhora! Esse é do bom heim!

Engato a primeira foi descendo o morrim assim, ai tinha uma subida no morro assim e de primeira, foi tentar engatar a segunda no meio do morro, o carro não engatou, o carro começou a voltar pá trás, eu já puxei o frei de mão o carro desligou (risos). Falei pra ele:

– Não pô! Cê é doido?! Nós vai marrê desgraça.

E o cara parou o carro assim, ficou buzinando atrás de nós. Falei:

– Vai pô! Engata a primeira nessa desgraça ai e sobe esse morro doido.

Ele engatou a primeira assim: “témmmm”. Falei: - Agora pisa na embreagem e engata a segunda. Ele pisou na embreagem e engatou a segunda, quase morreu de novo e foi. Tipo assim, ele tinha habilitação, mas não sabia dirigir. Só tirou lá na hora só, nunca dirigiu um carro. Falei: Nossa Senhora! Meu Deus do céu!

Ainda fui lá.. e peguei uns.. peguei uns negócio escondido no mato lá. Ai eu falei pra ele:

– Não pô! Cê é doido bixo!

Eu peguei e voltei com carro:

– Mostra pro cê comé que dirige.

Voltei com o carro tal. Falei pra ele:

– Rapaz esse bixo ai não sabe dirigir não (risos). Acho que ele não sabe nem onde fica a quinta nesse carro ai.

– Meu Deus do céu, e agora?! Esse negócio é amanhã e esse cara não sabe dirigir.

– Ah, pô! Mas ele leva pô, o carro é automático, ele leva uai.

– Se é doido, se esse bixo capota a camioneta no mei do camim?!

– Ah, eu não tenho nada a ver com isso não, né.

– Não vou vê. Depois eu te ligo.

– Já é então.

Ai a mulher dele me levou lá no bar onde eu tava bebendo de novo. Eu continuei bebendo no bar. Fui embora pra casa, tal. No outro dia eu acordei umas 10 hora. Fui pra casa da minha avó, almocei, ai depois fui pro bar da Nega. Nega é a mulher que vende droga. Eu tava bebendo mais ela, ele me ligou de novo, umas quatro hora da tarde.

– Ei vem cá em casa.

Eu fui na casa dele, tal, ai... Polaco, não era nem o Branquelo não que tava jogando pra eu i mais não.

– Não, menor vai lá, faz esse corre pra mim ai. Cabe de sair se sabe como é minha situação ai, tem três - cara veio com filho pro meu lado véi - tem três filho ai, minha muié, pô! Que sabe que eu não posso fazer essas fita ai.

Ele tava de pulseira num tem?! Tinha uns três meses que ele tinha saído e nem podia nem andar na rua. Eu tô precisando de um dinheiro ai, menor, faz esse negócio lá pra mim.

– Rapaiz, bandona isso aí doido, chama outro menor ai doido, tem um monte de camaradinha ai querendo mete fita ai ó.

– Não, mas eu confio no cê tal, no cê pô, se já traz a droga, tal. Se conhece o pessoal na Metrópolis lá, se vai lá véi.

– Rapaz eu conheço lá, mas manda outro cara, eu não vou lá não. Tô sossegado, se é doido, se acha que eu vou passar em um monte de federal daqui lá na Metrópolis, da Central City até lá na Metrópolis. Não, vou não pô.

Ai tá, eu fui pro um bar Eu sai da casa dele, nós fumou um beck. Sai da casa dele, fui lá no... fui em casa. Minha mãe falou bem assim:

– Ah! Tô querendo tomar uma cerveja.

Fui eu, minha mãe e minha irmã. Fui no bar da Nega. Tava todo mundo bebendo. Ele ligou pra mim, falou assim:

– Heim menor! Faz isso pra mim, vamo lá, levá esse negócio lá tal.

– Não, vou vê pô, se eu me animá eu vou nesse negócio ai, se não eu não vou não.

Peguei, eu fui num tem, fui lá em casa, tomei banho, troquei de roupa. Cheguei na casa dele e falei bem assim:

– Não, eu vô levá esse trem lá pro cê.

Eu fui... é... ele falou bem assim:

– Óh, os camaradinha vai entrar na casa umas quatro hora da manhã – isso era num, num sábado, num sábado. Já era umas oito hora tal, era umas oito hora eu tava na casa dele. Ele falou bem assim:

– Os camaradinha vai entrar uma quatro horas da manhã, cê só tem que levar os cara de carro, parar na esquina, nem para não só abre as portas do carro deixa os cara descer e já sai fora... ai cê já vem aqui em casa, ai o senhorzinho de moto aqui ó, ele vai junto com o cê.

– Rapaz! Por que se vai levá essa desgraça junto comigo uai?! O cara não sabe dirigir, não sabe nada, por que se quer que eu leve esse bixo ai?!

– Não, leva ele, porque qualquer coisa ele tem habilitação, a se o policial parar cê fala que ele passou mal e você continuou dirigindo, entendeu?!

– Aí véi, isso não vai dá certo nunca. Onde que um policial vai acreditar nisso?!

Passou mal, o menor tá dirigindo. Um de menor, o cara fala, não, se ele passou mal fica parado na beira da estrada uai. Eu falei isso, não vai dá certo não. Mas eu falei:

– Beleza então, vamo embora. No plano doido dos seis ai.

Deu um... ai eu peguei e sai de lá e nós foi pra um bar. No bar onde eu passava as droga pras muié, entendeu?! Bar... falar bar, pra não falar outra coisa (risos). Nós ia passar um monte de droga pras muié que trabaiava lá. Elas fechou a porta do bar, num tem, ai eu fiquei lá até umas três e meia. Tava bebendo, pá, ai ele pegou e ligou pra mim.

– Cola aqui em casa, menor, daqui a pouco nós vai fazer o negócio.

Nisso eu fui na casa dele, eu tava com o carro dele já. Eu desci na casa dele de carro, ai eu já fui na casa dele. Ele falou bem assim:

– Óh! O menino tá chegando ai, ai se vai deixar os menino lá na esquina.

– Beleza então.

Ai eles entrou no carro, quando deu umas quatro hora eu fui e deixei os menino na esquina, eles... eu só vi quando eles... eles pulou o muro, quando eles pulou o muro eu sai fora. Fui na casa dele, deixei o carro, peguei a moto. Veio eu, mas o senhorzim, que é ruim de motorista, muito. Nós chegou, parou na frente da casa. Daí eu peguei o telefone dele, num tem, liguei pra ele:

– Heim cê tá... cê tá na onde?

– Tô aqui dentro já menor, tô aqui dentro, perai que eu vou abrir o portão.

Eu tirei a blusa, marrei assim (fez sinal no rosto), ponhei o capacete ai eu falei pra ele:

– Bora, bora, bora entrar! - Pro senhor num tem?! Quando ele abriu o portão que eu entrei, olhei pra ele, ele ligou a moto e saiu fora. Ai eu falei:

– Uai, que disgrama que esse cara fez, ai?!

O cara:

– Não, entra, entra.

Eu tava com o telefone assim ligado, num tem (sinal próximo a orelha). Falei:

– Óh, o senhorzim foi embora, se mandou, acho que ele ficou com medo e se mandou véi.

Ai o cara falou:

– Ele correu?

– Não sei o que ele fez não, ele se mandou de moto ai.

– Não, deixa esse véi pra lá, deixa esse véi pra lá.

Já entrei dentro da casa assim, já tava todo mundo lá, as vítima, e eles revirando a casa num tem?! Eu olhei pra aquela cena:

– Meu Deus onde eu vim me meter gente?!

Uma mulher, a mãe da mulher e um menininho, acho de uns 2 ano, 3 ano, pequenim. Ai eles revirando a casa, tal. Eu só fiquei observando num tem?! Eu tava nem caçando nada não. Quando deu umas seis hora eu só olhando no relógio, quando deu umas seis hora falei:

– Vamo embora, vamo embora já que já vai ficar de dia.

Ele pegou, levou a mulher pra trás assim, mandou a mulher fica atrás do carro, ai ficou a mulher, a mãe dela e o menininho no carro atrás. Eu já fui pro lado do motorista, ai o menino... que era os dois num tem, um entrou do lado que eu tava do carona e o outro ficou atrás, que era o Branquelo. Eu tô bem aqui, na hora que eu tirei o capacete assim (demonstrando), que eu coloquei o capacete assim no meio das minhas pernas, que eu tirei a blusa, que eu amarrei assim tal, ai di o capacete pro menino (sinal para o lado), que eu liguei a camioneta que eu olhei pra trás assim, a mulher me olhou bem no meu rosto (risos). Falei:

– Vixe, hei moço essa muié olhando pra mim ai?! Bora, bora, abaixa a cara.

Pá eu abri o portão, já sai pra trás assim com a camionete, ai nós deu a volta, fui lá num... num.. tipo um bosque na cidade, numa linha, tipo um bosque, é tipo um bosque, é uma mata assim, mas é limpa, só que ninguém vai lá. Eu falei pra ele assim:

– Cê vai deixar lá?

– É pô, vamo pra lá

Eu fui com ele, parei com eles lá, ai desceu eles e a mulher, acho que é uns... 5 km longe da cidade, desceu eles, todo mundo lá no mato lá. Chegou, na hora que nós tava vindo assim, que eu parei a camionete. Falei:

– Ó! Tem um cara vindo de moto aí.

O cara já arrancou o oitão assim, falou assim, se fosse desconhecido tinha morrido. Ai na hora que oiô assim era o veinho vindo de moto, “ténnnnn”, o veim que tinha corrido. O veim parou assim, aí o cara:

– Doido, onde se foi seu desgraçado?

– Não pô, eu fui dá uma volta pra vê se num tinha polícia tal!

– Você é doido rapaz, nós ia mandá te matá já, seu desgraçado! Bora, entra no carro, entra no carro.

Ele deu o capacete, deixou a moto com os camaradinha, entrou no carro num tem. Ai beleza! Eu já fui, peguei o dinheiro com o Branquelo, que era parceiro meu, ele meu deu.. acho que... 800 reais. Eu voltei no posto, abasteci e toquei, pela cidade Sertanhizo do Oeste, Transilvânia, Central City, Gotham City. Ai tem outra cidadizinha antes de chegar na Fenda do Biquini, umas três cidadizinha, fui indo, passado pela última cidade antes de chegar na Fenda

do Biquini eu parei. Comi um lanche, já tava de dia já, era umas mei dia... não mei dia não, era umas 10, 11 hora. Comi um lanche, eu cheguei na Fenda do Biquini acho que era 11:40, cheguei dentro da Fenda do Biquini. Tinha a cunhada lá, a muié que eu conhecia lá, num tem?! Aí eu peguei e liguei pra ela:

– Tô aqui dentro já.

– Vai lá no mercado, no Gonçalves lá, vai lá na seção de carne lá, pra nós conversar.

Eu parei a camioneta assim, ela chegou de táxi. Eu fui lá na seção de carne, ai nós tava conversando, num tem, não conversando assim de frente. Eu pegando assim,, tipo assim... tipo comprando alguma coisa e conversando com ela. Ela falou assim:

– Ó, eu tô de táxi, um táxi tal cor assim, placa tal, se vai me seguindo beleza?!

– Beleza, então.

Eu soltei a carne fui por aqui e ela por aqui (fez sinal de lados opostos). Aí eu comprei uma barra de chocolate pra disfarçar né (risos). Entrar no mercado e não comprar nada, eu comprei chocolate, passei no caixa e sai. Ela foi na frente com táxi, eu vi que o táxi tava assim dando a volta, dando o retorno, falei é aquele lá. Eu fui e, eu mais o senhorzinho, num tem. Nós, deu a volta assim, pá, tal, fui indo atrás dela. Aí parou lá, veio um boliviano que era amigo dela pra pegar a camionete. O boliviano não sabia dirigir também, quase atropelou ela. Ela ficou parada assim, a camioneta assim, ela encostada no táxi assim, o boliviano deu uma acelerada assim, quase atropelou ela, empresou ela no táxi. Ela:

– Não, sai daí, sai daí, desliga, sai daí. Mostra pro menor que ele vai lá pro cê.

Eu fui levei, estacionei, joguei uma lona por cima, ai eu liguei pra ele:

– Ó, pode soltar o pessoal ai.

Ele soltou o pessoal, as vítimas e se mandou. Já foi pra uma casa lá no setor 7, se desse B.O.⁹ na cidade eles ia... dá uma volta, pra saber o que tinha acontecido, sequestro em uma cidade pequena, não é o que acontece todo dia né?! Ai eu falei:

– Quero que se foda menino! Nós vai cruzar pro outro lado né?

Ela falou:

– Nós vai memo.

Nós parou. Ela não mora na Fenda do Biquini, ela mora do outro lado, que é lá dentro da Metrópolis. Nós pegou um barquinho e passou pro outro lado. Ai o senhorzinho não, não sei o quê, não vou fica ai não eu vou embora. Falei, beleza. Ranquei dinheiro e di pra ele ir embora. Ele voltou embora pra Transilvânia e eu fui e passei pro outro lado, pra dentro da Metrópolis.

⁹ Boletim de Ocorrência ou que os planos não tivessem dado certo.

Eu fui lá pra dentro, ai eu fui visitar um camaradinha que tá preso lá que eu conheço. Que é um... ele é tipo padrinho meu... padrinho de facção, ai eu fui visitar ele lá dentro. Ele tava preso lá, só que lá não é preso não, não pode nem chama de preso, lá tem celular, fugão, tudo lá dentro tem que cê você pensar, maconha, droga. Visitei ele, ele falou:

– Não menor, se trouxe lá, fiquei sabendo que se trouxe lá.

– Trouxe memo pô.

– Cê vai ficar lá em casa. Eu tô lá no tal hotel assim se vai e fica lá com minha muié lá, que tal dia nós vai vim descer a camioneta ai, ai se já vai voltar com a droga.

– Não, beleza então.

Eu conversei com ele, nós fumô uma maconha lá dentro tal. Ai eu fui pro hotel, eu já tava dois dias sem dormir. Do jeito que eu cheguei no hotel assim eu apaguei menino. Apaguei, foi acordar acho que era... umas...uma hora quando eu deitei, eu fui acordar umas seis hora da noite. Rapaz eu acordei assim, nossa senhora! O clima lá é diferente não é que nem aqui, já muda um pouco. Eu olhei lá fora assim, mei vermelhado, o clima lá é meio vermelho, não é clarim assim, é mei... tipo mei... rosa, rosado entendeu?! Cê olha pro céu assim mei rosado. Eu:

– Cacete! Que hora que é?! - Eu olho no meu celular assim já era umas seis hora menino, dando sete hora. Ela foi e bateu na porta e falou:

– Em menor, vamo sair pra você comer alguma coisa, se tá sem comê nada né.

– Rapaz, tem uns dois dias que eu não como nada ai.

– Beleza.

Nós saiu. Fui comer uma.. comer um lanche. Nós comeu um lanche, trocou uma ideia com ela, falei pra ela:

– Onde eu compro cigarro aqui?

Nós foi lá na praça de cima, comprei um cigarro tal! Eu fiquei uma semana e uns três dias lá, dentro da Metrópolis. Nós conseguiu vender a camioneta. Eu fui nas casa dos camaradinha que vende lá num tem?! Os cara ligado em droga, arma, em tudo que se pensar. Eu peguei... nós pegou em droga, eu ia voltar. Ele falou bem assim, o... antes de eu voltar, um dia antes, ai eu fui lá visitar ele de novo, ele falou bem assim pra mim:

– Rapaz, menor, fiquei sabendo que cê voltou pro crime ai, que se tá vendendo droga de novo, tal! Vem pra cá pô, entrega essa droga lá, faz mais uma fita lá, entrega essa droga lá e vem cá, bora ficá comigo aí. Ó, eu vou sair daqui, daqui dia.... 30 de janeiro - eu acho que ele falou - dia 30 de janeiro eu vou sair daqui menor, eu sai daqui, nós pega ai ó, no dia que se arrumar, no dia que se arrumar lá nós vai pra Metrópolis ai pô. Nós vai lá onde os cara fabrica o pó. Lá onde eles planta pé de cocaína lá, da coca, que eles faiz o pó e a pedra. Nós vai vender

droga de lá, mandar pra dentro do... do Brasil, só. Sem se envolver, que aqui dentro nós não é preso, cê tá ligado, né?! Cê passou da Metrópolis pra lá eles não podem te prender mais, só os Metropolitanos. Eles te prende, mais se eles quiser deportar eles deporta, mas se não, não deporta não.

Eu falei pra ele:

– Não beleza véi. Tô querendo sair de lá memo - eu fui e mostrei foto pra ele não tem, minha tia tinha tirado uma foto, quatro viatura na frente de casa assim ó, tinha uns 20 policial assim ó, dentro do quintal assim - ó o jeito que eu tô lá no Sertanzinho do Oeste lá - e eu bem no meio dos policial assim, com a mão assim (sinal de mãos na cabeça) parado assim - ó o jeito que eu tô no Sertanzinho do Oeste, levando bacú toda hora lá.

– É menor se tá podendo heim, segurança particular na sua casa.

– Aram, segurança, ah se fosse. Não, beleza então véi, eu vou pega lá então, vou levá isso aqui lá, vou vê se eu faço alguma fita lá e vou voltar.

– Ai nós já vai lá pra dentro já, nem volta mais não.

– Beleza.

Eu já ia me afundar lá dentro da Metrópolis não tem, nem ia voltar mais pro Brasil não. Eu falei beleza então. Eu fui pra casa da mãe da muié dele, pai da muié dele. Fiquei um dia na casa do pai dela. Ai ela cruzou, eu cruzei com um quilo de pedra na mão dentro de uma sacolinha assim, tipo que eu comprei alguma coisa, não tem?! Cruzei com um quilo aqui. O menino lá que era o...Bruxo, que era outro menino que tá lá na Metrópolis com ele, dois latrocínio, três homicídio ele fugiu do 470, trinta ano de cadeia pra pagá, ele tá lá dentro da Metrópolis. Ele tinha vindo comigo. Ele foi e passou com um quilo assim (demonstrou dentro da camisa, próximo a barriga) e um quilo aqui nas costas do lado assim, na barquinha não tem?! E ela trouxe mais um quilo dentro da bolsa dela assim. Quatro quilo. Nós foi na casa do pai dela, o pai dela sabe, também é envolvido com o negócio. Ela foi e falou assim:

– Vou arrumar um taxista agora pra ver quem leva esse aqui, que... não é qualquer um que vai levá não.

– Beleza então.

O Branquelo que é um camaradinho que é da peita também, da facção, falou bem assim pra mim:

– É menor tem uma fita pra nós fazer lá não?!

– Rapaiz, mas eu to sossegado pô, não quero roubar não pô.

– Não menor, vamo fazer só uma fita lá, cê viu o Bruxo falando, nós vai lá pra dentro da Metrópolis menor.

Ai eu fiquei pensando assim, é, se for ter que fazer uma fita, uma fita grande né, falei beleza então. Falou assim:

– Não, então eu posso ir então menor?!

– Bora uai. Vou falar com a cunhada aí pra vê se você pode ir.

– Não, cê que sabe, se tá ligado que ele é mei de... - tipo assim, se a polícia parar, tipo desse o nome dele, parar já prendia ele na hora. Sabia que ele tinha dois latrocínio e três homicídio - cê que sabe, mas se tá ligado que cê tem risco de ser preso né, se cê for preso se não vai sair agora não, vai ser daqui uns 20 ano.

– Não. Tô sabendo, mas nós vai na,,, nós vai na drocs, sossegado, ninguém vai ver não, vai de noite pra chega lá de dia.

– Beleza então, cê que sabe.

Ai ele pegou e falou bem assim, ligou pro taxista, o taxista disse: - não levo não.

Falei:

– Ó, perae doido! Vou tentar tirar um documento pro cê.

Se tem ideia, o jeito que.. eu não tinha medo, era assim o que desse na teia eu tava fazendo. Sabe como você tira documento falso? Se sabe como você tira documento falso ou não? Ó! Cê vai na DP¹⁰, na delegacia, fala que cê perdeu o seu documento e tinha um documento. Cê tira tipo assim, cê tem algum parente que você conhece o nome todinho, então, se vai lá assim e fala assim, chega lá na DP, que nem isso aqui assim ó, tem os escrivão e tem a máquina de xérox. Eu sentei lá e falei bem assim:

– Queria fazer um documento aqui e eu perdi meu documento. Eu vim pra passear eu, minha mãe e tal e nós perdeu o documento e eu não sei se eu perdi do lado de lá ou do lado de cá e eu quero comprar uma passagem pra eu ir embora.

O policial:

– Beleza, como é o nome da sua mãe?

Dei o nome falso, tal, tal.

– Como é nome de seu pai?

Tal tal.

– Ah, como é seu nome?

– Meu nome é tal tal tal – tudo falso entendeu?!

Na hora que ele ia tirar a xerox, que ele tirou o baguí assim que ele tirou a xérox do documento, aí ele falou bem assim:

¹⁰ Delegacia de Polícia.

– Mas se mora na onde memo?

Se ele jogasse meu nome, se ele jogasse minha foto no sistema já tinha dado ruim. Na city eu tava como, tipo, pinado também entendeu, reconhecimento, da fita que eu fiço no depósito de gás. Na hora eu falei, caraí se eu falar que sou do Sertanzinho do Oeste ele vai jogar minha foto no sistema. Falei:

– Sou da Transilvânia.

– Uai, cê não tinha falado que era do Sertanzinho do Oeste?!

– Não pô, minha mãe é do Sertanzinho do Oeste. Eu sou da Transilvânia.

– Espera um pouquinho aí.

Ele já foi e chamou o comandante. Eu falei “nór”. Eu tirei o celular na hora do bolso assim, não tem?! Chamada falsa, cê já fez? Cê já conseguiu fazer já?! Chamada falsa, cê vai no negócio, chamada falsa, fisso uma chamada falsa, tipo assim, mãe, coloquei o nome da minha mãe assim. Falei pra ele:

– Sá um minuto ai rapidão, minha mãe tá ligando.

Mostrei pra ele, minha mãe tá ligando. Eu fui levantei e fui e sai já de dentro da delegacia. Não tinha ninguém no telefone, chamada falsa (sinal de telefone na orelha).

– Oi mãe que foi?

– Vem aqui em tal lugar aqui que eu acho que nós vai conseguir compra a passagem.

– A senhora vai conseguir comprar a passagem mãe? Perai eu tô aqui na delegacia, tá um barulho aqui eu vou sair aqui pra fora.

Rapa quando eu conseguir sair pra fora da delegacia eu ó (sinal com as mãos de fuga), na hora que eu muntei na moto assim, que o camaradinha acelerou, no hora que eu olhei pra trás eu vi o comandante em frente da delegacia. Falei nossa senhora, mas um poquinho eu tinha ido preso (risos), eu tinha ido... eu tinha ido dentro da delegacia. Eu voltei falei bem assim:

– Rapaz não deu pra tirar o documento falso pro cê não.

Caso a polícia parasse ele ia falar que aquele documento era dele entendeu?!

– Não deu não, o cara desconfiou lá, eu tava com o documento na mão e não deu certo.

– Não eu vou assim mesmo, vou sem documento.

O taxista chegou umas... nove, oito horas. Beleza então. Eu no táxi, ele e a cunhada. Ponhei 4 quilo de pedra bem assim ó, no meio dos meu pé dentro do táxi e ele sentado do meu lado e a cunhada na frente. Falei bem assim:

– Ó, se dé BO fi, ninguém conhece ninguém. Se a polícia pára, não conheço os seis não.

Beleza então, nós “tanntnnn”. Daqui a pouco o cara falou bem assim, o taxista passou áudio da Cidade das Esmeraldas:

– Rapaz acabei de vir de Gotham City, tem uma blitz lá em tal lugar por que roubaram uma camioneta, eis tá lá perto da ponte parando lá, antes de, tal cidadizinha lá.

O cara encostou o taxi e falou bem assim:

– Cê vai querer ir?

Ai eu fui bati no vidro assim, chamei o Branquelo:

– E ae bixo, se vai querer ir? Policial tá parando ai na Br ai.

– Não pô. Cê que sabe menor, se se falar que nós vai, nós vai menor, se tem sorte. Eu fiquei sabendo que se é sortudo, se fala que nós vai nós vai.

– Rapaz, negócio de sorte não pô! Os policiais tá parando, querem tentar a sorte ai?

– Não, bora uai.

– Vamo embora então. Aí cunhada, policial tá na frente ai ó, se para ninguém conhece ninguém não e se dé pra mim correr eu vou correr mata adentro ainda tá.

– Beleza então.

Porque se uma mulher, não tinha nada a ver num tem, se eles parasse num tinha envolvimento nenhum. Eu já fui peguei meu celular assim ó, já fui apagando tudo, tutututu. Mensagem, foto de droga, foto de arma, entendeu?! Ranquei o chip, ponhei o chip no bolso, se eles fosse oiá o número de monte de gente que tava preso. Eu fui tirei o chip do celular, desliguei o celular. Rapaz, quando nós tava chegando no quebra mola assim, veio aquela cinco viatura assim da PRF, Polícia Rodoviária Federal. Eu já fiquei congelado assim ó. A polícia passou tututu, do nosso lado assim. Eu olhei pro lado.. pro Branquelo assim, falei:

– Aí Branquelo, já era! Os policial desmontou a blitz agora - Eis tinha acabado de desmonta a blitz, ai nós foi e foi embora.

Parou em Gotham City, pegou outro táxi. Fomos de taxi até Transilvânia, chegou em Transilvânia pegou outro táxi e chegou no Sertanzinho do Oeste. Eu fui pra casa, quatro quilo de droga dentro de casa. Falei:

– Aí Branquelo! Tira isso de dentro de casa que isso ai vai dá ruim. Vou tirar esse aqui, vou mandar pra casa de um camaradilha que conheço ai, porque se parar aqui em casa eu vou sê preso por tráfico.

– Não beleza, beleza.

Ai eu fui chamei minha irmã, falei:

– Esse aqui ó é Branquelo, esse aqui é colega meu, veio lá da Metrópolis tal. Mas fala pra ele nem sai na frente de casa, não deixa ele nem sai na frente de casa.

Falei pra minha mãe, falei... tinha um colega meu, falei pra minha mãe, falei ia sair de casa, que ele não podia andar na rua. Fui levei lá na casa do Polaco os quatro quilo de pedra.

– Polaco ai ó, daqui a pouco venho buscar minha parte ai. Pegar balancinha lá pro cê pesa ai que eu vou vender minha parte inteirinha, não vou ficar com isso não. Os policiais já tá atrás de mim, tô sossegado de ficar com isso ai. Se me pega comigo isso ai eu vou ser preso por tráfico. Então beleza.

Acho que tava de dia, num sei se é de noite não tem, nós chegou lá de dia, tipo assim umas seis hora, sete hora. Eu peguei tava com um dinheirinho eu fui na padaria comprei um pão, voltei pra casa. Cheguei em casa, peguei um pão, ai minha irmã falou bem assim:

- Ah, ah menina lá não conseguiu trocar seu cheque não
- Ixe Maria! Será que... me dá o cheque ai que eu vou queimá.
- Tá no fundo da sua roupa ai.

Ai eu peguei quatro cheque que tinha lá em casa roubado. Dois de cinco mil, um de dois mil e um de mil e pouco. Fui e queimei o cheque tudinho num tem?! Cheque que era roubado. Só que eu já tinha feito o teste pra vê se tava em depósito ainda, ou se já tinha bloqueado o cheque, tinha fundo memo, ai eu peguei queimei o cheque. Eu fui lá pra casa do camaradinha.

Tinha um camaradinha lá, colega meu que trabalhava numa... numa autoescola que ele batia pra mim pra vê se o cheque tinha fundo ou não, jogava no sistema, tipo assim, tem como entendeu?! Você joga no caixa lá, no sistema do caixa pra vê se tem fundo ou se o cheque já tá coisado, bloqueado, ainda tinha fundo ainda. Beleza eu peguei, queimei o cheque.

Eu fui na casa do cara, levei a droga, peguei o carro dele, fiquei com o carro dele. Eu falei pro Branquelo:

– Bixo, não vai dá pra você ficar aqui em casa não. Os policial tá passando em frente de casa ai toda hora bixo.

Toda hora passava uma viatura assim devagazim, olhando lá pra dentro de casa. E eu deixo as porta da frente fechada e as do fundo aberta, num tem. Peguei falei bem assim:

- Heim, Nainha, sabe onde tem uma casa pra alugá?
- Tem um casa lá no sete tal, tá assim.
- Borá comigo lá pra dá uma olhada.
- Beleza passa aqui em casa.

Passei em casa peguei ela, na casa dela, levei uma arma, ai fui lá. Oiei a casa lá com tudo dentro, geladeira, fogão, cama, ventilador. Falei:

- Vê com quem esse aí, que eu vou alugar.

Já aluguei a casa. Voltei, peguei o Branquelo, que era colega meu que eu trouxe da Metrópolis. Levei na casa, deixei na casa, falei:

- Ó se vai fica aqui, bixo. Lá em casa é embasado você ficar lá em casa.

Deixei lá, fui comprei uns negócio levei lá pá! Eu fui mais o...lá na casa do Polaco, peguei minha parte, peguei a parte do Branquelo e peguei a parte do veim pra levar pra ele. Levei a parte dele, o cara ficou com a parte dele tal. Beleza.

A minha parte eu já liguei pro cara, num tem?!

– Ó!, Tô vendendo minha parte inteirinha pô, vou ficar com nada não.

– A não, daqui a pouco eu vou aí que eu vou compra.

– Beleza então.

Ela pegou, tava eu, ai na casa falei bem assim:

– Nessa casa aqui a gente vai ficar escondido, ninguém vai ficar sabendo quem tá nessa casa aqui não, não quero ninguém nessa casa aqui não.

Que tipo assim, se vai e começa movimentação não tem, começa a vim camaradinha pra fuma maconha, começa a vim um monte de gente pra compra droga, fica aquela movimentação, entra e sai, entra e sai, entra e sai Os vizim já vai i (sinal de ligação) bate na linha pros policial. Falei:

– Não quero ninguém aqui nessa casa não - falei pro cara que era o Branquelo - Cê quer fica ai cê fica, mas não é pra ninguém vim ai não. Nem seu irmão não, seu irmão vem e traz um monte de muleque.

Ficou eu, ele e o Branquelo na casa. Nisso eu peguei e liguei pro cara, eu só ligando num tem, pra vender minha parte. Eu consegui vender minha parte todinha, que era 500 e poucas gramas, vender por 6 mil. Vale uns 8, 9 mil, mas eu vendi por seis ainda, pra eu não ficar com aquilo na mão. Eu falei bem assim:

– Vou vender minha parte por seis mil - falei pro Branquelo.

– Não, se é doido pô, se vai perder muito dinheiro em cima, tal.

– Rapaz é melhor eu vender do que eu não vender e ser preso nessa desgraça aí. Eu vou vender eu vou sair, bater mais uma fita eu vou sair fora. Beleza então.

Eu vendi minha parte, o cara veio e buscou. Eu ia depositar.. ia depositar o dinheiro na segunda na conta que era minha, da minha mãe, eu nem queria o dinheiro e ia depositar o dinheiro pra minha mãe, que era conta da minha mãe. Beleza então. Eu fui passei o número da conta pra ele. Vendi a droga pra ele. Eu fiquei só com a parte que, que era do Branquelo, só. Ai a parte dele:

– Não eu quero fazer um pó tal, quero fazer uns negócio ai - ele falou.

– Beleza então.

Ele ficou com... na fita que ele fez ele pegou eu acho que...200 grama em ouro na casa que tinha, com um pulseira assim de ouro, um anel com 42 grama de ouro, nem nesse dedo meu

aqui não cabia o anel (demonstrou o polegar esquerdo), 42 grama de ouro enfiava assim e saia do meu dedo, uma correntinha do menino, a corrente do cara e a corrente da mulhé, tudo em ouro. Ele comprou a parte do camaradinho lá da Metrópolis entendeu, que... ele ficou com um quilo. Aí com um quilo eu raqueiei ela ai ficou um quilo e 800 grama. Depois nós pegou um pó, fez uns negócio lá.

Só que enquanto eu tava na Metrópolis, ele foi e moscou. Ele tava comemorando, num tem, que tinha feito a fita, ele ligou não sei pra quem e falou assim, que ele roubava com PCC¹¹, roubava com Comando Vermelho, que ele não tava nem ai não. Nossa senhora! Deu ruim, o cara. O geral do estado, num tem, que é tipo assim, o cara que manda aqui em Rondônia ligou pra mim, o cara ligou pra mim eu atendi, falou:

– Se é o menor tal?

– Sou o menor memo aqui do setor 4.

– Ó, fiquei sabendo que seu parceiro aí, tá moscando ai pô! De qual que é isso ai?! Ele tá falando ai que ele cola com comando que ele cola com PCC, que porra é essa daí, doido, que negócio é isso ai?!

– Rapaz, eu não tava aqui na city não pô, eu tava na Metrópolis, mas qual que é ai?

– Não. O negócio é o seguinte, fala pra ele fazer um desenrolado ai. Ou ele mata um comando aí, ou cê vai matar... ou ele vai morrer na peita.

– Vixe Maria! Não beleza, vou falar com ele.

O baguí sobrou pra mim, não tem?! Eu falei pra ele:

– O cara deu letra pra mim que, se matar um cara da.. do Comando Vermelho, se não eles vai mata o cê.

– Não, eu não sei lá, véi, agora lascou - falou pra mim.

Ele já ficou apavorado, num tem?!

– Ah, pô mata um cara ai do Comando Vermelho, qualquer um da city ai.

– Não, vou vê, vou vê.

Isso era num sábado. Ai um outro camaradinho, que eu achei que era geral do estado mas não era, mandou bem assim um áudio no rádio:

– Ó menor, esse bixo ai é um safado, esse bixo é um desgraçado, esse bixo ai tinha que tá morto já. Negócio é o seguinte, se ele não mata, cê mata ele.

– Já é, beleza.

¹¹ Refere-se a facção do Primeiro Comando da Capital.

Nem, nem respondi não, só olhei assim fiquei quieto num tem, não falei nada pro cara não. Fiquei quieto. Nisso o Branquelo ligou pra mim, os camaradinho tudo do PCC ligando pra mim, ligou pra mim e falou bem assim:

– Ei menor que negócio esse que tá acontecendo ai menor?

– Rapaz eu não sei de nada não bixo. Não me envolve nesse negócio não que eu já tô só o ódio já. Todo mundo fica ligando pra mim nessa desgraça ai. Daqui a pouco a polícia bate em cima de mim, falando que eu sou do PCC e me prende ai. Ceis fica ligando pra mim dessas porra desses número véi grampeado dos ceis ai ó.

Os cara com tornozeleira, telefone grampeado, aquela desgraça marcando ponto toda hora onde eles tá, ficava ligando pra mim.

– Pára de ligar pra mim, bixo eu não vou atender mais não.

– Não beleza então.

Eu já fui e falei pro Branquelo:

– Branquelo o negócio é o seguinte - o cara que tinha moscado - o negócio é o seguinte, os cara qué que cê mata um, se o cê não mata eles vai te matá.

– Não, e agora pô?!

– Não sei não, se vira.

– Ah, mas eu não tenho nenhuma arma.

– Não pera ae vou falar com o Polaco... (sinal de telefonema) Ei Polaco! O camaradinho tá precisando de uma arma ae, se num.. num empresta uma pro cara não?

Ah, não sei o que. Ai eu fui e falei pro, pro Branquelo:

– Branquelo vê com o cara pô!

Ai ele foi e falou com o cara:

– Não pô, empresta ai tal, pra fazer o negócio lá tal, talvez eu nem use ela não.

O cara foi e emprestou pra ele num tem, ai ele foi e buscou um 38 canela seca com o cara. Beleza! Nisso, tava escondido numa casa, na casa onde era a boca de fumo, tava escondido esse oitão, uma vinte, oito cartucho, tudo escondido. Eu que escondi, eu tinha esquecido que eu tinha escondido lá. Aí o Polaco falou:

– Onde tá escondido aquele negócio que cê escondeu pô?

– Raapaaiz do céu, doido, tava escondido em tal lugar.

Eu fui já abri o site da cidade, num tem. Tô olhando o site, porque eles tinha derrubado essa boca de fumo. Eu olhei lá, ah, eles derrubaram boca de fumo do setor 4 pegaram simulacro de fuzil, um motor de barco. Essa boca de fumo era minha, era minha e da Nainha. Nós dois tinha a sociedade nela. Falei meu Deus! Peguei o carro dele, já fui lá não tem, num sábado de

noite. Era sábado de noitinha, ai eu fui ver, carái, quando eu olho assim tinha um carro da civil lá na frente parado, era uma camionete, hillux da civil. Eles fica parado assim só observando, não tem?! Eu parei na esquina, fui de pé rapidão, “tu,tu,tu,tu”, pulei o muro, fui pra dentro de casa, entrei assim. Tava na beira do forro assim ó, ai eu peguei a vinte e coloquei bem assim (demonstrou que pôs na perna e pé), tava de calça assim, e pus os cartucho tudo assim ó envolta do tênis assim, ponhei o oito na cintura assim, e voltei rapidão. Eles não viu que eu entrei na casa. Eles acho, acho que, só tinha ido tipo dá uma mijada só entendeu?! Eu voltei entrei no carro entendeu, já sai fora, voltei na casa do Polaco:

– Aqui Polaco.

– Não, leva essa desgraça ai vê o que vai precisar lá e ele usa.

Eu fui lá pra minha casa, lá no sete, levei a vinte, o revólver, tudo num tem?! E falei pra ele:

– Ó, o cara deixou isso com cê pra fazer a fita pô.

– Beleza, vou vê se eu faço.

A Nainha falou assim:

– Ei menor, se não quer comprar um oitão não?

– Quanto tá vendendo?

– R\$ 3100.

– Não, traz ai que eu vou comprar.

Eu fui comprei um trinta e oito tal, é... refrigerado não tem?! Fui comprei. Falei:

– Ó, seu irmão - que eu vendo a droga pro irmão dela - seu irmão vai ter que me passar seis mil pega 3 com ele e manda ele depositar 3 na conta da minha mãe.

– Beleza então.

Nisso eu tava com o meu... com o meu 38, o canela seca que era do Polaco e a vinte entendeu?! Tudo guardado na casa. Ai falou pra ele bem assim:

– Ó, tem um camaradinha Barriquelo que ele vai na festa hoje lá na em tal lugar assim, se quiser ir lá vê se mata ele na festa.

– Não, bora, bora.

– Beleza então.

Fui em casa tomei banho, troquei de roupa, ai peguei o oito assim, o oitão e coloquei na cintura, num tem. Ai ele falou bem assim:

– Cê vai levar pra festa?

– Vou memo. O meu.

Ponhei na cintura, falei beleza. Entrei pra dentro assim, ai eu fui em casa. Cheguei em casa, minha mãe tava fazendo comida num tem?! Tirei a roupa assim, minha mãe olhou assim:

– Rapaz eu já falei pra você não trazer esse negócio pra dentro de casa.

Com revolver assim na cintura, num tem, tirei a blusa assim dentro do quarto ela viu.

Falei:

– Não mãe pode ficar sossegada.

Tomei um banho rapidão, vesti a roupa de novo, ponhei de novo na cintura. Ele tava comendo, o Branquelo. Comendo lá em casa, eu comi um pouco assim também e já sai fora. Nós foi lá na festa.

Chegou na festa eu conhecia o segurança. Olhei pra ele, ele tava revistando.. ai falei pra ele:

– Ei posso entrar?

– Beleza, pode entrar.

Passei sem revistar, entendeu?! Eu já conhecia ele, ele sabia que eu já tava com a arma. Eu fui entrei pra dentro assim, da festa. Eu tinha levado um pó, pra falar que tava vendendo um pó, tá ligado?! Comecei a cheirar na festa, “tu, tu, tu,” bebendo e cheirando na festa, num tem?! Beleza! Aquilo eu entrei na onda rapaz. Ai chegou um camaradinha, que ele tinha que matar o cara.

Falou bem assim pro cara:

– Não tô colando com a peita mais não pô, tal! Agora eu sai do PCC, não tô mais no PCC não.

Falou desse jeito pro cara, que é do Comando Vermelho. Ai eu afastei num tem, tipo assim, nós tava todo mundo em pé assim, dei uns dois passos pra trás assim. Fiquei sossegado assim. Vendo só o pessoal dançando assim, tal, bebendo assim. Eu fiquei só ouvindo entendeu, tipo assim, não tô prestando atenção lá, mas ouvindo entendeu?! Ai eu vi eles conversando tal, tava na peita mais não. Só que o cara, tava tipo assim, jogando a conversa pra vê outra entendeu? Pra vê se o cara falava se ele era do comando, pra tê certeza que ele era do comando. Ai o cara, ah, tal, pô. Entendi já.

Eu falei assim, eu afastei, di dois passo pá trás, fiquei só ouvindo. O cara foi no banheiro.

– Que porra é esse ai doido?! Se fala pro cara que saiu da peita véi.

– Não, pô vou fazer isso aí só para ver o que o cara ia falar.

– Beleza então.

Ai nisso tava Franklin e o Kaio. Aí o Kaio chegou perto de mim e falou bem assim:

– Eae Menor.

– Eae aí bicho.

– Tá lembrando de mim não menor?

– Lembrando do cê?!

– Lembra da época que cê estudava lá no Capitão?

– Anhram.

– Não, cê tinha uma bikezinha lá, bicicletinha roxinha tal. Cê ia lá em casa direto. Cê matava aula ia lá em casa fumar maconha comigo. Aí teve um dia que eu fui risquei lá o moleque de faca.

– Ah! Tá! Pô, lembrei!

É que eu tava lá na frente da casa dele sim ó, tinha matado aula, tava de uniforme, sentado bem assim no banquinho assim na frente da casa dele e ele tava conversando com menino na esquina. Aí o menino falou não sei o que para ele e ele andava com uma faca não tem, pequinininha assim. O menino falou não sei o que pra ele, ele foi rancou a faca assim ó, “tchiiiiiiiiii”, foi na barriga do menino. Rapaz que eu oiei assim, eu tava chapado num tem, eu olhei assim, só vi as tripa do menino descendo no chão assim ó, ele olhou pra mim e falou bem assim: - sai fora! (gestos com a mão). Eu só peguei a bike e sai fora. Os verme vei e prendeu ele, na época eu estudava no capitão.

– Ah pô, se foi preso naquela época.

– É fui pra menor pô, fiquei quais três ano na menor, que era a menor da Transilvânia ainda – num ficava, ficava, (balançou a cabeça), ficava uma cara preso, ficava uns três ano, dois ano – fiquei quase três ano preso pô.

Ele falou:

– Fiquei sabendo que se tava roubando ai menor, adoidado na city ai, metendo altos corre.

– O pessoal fala, num tem, mas tô sossegado pô! Ah, tô só vendendo a droga só.

– Ah, beleza então.

Eu conversei com ele, afastei de novo. Eu tava, tinha umas muié que eu conhecia assim. Eu comecei a conversar com as muié e fiquei só ouvido as conversa dos cara. Eu fiquei ouvindo. Daqui a pouco o Kaio chegou em mim, falou bem assim, colocando a mão bem assim (demonstrou encostando a mão do ombro):

– Ei menor, ei menor! Vamo lá fora que meu irmão tá brigando pô.

O cara que riscou outro de faca lá, num tem, falou assim:

– Borá lá fora, borá lá fora que meu irmão tá brigando.

– Quem?

– Meu irmão pô, o menorzinho.

Branquelo fez bem assim pra mim, ele tava conversando com outro cara, com o Franklin, fez bem assim pra mim (fez gestos demonstrando que era pra ele falar com o cara). Achei que ele tava falando pra mim ir com o cara entendeu?! No mei da festa ali. Falei:

– E ae Barriquelo?!

Ele fez assim (gestos com a mão mais vez concordado de que ele fosse conversar com o rapaz), tipo assim, entendeu, eu falei ah, é pra mim ir com o cara no gesto dele entendeu?! Eu peguei e virei. O Kaio foi na frente e eu fui a trás num tem?! Nós passou pelo portão assim, tipo assim, era aqui, bem aqui era o estacionamento, só que aqui era tudo escurão, escuro, escuro memo, tipo um brecault de tão escurão que o baguí era. Eu peguei e fui assim, falei isso aqui tá errado. Eu ponhei a mão aqui ó (demonstrou colocando a mão nas costas), passei pá frente assim, num tem, o revolver assim, tal. Eu peguei fiz bem assim, abaixei fiz bem assim (demonstrou abaixando o tronco e limpando os olhos com a camisa), enquanto tava claro na rua ainda, tipo assim, limpado o rosto assim. Eu fui indo, no beco escuro assim ó. Eu vi que já tava num canto assim, quando eu entrei no canto assim, eu já vi ele puxa a faca assim, e eu já ranquei o oitão assim. Falei:

– É Kaio, se queria me matar né.

– Não pô, não pô, tô sossegado, tô sossegado - com a faca na mão, num tem.

– Sai fora véi, sai fora, corre daqui desgraçado!

Ele subiu a rua correndo assim. Falei:

– Não volta não, não volta pra festa não .

Que era pra ele não avisa o cara que eu tava armado. Eu fui, ponhei a arma de novo e voltei pra dentro da festa. Eu já voltei assim, tá errado esse negócio. O Branquelo tá junto com os três querendo me matar. Porque ele sabe que se eu não matar ele.. ó, se ele não matá o cara, os cara da peita sabe que eu vou matá ele, entendeu?! Tipo assim, ele sabia que se ele não matasse o cara eu tinha que matá ele. Falei tá errado esse negócio.

Eu voltei pra festa e falei bem assim, se esse bixo fazer alguma coisa estranha eu vou matá ele dentro da festa; que era o Branquelo, que era meu parceiro entendeu?! Eu fiquei sossegado entendeu?! Cheguei nele, só oiando pra ele assim, meio desconfiado já. Ele viu que eu já tava estranho. Eu ponhei a arma de novo atrás assim. Eu entrei pra dentro da festa.

– Ei de qual que é Branquelo?! Chega ai doido vamo conversa ai.

Olhando pra ele assim:

– Ei de qual que é doido?! Cê mandou eu i lá fala com o cara lá fora, o cara vai e ranca uma.. uma faca pra mim doido.

– Não pô, não sabia não pô!

– De qual que é a sua, se mandou eu sair com o cara pô. Falei pro cê e ai Branquelo cê fez assim pra mim (sinal com a mão para sair).

– Não pô não fiz nada não pô, se é loco.

– Não doido se fez, rapaz eu não sou trouxa não eu vi você fazendo.

– Não, eu tava conversando com o cara.

– É bixo, cê fica esperto doido. Cê tá achando, ran! Que tem algum pateta aqui. Não, beleza então! E ae?! Você vai fazer o cara ou não?

– Não, pô! Não dá pra fazer o cara aqui na festa não doido.

– Beleza então, pô! Cê que sabe uai, o negócio que tá na reta é o seu, se o cê não mata se sabe que cê vai morrer né?!

– Não menor, se é doido! Não faz isso comigo não, véi.

Já tava só o ódio com ele já, tava ficando nervoso. Falou bem assim pra mim:

– Vai lá fora e fica lá na esquina, que eu vou tirar ele pra fora da festa que se pode metê bala nele.

– Beleza então.

Eu fui pra fora, subi na esquina, fiquei na esquina assim, era meio na descida entendeu?! O negócio da festa era assim, e a esquina era tipo aqui em cima. Eu fui subi na esquina. Eu fiquei lá na esquina esperando. Passou 10 minuto nada de ele sair pra fora com o cara. Passou 20 minuto nada de ele descer pra fora com o cara. Não, esse bixo tá errado. Eu fui, ponhei o oitão de novo assim e entrei na festa, falei:

– De qual que é a sua, doido?! Se mandou eu ficá lá fora, ia tira o cara pra fora da festa e não tirou o cara.

– Não pô, o cara não quer sair pá fora da festa não, pô.

– Rapaz, cê! Tá errado isso ai doido. Cê tá com errado pro meu lado doido.

– Não pô.

– Cê tá trocando ideia com o cara, se fala que vai levá o cara pra fora, se não leva o cara lá fora.

– Não pô, o cara não quer ir véi, tal - tipo assim, com medo já, num tem?! - O cara não quer ir não doido, se quer que eu faça o quê?! Que eu leve o cara na marra?!

– Não, cê que sabe pô.

– Não pô, vamo esperar ele sair pô. Quando ele sair da festa que ele tiver indo embora, nós mata ele no meio do caminho que ele tiver indo embora.

Cê que sabe, uai.

Eu fiquei na festa. Nisso chegou o irmão do Branquelo, o Juarez, que é um japonezim e o Psi. Eles com uma ar.. com uma vinte assim, ó (demonstrou ao lado do corpo). O Juarez com uma vinte dentro do molentozão assim, aquela vinte cartucheira que te falei. Bem assim, dentro do moletom assim. Fechado assim, fechado assim e ela apertada aqui embaixo pra ela não cai entendeu, ela escorada assim. E ele na festa entendeu?! Eu fiquei sossegado. Quando eu vi o Juarez chegando, Juarez é conhecido meu, falei não dá nada agora não, se esse bixo quer vir pro meu lado, eu já quero mete bala em todo mundo ai dentro. Eu fiquei sossegado.

Rapaiz, o cara, o Franklin saiu da festa nós não viu ele saindo da festa. Ele saiu, beleza. Eu falei pra ele:

– Ele saiu!

Eu fui por uma quadra e o menino foi por uma outra, quem disse que nós achou o bixo?! Ele sumiu, evaporou assim, ó, “vulp”, sumiu. Falei pra ele:

– Não pô, vamo lá na frente da casa dele. Nós tem que alcançar ele antes que ele chegue em casa.

Nós foi na casa antiga dele, não era aquela casa. Nós voltou embora de carro. Nós voltou embora. Nós chegou lá na casa lá, ai, antes de nós ir embora o Juarez falou que, tipo assim, nós foi pro um lado ai nós voltou pra trás, num tem?! Ah, nós foi, tipo assim, vamo por aqui, não vamo por aqui não, vamo pela outra, nós foi e voltou pá trais. O Juarez . tava uns quatro passo longe de nós. Quando o Juarez viu nós voltando ele falou não eles vai me matá (risos). Ele pensou num tem. Ai o Juarez Falou:

– Não pô, não me mata não, não me mata não pô.

– Não, nós não vai te matá não Juarez.

– Não pô ceis vai me matá, ceis tava indo pra lá, ceis tá voltando agora por que?!

– Não, pode ficar sossegado pô, ninguém vai te matá não.

– Não ceis vai me matá e saiu correndo doido.

Eu oiei, vixe Maria! Beleza! Eu tô indo bem andando normal assim, ó, falei pros cara:

– Ó se separa que os verme vai vim doido, rum!

Não deu outra. Eu tô bem andando no canto da rua assim ó, ai os policial veio e parou bem no canto da rua assim, ó.

– Ei, cê tá indo pra onde?

– Rapaz eu tô indo pra casa.

– Cê tá vindo da onde?

– Eu tô vindo da festa ai, pô.

– Cê não ficou sabendo de um movimento estranho, não?! Os camaradinho ai, discutindo com outro, tipo um briga.

– Rapaz eu vi memo lá pra trás lá, os camaradinho tava brigando lá ó.

– Sabe quantas pessoa é?

– Rapaz tinha uns 3 cara brigando, discutindo com outro lá, um mais baixim.

– Mas era uns, 4 pessoa então?

– Era, 4 pessoa - Falei pros policial.

– Beleza então (risos).

O policial sem saber que era eu (risos). Eu continuei andando normal, rapaz que eu vi a viatura virando a esquina eu acelerei o passo (movimentos com mão demonstrando pressa). Eu peguei um moto táxi, cheguei em casa. Falei, beleza! Deu ruim esse negócio.

No outro dia chegou o, chegou o Francisco. Chegou lá na casa. Eu fui pra casa da minha mãe, eu dormi na casa da minha mãe. Depois eu fui lá pra casa do sete, que era a casa onde eu tinha alugado. Cheguei lá em casa falei bem assim:

– É Branquelo, se tá ligado que cê tem que fazer o negócio hoje né?! Se não fizer hoje cê tá lascado - Que era domingo já né.

Ai o Francisco chegou e falou bem assim:

– Ah, pô! Os cara da peita mandou eu aqui falando que o seis tá precisando de um motor. Ai eu roubei aquele motor ali tal, pro seus fazer a fita lá pô.

– Beleza uai. Vou ali pega um capacete já é?!

Eu peguei a moto, fui peguei um capacete e voltei. Nós fumô um beck, eu fumei um beck, eu, Francisco, o Branquelo. Na casa tava o Psi, o Juarez não tava. Tava o Psi, o irmão do Branquelo e o Branquelo. Beleza! Todo mundo na casa. Foi, fumô todo mundo um beck lá tal, ai ele falou bem assim:

– Eu sei onde ele mora pô. Eu levo os seis lá na casa dele, já é?

Falei:

– Já é! Quando for de noitinha nós vai lá já é?

– Já é, então!

Nós fumo um beck tal, ai o Branquelo falou bem assim pra mim:

– Que dia nós vai fazê o corre pô?!

– Nós só vai fazer isso ai, na segunda feira - que era no outro dia, tipo assim - amanhã nós fica ai pô.

– Beleza então.

Pegou e foi anoitecendo. Quando deu umas 9 hora, umas 8 hora, quando umas 8 hora nós foi pra casa dele. “Tãn, pá, tal”. Nós chego na frente da casa dele assim, que eu parei a moto, tipo assim umas 4 casa pá frente, perto do pé de manga assim, o pneu furou. Ai o Francisco já tinha ido embora entendeu, já tinha ido. Eu parei a moto, olhei pro pneu assim:

– O pneu furou Branquelo. Depois que nós fazê esse negócio aqui, ó, matá o cara como é que nós vai embora?

– Ai, não! Vou ligar pro Francisco - ele ligou pro Francisco.

Francisco Falou:

– Não, vou ai.

– Beleza.

Veio buscou a moto e levo pra borracharia entendeu?! Que era lá no trevo, era longe pra cacete do lugar que nós tava, tipo no outro setor. Eu peguei:

– Bora Branquelo, vamo lá pelos fundo, pra vê se nós entra na casa dele.

– Beleza.

Eu tava com, com um oitão que era de um colega meu, que era o canela seca e o meu tava com ele. Porque o homicídio era pra pegar no que eu tava entendeu?! Não no do colega meu. Ai beleza. Nós foi pelos fundo, pá, pulei um bagúí, falei:

– Não! Vamo pela frente - nós chegamo pela frente tipo, tipo vai - refém todo mundo entendeu.

– Beleza então.

Nós foi pela frente, na hora que eu abri a porta da frente assim, que eu olhei não tinha ninguém na casa. Olhei no quarto, olhei no banheiro, olhei em tudo, falei:

– Carái que que isso rapai?! Tem ninguém na casa doido. Não aí! Tá errado isso aqui, tem ninguém nessa casa - que não tinha ninguém na casa.

– Não, ele saiu. Vamo espera e eles vai voltar.

– Não pô. Cê é doido! Nós esperando aqui, isso aqui não vai dá certo não pô. Vamo embora, depois nós volta.

– Não! Vamo fica aqui dentro, nós já tá aqui uai.

– Rapaz, se liga doido, esse negócio não tá certo não. Quem vai sair de casa e deixar a casa toda aberta e não vai ficar ninguém em casa?! – Eu falei pra ele desse jeito.

– Não. Vamo esperar.

– Não, já é! Cê quer esperar, bora esperar então.

Nós ficou esperando, num tem. Passou mais ou meno umas 1 hora. Passou uma hora e meia mais ou menos. Ai bateu na porta, “toc, toc, toc”. Falei bem assim:

– Fica quieto!

Ele atrás da porta e eu atrás da parede assim, na hora que entrou assim, ó, era a irmã dele. Ai já falou:

– Parae, parae, perae - já parou ela num tem?!

– Leva ela por quarto e segura ela, que ele já tá vindo, se ela já chegou ele já tá vindo também.

Ele já levou ela por quarto, segurou ela. Ficou esperando. Ai veio e bateu uma mulher na porta, “tec, tec”. Chamando o nome da menina. Ei, num sei o que tal. A menina pegou e falou bem assim pra mim:

– Não pega ela não que ela tá grávida, ela não pode passa susto não.

Falei pro Barriquelo:

– Segura a porta, não deixa a porta abri não.

Ele segurou na tranca da porta assim, num tem?! Tipo assim, a porta tá fechada, trancada, num tem. A menina foi e sumiu, menino. Beleza! Nós ficou quietinho dentro da casa. Não falou nada. Ram! Depois que voltou, voltou com a polícia já. Batendo na porta, já bateram, dirrubaram a porta. Eu vi que não tinha como eu corre mais, eu fui e me entreguei pra polícia, tal. Ai o policial em todo o tempo perguntando pra mim de uma quadrada, que se era eu que é, como é que é... se era eu que liderava o tráfico no setor 4 e quem era o traficante ali forte que vendia droga se era eu ou se era a Nainha.

– Rapaiz, não sei de nada moço. Não sei de nada não, não sei do que ceis tá falando não.

– Não, o que se tá fazendo aqui então?

– Rapaz eu não sei de nada não, eu tava ai, eu vim ai pra cobra o vacilo dos cara ai ó. Esse bixo ai mexeu com a mulhé dele, não sei de nada não, só sei assim tal - ele não sei o que, me batendo num tem - não sei de nada não.

Eles foi e pegou a viatura, beleza, levou pra delegacia tal, foi aquele negócio todo, num tem. Fizemo o BO lá. No dia da audiência o policial falou... que... ele tinha, tinha policial a paisana me vigiando. Falou... não, esse menor aqui ó Francisco, tipo assim, ele apontou num tem, era três testemunhas, três policial, tenente que é aquele camaradinha que vai com a farda marrom com a calça verde cheio de medalhinha assim, com a boininha de lado assim. Falou bem assim:

– Ó, não, esse menino aqui eu não sei quem é não. Apareceu esses dias aí, mas esse aqui ó - e apontou pra mim, que eu tava sentado na cadeira assim - ó, esse aqui é o menor, vulgo dele é menor, o nome dele é Bolívia. Mora no setor 4, tal lugar assim, nós já vem acompanhando ele seis meis já. Ele é quem vem liderando o tráfico no setor 4, que vem cometendo assaltos,

ele vem e.. passando drogas da Metrópolis - o cara foi me torrando pro juiz num tem - Ele já é bem conhecido, ele conhecido por mandar droga pra dentro da cadeia, pra mandar droga lá pra dentro da cadeia da Cidade das Esmeraldas - O cara foi me torrando, meu amigo. Fiquei quieto num tem - Esse bixo ai já e conhecido no setor 4, tal! - eu fiquei quieto.

O juiz olhou pra mim assim, fez só assim, num tem, só assim com a cabeça (demonstrou balanço com a cabeça para baixo e para cima). Sossegado. O juiz perguntou:

– Comé que ceis conseguiu aprender uma quadrilha assim tão, tão bem, comé que fala é...tão bem organizada?

– Não pô, nós não sabia de nada, só que nós desconfiou do movimento meio estranho, que eles tava num telefone, e sem saber os número deles tava tudo grampeado, o número dele, do Bolívia, do Branquelo, dos camaradinha tava tudo grampeado e eles não sabia, eles ficava falando, eu notei que o Bolívia, o Bolívia tinha até desconfiado. Mandava os cara pára de ligar pra ele, várias vezes. O Bolívia mandou os cara pára de ligar pra ele.

O cara falando num tem, eu fiquei sossegado. Ele falou bem assim:

– Ai nós ficou sabendo que foi feita uma ligação falando que eles iam em tal festa pra matar um tal Franklin. Eu fui à paisana nessa festa, eu tava à paisana nessa festa e eu avisei pra vítima que eles ia mata ele. Eu falei pra vítima sair pra fora, pra vítima ir em tal lugar, que ia pega a vítima de carro que ia leva ela pra tal lugar.

Foi o momento que nós não conseguiu achar ele, porque o policial tirou ele da festa e levou ele pra um tal lugar e tirou ele da circulação, que nós não pegasse ele.

O juiz perguntou bem assim:

– Mas por que você não prendeu ele naquele momento na festa?

– Mas se eu prendesse ele naquele momento na festa ele só ia pegar um porte de arma, eu não ia conseguir provar que ele tava envolvido com tráfico, tal - o policial falou bem assim - mas ai, foi feito outra ligação falando que eles ia na casa do Franklin. Nesse domingo, nós já ponhou toda a equipe envolvida nisso (tosse), só que nós não sabia a localização onde era a casa do Franklin.

Eu fiquei só observando a história, falei onde que eu errei meu Deus?! Ele falou bem assim:

– Na hora que eles tava ali na casa do Franklin foi feito uma denúncia do movimento estranho na casa, tal, que ninguém atendia e no mesmo momento nós conseguiu abordar o Francisco na borracharia. O Francisco estava com a moto roubada, sem documento e a conversa dele não batia. Na onde teve uma pressão psicológica e ele foi e falou onde tava os miliante. Que tava em tal lugar, assim, assim, assim, que o esconderijo era em tal lugar, assim, assim,

assim, e nos conseguiu chegar na apreensão de todos os envolvidos na quadrilha. Nós apreendeu ele dentro da casa do Franklin, que eles ia fazer uma tentativa de homicídio. E foi preso na casa do Bolívia, naquela casa, não onde ele mora, mas na casa onde ele deposita a droga, arma, foi apreendido duas arma calibre pequeno e uma calibre 20, calibre maior e tantos quilos em droga.

Eu falei, só fiquei observando. Agora já era muleque, a culpa vai tudo ni mim. Tinha um monte de maior e a culpa caiu tudo em mim que era menor. Ai o policial falou bem assim:

– Todo envolvimento, quem liderava essa quadrilha aqui em Transilvânia era o Bolívia.

Eu falei, eu olhei o, olhou pra mim assim, olhou ai falou bem assim (balançou a cabeça em sinal de negativo), ai eu falei bem baixim:

– Rapaiz não é não, ó esses cara – falei bem assim num tem, só que não tava nada a ver com a audiência, eles tava gravando assim separado. Ai o juiz olhou pra mim assim e falou:

– Cê vai negar, diante de três testemunha policial?

Eu olhei pro juiz e falei bem assim (balançou a cabeça em sinal de negativo), tipo assim, não falei nada num tem?! Tem como fala nada não. Eles comprovou que era eu, ai a culpa caiu tudo em mim, que era eu que liderava o tráfico, tal. Os cara assumindo, o cara falou, os cara tudo assumindo, num tem?! Falou bem assim não, que a droga, ai foi os policial, na hora que foi apreendido na casa, prendeu na casa, da casa dentro da viatura foi para lá na casa do sete. Sem eu fala nada. Os cara, eles fazendo pressão psicológica nos cara, batendo nos cara, sufocano, ameaça de morte. Os cara foi e falou:

– A droga é minha, a droga é minha, a droga não é do Bolívia. Não, não conheço o Bolívia não.

– O nom... o vulgo dele é menor, rapaz. Se tá falando que não é do menor?

– Não. Essa droga não é do menor não, essa droga é minha.

Daí jogou tudo na viatura e prendeu, num tem?!

No dia da audiência veio as testemunhas que era o irmão do Branquelo e o Psi. O Psi. falou bem assim:

– Não senhô, a droga é minha, a droga não é desse menino aí não. Nem conheço esse menino aí não senhô, a droga é minha.

– Rapaz – o juiz falou bem assim – rapaz larga de ser trouxa, rapaz! Cê acha que tem algum trouxa aqui?! Não adiante cê tentar enganar não, a droga é dele, nós tem rastriação dele buscando essa droga lá na Metrópolis, ó. O delegado já deu aqui pra nós tal dia ele tava na Metrópolis e tal dia, na onde que, essa droga entrou aqui em Transilvânia.

Eu fiquei só olhando. Ai eles falou bem assim:

– Rapaz tá tudo grampeado, as conversa, as mensagem que ele manda, tudo ele falando ó, o horário que ele ia sair, o horário que ele ia chegar, o dia que ele ia leva a droga.

Falei vixe, já era! Eles foi e terminou a audiência. Depois foi e chegou só o negócio aí de, pra mim, que eu tô acusado de tráfico, porte de arma, formação de quadrilha, sequestro e cárcere privado. Fui acusado em cima de mim, esse é meu envolvimento.

Na ida pra Metrópolis, foi muito rápido, num tem?! Eu fui tipo assim, eu já fui a Metrópolis outras vez entendeu?! Fui, tipo muito rápido, eu ia e voltava no mesmo dia. Tipo assim, ia hoje à noite e voltava de manhã. Era só chegar e buscar a droga e voltar. Nem tinha contato, só entrava lá dentro só pra buscar e voltar, num contato assim, conversar com as pessoa, durmi lá, foi a primeira vez que eu fui pra dormi e fica lá entendeu?! Conhecía gente, entendeu, só que só ia e volta, só ia e volta, não de contato assim de fica lá muito tempo. Quando eu fui, fui e voltei já. Ai eu fiquei lá só uma semana e dois dia, ai eu voltei. Ai quando eu voltei, foi questão de uma semana eu caí preso.

Aqui dentro eu estou estudando. Ah, parece que é meio devagar aqui dentro (risos sem graça), se estuda, tipo assim, parece que não termina rapidão que nem lá fora. Mais devagar aqui, mas tô estudando aí, fazendo acelerado.

Ah, tipo assim... pra você mudar de vida tem que ter um começo, né. Cê tem que começar de novo, começar em outro lugar, arrumar um serviço, conhecer pessoas nova, tal. Mas eu acho que é isso aí, a base disso aí é o estudo ué. Cê começar a trabalhar, a voltar a estudar, fazer um curso, tentar fazer algo mais superior, nessa base aí.

Porque isso aí é um começo entendeu?! É tipo um alicerce, a base, se num for isso se não vai, ram! Cê num vai, porque se, se eu voltar a trabalhá no serviço normal, vai voltar aquela revolta, ou então o cara tem que ir, trabaiá pensando em prosperar. Faze assim, ah, vou trabalhá aqui, vou estudar pra mim melhorar meu conhecimento, meu...

Tipo assim... não revolta... não é uma revolta, mas uma revolta pela sociedade pô. Por causa que, meios financeiro... a sociedade pregando aquilo que cê tem que tê, tem que sê, entendeu?! Ai você vai trabalhá ali pra vê se consegue aquilo e cê não vai consegui aquilo e vai lutar. Vez de cê tá trabalhando se não tá conseguindo, aquilo bate uma revolta no cara. O cara tem que, tem que ter o pensamento fixo né?! Tipo assim, ah, vou trabalhá e estudar pra amanhã eu ter um emprego melhor, poder prosperar. Poder comprar uma casa melhor, um carro melhor. Sem ser, se ele for trabalhá sem o pensamento fixo que ele quer se tornar, ou ele tem que ter um pensamento muito forte ou se não, um cara que nós sai daqui que nem nós ele volta pro crime de novo.

Pretendo me profissionalizar em algum ramo. Tentar sair dessa vida aí, porque, cê é doido, cê não tem amizade não. Rapaz eu fiquei muito tempo num tem?! Cê não tem amizade, não tem ninguém não. Os cara só quer tudo é dinheiro. Eles é só dinheiro, e dinheiro e aliado só, não tem amizade, cê tem aliados. Enquanto cê tá lá fora cê tem os aliado, mas, amizade cê não tem amizade não. Cê não tem ninguém pá contar com cê. Cê falar assim, não esse ai é meu amigo vem cá, ele vai me ajudar tal. Não, se não tem isso não. Meus amigo memo, meus amigo que era antes de eu ir pro crime memo, eles foram lá pergunta lá pros meu parente, ah, como é que ele tá? Que dia que ele vai sair, tal?! Tá precisando de alguma coisa? Agora os camaradinha que roubava comigo, que eu vendia drogas juntos com eles, nenhum pergunta não, nem toca no nome não. Nem ouço falar mais. Infelizmente. Penso em voltar a estudar, trabalhar, tornar alguém melhor, né?!

O conhecimento que se pega mais, entender mais como é que funciona as coisas. Não é só, não tem só aquela visão fixa daquilo ali. Abre pro cê outros horizontes, pro cê enxergar outros, outras possibilidades que você pode ter na vida. Sem ser referente aquilo que cê tava. Cê pode ter outros rumos, entendeu?! Tipo assim, trabalhar em tal lugar, ter outra profissão. Não precisa ser só aquilo. Fazer o que se gosta, entendeu?! Tipo assim, ah eu vou estudar, mas eu num gosto de, num gosto de escrever tal, mas cê pode estudar e vê que tem outras coisas, outras possibilidade que você pode fazer. Enquanto cê tá estudando ali cê vai ver outras, outro mundo que cê não conhece. Vai ter possibilidade de emprego, coisas que se não conhece ainda, entendeu?! Coisas que a gente, num, num teve ainda mas por ter. Tipo assim, por ser mais, ter, como é que fala, aprendizagem inferior, em pública, quanto mais cê estudar, mais conhecimento você vai poder ter. Que não é que nem você estudar num escola particular você estudar numa escola pública, né?! Cê não tem tipo assim, comé que eu vou explicar, eles não te oferece assim algo tão completo, eles te oferece só o básico. Não dá uma referência. Ah, do que você, tipo assim, eu não sei o que eu gosto de fazer né?! Trabalho, eu não sei se eu gosto de trabalhar com aquilo ou com aquilo, tipo assim, eu não tenho o conhecimento de como é trabalhá com aquilo entendeu?! Eles não oferece isso pra você. Então, eu nem sei o que eu quero fazer ainda, tipo assim, eu não sei se eu, ah eu quero ser um advogado, se eu quero ser, entendeu?! Eu não sei, se eu quero ser enfermeiro, psicólogo, entendeu, tipo assim, eu não conheço pra saber como é que eu quero ser. Eu sei que eles, o advogado defende, o enfermeiro...auxilia o médico, eu sei disso, mas eu não sei como é que forma naquilo ali, entendeu?! Tipo assim, ah, aquilo, aquilo, como é que eu vou explicar... proporciona pra pessoa, proporciona bem estar, se a pessoa trabalha com vontade naquilo, se ela gosta de fazer aquilo, entendeu?! Eles não te oferece isso, cê não tem uma base nisso, eu não sei, se eu vou sair daqui se eu, o que eu quero ser. Eu quero,

entendeu?! Ter, estudar pra ampliar pra mim ver diferente entendeu?! Vê com outros olhos isso aí, pra mim saber, tipo assim, ah, não, eu quero fazer aquilo, vou trabalhar, vou estudar pra fazer aquilo, quero ser aquilo, que aquilo ali vai me proporcionar uma coisa melhor, entendeu?! Tipo isso, mas eu não tenho essa visão ainda pra falar isso aí. Eu não tenho esse conhecimento ainda.

Esse conhecimento se adquire estudando, fazendo um... um curso, fazendo faculdade. Cê afundar no conhecimento, entendeu?! Tipo assim, não, não que eu vou fazer, eu tenho que fazer aquilo pra saber se eu quero fazer aquilo. Mas, tipo assim, estudar a respeito pra mim saber como é que aquilo funciona, como é que aquilo vai levar diante da sua carreira, o que que aquilo vai te proporcionar, o que você pode com aquilo se tornar mais tarde, entendeu?! Vejo tipo isso. Uma coisa mais, tipo uns degrau por degrau, entendeu?!

Através do estudo, estudando, esforçando, trabalhando. Não é uma coisa que é fácil, num tem?! Mas, tipo assim, se o cara, se você, é que nem eu, eu não tenho objetivo ainda, então, se eu não tenho objetivo de fazer aquilo, como é que eu vou fazer? Então, cê tem que conhecer, pra ter objetivo, aí você tendo objetivo, você vai poder se esforçar, trabalhar e estudar e se dedicar aquilo, porque se tem aquele objetivo. Agora não tem como você ter um objetivo se cê não conhecer. Como é que cê vai se, se impor, né, naquilo, se vc não sabe naquilo vai dá. Ah, vou, vou me dedicar a isso aqui, mas não sei o que isso aqui vai oferecer pra mim. Depois, ah, eu me formei cara, mas não gosto de fazer isso aqui. Perdi tanto tempo, sendo que eu não vou fazer isso aqui. Vou trabalhar com isso aqui sem eu querer, sem eu gosta. Entendeu?! É tipo isso, isso que eu penso, entendeu?! Vai que eu estudo, estudo, mas eu... naquilo que eu não quero, aquilo que eu posso me tornar, mas não é uma coisa que eu quero pra mim. Depois de eu ter feito eu não vou querer exercer. Só isso mesmo.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa teve início a partir de inquietações que surgiram da prática profissional como psicólogos de um centro de atendimento a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Em nossa função de escutar esses garotos, a questão da escolarização e as dificuldades que eles enfrentavam para continuarem estudando chamavam a atenção. Aprofundando as reflexões acerca da temática do fracasso escolar e dos discursos meritocráticos sobre a realização dos seus projetos de vida, nos deparamos também com a questão do trabalho. No cotidiano, é muito comum ouvir dizer que sem escola e sem trabalho não se chega a lugar algum. São vozes que exaltam a capacidade de cada indivíduo de estudar e trabalhar, sem, com isso, considerar as materialidades e socialidades que atravancam e colocam em xeque esse futuro imaginado.

Logo, conhecer os sentidos da escola e do trabalho produzidos por esses adolescentes é também, provavelmente, conhecer sua centralidade ou não em suas vidas e os atravessamentos que a obstaculizam. Trata-se, aqui, de conhecer outras versões desse futuro imaginado socialmente. Neste sentido, optamos por ouvir suas histórias de vida e, assim, os sentidos de escola e trabalho nessas trajetórias.

Para tanto, amparamo-nos na perspectiva construcionista de Psicologia Social para a qual a *linguagem em uso* é central. A linguagem em uso remete à ideia de que a produção de sentidos ocorre no cotidiano das nossas conversas com outras pessoas, num determinado tempo histórico e num determinado lugar.

Na perspectiva da linguagem em uso, o sentido é sempre interativo: os enunciados de uma pessoa estão sempre em contato ou são endereçados a uma outra pessoa e esses endereçamentos se interanimam mutuamente, mesmo quando os diálogos são internos (SPINK, 2010, p. 35).

Interessa-nos ouvir dos adolescentes, em suas histórias, como esses inúmeros enunciados vindos de diferentes endereços se interanimam para produzir as *práticas discursivas* de escola e trabalho que permeiam seus cotidianos. Sentidos, nessa perspectiva, são empreendimentos coletivos, e não individuais, que ocorrem através de interações vividas pelo sujeito com outras pessoas, mesmo que tais pessoas não estejam presentes no momento da fala em que se ativa a memória (HALBWACHS, 1990).

A ideia daquilo que nós somos, enquanto sujeitos, é também entendida como uma construção social determinada por atravessamentos históricos e culturais, situados num tempo e num espaço específicos (HARAWAY, 2004). Em nosso cotidiano, nos posicionamos o tempo

todo diante das múltiplas narrativas das quais fazemos parte ou entramos em contato; deste modo, produzimos realidades sociais e psicológicas. Na perspectiva construcionista, adota-se a noção de *posicionamentos identitários* em referência às diversas posições ocupadas ao longo da vida das pessoas e que vão, pouco a pouco, constituindo-se naquilo que são. Durante a fala, o sujeito se posiciona exprimindo sua identidade e isso é proveitoso para analisar a produção de sentido nos diálogos (SPINK; MEDRADO, 2013). Na história de vida, o sujeito torna-se autor de seu relato, trazendo conteúdos que, para ele, são adequados.

Para conhecer os sentidos de trabalho e de escola produzido pelos adolescentes em questão, utilizamos a compreensão de M. J. Spink (2013). Segundo a autora, o sentido é algo socialmente construído por meio da interação social em que o indivíduo está envolvido. Nessa interação, “[...] as vozes compreendem diálogos, negociações que se processam na produção de um enunciado. Elas antecedem os enunciados, fazendo-se neles presentes no momento de sua produção, tendo em vista que o próprio falante é sempre um respondente em maior ou menor grau” (SPINK, 2013, p. 26).

Na construção de sentidos, a linguagem é imprescindível para as práticas sociais:

A produção de sentido é tomada, portanto, como um fenômeno sociolinguístico – uma vez que o uso da linguagem sustenta as práticas sociais geradoras de sentido – e busca entender tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas, por exemplo), como os repertórios utilizados nessas produções discursivas (SPINK, 2013, p. 23).

A linguagem é o que permite a produção de sentidos, que se dão nas práticas discursivas, gerando momentos de ressignificações e rupturas. É por meio da fala que ocorrem as ressignificações daquilo que está sendo dito e que foi vivido pelo sujeito; neste momento, também podem ocorrer rupturas (SPINK, 2013).

As práticas discursivas são constituídas por enunciados, vozes e gêneros da fala. Essa tríade aparece nas conversações; desta forma, as vozes são as pessoas que realizam essa conversação e, nessa dinâmica, os sentidos são construídos. Gêneros de fala são regras linguísticas que orientam as práticas cotidianas e que tendem a manter e reproduzir discursos coerentes com o contexto, o interlocutor e o tempo (SPINK, 2013).

Além da construção de sentidos por meio da interação imediata, há que se considerar os processos históricos como parte dessa produção. Spink (2013) destaca três tempos que devem ser analisados para a produção de sentidos: o *tempo longo*, o *tempo vivido* e o *tempo curto*.

O primeiro é marcado por “[...] conteúdos culturais, definidos ao longo da história da civilização [...]” (SPINK, 2013, p. 32); isto é, os sujeitos incorporam práticas, crenças e comportamentos por meio da própria história da sociedade; o segundo envolve tudo aquilo que é aprendido pelos processos de socialização, o que, de acordo com a autora, envolve as experiências individuais da pessoa em sua história pessoal, ou seja, “[...] nosso ponto de referência afetivo, no qual enraizamos nossas narrativas pessoais e identitárias [...]” (p. 32). Por fim, chama atenção para o tempo curto, que é “[...] marcado pelos processos dialógicos [...]”, ou seja, “[...] refere-se às interações face a face, em que os interlocutores se comunicam diretamente” (p. 33). Esse último é sinalizado pelo processo de conversação do indivíduo, ou seja, o momento atual, em que ocorrem os diálogos.

A relevância de articular essas diferentes temporalidades para compreender a produção dos sentidos está na possibilidade de construir uma análise que considere tanto o nível macrossocial quanto o microssocial. Compreender essas temporalidades na vida dos adolescentes em conflito com a lei nos auxiliou na análise de sentidos construídos por eles, uma vez que estão inseridos numa sociedade que foi e está sendo construída desde seus primórdios. Logo, suas experiências vividas contribuíram para esse processo, somadas ao momento em que produziram as práticas discursivas.

Percebemos que os eventos ocorridos no tempo possuem relevância nas experiências vividas pelos adolescentes – experiências geradas por uma rede tanto em nível macrossocial como no microssocial. Para Spink (2013), a construção de sentidos produzidos pelos sujeitos se dá pela dinâmica das relações sociais histórica e culturalmente localizadas; disso, decorre a importância de compreender o tempo. Compreender os aspectos históricos e culturais leva ao sentido daquilo que está sendo produzido pelo sujeito, assim como compreender suas vivências em sua comunidade também facilita esse processo.

3.1 A ESCUTA DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS ADOLESCENTES

Uma contribuição da Psicologia é oferecer possibilidades de salvaguardar individualidades; ou seja, dá a possibilidade de objetivação do indivíduo, ainda que ele seja considerado em sua construção social (GUARESCHI, 2012, p. 258). Atrelar essa possibilidade da Psicologia com a pesquisa pode acarretar avanços na produção de conhecimentos.

Paulilo (1999, p. 135), na sua definição de pesquisa qualitativa, destaca que ela trabalha com “[...] valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos” – ou seja,

a compreender os fatos e processos por meio da fala dos sujeitos pesquisados. Acreditamos que a pesquisa numa perspectiva metodológica qualitativa procura compreender mais do que “[...] resultados/dados prontos”, ela busca explicar os processos sociais existentes num campo, numa instituição, num grupo ou numa comunidade (ALVES-MAZZOTI, 1999, p. 151). Não existem dados prontos numa realidade que precisa apenas ser percebida pelo pesquisador. O foco não é buscar a verdade do que está sendo pesquisado, mas trazer à discussão versões do vivido.

Para P. K. Spink (2013), a pesquisa também é uma prática social, reflexiva e crítica e que requer ressignificação de aspectos implicados no desenvolvimento de uma metodologia. Destaca que “[...] ao relatar, ao conversar, ao buscar mais detalhes também formamos parte do campo; parte do processo e de seus eventos no tempo” (2013, p. 25). Para o autor, os psicólogos sociais podem ser úteis nesse processo de pesquisa e o objeto pesquisado pode contribuir para a produção de conhecimento.

Ocorre, entretanto, que a compreensão vigente sobre o campo de pesquisa o afirma como um lugar físico/*locus* para onde se vai observar e/ou entrevistar as pessoas. Para que essa contribuição possa existir, P. K. Spink (2003) traz a compreensão de campo. Campo não é apenas um lugar físico/*locus* onde acontecem as observações e entrevistas, mas uma totalidade¹² que ocorre em qualquer lugar, independentemente do local onde esteja e de quando aconteça. O autor explica:

Campo, entendido como campo-tema, não é um universo “distante”, “separado”, “não relacionado”, “um universo empírico” ou um “lugar para fazer observações”. Todas estas expressões não somente naturalizam mas também escondem o campo; distanciando os pesquisadores das questões do dia a dia. Podemos, sim, negociar acesso às partes mais densas do campo e em consequência [sic] ter um senso de estar mais presente na sua processualidade. Mas isso não quer dizer que não estamos no campo em outros momentos; uma posição periférica pode ser periférica, mas continua sendo uma posição (SPINK, 2003, p. 28).

O campo-tema engloba desde anotações, jornais, documentos e materialidades – até o que dizem os sujeitos que fazem parte das conversas. As materialidades dizem respeito aos artefatos utilizados no campo-tema. No caso da medida socioeducativa de internação como campo-tema, por exemplo, as materialidades seriam o espaço físico, as grades, os papéis, os relatórios, as salas para atendimento, o quarto onde ficam os adolescentes, etc. Já as socialidades falam das relações estabelecidas nesse cenário com as mais diversas pessoas ali presentes – os

¹² Peter Spink embasou sua compreensão de campo-tema nas ideias de Kurt Lewin: “[...] sobre o campo como a totalidade de fatos psicológicos que não são reais em si, mas são reais porque têm efeitos” (SPINK, 2003, p. 21).

agentes de segurança socioeducativos, o corpo “técnico”, os outros adolescentes, a família que vem visitá-los, o juiz, a professora, etc, isto é, todos as pessoas envolvidas no processo de socialização do indivíduo. As materialidades e as socialidades são entrelaçados pelo tempo longo, tempo curto e tempo vivido, o que resulta em sentidos produzidos no cotidiano pelo sujeito.

Do ponto de vista da vida vivida até o momento da internação, o mesmo exercício pode ser feito para pensar o campo-tema numa outra perspectiva. Assim, a casa, o bairro, a escola, o local de trabalho, as ruas, o posto de saúde e toda organização peculiar de cada um desses lugares, além dos objetos usados, comporiam as materialidades – enquanto que a rede de relações sociais estabelecidas, as socialidades. Materialidades e socialidades se constroem, portanto, no cotidiano das relações e do vivido pelas pessoas, mas também nas noções socialmente compartilhadas num nível macrosocial, como na mídia, nos governos, nas políticas públicas, etc. De toda forma, considera-se que o pesquisador está sempre e em todo o tempo dentro do campo-tema – por vezes, mais perto; por vezes, mais distante, mas sempre dentro.

Partindo desse pressuposto, buscamos no método de história de vida um respaldo para compreender o percurso desses adolescentes ao longo de suas trajetórias, com foco na centralidade ou não da escola e do trabalho, seja naquilo que foi vivido, seja naquilo que está sendo projetado para o futuro.

Para Fischer (1997, p. 13),

[...] [a] história[sic] de vida [é] uma adequada alternativa para articular a dimensão individual, ou seja, a vida experienciada por determinada pessoa aos fenômenos sociais mais amplos. Vida aqui não é encarada apenas como um conjunto de eventos, mas como acontecimento vivido num determinado tempo e lugar(es) e sob algumas circunstâncias.

Acreditamos que a história de vida dos sujeitos pesquisados traz consigo vivências significativas para a compreensão individual diante de fenômenos sociais existentes, sendo uma das mais eficazes para que se possa atingir o objetivo desta pesquisa, “[...] por permitir que se venha a compreender, a partir da diversidade, as múltiplas especificidades que constituem a complexidade humana” (FISCHER, 1997, p. 13). A preocupação da história de vida está na fidelidade das experiências e interpretações que o autor tem sobre o seu mundo (HAGUETTE, 1987). De acordo com Beck (1994), o que interessa para a história de vida é o relato fiel da experiência e a interpretação que o sujeito possui do mundo em que vive, objeto dessa pesquisa. Não nos interessou, nesse caso, a percepção dos técnicos que acompanham o caso dos

adolescentes, nem dos juízes, nem das famílias, nem dos psicólogos; interessou-nos ouvir o que esses sujeitos entendem sobre sua própria vida.

A história de vida “[...] trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121). Trata-se de ouvir do sujeito sua história diante de uma pergunta direcionada, cujo interesse é o seu ponto de vista. O método história de vida considera o fator histórico – que é resultado de práticas sociais nas quais o indivíduo está inserido – e age sobre ele, bem como também é influenciado por ele.

A dimensão de tempo vivido tem um papel fundamental no relato do sujeito, pois é por meio dele que o indivíduo, na sua cultura, produz os sentidos para sua vida. As autoras destacam que esse método “[...] possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência” (SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121). A história de vida pode captar a dinâmica do indivíduo com o social, bem como os elementos do presente que se fundamentam em evocações passadas (PAULILO, 1999).

A história de vida possibilita a análise particular de uma vida, sem generalizações; por meio dela, é possível captar o processo em movimento, ou seja, contribuir para a compreensão íntima e detalhada da vida dos autores sobre dado fenômeno ou situação social (HAGUETTE, 1987).

Na história de vida, o que interessa é a narrativa do sujeito e como ele constrói sua história, gerando práticas discursivas que produzem sentidos. Em consonância com a perspectiva construcionista, que compreende a produção de sentidos como dialogia e a pesquisa como forma de produção de sentidos e de conhecimento (SPINK, 2010), Paulilo (1999, p. 143) afirma que as entrevistas são formas especiais de conversação; logo são

[...] tratadas como encontros sociais, nos quais conhecimentos e significados são ativamente construídos no próprio processo da entrevista; entrevistador e entrevistado são, naquele momento, co-produtores de conhecimento. Participação, neste nível de interação, envolve ambos em um trabalho de produção de sentido, trabalho no qual o processo de produção de sentido é tão importante para a pesquisa como o é o sentido produzido.

Nas entrevistas, buscamos obter “[...] informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195) na qual o entrevistado tenha liberdade para falar o que lhe for propício. Por isso, na entrevista de história de vida, procura-se interferir o menos possível durante o relato; no entanto, a escuta do pesquisador não é passiva: ele pode solicitar explicações a respeito do que foi verbalizado (SPINDOLA;

SANTOS, 2003), mas o que mais importa é o relato do sujeito, conforme ele entender ser necessário apresentar (SOUZA, 2007).

De acordo com Haguette (1987, p. 75), a “[...] entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informação por parte do outro [...]”. Durante a entrevista, deve-se procurar ser objetivo, mesmo que este seja um ideal inatingível; no entanto, a aproximação tem que ser buscada (BECKER, 1994), pois o real não pode ser captado, apenas leituras desse real. Para que isso ocorra, o pesquisador precisa tomar precauções para evitar a contaminação da fala do pesquisado por fatores externos – como o viés sociocultural ou profissional do pesquisador e valores normativos que podem modificar o real original (HAGUETTE, 1987). Dentro da história oral, enquanto método que enxerga os depoimentos como atenção central da pesquisa, as entrevistas são consideradas o nervo da pesquisa (MEIHY, 2002).

Compreendemos que a pesquisa não é neutra; porém, a busca da vivência dos adolescentes deve seguir um rigor metodológico. A respeito da não neutralidade da pesquisa, a perspectiva construcionista também entende que a produção de conhecimento ocorre sempre a partir de determinadas condições e posições sociais. Nessa perspectiva, rigor é “[...] a possibilidade de explicar os passos da análise e da interpretação de modo a propiciar o diálogo” (SPINK, 2013, p. 79).

Nessa busca, não podemos desconsiderar a natureza subjetiva do pesquisado, pois ele está imerso em reações que são geradas por seu estado emocional, opiniões e atitudes, confrontando-se com comportamentos passados e expressões não-verbais. E mesmo que pareça contraditório, isso não pode ser invalidado, pois pode levar a descobertas importantes. Devemos considerar que, durante a entrevista, o entrevistado está transmitindo sentimentos e atitudes relacionadas ao passado (HAGUETTE, 1987) e pode ressignificá-los ou causar rupturas por meio do tempo vivido, conforme já apresentado – o que produz sentidos no momento da entrevista.

3.2 CAMINHOS TRILHADOS: PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) localizado no município de Ji-Paraná (RO), que atende adolescentes das cidades de São Francisco do Guaporé, São Miguel do Guaporé, Seringueiras, São Domingos do Guaporé, Alvorada do Oeste, Presidente Médici, Nova Brasilândia, Ji-Paraná, Ouro Preto do Oeste, Jaru, Mirante da Serra, Theobrama, Governador Jorge Teixeira, Tarilândia e Urupá.

Primeiramente, a pesquisa foi apresentada aos responsáveis pelo CASE e, após a sua aprovação, foram escolhidos cinco jovens do sexo masculino, entre 12 e 19 anos, para as entrevistas. A escolha foi feita por um dos pesquisadores, de forma aleatória, com base no interesse dos jovens em participar da pesquisa, mesmo que ainda não estivessem matriculados no ensino modular dentro do CASE. Inicialmente, a proposta era selecionar apenas os que estavam matriculados; contudo, devido à maioria ainda estar no período provisório, foi necessário modificar o critério de inclusão.

Foram excluídos da pesquisa aqueles que não desejaram participar; os adolescentes que estavam em cumprimento da medida provisória (45 dias), ou seja, não sentenciados; e também aqueles em internação-sanção (90 dias), por descumprimento de outra medida socioeducativa. Essa escolha foi feita devido ao breve tempo de internação aplicado a alguns, dificultando a pesquisa, já que o retorno das entrevistas aos adolescentes seria necessário; nesse sentido, poderia acontecer de tais adolescentes, nestas condições, já terem recebido alvará de soltura.

As entrevistas orientadas pelas histórias de vida ocorreram individualmente, em espaço reservado para atendimento psicológico na instituição. Na ocasião, foram abordados os diversos aspectos das histórias de vida dos jovens em relação às suas experiências com escola e trabalho, bem como seus projetos para o futuro; a conversa era “disparada” com o seguinte questionamento: “Você pode me contar sobre sua história de vida?”. Inicialmente, acreditamos que, por meio dessa pergunta, falas a respeito da escola e do trabalho apareceriam consequentemente; no entanto, ao longo das entrevistas, fomos percebendo que, se quiséssemos saber algo sobre essas duas vivências, precisaríamos perguntar de forma mais específica. Além disso, ao longo das entrevistas realizadas, foi necessário intervir em alguns momentos, uma vez que os adolescentes se encontravam muito tímidos com a proposta de falar sobre suas vidas.

Evidentemente, foram necessários alguns questionamentos para clarificação das ideias e dos assuntos, mas buscando o mínimo de interferências (SPINDOLA; SANTOS, 2003). Um exemplo disto foi a entrevista de Júlio que no seu início pareceu-se confuso e sem um ponto exato para iniciar seu relato, sendo necessário alguns questionamentos para ajudá-lo na elaboração de sua história. Luan e Joaquim também tiveram uma maior interferência com os questionamentos já que suas respostas eram limitadas. Devido a necessidade de melhor compreender a história de vida de Gabriel foi essencial um segundo momento da entrevista, em que foram revisados assuntos que não haviam sido explicados. Bolívia foi o que mais se demonstrou prolixo em sua história, tivemos a sensação de que ele tinha sua história bem estruturada para ser relatada. Apenas ao final foram necessários questionamentos sobre o tema da pesquisa, sobre a pertinência do processo de escolarização e do trabalho em sua vida.

3.3 CRITÉRIOS ÉTICOS: DA SUBMISSÃO AO CEP

A referida pesquisa de campo foi desenvolvida após a devida autorização do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), com o Parecer nº 2.878.722, atestando que a pesquisa não traria nenhum tipo de risco, prejuízo ou desconforto para as pessoas, sendo de livre e espontânea vontade e liberdade a intenção de participar dela.

Os participantes da pesquisa obtiveram todo o conhecimento sobre seus objetivos e assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, por se tratar de adolescentes – cujos pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os maiores de 18 anos também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510, de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016).

Todos que voluntariamente aceitaram participar tiveram todas as informações relevantes sobre a pesquisa (nome da pesquisa, nome e contato dos pesquisadores, objetivo, procedimentos da pesquisa, riscos e desconfortos, benefícios). A pesquisa seguiu o princípio do sigilo das informações cedidas pelos participantes; era permitido, em qualquer momento das fases da pesquisa, solicitar a retirada das informações prestadas e do seu consentimento, além de lhes ser assegurado o anonimato. Esclareceu-se ao participante que, em qualquer momento, caso quisesse desistir de participar da pesquisa, isso seria permitido sem qualquer prejuízo.

As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo para que houvesse um registro mais fidedigno, captando sons e expressões. Para o método história de vida, a gravação é fundamental para preservar os detalhes da fala dos entrevistados, contribuindo com o pesquisador para que preste mais atenção ao depoimento (SANTOS; SANTOS, 2008).

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Logo após a realização das entrevistas, fizemos as transcrições, o que “[...] permite uma autoavaliação no seu papel como entrevistador, possibilitando ajustes na trajetória do estudo e um crescimento pessoal [...]” (SANTOS; SANTOS, 2008, p. 716). Na transcrição, já se inicia o processo de análise, algo que demanda tempo – pois tudo aquilo que também não foi dito deve ser apontado e analisado, como silêncios, linguagem não verbal, entonação da voz e as

próprias palavras do pesquisado. É, dessa forma, uma operação que demanda tempo. O pesquisador, intérprete da narrativa, deve escutar várias vezes as entrevistas gravadas para fielmente transcrever o que foi dito (MANZINI, 2014).

Já neste processo, podem surgir hipóteses e impressões, que devem ser anotadas e, posteriormente, investigadas pelos pesquisadores, o que também é conhecido como leitura-flutuante, ou seja, o ato de se permitir ser invadido por tais impressões (SANTOS; SANTOS, 2008). É interessante compreendermos que [...] “a transcrição não conseguirá captar todas as informações apresentadas na entrevista” (MANZINI, 2014, p. 5), mas devemos procurar a maior aproximação possível; para que isso aconteça, é importante transcrever logo após a entrevista, pois as lembranças e impressões são facilmente acessadas (MANZINI, 2014).

No processo de análise, foram utilizadas categorias temáticas *a posteriori* para agrupar os diferentes sentidos de escola e trabalho que surgiram ao longo das entrevistas (SANTOS; SANTOS, 2008, p. 717), com o objetivo de explicitar as narrativas e facilitar a compreensão dos sentidos produzidos pelos adolescentes. Para isso, foi necessária a leitura sucessiva das informações transcritas, a fim de descobrirmos os núcleos de sentidos existentes nos relatos. Foi preciso, primeiramente, ler os relatos, grifar as frases que mais chamaram atenção dos pesquisadores e agrupar essas frases de acordo com os temas que surgiram, a fim de elaborar um quadro que facilitou a análise teórica (SANTOS; SANTOS, 2008).

Santos e Santos (2008) realizaram um quadro composto por três itens, que é o que se pretende realizar nesta pesquisa: primeiro, o desdobramento temático, que apresenta os temas; segundo, o agrupamento, no qual se apontam os subtemas agrupados por afinidade; e terceiro, decodificação, que demonstra a interpretação das informações obtidas com base em um referencial teórico.

Esse processo não é simples e requer atenção dos pesquisadores, principalmente porque o pesquisado, durante suas falas, pode não apresentar uma cronologia de suas vivências, mas sim uma diacronia. A diacronia está relacionada com as relações de antes/depois em uma sucessão temporal. Já a cronologia está ligada a datas de acontecimentos. Uma vez que a entrevista é um *ir e vir*¹³ – pois, como já citado, o pesquisado faz uso de diferentes temporalidades existentes na busca de ressignificação daquilo para o que está sendo entrevistado –, enquadrando-se numa diacronia, não há uma separação real entre passado, presente e futuro: é uma relação flutuante que o pesquisado possui (SANTOS; SANTOS, 2008),

¹³ As entrevistas estão em ordem posta pelos próprios adolescentes.

lançando mão de suas vivências e projetos de vida no momento atual para a elaboração de sua fala.

Diante desse ir e vir, é interessante compreendermos a importância da história que está sendo narrada. A conexão do que foi dito com a história longa deve ser criteriosamente analisada durante as entrevistas e, principalmente, no momento de transcrição para uma análise compreensiva. Dessa forma, a análise será mais rica e fundamentada em um arcabouço teórico.

Após as transcrições das entrevistas e leituras reiteradas, optamos em transcrever as histórias como uma narrativa, sem os questionamentos do pesquisador. Para isso foram feitas poucas alterações como: substituições de perguntas em terceira pessoa para enunciados em primeira pessoa para que houvesse uma uniformidade no texto para um maior entendimento; e limpeza no texto no sentido de buscar realizar pontuações corretas e ainda exclusão de repetições de palavras e gírias. Convém destacar que não foram feitas alterações nos sentidos expressos, bem como, substituição de termos que acarretassem mudanças nos significados. Não buscamos realizar demasiadas alterações para não perder a originalidades das histórias, mantendo assim algumas giras. A finalidade destas alterações é apresentar versões significativas das histórias que mantenham a vivacidade do momento, essas versões são denominadas de transcrição (CHRISTOFOLLETTI, 2011).

Para descaracterização das histórias com o fim de evitar reconhecimentos dos adolescentes foram utilizados nomes fictícios dados pelos próprios adolescentes e ainda alterações nos nomes de cidades e estados.

3.5 CARACTERIZAÇÃO DO CASE

A pesquisa ocorreu no Centro de Atendimento Socioeducativo de Ji-Paraná, que atende adolescentes de várias cidades do estado de Rondônia. O CASE possui capacidade para 52 adolescentes do sexo masculino que, por algum motivo, praticaram atos infracionais.

Sua estrutura física é dividida em área administrativa, cozinha, área de lazer e área de segurança. A área administrativa é composta por: sala do diretor geral, sala do setor administrativo, salas de psicologia e de serviço social, sala da direção de segurança, sala da pedagogia, sala de enfermagem, sala de mediação de conflitos, sala do conselho disciplinar, sala de arquivo, auditório, salas de informática, salas de aulas, biblioteca e sala de vídeo¹⁴.

¹⁴ A sala de vídeo não é utilizada com essa finalidade. Por escassez dos recursos materiais, filmes e palestras são realizadas no auditório.

A área da cozinha¹⁵ é dividida em mesa de jantar, local para preparação do alimento, quarto de horas masculino e feminino e dois banheiros.

Já a área de segurança é o local onde os adolescentes ficam na maior parte do tempo; é composta por quatro pavilhões e comissariado. Comissariado é o local em que ocorrem os registros das atividades realizadas com os adolescentes em livro ata. Estes registros são feitos pelo comissário de plantão.

O primeiro pavilhão é denominado *triagem e sansão*; nele, logo que os adolescentes adentram o sistema de internação, permanecem sete dias sem que haja qualquer outra atividade, seja esportiva, seja pedagógica. O atendimento a esses adolescentes se restringe à equipe técnica, composta por psicólogos, assistentes sociais, enfermeiro, equipe de mediação e pedagogo. Os adolescentes que cometem qualquer falta disciplinar prevista no regimento interno do CASE também podem ser conduzidos a este pavilhão. Enquanto estiver em cumprimento disciplinar, o adolescente não participa das atividades pedagógicas e esportivas, limitando-se a 30 minutos de “banho de sol”¹⁶ – que ocorre num espaço destinado a esse propósito ao lado do referido pavilhão.

O segundo pavilhão, chamado *verde*, é composto por 12 alojamentos; neste pavilhão, os adolescentes podem participar das atividades pedagógicas, esportivas e laborais desde que sejam acompanhados por agentes de socioeducação; podem também ler livros, assistir televisão, ouvir músicas e jogar videogame. O terceiro pavilhão, denominado *laranja*, possui capacidade para 15 meninos e funciona da mesma maneira que o pavilhão *verde*.

Da mesma forma, o quarto pavilhão, *azul*, possui a mesma estrutura – no entanto, com um diferencial: os adolescentes que cumprem suas medidas neste pavilhão são considerados pelos demais adolescentes como “seguros”, uma divisão que se tornou institucional devido às ameaças proferidas pelos adolescentes, caso se misturassem com estes tais “seguros”. Esse termo é utilizado para aqueles que cometeram atos infracionais equiparados ao estupro, bem como àqueles que delataram seus integrantes, tendo uma relação com os demais adolescentes que pode colocá-los em algum tipo de risco.

O centro segue o princípio de atividades diárias, que são coordenadas pelo diretor(a) técnico(a) em parceria com os comissários de cada dia; os comissários são socioeducadores selecionados pelo diretor geral do CASE e que recebem uma gratificação para exercer essa

¹⁵ Essa área da cozinha, inicialmente, seria para uso dos adolescentes; porém, devido à falta de atividades de profissionalização em culinária, os servidores do CASE fazem uso dessa área.

¹⁶ “Banho de sol” é um termo utilizado em presídios e, infelizmente, também no sistema socioeducativo para as atividades esportivas dos presos e dos adolescentes internados.

função. Nestas atividades, estão incluídos esporte, lazer, atendimentos, aulas, cursos profissionalizantes e terapia ocupacional. Chamam-se terapias ocupacionais as atividades de limpeza predial e de todo o espaço físico fora das paredes, como capinar, roçar e cuidar do hortifruti.

4 LUAN: uma escola sem sentido

Luan foi o segundo a ser entrevistado. Entre os entrevistados, essa foi a entrevista de menor duração. Este adolescente também é acompanhado por nós. Durante um dos atendimentos, fizemos a proposta para que ele participasse de nossa pesquisa. Ele demonstrou bastante entusiasmo e aceitou de bom grado. A entrevista ocorreu no dia 29 de novembro de 2018, conforme agendamento anterior. Durante a entrevista, percebemos que Luan foi extremamente objetivo nas respostas; foi necessário que provocássemos as respostas. É importante frisar que Luan não estava matriculado no ensino modular dentro do Centro, pois sua documentação ainda estava sendo providenciada pelo setor de Serviço Social do CASE. Luan já estava sentenciado. Segue sua história:

Ah, minha história de vida foi mais ou menos ruim e mais ou menos boa. O começo da minha história... desde pequeno eu me dava bem com minha avó, com minha família. Ai depois de um certo tempo quando eu comecei a usar drogas, aí começou um relacionamento meio ruim. Comecei a desobedecer a minha mãe e a desobedecer a minha avó. Daí ela viu que eu tava meio estranho, começou a agir diferente comigo também.

Na escola eu também tava diferente já, já não estudava. Quando eu comecei a matar aula. Sempre, direto eu chegava cedo na escola. Era o primeiro a sentar na carteira. Os professor tudinho falava bem de mim. Depois de um certo tempo eles começou a falar mal para minha vó; que eu tava faltando aula; que tava matando aula; que eu já não queria ficar dentro da sala de aula mais. Eu já não me aguentava em ficar mais dentro da sala de aula, só queria ir pra quadra, pra quadra.

Antes da droga eu era um ótimo garoto, um bom garoto. Comecei a usar droga por causa da má influência na escola, amizade mal. Antigamente, eu era um ótimo menino. A droga mudou meu comportamento.

Eu sabia ler, sabia escrever. Eu achava que eu já sabia de tudo, que não precisava estudar mais. Comecei a faltar, a matar. E quando eu ficava na sala de aula só ficava fazendo bagunça; o professor chamava a atenção. Jogava carteira no professor, tal. Virava o trem dentro da sala. Ah, porque eu achava que era o cara. Já sabia de tudo o que o professor tava falando. Diretora, já xinguei diretora, professora, tudo. Ah, nem eu sei explicar. Era coisa do momento, vinha na cabeça eu fazia.

Gostava da educação física. Top. E de alguns professor também, me tratava bem. Assim, tipo, me dava mais atenção eu gostava. Eu não gostava dos diretor, supervisor, que gostava de

dar castigo pra gente e suspensão. Essas coisas aí. Não me dava bem com português, porque a professora mandava fazer é... conte uma história. A gente contava uma história e mostrar pra ela. “Ah, tá tudo errado. Essa letra não é m.. e cê tá colocando n. Não sei o quê.” (imitou a voz da professora). E corrigia. Essas coisas aí. A única matéria que eu não gostava era português, que eu não me dava. Agora as outras matérias era tudo top, matemática. Mais que eu gostava era ciências. Falava sobre a natureza, essas coisas assim, as coisas do passado. História, história também gostava. Falava sobre passado, mitologia grega, essas coisas assim.

O que acontecia lá dentro?! Ah, quando ia cantar o hino nacional. Pra... não sei pra que cantar o hino nacional uma vez na semana. Ou cantava todo dia ou não cantava o trem uai. Tinha que ser uma vez na semana, eu achava chato que todo mundo tinha que ficar em fileira. Demorava pra entrar na sala de aula. E o diretor começa a falar e não parava. Achava chato. (Silêncio).

Vir para o CASE foi impacto pra mim, né. Eu achava que nunca ia parar num lugar desse. Os primeiros dias pra mim foi difícil, né. Não conseguia dormir. Não parava de pensar lá fora. Dava dor de cabeça. Chorava dentro da cela. Era, era chato.

Os primeiros dias até... não conhecia os agentes. Os psicólogos aqui de cima, o pessoal aqui de cima, eu achava que tudo era na ignorância com, com eles aqui dentro. Ai depois eu percebi que eles são legal. Trata a gente de boa. Tem alguns agentes que é sossegado; se pede alguma coisa, eles faz de tudo pra fazer pra você. Se eles puder, o que eles não pode eles fala. Remédio, enfermagem. Tudo isso aí.

Eu já tinha ficado um tempo na provisória. Mas era por causa que eu tava no abrigo e briguei dentro do abrigo. E eles mandaram pra lá... diz que era o castigo para esfriar a cabeça. Mas fiquei menos de um mês lá. Tá, fiquei sossegado. Senti constrangido assim, né. Que a... a mulher lá eles chamava de guardiã, era a guardiã do abrigo, ela já não gostava de mim porque eu tinha tatuagem. Daí tudo o que acontecia o BO era eu.

Aqui dentro eu já saí pra trabalhar já. É bom os agentes tira o cê. Agora mesmo eu vou começar a ir pra horta. Estão construindo uma horta aqui. O agente tira a gente pra trabalhar, sossegado. O banho de sol é legal; que a gente sai com nossos colegas, joga uma “câmera”, uma bola; bate um pingue pongue, igual agora, nós tava jogando um pingue pongue.

Ah! A gente sai, faz as atividades... fica, se a gente sai de manhã a gente volta umas 11 hora. A gente carpi, faz as coisas lá na horta. Legal! Plantar as coisas. Depois a gente mesmo vai poder ir lá e colher o que a gente mesmo plantou. Quando a gente sai de lá, a gente vai direto pra piscina. Eles deixa a gente na piscina. A gente toma banho de piscina. Ai depois volta pra cela. Ranca jambo. Legal!

Ah, vejo aqui dentro como uma mudança né. Que lá fora eu não fazia nada, não tinha interesse de nada. Só vivia na rua. Acho legal, tipo uma mudança para você para e refletir o que você podia tá fazendo lá fora e só tá fazendo aqui dentro por causa da internação. Mas é legal!

Lá fora já trabalhei num lava jato, lavando carro. É legal, bom! Já trabalhei em tapeçaria lá em Gotham City. Top também. Era ajudante, aprendi altas coisas lá na tapeçaria. Ajudante de pedreiro eu também já trabalhei. Muito bom!

Ah, os dois foi bom né. Que... aprendi, no lavador eu aprendi a lava carro, tira mancha. É, fazer altas coisas, polimento, altas coisas. Na tapeçaria foi muito mais top que eu aprendi costurar, é... mexer com couro. Hidratação de couro. Costurar. Fazer sofá, aprendi a fazer sofá, Puff. Foi muito bom assim, pra mim eu acho que foi legal que isso no futuro eu posso usar. O que eu aprendi na infância eu posso usar. Ah, posso, quem sabe, ser um tapeceiro mais pra frente. Profissional, fazer um curso (silêncio).

Aqui dentro eu ainda não estou matriculado. Por causa que ainda não fiz... não foi feito o meu documento. A minha avó não, não trouxe o dinheiro da identidade e porque já tá no fim do semestre. Já não tem como matricular, se não, vai me matricular e eu não vou passar porque eu não sei de nada. Daí ano que vem, provavelmente eu vou estudar. Acho que o estudo aqui dentro, ah, não sei. Eu acho que deve que vai ser bom. Não sei como é que é o estudo aqui dentro, se é igual lá fora.

Ficar sem estudar aqui me sinto entediado. Porque eu vejo os meninos tudo saindo pra estudar voltando alegre, com livro, e eu fico lá dentro da cela entediado. Poxa, eu podia tá estudando. Porque eu não tô indo estudar.

5 AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

As medidas socioeducativas foram instituídas com a finalidade de responsabilizar o adolescente por sua prática infracional. É importante ressaltar que a aplicação destas medidas se destina apenas aos adolescentes – que, de acordo com o ECA, são os jovens na faixa etária entre 12 anos completos até os 18 incompletos; ou seja, não são previstas aplicações de medidas socioeducativas para crianças¹⁷. As medidas aplicadas ao adolescente devem ser direcionadas ao seu aspecto pedagógico, e devem respeitar a condição peculiar do adolescente como sujeito em desenvolvimento e de direitos (BANDEIRA, 2006).

Estas medidas são aplicadas após a comprovação da prática infracional – ato infracional – pelo adolescente e de acordo com a gravidade e/ou reincidência do ato. De acordo com o artigo 3º do ECA, é considerado ato infracional a prática de crime ou contravenção penal pelo adolescente (BRASIL, 1990).

Nesta seção, apresentaremos o processo histórico de construção das medidas socioeducativas em nosso país, incluindo suas formas de aplicação e, mais especificamente, a medida de internação. Sem o intuito de esgotar tal assunto, devido aos muitos eventos importantes que ocorreram para que chegássemos à conjuntura atual, serão abordados aqui os marcos que consideramos mais importantes para serem discutidos, com a intenção de facilitar a compreensão (na contextualização histórica) e atingir o objetivo desta pesquisa.

5.1 OS CÓDIGOS DE MENORES E AS FEBEMS

Na transição do capitalismo concorrencial para a ordem monopólica, a burguesia passou a se preocupar não apenas com as infrações cometidas pelos sujeitos, mas também com aquelas que poderiam acontecer (COIMBRA; NASCIMENTO, [s.d.], p. 2). Diante desse “medo” de perder todas as suas “conquistas”, passou a defender a necessidade de uma sociedade disciplinar (FOUCAULT, 2014) e da penalidade através da detenção:

Nesse momento, os mecanismos disciplinares colonizaram a instituição judiciária. A legislação definiu o poder de punir como função geral da sociedade, exercido da mesma maneira sobre todos os seus membros, e na qual cada um deles é igualmente representado. A justiça que se dizia ‘igual’ para todos, organizada num aparelho judiciário ‘autônomo’, foi investida pelas assimetrias das sujeições disciplinares e passou a fazer da detenção a pena civilizada por excelência. Rapidamente esse processo foi ‘naturalizado’

¹⁷ Para as crianças, são previstas medidas protetivas elencadas no artigo 101 do ECA.

e a prisão-castigo assumiu logo um caráter de obvedade social (BENELLI, 2014, p. 68).

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, em função do número de adolescentes filhos de trabalhadores que transitavam nas cidades em decorrência da expansão da indústria, a burguesia passou a ver os “vícios” e a “ociosidade” como males que colocavam em risco todo o corpo social; por outro lado, os via como uma possibilidade de explorar a sua força de trabalho (FALEIROS, 2011). Para obter êxito nesta empreitada, acionou o Estado para que utilizasse intervenções públicas como estratégia que pudesse enquadrar/integrar os adolescentes “vadios” no cenário econômico e social. Foucault (2014) denomina esse enquadramento como “ortopedia social”, cuja função era produzir um exército de corpos dóceis e maleáveis menos custosos para uma sociedade.

O disciplinamento das sociedades foi “[...] organizado com base nos meios de confinamento” (LIMA, 2009, p. 41) da família, da fábrica, do hospital e da prisão. Esses espaços institucionais se constituem em micropoderes, os quais utilizam os dispositivos disciplinares que hierarquizam os poderes de vigilância e, concomitantemente, as penalidades. Espaços em que, conforme Goffman (1987), o indivíduo é separado da sociedade por um tempo e sua vida é, formalmente, administrada pela instituição; seu “fechamento” se dá pela barreira que separa o mundo externo do interno ao espaço institucional.

Até o século XIX, subsistia o cunho da indiferença; crianças, adolescentes e adultos eram julgados pela prática de ato infracional da mesma forma, não havia tratamento diferenciado entre eles. Uma vez que ainda não existiam normativas específicas a respeito da responsabilização juvenil, crianças e adolescentes eram regidos pelo mesmo sistema e submetidos à mesma aplicabilidade da lei que os adultos (MOCELIN, 2016).

A partir da segunda fase da Revolução Industrial, evidenciou-se uma mudança de paradigma: o conceito de infância, que anteriormente era compreendido como algo restrito ao seio familiar e religioso, passou a ser uma preocupação de cunho social e de responsabilidade do Estado, com a finalidade de garantir a ordem social (RIZZINI, 1997). A preocupação com a infância e a adolescência vai, pouco a pouco, tornando-se pública. Em parte, essa mudança está relacionada à necessária formação desses dois grupos como classe trabalhadora e assalariada para sua inserção nas indústrias e fábricas da época. Entretanto, eram destinadas novas abordagens aos que se desviassem, de alguma forma, da ordem estabelecida socialmente.

No Brasil, a preocupação social em manter a ordem continuou até as primeiras três décadas do século XX, motivada pelo ideário de uma nova sociedade, moderna, industrializada

e liberal (ANTUNES, 2008). Nesse período, eclodiram movimentos nas áreas da medicina (que buscava diagnosticar possibilidades de recuperação e formas de tratamento para esses “desvios”), da educação (organização de classes especiais, com o diagnóstico das crianças “problema” e as correções possíveis), da justiça (que regulamentou a proteção, fazendo predominar a educação sobre a punição) e da filantropia (que prestava assistência aos pobres). Tais movimentos levaram à organização dos serviços jurídicos e de assistência voltados ao “salvamento” da criança que se encontrava moralmente abandonada, sob a má influência de famílias viciosas e instituições de caridade (RIZZINI, 1997).

De acordo com Rizzini (1997, p. 31), para a lógica salvacionista dos reformadores da época, “Educar a criança era cuidar da nação; moralizá-la, civilizá-la”. Cuidar da criança e vigiar a sua formação moral era salvar a nação. A ideia de “salvar a criança” para ser o futuro da nação, tratando-se da criança pobre, resultava em “[...] educá-la para moldá-la para a submissão” (RIZZINI, 1997, p. 35). Segundo a autora, neste período predominou o investimento jurídico-assistencial à infância, em detrimento de uma política de educação de qualidade para todos. A educação, por sua vez, fortemente influenciada pelas concepções escolanovistas e eugenistas da época, entendia ser sua tarefa corrigir comportamentos inadequados oriundos de uma cultura popular agressiva e pouco estimuladora¹⁸. Os investimentos na melhoria das escolas públicas e na ampliação do acesso das crianças mais pobres ficavam em segundo plano no direcionamento do Estado.

Ainda nas décadas iniciais do século XX, as leis brasileiras faziam parte da estratégia para educar o povo e sanear a sociedade. O intuito das leis era conter os filhos insubordinados daquelas famílias que não conseguiam fazê-lo. Assim, entregues à tutela do Estado, prevenia-se a desordem. Isso acontecia quando a família ou o filho passavam à ociosidade, e não ao trabalho, estando, portanto, sujeitos à contaminação pela imoralidade que levaria à criminalidade. O trabalho era considerado uma forma de evitar a prática de crimes, justamente por fazer com que o indivíduo saísse do ócio (RIZZINI, 1997). Em relação aos que podiam trabalhar, mas não o faziam – os chamados “vagabundos” –, cabe ressaltar o forte processo de criminalização a que foram submetidos, uma vez que, conforme Castel (1998) aponta,

¹⁸ Patto (1992) critica em seu texto o pensamento preconceituoso e estereotipado de Cardoso (1949) sobre as famílias das crianças pobres. Para Cardoso, estas famílias desconstruíam o ensino moral que a escola ensinava, pois para ela o ambiente familiar em que as crianças estavam inseridas ensinava-lhes o comportamento amoral e antissocial. Patto (1992, p. 111) ainda reforça que este raciocínio estava embasado na teoria da carência cultural, que se referia a “[...] que o ambiente familiar na pobreza é deficiente de estímulos sensoriais, de interações verbais, contatos afetivos entre pais e filho, de interesse dos adultos pelos destinos das crianças [...]”. Por fim, o grande problema anunciado à época era de que faltava apoio em casa, o que prejudicava o desenvolvimento da criança.

questionavam de forma incisiva a ordem político-social estabelecida, pondo a coesão social em risco.

Em 1921 foi promulgada a Lei Orçamentária Federal nº 4.242, que autorizou o governo a organizar um serviço de proteção e assistência ao “menor”¹⁹ abandonado e delinquente (BRASIL, 1921). A partir daí, foi criado o Juizado Privativo de Menores da Capital Federal (Decreto Federal nº 16.272, de 20 de dezembro de 1923.), primeira instituição estatal voltada para a assistência a crianças abandonadas física e moralmente.

Quatro anos depois, foi aprovada a primeira lei brasileira específica para a criança e o adolescente que cometia alguma contravenção ou crime: o Código de Menores “Mello de Mattos” (1927). Este Código (Decreto Legislativo nº 17.943–A, de 1º de dezembro de 1926) previa a prisão do menor de 18 anos que tivesse cometido alguma infração. O Código não fazia diferenciação entre o menor *infrator* e o menor *carente*: ambos eram classificados como “menores em situação irregular”. Logo, qualquer jovem que vivesse na rua ou em condições consideradas irregulares era apontado como possível infrator, o que justificaria o seu recolhimento.

Para corrigir os *menores*, eram acionados os saberes da medicina e do direito, mas também algumas práticas recorrentes como as que aconteciam no campo da filantropia. Enquanto a medicina diagnosticava as possibilidades de recuperação e tratamento da infância, cabia à justiça regulamentar a proteção da criança e da sociedade, fazendo prevalecer a educação sobre a punição; a filantropia, em substituição à antiga caridade, cumpria a missão de assistir aos pobres e desvalidos, em associação às ações públicas, como apoio à família, creches, ações básicas de saúde, entre outros (VALENTE, 2013). Tratava-se de um Código que estava em consonância com as ideias higienistas da época – de limpeza social, controle e proteção da sociedade –, amparadas numa visão jurídica repressora e moralista (FALEIROS, 1995).

Foi durante o Estado Novo, em 1940, com o amadurecimento da estrutura do Estado, que o projeto liberal industrializante se fortaleceu, marcado pela crise econômica engendrada internacionalmente e pelos problemas da economia cafeeira. Neste período, o governo federal adotou a alternativa de internação dos menores, combinando a repressão policial com

¹⁹ De acordo com Anjos e Rebouças (2014), o termo “menor” referia-se a crianças e adolescentes pobres, que representavam um perigo social e moral para as classes privilegiadas, ou seja, eram considerados sujeitos com potencial criminoso devido à ausência de meios econômicos. A existência desse termo é histórica. Em 1890, com o Código Penal, foi definido que as crianças de até nove anos eram inimputáveis. Dos nove aos 14, havia a possibilidade de reconhecer inimputabilidade comprovada a ausência de discernimento. Com o Código de Menores de 1927, foi reconhecido o controle sobre a infância desvalida, atribuindo a estes o termo menor (carentes de família e abandonados). Para melhor compreensão, ver: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=fec16d1d594dae3d>.

assistência social, criando, nesse sentido, o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) por meio do Decreto-Lei nº 3.799, em 1941. Conforme Rizzini e Rizzini (2004), isso mostrou apenas o caráter punitivo do Estado no trato da questão, uma vez que o “[...] seu sistema baseava-se em internatos (reformatórios e casa de correção) para adolescentes autores de infração penal e de patronatos agrícolas e escolas de aprendizagem de ofícios urbanos para os menores carentes e abandonados” (SARAIVA, 2005, p. 42-3). Esse caráter punitivo era demonstrado pelo autoritarismo exercido pelo Estado, que aplicava a internação desses menores em instituições punitivas/repressivas sem sequer haver uma sentença ou a definição do tempo de internação – tudo isso com o objetivo de apreender aqueles que eram uma ameaça à sociedade (ociosos e delinquentes), com base na ideologia preventiva (RIZZINI; RIZZINI, 2004).

O SAM era responsável pela fiscalização e organização do atendimento dos abandonados e dos autores de infrações sob o regime de internação, visando à segurança nacional. Entretanto, conforme Cossetin e Lara (2016), não foram percebidos avanços ou melhoras com a criação do órgão; pelo contrário, foram observadas as mesmas práticas e tratamentos²⁰ contra crianças e adolescentes. De acordo com os autores, “o que se observa no período de coordenação do SAM são as mesmas práticas e tratamentos às crianças e adolescentes, categorizando-os, responsabilizando-os e atendendo-os por meio da segregação social” (COSSETIN; LARA, 2016, p. 7).

Com a adoção do pacote modernizante pelo Estado brasileiro, a sociedade e a economia passaram por mudanças substanciais. Verificou-se, neste período, o engajamento do poder público nas atividades produtivas. Por outro lado, as desigualdades sociais reiteraram-se ou agravaram-se (IANNI, 2004). Neste cenário, em que a autocracia burguesa se enriquecia com a implantação do governo civil-militar em 1964, o governo resolveu administrar o “problema do menor” sob o manto da ideologia da segurança nacional por meio da Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM).

No ano de 1964, foi criada a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM – Lei nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964), cujo objetivo era formular e implantar a PNBEM em todos os estados da federação. A partir da FUNABEM, foram criadas as Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor (FEBEM), sistema de internação direcionado aos menores em situação irregular. A função da FUNABEM era

²⁰ As práticas referem-se a torturas, violências, drogas, abusos sexuais e outros. Sobre o tratamento, refere-se à política de institucionalização, correspondendo a um sistema penitenciário para aqueles que eram menores de idade (COSTA, 2012).

[...] velar para que a massa crescente de “menores abandonados” não viesse a transformar-se em presa fácil do comunismo e das drogas, associados no empreendimento de desmoralização e submissão nacional. [...] Desse ponto de vista, a “questão do menor” interessava à segurança nacional, não só pela eventual canalização do potencial do “sentimento de revolta” dessa juventude “marginalizada” pelos movimentos de contestação do regime, mas, também, tendo em vista os efeitos da dilapidação do seu potencial produtivo para o processo de desenvolvimento (RIZZINI; PILOTTI, 2011, p. 27).

Em 1979, foi promulgado pela Lei nº 6.697 o Segundo Código de Menores (BRASIL, 1979), que ratificou a noção do “menor em situação irregular” – que concebia a questão da adolescência marginalizada como um problema de “patologia social”²¹ (RIZZINI; PILOTTI, 2011). Com essa visão, evidencia-se que o Estado não avançou para a proteção da criança e do adolescente, uma vez que estava voltado unicamente à classe de menores que estivesse nessa situação irregular, e não às demais, que estivessem na situação “regular” – isto é, no contexto familiar e socioeconômico estável. De acordo com Kaminski (2002), o Estado, ainda nesse momento, não atuava em prol da proteção dos direitos desses menores, mas tentava “resgatá-los” da marginalidade; ocorria uma evidente contradição: disfarçada pelo discurso de proteção, a prática do Estado era realizar uma limpeza social.

Além disso, o processo a que crianças e adolescentes eram submetidos era inquisitorial, ou seja, a “[...] verdade material se sobrepunha aos direitos da pessoa humana, colocando a criança como mero objeto da análise investigatória” (ARRUDA, 2016, p. 478). Portanto, a aprovação tanto do Código de Menores de 1927 quanto do Código de 1979 demonstra uma relação dialética entre a ação e o discurso no controle e na neutralização da pobreza por meio da internação em estabelecimentos disciplinares. A opção pelo enclausuramento, além de ocultar os efeitos sociopolíticos deletérios da miséria, oprimia e ocultava as classes perigosas e seus filhos do capital – ou seja, os inúteis, os indesejados eram sujeitos em potencial para a perpetuação da insegurança social.

Naquele contexto, vários países da Europa e dos Estados Unidos²² já possuíam reformatórios juvenis que visavam à prevenção da criminalidade (ZANELLA; LARA, 2015).

²¹ Segundo Santos e Junior (2012), o termo “patologia social” referia-se àqueles que se enquadravam no artigo 2º do referido Código: “Para os efeitos deste Código, considera-se em situação irregular o menor: I - privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, ainda que eventualmente, em razão de: a) falta, ação ou omissão dos pais ou responsável; b) manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las; II - vítima de maus tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável; III - em perigo moral, devido a: a) encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes; b) exploração em atividade contrária aos bons costumes; IV - privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável; V - Com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária; VI - autor de infração penal” (BRASIL, 1979).

²² O início do sistema de justiça juvenil ocorreu nos Estados Unidos em 1899, expandindo-se para a América Latina no século XX, ao final da Primeira Guerra Mundial. Já havia discussões nos Congressos Internacionais das

A lógica predominante era tirar do convívio social crianças e jovens que estavam propensos à “criminalidade” e levá-los a uma instituição que, em tese, evitaria a prática “criminosa” e/ou “reformasse” aqueles que já haviam praticado ilicitudes. De certa forma, os reformatórios tiravam a liberdade dos meninos por meio da institucionalização como forma de realizar uma “limpeza e/regular social”, na busca de manter a ordem social (ZANELLA; LARA, 2015; RIZZINI, 1997).

É importante lembrar que até então, no Brasil, lidar com os “menores” em conflito com a lei era responsabilidade do juiz da Vara Criminal; eles eram submetidos a processos penais como os adultos. O Código dos Menores forneceu uma “[...] base legal a toda e qualquer ação referente aos menores abandonados, delinquentes ou em situação de o ser” (ZANELLA; LARA, 2015, p. 116). A partir daí, todas as crianças ou adolescentes “delinquentes” ou em situação de abandono seriam subjugados pela autoridade competente a respeito da aplicação das medidas de assistência e proteção, incluindo recolhimento em instituições.

A assistência tinha como objetivo levar a criança à prevenção, educação, recuperação e repressão. Os objetivos dos reformatórios eram vigiar o infante, prevenindo sua degradação, que causaria desordem na sociedade (prevenção); educar a criança pobre, *moldando-a para o trabalho e educando-a para as regras da sociedade* (educação); recuperar o “menor”, isto é, por meio do trabalho e da instrução, retirá-lo da criminalidade tornando-o útil à sociedade (recuperação); e, por fim, repreender o “menor delinquente”, contendo-o, impossibilitando-o de provocar outros danos (RIZZINI, 1997). Trindade (1999) afirma que o objetivo dos reformatórios era de “salvar” esses inocentes abandonados da “perdição”.

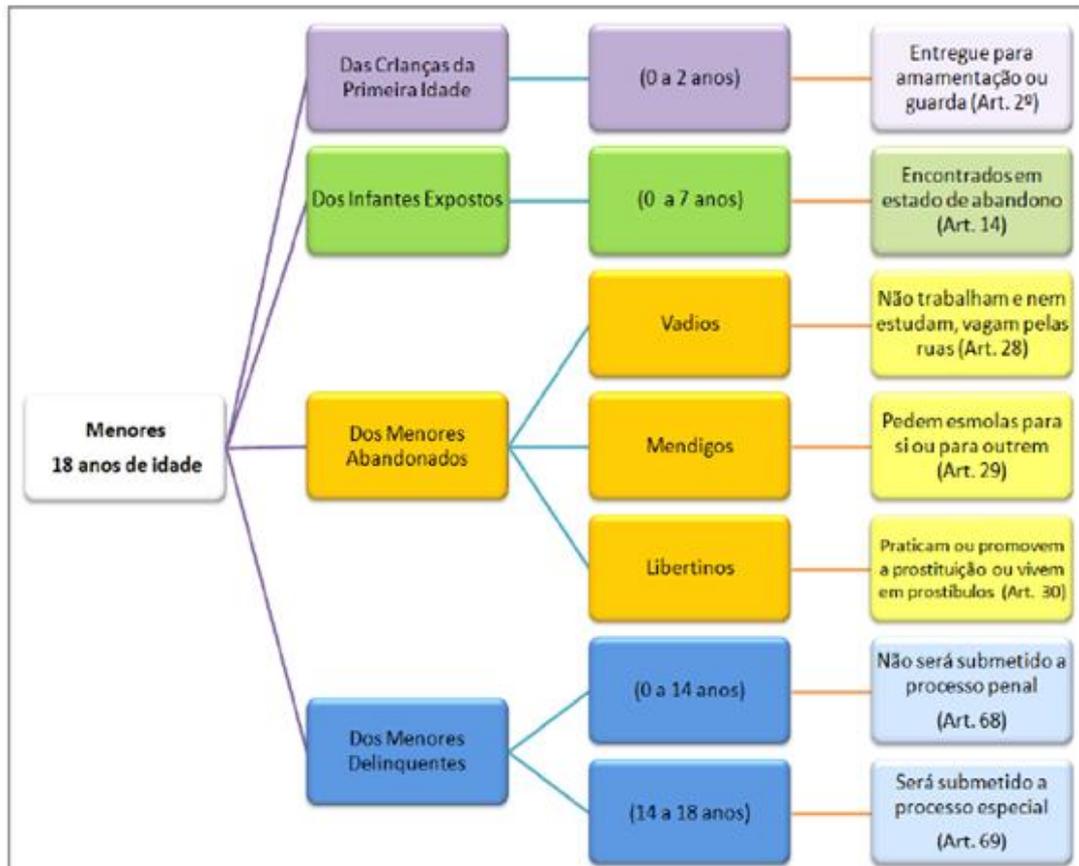
5.1.1. Os menores do Segundo Código de Menores

O Código de Menores de 1979 vigorou por muito tempo no país e, como documento público, expressa a compreensão vigente do Estado a respeito de quem eram esses *menores* e de como deveriam ser tratados pelas políticas públicas. Destacamos, agora, elementos importantes desse documento, tendo em vista que caracterizam um discurso que ainda circula na sociedade e que produziu a relação entre pobreza e criminalidade.

Prisões sobre a forma de tratamento diferenciado que deveria existir para os adultos e os mais jovens. No oitavo Congresso, em 1910, ficou decidido que os menores de 18 anos deveriam ser separados dos adultos no cumprimento de pena, pois como apresentado acima, a criança era tida como “moldável” para a busca da ordem social. Com a criação de reformatórios, as crianças eram institucionalizadas evitando a expansão do conflito; a ideia era de proteger as crianças como uma forma de controle social (ZANELLA; LARA, 2015).

Para melhor compreendermos a distinção do “menor” do Código de Menores, segue a figura 1, abaixo:

Figura 1 - O Código de 1927 e suas subdivisões etárias



Fonte: Zanella e Lara (2015).

Notamos que os menores de 18 anos eram subdivididos em alguns grupos: 1) “Crianças da primeira idade” (0-2 anos), que poderiam ser entregues à amamentação ou à guarda como formas de medidas protetivas; 2) “Infantes expostos” (0-7 anos), configurados por estarem em estado de abandono, inclusive por participarem da Roda dos Expostos²³; 3) “Menores abandonados”, como vadios, mendigos e libertinos; os vadios eram os que não estudavam e nem trabalhavam, mas viviam pelas ruas; os mendigos eram aqueles que pediam esmolas para

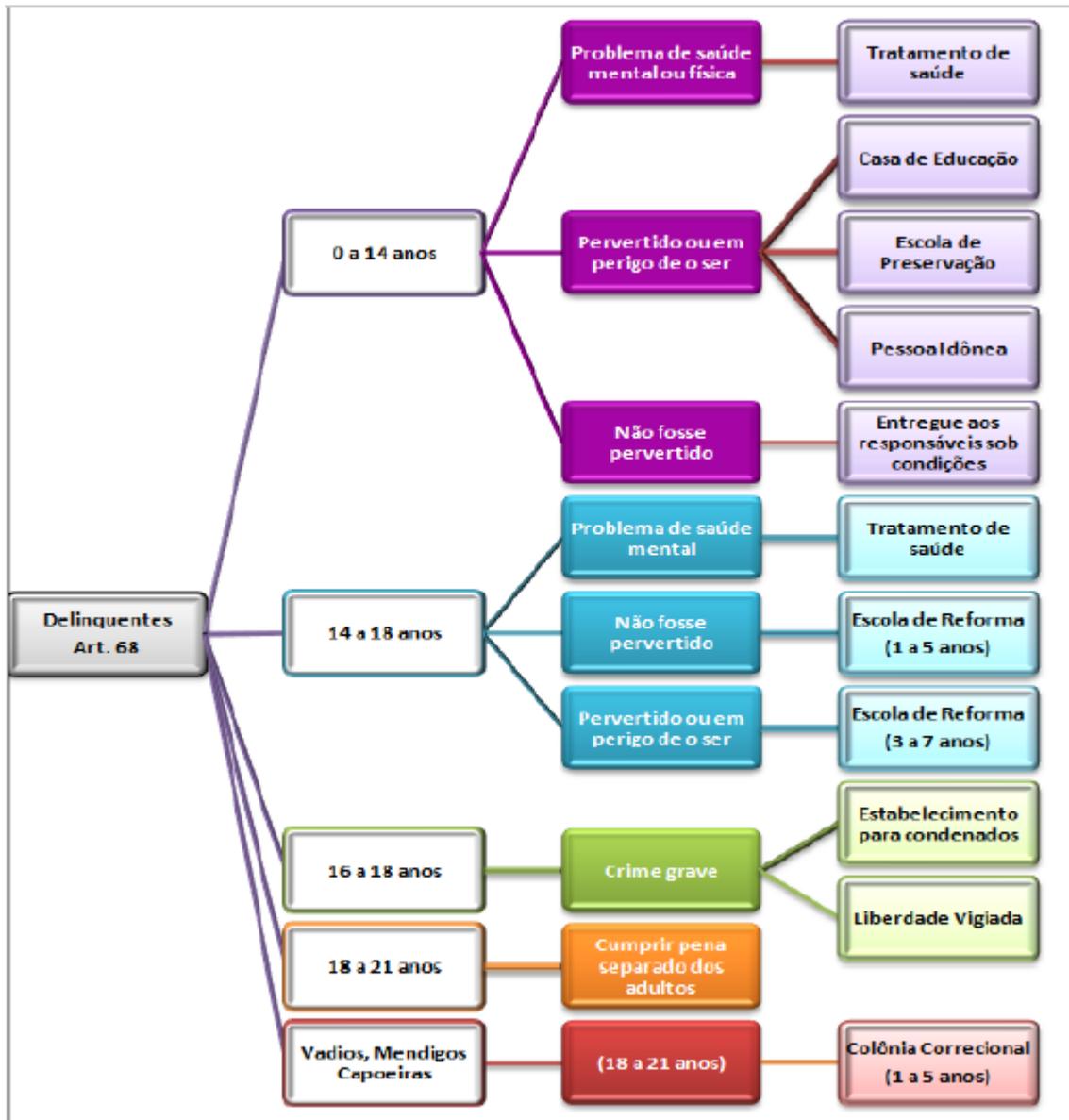
²³ “Roda dos Expostos”, inicialmente, era uma das formas que a população tinha de ajudar os conventos com alimentos, remédios e mensagens. Constituíam-se de uma caixa cilíndrica, que girava sobre um eixo vertical. Depois de posta a doação, girava-se a roda e a parte externa adentrava no interior da instituição, mantendo o anonimato do doador. Depois, a roda passou a ser utilizada frequentemente como forma de abandonar a criança indesejada ou deixadas pelas mães pobres que não possuíam condições econômicas para criá-las, confiando às freiras a criação de seus filhos. Dessa forma, as rodas passaram por uma adaptação para receber as crianças, já que, inicialmente, eram destinadas a doações, e não ao abandono/à entrega de crianças. Por esta razão, ficou conhecida como Roda dos Expostos. No Brasil, essa prática teve início a partir do século XVII; o primeiro registro é da Bahia, em 1726 (TRINDADE, 1999).

si ou para outros; os libertinos eram os que praticavam ou promoviam atos libidinosos, ou vivam em prostíbulos ou em atos de prostituição; e 4) “Menores delinquentes, que se dividiam entre 0 e 14 anos e que não eram submetidos ao processo penal, cabendo a eles apenas serem ouvidos pelo juiz, que colheria as informações necessárias e os submeteria a avaliações de seu estado mental, físico e moral, com o intuito de verificar sua consciência ou não da infração praticada – Artigo 68 do Código –; e aqueles que possuíam entre 14 e 18 anos, que eram submetidos a processo especial²⁴ – Artigo 69 do referido Código.

Em relação aos *delinquentes*, as medidas aplicadas a eles foram descritas na figura 2, elaborada pelas referidas autoras. Caso algum deles incorresse num ato considerado de delinquência, caberiam os seguintes encaminhamentos, conforme as diferenças entre idades e tipos de atos infracionais:

Figura 2 – O Código de 1927 e as medidas aplicadas aos delinquentes

²⁴ Configurava-se em processo especial por estar previsto no Código de Menores, e não no Código Penal da época.



Fonte: Zanella e Lara (2015).

Conforme este Código de Menores, os perversos eram os “menores” que repetiam a infração penal de mesma natureza ou que praticavam outra infração; eram equiparados a “menores moralmente perversos” ou com persistente tendência à prática do delito (BRASIL, 1927). Aqueles que viviam em condição de pobreza eram considerados em situação de perigo, pois poderiam se tornar perversos²⁵. Com relação aos lugares para onde eram encaminhados os “menores”, seguiam-se os critérios de idade, sexo e situação de saúde. Por exemplo, crianças com problemas de saúde eram encaminhadas para tratamento de saúde. As “menores” eram destinadas à Escola de Preservação, em que receberiam educação física, moral, profissional e

²⁵ De acordo com o site *Meus dicionários*, a palavra perverso vem do latim *perverter* e designa alguém que é imoral, libertino e devoto. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/perverso>.

literária. Os ensinamentos regulamentados em lei eram de costura e trabalho de agulha, lavagem de roupa, engomagem, cozinha, manufatura de chapéus, datilografia, jardinagem, horticultura, pomicultura e criação de aves. Já os “menores” eram enviados à Escola de Reforma, visando à regeneração pelo trabalho, pela educação e pela instrução. Aqui, é possível observar objetivamente as distinções operadas pela divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007): os trabalhos relacionados à esfera da reprodução doméstica da vida eram destinados às mulheres; aos homens, o trabalho de produção.

Havia outra medida aplicada, a liberdade vigiada; de acordo com o artigo 92 do Código, o “menor” ficava sob a responsabilidade dos pais, tutor ou guarda, e também sob a vigilância de um juiz, não excedendo o prazo de um ano, e deveria comparecer em juízo nos dias e horas estabelecidos (BRASIL, 1927).

É importante notar que, para a época, esse Código foi um avanço no que se refere aos direitos da criança e do adolescente devido à diferenciação entre o grupo crianças/adolescentes e o grupo dos adultos. A separação entre “menores” e adultos foi uma das motivações para que o Código fosse elaborado; desse modo a institucionalização era vista como forma de tratamento e prevenção, com o intuito de “salvar as crianças”²⁶ da criminalidade (RIZZINI, 1997), crença que permaneceu por algum tempo.

Rizzini (1997) destaca que, mesmo com essa distinção, crianças e adolescentes não eram reconhecidas como sujeitos de direitos, como o são atualmente. Com relação ao tratamento recebido, principalmente por crianças e adolescentes mais pobres, a autora ressalta que eles eram considerados potenciais criminosos. Como já dito anteriormente, a ideia que vigorava à época era a da limpeza social, agora regulamentada pelo Estado por meio do Código de Menores. Outra crítica da autora, já mencionada, diz respeito ao fato de que tanto os delinquentes quanto os abandonados eram postos num mesmo local, sem a devida assistência que deveriam receber de acordo com a situação vivenciada por eles.

O Código de Menores “[...] visava ao saneamento moral da sociedade a incidir sobre o pobre. Tornam-se politicamente viáveis ao servir a função regulatória de enquadrar os indivíduos, desde a infância, à disciplina e ao trabalho” (RIZZINI 1997, p. 207). As instituições a que crianças e adolescentes “delinquentes” eram destinados visavam à sua “recuperação” por meio do ensino pelo trabalho; lembramos que essa instrumentalização pelo trabalho (manual ou braçal) cabia apenas a crianças e adolescentes pobres (considerados “menores”), que

²⁶ A ideia central de “salvar a criança” tem origem na crença de que a criança pobre teria herdado de seus pais as “células viciosas” que a tornariam um “monstro”. “Salvar a criança” era uma missão religiosa, familiar e política, com o intuito de defender a sociedade para manter a ordem e a paz social (RIZZINI, 1997).

deveriam ser regidos pelo Código – isto é, estar sob o cuidado do Estado, que assumia o papel de educar e corrigir os comportamentos de crianças e adolescentes de famílias pobres (COSSETIN; LARA, 2016). Este Código não se aplicava às crianças ricas, pois elas estavam inseridas em seu contexto familiar e socioeconômico estável, o que lhe garantia acesso aos serviços de educação e saúde para o seu bom desenvolvimento; essas crianças recebiam educação com o objetivo de dirigir a sociedade

5.2 DAS FEBEMS AO ECA

Com o novo processo político de redemocratização vivenciado pelo Brasil nos anos de 1980, inicia-se a construção de uma nova concepção sobre a infância e a adolescência, que ganha força e destaque com a promulgação da Constituição Federal (CF) em 1988 – conhecida como “Constituição Cidadã” (SANTOS; JUNIOR, 2012).

Ainda na década de 1980 e 1990,

[...] as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça de Menores, as Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil e as Regras Mínimas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade, passaram a formar um corpo de legislação internacional. Esse corpo legislativo integra a denominada “Doutrina das Nações Unidas de Proteção Integral à Infância”, que vinculou países signatários, entre os quais o Brasil²⁷.

A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito da Criança, realizada em 1989, reconheceu os direitos fundamentais aos seus destinatários e comprometeu os Estados que são signatários a garanti-los. Assim, em 1990, em acordo com o artigo 227 da Constituição Federal, foi aprovada a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que passou a entender a criança e o adolescente como sujeitos de direitos (SANTOS; JUNIOR, 2012).

O artigo 227 da CF evidencia que:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

²⁷ As Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça de Menores foram aprovadas em 1985, representando o primeiro instrumento internacional sobre a infância e a adolescência. São conhecidas também como Regras de Beijing (SANTOS; JUNIOR, 2012).

Diante dessa garantia conquistada pela Constituição Federal, o ECA reforça e busca validar os direitos, preconizando-os e estabelecendo punições àqueles que violarem os direitos da criança e do adolescente.

Se antes crianças e adolescentes eram “patologias sociais” e/ou “delinquentes”, marcados pela ausência de direitos, o ECA representa uma virada de paradigma em relação às normas anteriores, especialmente na forma de tratamento destinado a eles. Conforme Codinhoto (2014, p.16), o ECA “[...] refere-se a um conjunto de normas pertencentes ao ordenamento jurídico brasileiro, cujo objetivo visa à **proteção da criança e do adolescente** [...]” [grifo nosso]. Surge, portanto, uma nova concepção a respeito destes sujeitos, antes negligenciados pela sociedade e renegados pelas disposições do ordenamento jurídico anterior (BARBOSA, 2009). O ECA legitima uma forma de pensar a criança e o adolescente como titulares de direitos, mesmo aqueles que antes não o eram, o que culmina num novo direcionamento para as políticas públicas de proteção social, educação e saúde desta população.

Entre as novas concepções que são trazidas pelo Estatuto, Mendéz (s.d.) destaca a diferenciação entre criança e adolescente. Passa-se a entender a criança como a pessoa com idade entre zero e 12 anos incompletos e por adolescente aqueles e aquelas com idade entre doze e dezoitos anos incompletos. Demarcar as idades que diferenciam um grupo do outro é importante, pois vem acompanhado da ideia de que são estes sujeitos de direito em pleno desenvolvimento, conforme suas especificidades biopsicossociais que são diferenciadas entre si. Dessa forma, todas as políticas públicas voltadas para estes grupos, de acordo com suas necessidades de desenvolvimento, deveriam resguardar integralmente os direitos à educação, à cultura, ao lazer, ao esporte, à saúde, à profissionalização e à proteção ao trabalho, à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Para Sousa e Freitas (2012), o ECA também trouxe a inimputabilidade penal para os menores de 18 anos. Ou seja, o adolescente não pode ser penalizado de acordo com o Código Penal Brasileiro pela prática de um ato infracional – no entanto, será aplicada a ele uma medida socioeducativa que busque compreender sua prática e contribuir para sua não reincidência esta. Segundo os autores, o Estatuto ainda dispõe sobre a responsabilidade da família, da sociedade e dos Estados de garantir todos os direitos estabelecidos em seu texto com dignidade a todas as crianças e adolescentes.

É importante contrapor que, mesmo que o ECA tenha trazido avanços significativos na política de proteção a crianças e adolescentes, ele é pautado numa lógica liberalista de igualar o que é desigual em todos os aspectos – sociais, econômicos, culturais e históricos. E essa

distância entre os desiguais tende a aumentar no neoliberalismo (COIMBRA; NASCIMENTO, 2004). Esse tratamento faz com que todos os adolescentes sejam equiparados e julgados sem ser avaliado o contexto social em que cada um está inserido; isso pode levar ao erro de naturalizar a adolescência como rebelde, impulsiva e outros comportamentos. A lógica liberal e neoliberal é de que todos, pobres ou ricos, tenham um mesmo comportamento, principalmente quando se trata da meritocracia, tema que será abordado mais à frente.

Embora se tenha buscado validar os direitos do adolescente, há ainda um abismo que separa o que está previsto em lei da efetivação destes direitos. De acordo com Sousa e Freitas (2012, p. 3), isso ocorre pelas “[...] continuidades profundas no processo de criminalização do adolescente, sobretudo daqueles que provem de famílias de menor poder aquisitivo”, e revela que há desigualdade na forma de tratamento entre as classes, o que promove a crença de que a criminalidade está associada à juventude pobre. Esse pensamento de criminalização da adolescência pobre envolve, diretamente, o tratamento destes jovens; desta forma, a prática da criminalidade acaba sendo considerada uma decisão pessoal do adolescente que praticou um ato infracional e que não optou por estudar e/ou trabalhar numa atividade informal para sair da pobreza.

Além dos direitos garantidos e previstos, o ECA também regulamenta a aplicação de medidas socioeducativas para os adolescentes que praticaram algum ato infracional. No estatuto, as medidas figuram como garantidoras de direitos destes adolescentes, pois visam levá-los a usufruir daqueles que lhes foram violados, ao contrário da visão observada nos outros Códigos. Conforme já citado, as medidas anteriormente impostas, com base nos Códigos de Menores, visavam à “reformação” dos “menores” por meio de estabelecimentos de internação. De acordo com o artigo 65 do Código de 1927, as medidas seriam revistas de três em três anos. Se lá se tratava de punir e moralizar, aqui, pelo ECA, se trata de garantir direitos.

Atualmente, as medidas socioeducativas são consideradas formas de atuação do Estado sobre o adolescente que praticou ato infracional, auxiliando-o a retomar seu processo de escolarização e possibilitando sua capacitação para o trabalho, visando à sua ressocialização (BRASIL, 1990). O adolescente que cumpre medida socioeducativa terá direito a acompanhamento técnico e assistencial, que deverá considerar seu contexto social e familiar (BRASIL, 2012).

Para que as medidas pudessem ser efetivadas, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) estabeleceram o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Esse documento, apresentado primeiramente em 2006, visa

constituir parâmetros objetivos que exaltem a natureza pedagógica da medida socioeducativa. Seu objetivo também foi contrastar a eficácia da aplicação da medida, pois se percebeu que aumentar a rigidez da medida não vinha contribuindo com a ressocialização; objetivou-se, ainda, reduzir a crescente internação de adolescentes.

O SINASE busca complementar o ECA com uma política de inclusão social do adolescente que praticou ato infracional, considerando a intersetorialidade e a corresponsabilidade entre família, sociedade e Estado (SOUSA; FREITAS, 2012), normatizando o funcionamento das entidades de atendimento com responsabilidades, recursos humanos, infraestrutura, critérios de separação entre adolescentes, dentre outros. Em 2012, a presidente Dilma Rouseff assinou a Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, que institui o SINASE e regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas aos adolescentes que praticaram atos infracionais. De acordo com o seu artigo 1º, parágrafo 1º, esta lei é

[...] o conjunto de ordenamento de princípios, regras e critérios que envolvem a execução de medidas socioeducativas, incluindo-se nele, por adesão, os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todos os planos, políticas e programas específicos de atendimento a adolescente em conflito com a lei (BRASIL, 2012).

Isto é, o SINASE é o documento que rege a aplicação das medidas sejam em meio aberto, seja em meio fechado. Assim, como distingue as responsabilidades das medidas para cada governo, uma vez que as medidas em meio aberto são de responsabilidade dos municípios e do Distrito Federal e a medida em meio fechado de responsabilidade dos estados e também do Distrito Federal.

5.3 A APLICAÇÃO DA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente instituiu sete medidas socioeducativas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade, internação e as que estão previstas no artigo 101, incisos I a VI²⁸ (BRASIL, 1990).

²⁸ I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II- orientação, apoio e acompanhamento temporários; III- matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV- inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI- inclusão em serviços e programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; e VII- acolhimento institucional (BRASIL, 1990).

A medida socioeducativa de internação (MSI) “[...] constitui medida privativa de liberdade sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento” (BRASIL, 1990, p. 78). De acordo com o artigo 121 do ECA, o adolescente é sentenciado a cumprir por tempo indeterminado, não superior a três anos, a medida socioeducativa em um estabelecimento educacional destinado a adolescentes, distinto daquele destinado ao abrigo. A MSI é aplicada pelo juiz da Infância e Juventude nos casos citados no artigo 122, também do ECA. São eles: quando praticado ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa; por reiteração na prática de outras infrações graves; e por descumprimento reiterado e injustificável da medida anterior imposta (BRASIL, 1990).

Por entender que o adolescente está num processo de desenvolvimento, deve-se permitir que todas as condições materiais e afetivas sejam propiciadas para o bom resultado de seu crescimento durante o cumprimento da medida – portanto, deve ter acesso à educação, à convivência familiar, à saúde, ao esporte e ao lazer, à cultura e, ainda, acesso à profissionalização. Deve também ser respeitado em razão de sua etnia, gênero, nacionalidade, classe social, orientação religiosa, política ou sexual, sem discriminação (BRASIL, 2012).

Entretanto, em relação à MSI, a tentativa de ressocializar o adolescente ocorre dentro de um limite importante e muito concreto que é a privação de liberdade. Para Padovani e Ristum (2013, p. 972), a “[...] internação implica uma descontinuidade que lhes assegura uma chance de rever o caminho trilhado até o momento da apreensão. Por conseguinte, essa parada promove, na maioria dos casos, uma ruptura na vida infracional”.

Todavia, Scisleski *et al.* (2015) destacam que, na prática cotidiana da justiça de base punitiva²⁹, os adolescentes que cumprem medida de internação têm suas liberdades tolhidas com o objetivo de regulá-los por meio de mecanismos punitivos e disciplinares. Ou seja, passado quase um século do primeiro Código de Menores, a ideia de controle, punição e disciplina ainda está presente no cotidiano brasileiro e nas formas de pensar os adolescentes em conflito com a lei.

Nas palavras de Michel Foucault (2014, p. 16):

²⁹ Contudo, há discussões sobre a prática restaurativa que se contrapõe à prática punitiva – justiça retributiva – das medidas socioeducativas. O SINASE estabelece, em seu artigo 35, a prioridade de práticas ou medidas restaurativas, com o intuito de atender às necessidades das vítimas que sofreram consequências por práticas infracionais. A justiça restaurativa configura-se com o encontro entre vítima e ofensor, em que devem ser mantidos valores como voluntariedade, responsabilidade, verdade e empoderamento, com fim de resolver o conflito ou efetivar a conciliação/reconciliação (FERRARI; NASCIMENTO; MARTINS; NEVES, [s.d.]).

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. (...) O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

Na conjuntura atual, não há uma grande diferenciação daquela vivida nos anos de 1920. Hoje, o adolescente que praticou ato infracional é retirado de seu convívio social, comunitário e, principalmente, familiar – e posto em um centro de internação. Retira-se sua liberdade e, de certa forma, são violados alguns de seus direitos estabelecidos no ECA, como a proteção contra maus-tratos. Moreira (2011) argumenta que, mesmo com a existência do ECA, as práticas de maus-tratos ainda são frequentes, vislumbrando uma reeducação pela punição.

Essa ideia de “punição” é construída historicamente, conforme apresentado por Foucault (2014). Mesmo que não possam ser aplicadas penas corporais, o Estado é obrigado a aplicar a privação de liberdade como substituição dos suplícios ocorridos anteriormente. Os castigos passaram a ser a perda de um bem ou de um direito – neste contexto, o direito à liberdade dos adolescentes. O comportamento do adolescente torna-se vigiado e controlado não só pela internação, mas pelas “medidas de segurança”, que se destinam a “[...] controlar o indivíduo, a neutralizar sua periculosidade, a modificar suas disposições criminosas [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 23).

Há uma dissonância entre a garantia de direitos dentro da privação de liberdade, pois mesmo que o Estado busque garantir os direitos dos adolescentes durante o cumprimento de MSI, é possível notar a prevalência da lógica disciplinar e punitiva atribuída pela internação, já que o adolescente perde sua liberdade e sua convivência familiar diária e comunitária. De um lado, há a educação e a busca pela capacitação ao trabalho; do outro, há a punição e a disciplina.

6 JOAQUIM: estudar e trabalhar para ser “alguém na vida”

Joaquim foi o terceiro a ser entrevistado. Fizemos a proposta a ele após termos explicado o objetivo da pesquisa; após seu consentimento, acionamos sua responsável, que deu seu aval. Assim, a entrevista foi agendada para o dia 5 de dezembro de 2018. No dia marcado, demos início à entrevista às 9 h. Joaquim demonstrou-se bastante tímido, mesmo sendo nós, os psicólogos, que o acompanhávamos durante a internação. Imaginamos que poderia ser por se tratar de uma entrevista gravada. Sugerimos que poderíamos escrever a entrevista, caso ele ficasse mais à vontade. Porém, ele respondeu que não havia problema de ser gravado. Deste modo, demos início ao diálogo, mas foi necessário que fizéssemos mais perguntas na tentativa de que ele explanasse sobre sua história. Percebemos que ele esperava de nós os questionamentos, pois não sabia ao certo o que dizer, mesmo depois da explicação do propósito da pesquisa. Durante a entrevista, tivemos a sensação de que o adolescente queria nos dizer o que seria “certo” ouvir, como se houvesse uma relação entre a entrevista e seu processo judicial. Diante dessa percepção, foi necessário lembrá-lo de que a entrevista não implicaria nada no cumprimento de sua medida. Isso fez com que repensássemos a próxima entrevista, no sentido de selecionar adolescentes que não fossem atendidos por nós. Aí está a história de Joaquim:

Quando eu era pequeno eu morava com o meu pai e minha mãe. Minha mãe era dependente química. Aí chegou um tempo em que o conselho tutelar queria levar nós. Daí minha avó não deixou e pegou a nossa guarda e levou nós para outro estado. Não lembro minha idade, minha avó que contou. Chegou lá, minha avó fez a matrícula nossa pra estudar na escola. Estudou de boa, lembro disso.

A escola era boa. Ótima: o ensino, os professores. Não lembro da professora (pensativo), não lembro. Tava no... (pensativo) primeiro ano. Foi ótimo! Aprendi muitas coisas e... (pensativo) eu tinha colegas, era bom. Depois eu topei meus amigo lá em outra escola também que eu fui estudar...lá em outra, que eu já tava no sexto. Encontrei eles lá (risos). Foi bem.

Eu morei com minha vó lá até os 13 anos de idade. Daí eu vim pra cá, pra uma cidade do interior de Rondônia. Que minha mãe... meu pai queria ir pra lá, num tem?! Mandar as passagem, porque ele queria nós de todo jeito. Ai minha avó entrou na justiça pra gente ficar com ela. Ela não conseguiu.

Daí foi e meu pai mandou as passagem. Minha vó trouxe nós. Chegando aqui meu pai matriculou nós na escola. Daí se enturmei com os outros menino e... a vida do crime.

Quando eu voltei pra cá minha mãe não usava mais drogas. Ela foi pra uma clínica, ela e meu pai. Meu pai também era usuário. Era os dois, de crack. Depois parou. Hoje graças a Deus é da igreja. Nunca vi eles usando.

O período em que morei com minha avó (paterna) foi bom. O relacionamento com ela era bom, estava melhor que aqui né?! Porque aqui eu fico brigando com meu irmão de vez em quando e eu não sei o porquê. Por causa que eu cheguei aqui meu pai, tipo assim, meu pai falava que minha mãe deixava eu muito solto, num tem?! Por causa quando eu morava com minha avó não tinha isso. Se fizesse bagunça era taca mesmo (sinal de surra com a mão) e aqui minha mãe não bate, né.

Lá eu estudei até os 13 anos. A escola era boa, as matéria. Por causa que tinha umas matérias que eu tinha dificuldade, mas os professor de lá ajudava. Tinha matemática e história. Por causa das continha né, que eu tinha dificuldade. Eles passava, ensinava, falava: tanto, tanto; ai cê multiplica por tanto e vê quantos que dá. Ai falava lá (silêncio).

Me dava bem com os professores. O relacionamento era ótimo. Era bom com os professores de lá. Estudei até os... até o... (pensativo) quinto ou foi o sexto, foi o quinto.

A relação com os colegas da classe não era muito boa não. Os meninos de lá brigava muito. Cê tentava fazer a tarefa, eles não deixava (silêncio). Tipo assim, tinha uns menino lá que era muito bagunceiro, não tem?! Ai, cê fazendo sua tarefa, eles queria bagunçar, querendo que cê bagunça também (silêncio). Brigava comigo. Falava que ia pegar na saída, mas... só falava memo. Ah! Eu ia embora. Deixava eles falando, por causa que... (silêncio). Ah, se seu ficasse lá e... falava que ia bater, mas os meninos... tinha colega lá. Ninguém ia deixar né?!

Na época em que eu morava com minha avó tinha reuniões na escola e minha vó ia; e falava que eu tirava nota baixa, os professores falava. Minha vó reagia... (riso, sinal com a mão de surra). Uma surra, né, quando chegasse em casa (riso). Eu ficava nervoso né, mas fazê o quê?! Eu começava a gritar, chorar.

Eu tirava nota baixa por causa dos menino lá. Eu me enturmo com os menino e eles não deixa eu fazer a tarefa. Tipo assim, eles fazia bagunça e chamava o cê pra fazer também e o cê ia. E durante a aula, matava aula porque eu ia com eles.

Perder as matérias era difícil né?! Por causa que se eu reprovasse ia fazer de novo. Voltar a trás. Não queria isso né. Mas naquele momento eu não pensava nisso (pensativo). Ah, porque os meninos falava que matar aula era bom. Aí chamava pra matar aula eu ia. Esquecia das matéria. Nós ia jogar bola, ficava lá na quadra, fora da escola. Por causa que a escola era assim e quadra fora da escola (demonstrou com as mãos). Ai, quando acabava a aula toda, a gente saia da quadra e ia embora (riso).

Minha avó não sabia que eu matava aula. Só depois que ela foi descobrir. Que o dia que eu fiquei lá perto de casa, eu tava matando aula lá perto de casa, ela viu minha bolsa, assim, e meu chinelo. Aí ela foi lá na escola pra ver se tava na escola, eu não tava. Eu já cheguei até dormir na rua... por causa disso. Ela queria me bater, eu não deixava e ficava na rua. Eu fugia e ficava sentado lá memo a noite toda. Eu voltava no outro dia. Que ela estava mais calma, ela deixava eu entrar pra dentro (risos). Falava só pra mim não fazer isso mais. Ixe! Isso aconteceu várias vezes. E tem outras coisas também: por causa eu não queria lavar louça. Por causa que cada um tinha seu dever. O meu lavar louça, meu irmão era limpar casa e o outro varrer o terreiro. Não gostava (risos).

Quando minha avó ficou sabendo que eu matava aula foi na escola e conversou com o diretor. Aí mandou bilhetinho pra chamar minha avó na escola. Não entregava não. Escondia. Medo, né?! (risos) De (risos) levar uma surra. Por causa que matava aula. E mandava bilhetinho pra minha mãe... pra minha avó. Eu não mostrava. Ai, (o diretor) falava que eu só entrava com minha avó na escola. Eu não mostrava. E aí eu ficava pro lado de fora. Ficou só uns dia. E depois eu mostrei o bilhetinho e ela foi lá. Ela só falou pra mim não fazer mais isso. Nunca mais fiz. Falou que seu fazesse de novo ia me dá uma surra E eu não fiz (risos). Continuei uns dia e depois parei, por causa que minha avó foi lá. Chamaram ela. E depois ficar na escola, sem ter que matar aula foi bom. Chamaram as mãe dos menino também que tava matando aula. Ai os menino ficou mais comportado e eu na minha também.

Comecei a fazer as tarefa, assim. As tarefa era boa. O professor passava... as tarefa que eu sabia. Os que eu não sabia pedia ajuda pra eles, eles ajudava. Eu gostava de ciências, português. Ciências, português, sociologia, artes. É esses que eu estudava lá. Gostava por causa que eu sabia fazer essas daí. Era mais fácil. Hanram. As outras eu não gostava... (aceno com a cabeça como sinal de que não gostava). Não conseguia aprender. Os professores das disciplinas que eu gostava era bom, que elas ensinava muito. Eu já tive problema com professor só aqui. Aqui na escola onde eu estudava.

Aos 13 anos eu voltei pra cá, foi ruim. Por causa que desde pequeno eu morava com minha avó, aí... (silêncio) morar aqui com meus pais é... (silêncio).

Por causa que aqui eu não chamava minha mãe de mãe. Não chamo até hoje. Costumei... chamar... minha avó, que eu morava com minha avó né?! De vez em quando ela liga pra saber como nós tá.

Depois que eu entrei aqui no CASE eu não consegui falar com minha avó. Só pergunta pro meu pai e meu pai fala (silêncio). Também não consegui chamar ele de pai. Chamava os dois pelo nome. (pensativo). Meu pai me chamava de filho, mas minha mãe de Joaquim memo.

O que foi mais difícil quando eu vim pra cá morar com eles foi a escola né?! Por causa que aqui tem uns professor... (silêncio e expressão de reprovação) ... ruim né?! Ah, eles só passa a tarefa pra você fazer e não ensina. Não fala como é que faz. Tem que fazer...

Sobre meus irmãos, um veio e ficou dois. Ficou um menino e uma menina lá, com minha avó. Bom né, nosso relacionamento. Por causa que irmão é irmão né. Ficou dois lá, fazer o que né?!

Aqui fiz o sexto e hoje estou fazendo o sétimo. Bom, conheci altos amigos novos, né?! Tinha uns que era altos bagunceiros também. Que eu também comecei a bagunçar. Matei aula também. Só que eu matei aula dentro da escola. Sai da sala e ia para uma outra vazia e ficava lá. Nós passava por detrás do inspetor de pátio, ele não via não. Ah, aqui nos matava aula por causa que conheci altos meninos novos. Eu não queria matar aula, eles chamou, chamou. Falou que eu tava com medo de matar aula, não sei o quê. Aí eu fui. Foi, foi umas três vezes.

Agora estou, acho que no sexto ou no sétimo ainda. Antes de eu vir para o CASE eu estava fora da escola. Tava, por causa que os menino foi lá pra escola. Por causa que eu estudava de manhã. Aí foi pra escola de manhã, ai a tarde fui... fiquei na quadra sentado, jogando com os menino. A diretora chegou e mandou todo mundo embora. Aí o menino falou que ia matar a diretora. A diretora chamou a polícia e a polícia levou nós pra UNISP (Unidade Integrada de Segurança Pública) lá. Aí chamou a diretora, o marido dela era policial. Eu falei que não foi eu. Aí eu parei de estudar; eu decidi parar. Os cara falou que foi eu. Meus pais mandou eu ir pra escola. Eu não queria. E aí eu não fui.

Eles (os pais) não falou mais nada. Falou que eu vou ter as consequências depois, né?! Que vou ficar sem trabalho, sem estudo. Por causa que meu pai hoje, ele é pedreiro, né. Não teve estudo, ai tá ralando hoje, né?! Eu acredito que estudo na escola pode ajudar a ter uma profissão. Ah, por causa que a escola é pra você fazer uma... como é que fala é...cê se formar em alguma coisa, cê precisa ter estudo. Ser alguém na vida tem que ter estudo. Ser alguém na vida ah, ser enfermeiro, médico, policial... aprender né?! Se formar uai. Policial, o que você quiser. Meu pai falava muito:

– Cê estuda pra ser alguém na vida.

Então, aos treze anos eu voltei pra cá, pro interior de Rondônia, e ai fui matriculado por minha mãe e os dois já havia parado de usar drogas. Mas depois que eu decidi parar de estudar nunca mais voltei. Não voltei.

Aqui dentro (CASE) eu estou estudando. O estudo aqui tá melhor né, que aqui também você aprende várias coisas, né?! Não fazer isso mais, não pode. Tá sendo bom. Aqui tem os

professores que ensina. De matemática memo, tô aprendendo. O de ciências também. Aqui têm... matemática, ciências, português e educação física.

Agora eu tô gostando de matemática, por causa que esse professor tá ensinando e eu tô desenvolvendo. Tô aprendendo. Tem vez que eu faço errado, né?! Ele vai e: não, não é desse jeito. Ai ele apaga, ai manda eu multiplicar aquilo lá por tanto, dá o resultado. O professor é paciente.

O professor de ciências é (risos) bom. Por causa que... é muito brincalhão né?! Ensina. A professora de português está passando mal. Não tá vindo esses dias. Antes era bom. Ela mandava fazer... como é que fala, é...fa... fábula. É... produção de texto e outros que eu não lembro. Educação física é bom demais. Ah, por causa que o professor... tem vez que fala que vai passar uns negócio ali. Mas não passa, leva a gente pra sala de jogo. E lá onde eu morava (outro estado) não tinha esse negócio de ir pra quadra. Ia de vez em quando ia na quadra. E aqui ele diz que vai passar coisa de copiar e não passa, ai vamos pra quadra e pra sala de jogos. Não tenho nenhum problema com algum professor aqui dentro.

Estudo só com o nosso bloco: o azul. Três meninos: eu e mais dois. Eu sou bom... e tem um aí que...fica encrencando com outro né?! Mas é assim. Os professor dá conselho pra ele parar com isso. Ele falou que vai parar de mexer com o outro. Chamando o outro de...gay e...(risos). Deu conselhos pra eles, que eles ficam bagunçando. Eu nunca baguncei ali. Por causa que eu não se enturmo com eles. Não se enturmo com eles. Fico na minha. Fazendo minha tarefa e eles fica discutindo um com o outro. Ai o professor fica falando com eles.

Quando eu estudava lá fora eu não tive nenhum problema com algum professor. Só uma que cheguei na sala de aula com boné ela mandou eu tirar o boné, eu falei que não ia tirar. Aí mandou eu pra fora. E registrou lá que... colocou eu pra fora, mais uma vez chamaria minha mãe. Nunca mais fiz isso não, né?! Ela (mãe) não soube não. Por causa que se eu fizesse de novo ia ligar pra ela. Não ligaram, só anotou lá.

Meus pais nunca foram na escola por algo que aconteceu. Eles participavam das reunião. Minhas notas tinha vez que era boa, tinha vez que era ruim. Quando era boa era quando eu queria prestar atenção memo, eu queria fazer a tarefa. E quando não era, era por causa que não queria. Ficava na minha lá memo. E eu não queria fazer as tarefas às vezes por causa que eu dormia na sala. Ah, por causa que eu ficava de noite acordado, assistindo televisão. Eu ia pra escola e dormia. Meus pais via e mandava eu desligar, eu não desligava (riso). Quando eu queria fazer a tarefa minhas notas eram boas. Prestava atenção memo e fazia.

Têm quatro mês que estou estudando aqui dentro do CASE. É bom o estudo aqui. Por causa que meu pai sempre me mandou estudar e estou estudando aqui dentro, pra ser alguém

na vida. E eu vou sair lá fora e também vou começar a estudar. Fazer o CEEJA. Por causa que o professor falou que avança o sétimo. Faz o oitavo e o nono. Faz seriado eu acho, sei lá. Isso vai me ajudar.

Ser alguém na vida é, ah, um dia ser um médico, ser um policial. Eu quero ser enfermeiro. A escola pode ajudar. Por causa que, fazendo, passando as matéria... por causa que quando cê for fazer o ... vai precisar de alguma coisa. Ciências, de matemática, cê têm que lembrar tudo na hora, né?! Quero ser enfermeiro... (pensativo). Por causa que eu decidi, né. Ajudar as pessoas, né.

Trabalho... Nunca trabalhei antes. Trabalho... trabalho...(pensativo). Trabalho é você sustentar sua própria família, né. Por causa que um dia você vai ter um filho, ai cê tem que trabalhar.

Aqui no CASE só saí pra cavar buraco (risos), carpi (risos). (risos) Só. Ah, ajudar aqui dentro também, né?! Tira a gente pra carpir. Ai se vai aprendendo a carpir também, né. Vai. Eu sabia carpir. Por causa que eu carpi já com meu tio. Já carpir com meu tio. Pegava tanto lá e nós dividia. Quando eu pegava meu dinheiro eu sentia coisa boa né?!

Ah, eu... tinha vez que eu levava pra escola. Gastava no recreio né, com comida. Só, só acho que trabalhando com meu pai eu já comprei alguma coisa pra mim, sem ser comida. Trabalhei com meu pai e...(silêncio). Ajudando ele a arrancar uns fios lá. Daí eu comprei um sapato; só o luxo (risos). Ganhei foi uns 80, 70 real. (pensativo) Ajudei ele também né. Por causa que, quando... quando, meu pai pega os material eu ajudo. Eu sou o que mais ajuda meu pai. Ai ele dá um dinheirinho pra nós. Ele mexe com reciclagem, meu pai. Daí, o cara lá divide o dinheiro com ele. Ranca os fios do motor, ele queima, leva e vende. Ai o tanto que dá lá, divide pra ele, pro... pro cara lá, pro dono. Eu gostava de ajudar nesse trabalho. Bom, porque eu ajudava meu tio, meu pai (silêncio).

Aqui dentro eu capino, cavo buraco, vai que meu pai trabalha lá fora disso né, posso ajudar ele (silêncio). Não, é só isso memo (risos).

Estou aqui por 157³⁰. Ah, por causa que o menino me chamou lá e fui. Tava, tava eu e o menino que caiu comigo ai. Ai os outros amigos desse menino chamou ele. Daí ele foi e me chamou e nós... veio de bicicleta, armado, fizemos esse ato. Nunca tinha feito outros. Foi o primeiro. Nunca fiz 155³¹. Do nada. Parece que veio na minha mente pra mim ir, fui.

³⁰ Artigo do Código Penal que se refere ao crime análogo ao roubo.

³¹ Artigo do Código Penal que se refere ao crime análogo ao futo.

Foi ruim pra minha mãe. Começou a chorar lá, né. Pra mim foi ruim por causa que vim pra cá, né. Ter passado pela polícia. Eu não sabia que existia esse lugar. Achei que nós não ia preso. Tá ruim aqui dentro, né?! Sem falar com minha avó.

Já tive envolvimento com droga, maconha. A primeira vez que usei foi aqui. Eu tava fazendo curso na paróquia. Tinha um menino lá que fumava, foi e me chamou e eu fiquei curioso pra saber, fui e comecei a fumar (risos). Usei poucas vezes. Por causa que, não sou aquele que usa todo dia. Já experimentei pó. Ah, esse menino aí que caiu comigo me chamou. Falou que era bom, fui. Achei ruim, eu.. (balançou a cabeça em sinal de reprovação). Foi em frente a uma escola, lá. Não estudava nessa escola ele também não. Nós ia lá pra ficar na casa de um colega trocando ideia, batendo papo.

Da maconha eu (risos) gostei, mas... diz que prejudica a saúde. Eu pretendo parar. Nunca cheguei a usar essas drogas na escola.

Pra eu comprar maconha...ah, tinha vez que... vendia uns negócio lá (riso). (risos) Tinha vez que eu vendia... (risos – pareceu envergonhado, acenos com a cabeça) droga. Só maconha. Ganhava dinheiro e comprava mais pra vender. O cara ofereceu. Eu dou tanto, tanto pro cê vender. Cê quiser... tá lá. Eu fui e aceitei. Não vendi por muito tempo, foi uns cinco mês. Não conseguia muito dinheiro. Com o dinheiro eu comprava mais. Isso foi antes de eu cair aqui. Quando eu cai aqui eu parei. Eu acho que se eu não tivesse caído eu tava vendendo ainda. Não considero vender drogas um tipo de trabalho. Ah, por causa que vender droga né...é ilegal no Brasil, vai preso, prejudica a saúde. Eu vendia pra ganhar dinheiro.

Quando eu sair daqui vou pra igreja. Porque eu sei que essa vida do crime não compensa mais, né?! Ficar roubando as pessoa (aceno com a cabeça em sinal de reprovação). Já pensou o cara foi lá e... roubar a própria mãe da gente! O que não quero pra mim, não quero pro outros né?! E falaram aqui dentro pra mim também. Pensei bem, cheguei nessa conclusão. Acho que foi o... acho que foi o dia do negócio³² ali (quando eu perguntei quem deu o conselho). Não lembro.

Minha família não sabia que eu vendia droga e não pretendo falar. É doido, contar pra sua mãe que você vende droga?! (acenu dizendo que não).

Minha mãe está vindo me visitar. Meu pai trabalha muito. De vez em quando ele vêm. Minha mãe sabe que eu estou estudando aqui dentro. Ela trouxe os papel pra mim estudar. Pergunta se eu estou estudando, tal. Falo que tá bem. Quando eu sair daqui penso em estudar, ir pra igreja, ser alguém na vida. Só.

³² Um evento de integração familiar proporcionado pelo CASE.

Meu relacionamento com os outros meninos é bom. Só com os do bloco mesmo. Por causa que dos outros fica me xingando. Estou no azul. Por causa que eu quis ir pra lá. O “” começou a me xingar lá no branco. Falei que ia sair daquele pavilhão, fiz o corre pro azul. Não sei porque ele xingava. Do nada começou a me xingar, ele e o outro.

O relacionamento com os servidores é bom. Não tenho nada pra reclamar. Nunca tive problema e com os adolescentes também não. Só com esse menino ai memo, mas...Só isso.

7 ESCOLA E CRIMINALIDADE: o mito da escola redentora e a meritocracia

Nesta seção, buscamos trazer os documentos legais que consideramos mais importantes sobre o direito à escolarização, com foco no segmento socioeducativo. O objetivo é proporcionar uma discussão a respeito dos pensamentos circulares sobre escola como redentora da criminalidade e como ferramenta de luta contra a desigualdade, levando o indivíduo à ascensão social. Contudo, não temos a pretensão de esgotar essa temática, pois compreendemos a amplitude do assunto – influenciado pelo contexto histórico e cultural em que estamos inseridos.

7.1 ALGUNS DOCUMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO

A Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 205, preconiza sobre o dever da nação de proporcionar educação a todas as pessoas. De acordo com Zibetti *et al.* (2016), a constituição demonstrou um avanço no que diz respeito aos direitos dos brasileiros, entre eles o direito à educação. Isso desencadeou um processo de garantia de direitos por meio de regulamentações, documentos, declarações, estatutos, leis, decretos e acordos.

Entre esses documentos, sem dúvida, o mais importante é o ECA, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente e preconiza os deveres e direitos que devem ser garantidos a esse público. Nesta pesquisa, enfatizamos o direito à educação, que deve ser promovida pela família, pela comunidade e pelo poder público, este último responsável por assegurá-lo com absoluta prioridade. Por conseguinte, o acesso à educação deve ser garantido pelo Estado por meio de escolas públicas gratuitas para crianças e adolescentes de quatro a 17 anos de idade (BRASIL, 1990; BRASIL, 1996). Em seu artigo 53º, o ECA afirma que o objetivo da educação é o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e ainda a qualificação para o trabalho. Compreende-se que, por meio da educação, seria possível instruir o sujeito para o exercício da cidadania e qualificar o adolescente para o mercado de trabalho.

Após a criação do ECA, desencadeou-se a formulação de estratégias que pudessem garantir o direito à escolarização a todas as crianças e adolescentes. Entre essas estratégias, destaca-se o artigo 88, que dispõe sobre a criação de conselhos nacionais, estaduais e municipais dos direitos da criança e do adolescente para deliberar e controlar ações em todos os níveis. Os conselhos também atuam na elaboração de políticas públicas, em parceria com a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios, que visem à promoção de campanhas educativas

com o objetivo de dirimir os tratamentos degradantes e cruéis e, acima de tudo, promover proteção e defesa dos direitos desse público (BRASIL, 1990).

Nos Códigos anteriores, havia a existência de Conselhos de Assistência que buscavam vigiar, proteger e os “menores” egressos de qualquer escola de preservação ou reforma. Porém, mais uma vez, conforme já citado, esses conselhos eram destinados apenas àqueles considerados “delinquentes”, e não a todas as crianças e adolescentes. O destaque proporcionado pelo ECA à legislação brasileira foi incluir todas as crianças e adolescentes no gozo dos direitos por ele elaborados; com a criação dos conselhos, foi possível fiscalizar e realizar atividades educativas sobre os maus-tratos.

Dessa forma, em 12 de outubro de 1991, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), que elabora normas gerais da Política Nacional de Atendimento Socioeducativo, fiscaliza as ações de execução de atendimento, bem como dá apoio aos conselhos estaduais e municipais (BRASIL, 1991). Desde sua criação, o CONANDA desempenha importante papel ao promover e garantir direitos de crianças e adolescentes, incluindo os que cumprem medidas socioeducativas.

Ainda como forma de efetivar o direito à educação, foi criado o Conselho Nacional de Educação (CNE), formado pelas Câmaras de Educação Básica (CEB) e de Educação Superior (CES), por meio do artigo 7º da Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995, cuja competência era elaborar e acompanhar a execução do Plano Nacional de Educação (PNE), entre outras funções – todas elas no intuito de validar o direito à educação da população brasileira.

A garantia à educação proposta pelo ECA é corroborada pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Em seu artigo 1º, a LDB diz que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social; rege ainda, em seu artigo 22, que “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996). Desse modo, acredita-se que o educando poderá exercer sua cidadania por meio do conhecimento, possibilitando que o indivíduo continue a aprender e preparando-o para o mercado de trabalho. Meira (2011) aponta que a escola pode proporcionar o contato do aluno com as expressões mais desenvolvidas da cultura humana, e pode e deve exercer o papel de ponte entre o aluno e o conhecimento. Machado (2011, p. 64) corrobora essa ideia quando afirma que a “[...] educação é processo imprescindível para a formação do sujeito”.

Ainda na LDB, em seu artigo 32º, destaca-se que o objetivo do ensino fundamental é a educação básica mediante o fortalecimento de vínculos de família, dos laços de solidariedade

humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. Notamos que a preocupação da lei foi fundamentar que a educação básica deve ocorrer por meio da participação da família, propiciando o fortalecimento de vínculos, e destacar que os laços de solidariedade fazem parte da educação básica, de modo que o educando desenvolva a capacidade de ser empático e tolerante ao viver em sociedade (BRASIL, 1996).

Em seu artigo 27º, inciso I, a LDB trata dos conteúdos curriculares da educação básica; deve-se observar “[...] a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” (BRASIL, 1996). Neste item, demonstra-se que a educação escolar é um fator relevante para a conduta do indivíduo em sociedade, oportunizando o ensinamento de valores que regem a vida social (PADOVANI; RISTUM, 2013); talvez por isso ela seja tão importante para o adolescente que cumpre medida de internação.

Dessa forma, ambas as leis estão embasadas na crença de que a educação é uma das maneiras de atingir o desenvolvimento da pessoa e da sociedade, que pode acontecer em todas as faixas etárias do desenvolvimento humano e, nesse caso, especialmente na infância e na adolescência.

Outro marco foi a Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, em março de 1990 – considerada um dos mais importantes eventos da educação. Essa conferência resultou na “Declaração Mundial de Educação para Todos”, em abril do mesmo ano, em que todos os países signatários se comprometeram a assegurar uma educação básica de qualidade a todas as crianças, aos jovens e adultos. Tal marco foi fundamental para a elaboração de políticas educacionais que se desdobraram em outros encontros de caráter nacional e internacional (ZIBETTI *et al.*, 2016).

Houve ainda o documento “Educação: um tesouro a descobrir”, relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI produzido por Jacques Delors entre 1993 e 1996. O documento apresenta “[...] o agravamento da situação da pobreza e da desigualdade social punha, às portas do novo século, um desafio a ser enfrentado pela humanidade [...]” (FRERES; GOMES; BARBOSA, 2015, p. 78). Nele, também são apresentados os quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. De igual modo, a participação do Brasil nas conferências e a assinatura destes documentos evidenciam seu interesse em buscar melhorias na educação e reduzir a desigualdade social.

Em 1999, Edgar Morin, emitiu um documento em que expressava suas ideias sobre educação, que ficou conhecido como “Os sete saberes necessários à educação do futuro”³³. Vale considerar que ambos os documentos foram solicitados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Esses documentos demonstram uma evolução em relação à luta por direitos humanos, pois reconhecem a necessidade de garantir e promover uma regulamentação sobre as providências a serem tomadas para efetivar o acesso à educação, bem como distinguem os responsáveis pela efetivação desses direitos previstos nos documentos. Reconhecer a importância do acesso à educação por meio da participação do Brasil, através de sua assinatura nestes documentos, demonstra a valorização da educação como forma de socializar e estimular a pessoa ao conhecimento e ao acesso à cultura.

Mesmo que tais documentos afirmem a importância da educação na vida destas pessoas, historicamente, é possível perceber vários obstáculos à garantia desse direito (ZIBETTI *et al.*, 20016; PATTO, 2009). Para Padovani e Ristum (2013), o insucesso das metas estabelecidas nestes documentos está na omissão das autoridades políticas que não colocam em prática os acordos firmados pelo Brasil nestas ocasiões. E se o insucesso destes documentos está presente na sociedade em geral, não nos assusta se também atinge o âmbito da socioeducação.

Dentro do Sistema Socioeducativo, em que se aplicam medidas socioeducativas, há documentos legais que regulamentam toda sua execução. O primeiro deles só veio depois de 16 anos da promulgação do ECA, por meio da Resolução nº 119/2006, do CONANDA, que aprovou o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). O SINASE garante o acesso à educação ao adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. Ainda no mesmo ano, outras propostas foram encaminhadas ao Congresso Nacional para detalhar e complementar o ECA – culminando na aprovação da Lei nº 12.594/2012, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff. Enquanto a Resolução nº 119/2006 apenas instituiu o SINASE, a Lei nº 12.594/2012 regulamentou todo o atendimento socioeducativo em todos os âmbitos setoriais.

Estes dois documentos constituem a normatização de princípios, em todo território nacional, consagrados nas Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude; também foram consagrados nas Regras das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens com Restrição de Liberdade, na Constituição Federal, na Convenção

³³ São eles: I – As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; II – Os princípios do conhecimento pertinente; III – Ensinar a condição humana; IV – Ensinar a identidade terrena; V – Enfrentar as incertezas; VI – Ensinar a compreensão; e VII – A ética do gênero humano (MORIN, 1999).

Internacional sobre os Direitos da Criança e no ECA, para que as medidas socioeducativas sejam executadas em sua plenitude (BRASIL, 2013).

Em 2013, foi produzido o Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo com base nos marcos legais (Resolução nº 119/2006 e Lei nº 12.594/2012), que expressa os eixos de ação para orientar o planejamento, a construção, a execução, o monitoramento e a avaliação para qualificar o atendimento socioeducativo. Nesse sentido, evidenciamos as seguintes diretrizes:

j) Garantir a oferta e acesso à educação de qualidade à profissionalização, às atividades esportivas, de lazer e de cultura no centro de internação e na articulação da rede, em meio aberto e semiliberdade.

k) garantir o direito à educação para os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e egressos, considerando sua condição singular como estudantes e reconhecendo a escolarização como elemento estruturante do sistema socioeducativo (BRASIL, 2013; grifos nossos).

A prioridade é a oferta de educação de qualidade a todos os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, e também o reconhecimento da escolarização como um fator que estrutura o sistema socioeducativo – ou seja, a socioeducação não seria completa sem a escolarização.

Na mesma linha de raciocínio, depois de 26 anos do ECA, destaca-se a Resolução CNE/CEB nº 03, de 13 de maio de 2016 – que, em seu artigo 4º, dispõe sobre os princípios do atendimento escolar³⁴ de adolescentes e jovens em cumprimento de medida, dos quais destacamos os incisos II e VI. O primeiro refere-se ao processo de escolarização como estratégia de reinserção social plena, articulada à reconstrução de projetos de vida e à garantia de direitos; o segundo refere-se à prioridade de adolescentes e jovens em atendimento socioeducativo nas políticas educacionais. O artigo 7º da mesma resolução corrobora o direito à educação, momento em que assegura a matrícula de estudante em cumprimento de medida sem imposição de qualquer forma de embaraço, preconceito ou discriminação, por se tratar de direito fundamental público e subjetivo.

No que diz respeito às medidas socioeducativas de internação, regime que transcorre dentro de uma instituição destinada a esta finalidade, é obrigação do Estado oferecer atividades pedagógicas e escolarização aos adolescentes internados – artigo 124, inciso XI do ECA.

³⁴ É importante ressaltar que a educação no sistema socioeducativo era embasada na Lei de Execução Penal (Lei nº 7.210/1984), juntamente com resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB nº 2/2010, nº 3/2010, nº 6/2012 e nº 1/2016) que regulamentavam o atendimento educacional de ensino de jovens e adultos (EJA) e a LDB. A Lei de Execução Penal é a principal forma de normativa na aplicação de penas para adultos. Com o passar do tempo e os passos dados em favor dos direitos dos adolescentes como sujeitos de direitos, os documentos foram sendo moldados de acordo com a realidade socioeducativa.

7.2 CRÍTICAS À IDEIA DE ESCOLA REDENTORA

No entanto, mesmo que os documentos legais apresentados destaquem a matrícula de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em instituições de ensino e enfatizem a importância do processo de escolarização como estratégia de reinserção social, essas metas ainda não têm sido alcançadas em sua completude, mesmo diante de todo o processo histórico que culminou na elaboração desses documentos.

Campos (2016) aponta uma contradição sobre a educação no sistema socioeducativo, referindo-se ao **caráter sancionatório** que ela assume nesse segmento; aponta, ainda, a disputa hegemônica gerada pelos interesses do neoliberalismo como ideologia de mercado, isto é, a motivação ao consumismo, em desfavor da formação do indivíduo enquanto cidadão. Para o autor, a educação no sistema socioeducativo acaba sendo o próprio castigo quando se trata da medida de internação, e ainda expõe que ela cumpre a função reguladora do Estado sobre o tecido social, principalmente para o adolescente pobre. Para Batista, Baccon e Gabriel (2015), a escola possui um poder disciplinar, mesmo que um tanto enfraquecido nos dias atuais. Sobre esse poder disciplinar, Foucault (2014, p. 167) diz:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.

Teoricamente, a escola deveria ser, também dentro do sistema socioeducativo, um local de luta por meio da emancipação do ser humano, gerada pela aprendizagem que leva à tomada de consciência e que luta contra as desigualdades sociais geradas pelo capitalismo (FREITAS, 2002) – e não uma forma de disciplinar e adestrar o indivíduo por meio da implantação da ideia de meritocracia e da aceitação de sua condição social.

Paulo Freire (1997), em seu texto “Educação ‘bancária’ e educação libertadora”, faz uma crítica sobre o papel da educação como alienadora na ordem social, no sentido de não despertar no educando o interesse pela pesquisa – mas gerar uma consciência ingênua por meio da redução dos meios de aprendizagem à memorização de trechos e da desvinculação da realidade, opondo-se à criticidade, à elaboração e à reelaboração.

O autor critica também o papel do professor que deposita o conhecimento no educando sem que este lhe faça algum sentido. O educador assume o papel de quem sempre sabe, e o

educando é aquele que nada sabe. Dessa maneira, a educação não cumpre seu papel libertador, que oportunizaria aos educandos ferramentas para lutar contra a dominação e buscar a emancipação. Na educação *bancária*, o educando não desenvolve o pensamento crítico, mas se adapta ou se ajusta ao mundo que lhe é imposto, de modo que não se torna transformador dessa realidade, reafirmando a separação entre a classe dominante e a classe dominada.

Se fizermos um contraponto com os escritos de Foucault, a educação bancária pode ser considerada uma das ferramentas de adestramento e de disciplina, justamente por “[...] transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime [...]” (FREIRE, 1997, p. 64). Dessa forma, se a escola assume este papel leva consigo a marca de uma instituição disciplinar, que deposita conteúdos nos educandos e os controla para manter uma sociedade desigual, em que poucos mantêm o poder e muitos continuam em situação de vulnerabilidade. Foucault ainda ratifica que:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formara, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento (2014, p. 170)

Em conformidade com o que já foi mencionado, é importante observar que a legislação garante ao adolescente o acesso à educação, independentemente da medida imposta a ele. A Resolução CNE/CEB nº 03/2016 define diretrizes nacionais para o atendimento escolar desse público. Por meio desse documento, impulsionado pela Lei nº 4.024/1961 (redação dada pela Lei nº 9.131/1995) e fundamentado no Parecer CNE/CEB nº 8/2015, é possível observar princípios que devem ser seguidos para o atendimento escolar desses adolescentes e jovens. O primeiro deles é a “[...] a prevalência da dimensão educativa sobre o regime disciplinar” (BRASIL, 2015, p. 02). Como é sabido, as medidas socioeducativas visam ao caráter educativo para promoção de uma ressocialização e a conseqüente reinserção do adolescente na sociedade – ou seja, para fazer com que esse adolescente abandone a prática infracional e usufrua de seus direitos que foram violados, como o acesso à escola, à profissionalização e à saúde, a proteção ao trabalho e outros.

Porém, no cotidiano, subsiste a vontade de punir o adolescente autor de ato infracional, que se sobressai à vontade de educá-lo. Refletindo acerca da medida de internação, pune-se, principalmente, pelo enclausuramento. Para Foucault (2014), a própria economia dos direitos suspensos é um castigo; nesse caso, a privação de liberdade para o adolescente é também

geradora de sofrimento. Sofre-se pela ausência de sua família e dos amigos e por deixar de participar de atividades sociais que para ele eram importantes.

Não é incomum, no cotidiano do sistema socioeducativo, ideias que justifiquem a necessidade de privação não apenas de liberdade, mas também dos demais direitos para estes adolescentes. Um exemplo disso, na internação, é a visão de alguns agentes da socioeducação que consideram que o adolescente deve ficar trancafiado em seu alojamento, e gozar de apenas uma hora de atividade esportiva – o conhecido “banho de sol”. Importa-se a cultura de presídios para dentro dos sistemas socioeducativos. O “banho de sol” está enraizado num tempo em que os suplícios eram forma de correção e punição corporal aos infratores da lei (FOUCAULT, 2014).

Outras formas de a punição aparecer no cotidiano são, por exemplo, a ideia de que o adolescente deve andar com as mãos para trás, de que deve ser providenciada uma *cela* diferenciada para punir aquele que cometeu uma falta disciplinar etc. Esses exemplos apenas confirmam o que Costa (2015) apresenta: que as medidas de privação de liberdade não têm atendido às expectativas pedagógicas, mas evidenciado apenas seu caráter punitivo.

O segundo princípio da mesma resolução (CNE/CEB nº 03/2016) apresenta a escolarização como “[...] uma estratégia de reinserção social plena, articulada à reconstrução de projetos de vida e à garantia de direitos”. Aqui, fica visível a compreensão da importância do processo de escolarização na ressocialização do indivíduo. Contudo, há o risco de se acreditar que a escola tem, por si só, o papel de redentora da humanidade (PATTO, 2007), reduzindo a criminalidade – o que ocorreria com a matrícula e permanência de jovens na escola.

Conforme Patto (2007), historicamente, a escola tem exercido a função social de prevenir a criminalidade e, de igual modo, tem desfocado seu dever de garantir o acesso ao letramento e ao saber. Esse papel de prevenção da criminalidade, por sua vez, é carregado de preconceitos, pois se destina aos negros e pobres, considerados menos capazes, ignorantes e mais suscetíveis às práticas delinquentes. Para que haja uma ordem social com a redução da criminalidade, a escola assume o papel de instituição salvadora, que possui a difícil missão de retirar das ruas crianças e jovens oriundos das áreas mais precárias da cidade, como num passe de mágica.

Nos estudos de Padovani e Ristum (2013, p. 977), foi possível observar esse discurso. Nas entrevistas realizadas por elas com os educadores de medidas de internação, evidenciou-se que a escola é vista como “[...] necessária e essencial para a construção de um futuro distante da vida infracional”. Notamos a responsabilidade que é posta na escola, como anunciadora da moral e dos bons costumes. Ainda nesse estudo, as autoras evidenciaram que os discursos dos

educadores para prevenir a reincidência de atos infracionais são atividades desenvolvidas na escola, como formação de valores e consciência crítica, discussão de conteúdos a respeito de cidadania e a fusão da educação formal com a profissional. De maneira semelhante, a escola é taxada como crucial na impressão de uma conduta moralmente aceita pela sociedade, por meio de disciplinas, matérias e até mesmo através da formação profissional do adolescente – esta última, como forma de propiciar ao educando uma capacitação para algum tipo de trabalho, com a finalidade de garantir um emprego e, assim, evitar a prática infracional.

Entretanto, como se pode perceber no processo histórico brasileiro, o acesso à escola não é suficiente para “salvar” aqueles que vivem à margem da sociedade (PADOVANI; RISTUM, 2013), caso se desconsiderem as condições materiais concretas da vida desse público, e principalmente, a garantia efetiva de todos os seus direitos como cidadãos (alimentação, moradia, saúde, etc.).

Há, ainda nesse contexto, aulas de capoeira, cursos de padaria, confeitaria, artesanato e outros, que só reforçam a marginalidade daquele que foi excluído da sociedade por omissão de seus direitos (PATTO, 2007). Essas práticas buscam sanar a deficiência da desigualdade, como forma de reparar danos causados pela falta de recursos financeiros e materiais. Em razão disso, são destinados aos pobres, por serem considerados os mais propensos à criminalidade devido a essa ausência de recursos. Patto (2007) pontua que os direitos que deveriam ser ofertados se tornaram favores dos poderosos por meio dos assistencialismos. Suas liberdades são negadas por possuírem capacidades de produção e consumo comprometidas, restando-lhes a caridade por meio das instituições (CARVALHO; MARTINS, 2011).

Mesmo que, socialmente, a escola tenha esse papel de prevenção e mesmo que se fale continuamente sobre investimentos em educação, Patto (2007) sinaliza que os aumentos dos investimentos não têm sido sobre ela – mas têm sido evidentes no policiamento, nas mortes de pobres e no aumento da pressão social para que medidas sejam tomadas rapidamente na suspensão da criminalidade. Esses investimentos vêm crescendo com o propósito de conter a revolta dos menos favorecidos por seus direitos como cidadãos, o que ainda estigmatiza pobres e negros como potenciais criminosos e evidencia o preconceito que assola nossa humanidade – que endossa fielmente fatores que podem levar à criminalidade, revelando outra crença: a de que a repressão à violência por meio do policiamento nas cidades e a segurança nas prisões é a solução para os problemas sociais (ASSIS; CONSTANTINO, 2005).

Sobre essa questão, Foucault (2004, p. 218) assevera:

[...] sem necessitar de armas, violências físicas, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo. Formula maravilhosa: um poder contínuo e de custo afinal de contas irrisório. (FOUCAULT, 2004, p. 218)

Isso significa que o olhar daquele que vigia, seja um agente socioeducativo, seja um policial, é o suficiente para controlar e reprimir comportamentos considerados inadequados e até mesmo delinquentes.

“Salvar” a sociedade da criminalidade juvenil é mais que aumentar o policiamento ou reforçar as prisões, ou mesmo acreditar que a escola tenha esse (im)possível papel, uma vez que a “[...] desigualdade econômica e social dificulta o pleno crescimento e desenvolvimento de milhões de adolescentes, que se veem aprisionados a comunidades expropriadas [...]”, pois as causas são econômicas, culturais, políticas e psicológicas (ASSIS; CONSTANTINO, 2005, p. 82).

7.3 ESCOLA: UM (DES)CASO PARA OS MAIS POBRES

Mesmo que, socialmente, a escola assuma esse papel de “salvadora” da humanidade, pois pode oferecer meios para que o pobre saia da precariedade econômica por meio de seus próprios esforços, nos deparamos com outra faceta da educação: o descaso da oferta da educação para os menos privilegiados.

Como já apresentado, a escola é vista como uma forma de fazer com que o adolescente autor de ato infracional abandone essas práticas e busque, por si só, viver de uma forma *moralmente* aceita pela sociedade. Assis e Constantino (2005) apontaram que um dos fatores de risco que podem levar à prática infracional é a relação com a escola, pois a maioria dos adolescentes que cumprem medida de internação estava fora da escola. Segundo as autoras, isso se deve à

[...] necessidade de trabalhar, dificuldade de conciliar escola com trabalho, desentendimentos com professores e colegas, desestímulo quanto à competência escolar atestado por reprovações repetidas, **baixa qualidade do ensino**, pouca supervisão familiar no que se refere à frequência escolar do jovem (ASSIS; CONSTANTINO, 2005, p. 83; grifo nosso).

Logo, são inequívocas as diversas motivações que levam à prática infracional e à própria desigualdade social percebida em várias áreas – como saúde, educação, no campo profissional, salarial e etc. Aqui, queremos destacar um dos fatores apontados por Assis e Constantino e

confrontá-lo com a ideia de meritocracia no ambiente escolar. A baixa qualidade do ensino ofertada aos mais pobres demonstra a notória exclusão social que reforça a desigualdade entre a classe dominada e dominante.

Patto (2009, p. 186) argumenta:

Cresce a olhos vistos o número de analfabetos que passaram pela escola. Antes eram as altas taxas de crianças fora da escola e de analfabetismo crônico que resultava da falta de acesso à escola ou de impossibilidade de completar a escola fundamental, sobretudo por processos de exclusão existentes no interior da escolar: descontinuidade técnica e administrativa permanente, por motivos político-partidários; equívocos tecnicistas; preconceito étnico social de educadores contra o usuário típico da escola pública; despreparo docente; remanejamentos constantes dos alunos; classes especiais onde eram depositados os indesejáveis; reprovações frequentes por critérios que iam além do rendimento e que se tornavam condenações ao fracasso permanente; impossibilidade dos usuários de arcar com despesas exigidas pela escola “gratuita” e assim por diante. Hoje assiste-se ao crescimento de um novo tipo de analfabeto: o analfabeto que conclui a escola fundamental e, muitas vezes, a escola média, para não falar nos semianalfabetos que, em número cada vez maior, concluem o ensino superior em faculdades e universidades particulares, verdadeiras fábricas de profissionais desqualificados.

Houve a “inclusão” na escola daqueles que não estavam usufruindo seus direitos; contudo, estar na escola não significa que o objetivo esteja sendo alcançado – isto é, o letramento e o saber do conhecimento adquirido, construído durante a história. Desse modo, nos remetemos mais uma vez ao texto de Paulo Freire, que aborda a escola como bancária, e não libertadora – pois, talvez, esteja sendo apenas depositária de educadores, tornando-os reprodutores do sistema vigente, dificultando a elaboração do pensamento crítico e transformador.

A exclusão no sistema educacional brasileiro tem uma longa história. Em princípio expressa na falta de oportunidades de acesso à escola de grandes contingentes de crianças, especialmente nas regiões mais pobres do país, e, mais adiante, em elevados níveis de evasão e repetência, atualmente ela se revela de modo mais sutil, embora não menos violento: a permanência nas escolas por longos períodos de tempo de crianças e jovens que nunca chegam a se apropriar de fato dos conteúdos escolares (MEIRA, 2011, p. 91).

Mais uma vez, notamos a dualidade da escola: por um lado, é considerada capaz de “salvar” o sujeito da desigualdade social; por outro, não instrumentaliza o estudante para romper com o sistema dominante em nosso país. A grande jogada do Estado é apenas demonstrar aos demais países, e para si próprio, os crescentes números de matrículas e

conclusões do processo de alfabetização, divulgando notícias de que o número de analfabetismo diminuiu (PATTO, 2009).

Nessa linha de pensamento, outra vez a culpa pelo desemprego de muitos brasileiros recai sobre o pobre, a quem se atribui a incapacidade escolar e profissional, e não ao sistema político e econômico.

Nos documentos dos bancos multilaterais, os baixos níveis de escolarização aparecem como causa de desemprego e de pobreza, o que equivale a afirmar que ambos são problema de educação e não produto da perversidade da política econômica (LARA; PATTO, 2009, p. 187).

Aí está a desigualdade: pessoas que possuem seus direitos entulhados e que vivem num sistema de desigualdades devastadoras são obrigadas a travar uma luta desigual para sua sobrevivência. Carvalho e Martins (2011, p. 20) retratam essa temática:

E essa sociedade tem demonstrado historicamente sua incapacidade para efetivar a igualdade, já que obriga os homens a entrar em conflito constante e sem tréguas pela sobrevivência. A supremacia de uma classe sobre a outra pressupõe que haja a desigualdade como combustível para o desenvolvimento do tecido social.

Em razão disso, os menos favorecidos teriam menos chances, ou até mesmo nenhuma prioridade na escala social. Para eles, seria reservado apenas o que a sua força de trabalho conseguisse produzir e, após essa incansável luta pela sobrevivência, caso não tenham obtido êxito, resta-lhes a culpa individual, que gera um sofrimento psíquico e biológico.

Buscam-se soluções imediatas individuais para adoecimentos que se estabelecem socialmente: atendimentos, remédios, lexotans, ritalinas, florais, nutricionistas, psicólogos, especialistas... como formas de enfrentar um funcionamento social em que se intensificam a competição, o consumo, a necessidade de mais e mais e a sensação de que, se não conseguimos algo, é porque nos **faltou força individual para lutar**. Com isso, o aumento do pânico, depressão, comportamentos irrequietos, corpos insatisfeitos. (MACHADO, 2011, p. 67, grifo nosso).

Notadamente, a Psicologia vem contribuindo com esse estigma causado pela desigualdade social, gerada pelo sistema capitalista. Meira (2011, p. 94) retrata essa questão:

A articulação mais consistente desse discurso falseador demanda a utilização de explicações advindas de variados campos da ciência, especialmente no que se refere às teorias sobre o homem. É nesse contexto que a Psicologia dá uma

de suas maiores contribuições para a manutenção desse processo de impedimento de acesso das crianças pobres aos bens culturais: o pressuposto de que nem todas as crianças reuniriam as condições necessárias para aprender os conteúdos escolares. Em síntese, a escola é para todos, mas nem todos podem aproveitar essa oportunidade em decorrência de problemas individuais.

Diante disso, resta a dificuldade para o adolescente autor de ato infracional, que vive segregado da sociedade e que tem seus direitos violados – principalmente no que se refere ao acesso à educação, que não lhe permite lutar contra o sistema vigente –, sair da situação desigual entre classes. É pertinente observar que, mesmo que este adolescente lute contra essa dominação, se torna reprimido pelo Estado que busca manter uma ordem social. Essa sociedade capitalista e desigual garante benefícios aos mais ricos em detrimento dos mais pobres.

Por fim, nos interessa saber qual o sentido da escola para estes adolescentes que tiveram seus direitos desrespeitados – como o acesso à escola, a proteção ao trabalho e etc. – para que outros, uma minoria, fossem mais privilegiados.

8 JÚLIO: um trabalhador com orgulho

A quarta entrevista ocorreu com Júlio. Diante da situação vivenciada na entrevista anterior, achamos por bem convidar outro adolescente que fosse acompanhado por outro psicólogo do CASE. Diante disso, contatamos a psicóloga (somos uma equipe de três psicólogos) e pedimos sugestão de algum adolescente para participar da pesquisa. Ela nos indicou Júlio. Assim, agendamos uma conversa para explicar o objetivo da pesquisa e propor a sua participação. No dia 21 de janeiro de 2019, sentamos e conversamos. Explicamos como a entrevista funcionava e qual o seu objetivo. Sem muitas delongas, aceitou o convite. Falamos com sua família para o consentimento antes de iniciar a entrevista. A responsável assinou o termo, dando assim autorização para a entrevista, que ocorreu no dia 23 do mesmo mês, às 9h30min. De início, Júlio demonstrou-se perdido e sem um norte para iniciar seu relato de sua história de vida; precisou da nossa ajuda. À medida que o tempo foi passando, Júlio foi ficando mais à vontade e começou a apresentar sua história de acordo com sua perspectiva:

Desde da onde eu lembro, o começo? Deixa eu ver onde eu começo. Tô sem um ponto pra começar. Quando eu nasci? Deixa eu ver, eu nasci dia 10 de dezembro de 2002, em Central City. Deixa eu ver... meu Deus! Tô meio perdido. Contar onde eu morava, minha infância?

É, na minha infância eu morava no bairro Cunha e Silva, perto do cemitério velho. É, meu Deus! Tô me esquecendo. Morava com minha mãe, com meu pai e com meus irmãos.

Na minha infância eu gostava de brincar no quintal. Tinha uns vizinho lá, ai eu sempre brincava de carrinho, essas brincadeira ai. Quando eu fui crescendo, passei a brincar na rua de betis, jogar bola.

Tinha muita criança, tinha bastante. Essa era a brincadeira: futebol, betis. E eu morei lá até os meus 6 anos de idade. Ai eu me mudei pra mais pra cima, lá perto do hospital. Ai eu moro lá até hoje na verdade. Mudei pra lá, conheci pessoas novas, as amizades. Foi na época em que minha mãe se separou do meu pai, que ela era agredida direto. Ai ela separou dele. E eu passei a morar só com minha mãe, com minha três irmã e meu irmão Wiliam. Ele era.. assim que nois mudou, ele tinha um ano de idade.

Meu pai nasceu em Gotham City e minha mãe nasceu em Transilvânia. Minha mãe veio morar pra cá, foi em, aqui em Central City na verdade que eles se conheceram. Ai aqui começou tudo. Quando ele separou da minha mãe ele veio embora, morar aqui em Central City de novo. Ele já era casado aqui e tinha minha mãe. Só que minha mãe não sabia da outra e nem minha

madrasta sabia da minha mãe. Se separaram e ele veio morar aqui em Central City, que ele já tinha, já era casado aqui. E foi isso.

A separação eu tinha de 6 pra 7 anos de idade. E, só que foi muita coisa. Igual, agressão mesmo eu vi várias vezes. Ah, dava soco nela, xingava, tacava coisas nela que encontrava: cadeira. Já bateu nela com ripa. Uma vez ele ia tocar fogo nela viva e isso eu não cheguei a presenciar, mas depois ela falou. Num restaurante, lá em Central City mesmo, da Baiuca se não me engano. Era vários restaurantes, ai eles foi lá. Ele chamou ela pra sair dia de sábado. Eles foram, ai chegou lá, ele bêbado começou a discutir, jogou gasolina nela e falou que ia tocar fogo nela. Ai entrou uns rapaz lá no meio, apartou a briga. Ela conseguiu correr, conseguiu correr até em casa. Ele tinha dado um soco nela ainda, cortou a boca dela. Eu lembro que foi depois dessa briga, essa foi uma das últimas briga que houve entre os dois, separaram de vez. E mesmo assim depois da separação ele foi lá várias vezes. Bebia, ele ia lá agredia. Uma vez eu vi, foi uma vez que a mãe reagiu, ela deu três facada nele. Ai isso presenciei, isso eu tava na hora. Eles começaram uma dis.. ele foi lá, chegou encostou a moto, começou a xingar ela, bêbado né. Ela correu pra dentro, nesse dia ele tacou uma cadeira nela, ia bater nela com a enxada. Ela foi dentro de casa pegou a faca. Ele costumava bater, montar na moto e ir embora. Não chamava a polícia, ele ia pra outra cidade, nunca deu nada. Ai nesse dia, na hora que ele montou na moto minha mãe foi atrás dele e deu três facada. Uma no pescoço, no ombro e eu acho uma bem aqui nas costas. Ele tacou um monte de pedra ainda lá casa, uma quase me acertou e montou na moto e foi embora. No outro dia ele ligou pra ela ainda e falou que ela era das “boa”, abusado. Tipo assim, eu também nunca entendi assim o que ele falou. Mas ele ligou e falou: vc é das “boa”, porque ele levou as facada dela. Falou que ela é das boa que ele tinha e sempre ameaçou.

Uma vez ele pagou pra uma, que vê... na minha infância lá, quando eu morava lá perto do cemitério, eu morava do lado do pessoal do Baião. Esse pessoal tem fama de matador. E, ai o pai já era conhecido deles. Ele pagou pra uma delas, posso falar o nome da mulher? Nalva. Ia lá na minha casa, onde tava minha mãe, isso já foi mais recente. Isso eu lembro que eu tinha 10 anos de idade, 11, ele pagou pra Nalva ir lá matar minha mãe. A Nalva foi lá em casa, foi com uma faca assim (demonstrou colocando a mão na cintura). E ela sempre conversou com minha mãe e ela ia matar minha mãe na nossa frente. Ela ficou o dia inteiro lá em casa, nós desconfiou, que nunca mais tinha visto ela. Ela ficou a tarde toda lá em casa, até anoitecer. E minha mãe desconfiando, que minha mãe viu ela com a faca e ficou toda desconfiada. Acho que, não sei se ela ficou com medo de matar minha mãe, que tava eu, a mãe e o Wiliam em casa né. A Silvana também tava nesse dia. Não sei se ela ficou com medo de fazer alguma coisa com minha

mãe e ter nós como prova depois. Ai ela foi e deixou. Foi embora e não falou nada e quando foi dois anos depois, meu pai e minha mãe discutindo por celular, meu pai foi e falou pra ela ficar esperta que a, uma vez ele tirou ela da morte, que mandou uma pessoa matar e a pessoa não teve coragem. Ai a Nalva depois confessou, falou pra minha mãe que uma vez foi mandada pra matar ela. E foi isso, minha infância foi bem atordoada nessa parte.

A minha irmã mais, é a segunda mais velha, a Silvana, ela teve até problema no coração por causa disso ai. Uma vez, ela era a mais velha né, ela viu meu pai dando facada na minha avó. Nessa época eu não era nascido ainda. Foi na frente da minha irmã, deu um monte de facada na minha avó e minha irmã pegou um trauma nesse dia. Ela deu grito. Minha mãe tava na hora, minha mãe se lembra até hoje. Toda vez que ela acorda ela lembra com medo da Silvana se assustando. Minha vó não morreu, mãe da minha mãe. Foi assim, minha infância sempre foi assim.

Hoje eu ainda tenho contato com meu pai. É depois de um tempo, quando eu tinha já, assim quando eu comecei a trabalhar com 7 de idade, comecei a vender picolé né, ai ele começou a ficar mais acompanhando. Teve um dia que, nós conversa muito, ele ia lá em casa de vez em quando levar pensão e ali era nosso único contato, quando ele levava pensão uma vez no mês. Ai tinha vez que ele sumia, depositava o dinheiro, nunca mais. Não via ele, um tempo sem vê. Teve um dia que me roubaram. Eu tava vendendo picolé e me roubaram na esquina da minha casa ainda. Levaram o dinheiro que eu tinha, levaram um monte de picolé. Eu lembro que eu fiquei no prejuízo ainda. Eu tive que vender picolé pra pagar pro dono da sorveteria o prejuízo que teve. E ainda nesse dia ele veio. Eu fazia, acho que, uns seis meses que eu não via ele. Ele falava que tava pro sítio trabalhando, ai nesse dia ele veio. E foi atrás dos meninos que me roubou e não conseguiu achar né e ficou por isso.

Na hora mesmo sente medo e depois quando eu cheguei em casa mesmo me deu meio que um ódio, uma raiva. Arrependimento, que na hora eu não pude fazer nada que eles estavam em vários. Eu tinha sete anos. E eles eram bem mais velhos. E eu lembro que um deles tinha até homicídio. Tinha matado... conhecia eles. Eu morei do lado deles na minha infância. Só que ai, nós não chamou a polícia nem nada, ficou por isso.

Ah, na verdade eu comecei a trabalhar mesmo na vontade de ter minhas coisas. Que as condição lá em casa nunca foi boa, né. Eu tinha vontade de ter um brinquedo, tinha vontade de ajudar minha mãe, via ela sofrendo e foi assim. Ai eu comecei a trabalhar. As vezes eu levava, sempre, se faltava arroz eu comprava, levava, as vezes faltava óleo. É, dava o dinheiro pra ela também, era pouco, mas o que eu ganhava eu dava pra ela. Isso ela conta pra todo mundo. E foi assim. Acho que foi mais pela pobreza mesmo, nesse sentido.

Sim, eu estudava e trabalhava. Na parte da manhã eu trabalhava ai a tarde eu ia pra escola. Só dia de sábado que eu trabalhava o dia inteiro e dia de domingo também eu vendia picolé. Que a sorveteria era aberta eu vendia o dia inteiro. E dia de semana era só na parte da manhã. Assim foi até meus doze anos de idade, foi quando o conselho foi lá em casa. Ai falou assim que eu não ia mais poder trabalhar e que se minha mãe deixasse eu continuar ir trabalhar ela podia responder na justiça. Por exploração se não engano, alguma coisa assim. Foi falado assim, que eu tinha que entrar no PETI³⁵, que é um serviço social para as crianças. Eu fui e entrei no PETI, eu fiquei um ano e meio no PETI. Na parte da manhã eu ia pro PETI e na parte da tarde eu ia pra escola. Era a AABB³⁶ (demonstrou-se confuso). Mas ai foi assim, até meu... durante um ano e meio mesmo que eu frequentei o PETI. Eu fui e sai, tava ficando meio chato, não dava mais aquela vontade de ir. Também entrou umas pessoa que não eram, nós não tinha muita amizade, eu fui e sai. Parei de ir. Depois disso fiquei só estudando. Ai com os meus treze anos de idade, ai foi quando eu comecei a me envolver com as amigas. Com 14 eu parei de ir pra escola no meio do ano, que eu tava sendo ameaçado na frente da escola. Com 13 na verdade foi a época do Getúlio. Comecei a ser ameaçado de morte e apanhar com frequência sem ter feito nada.

Quando eu tava entre 7 e 12 anos eu estudava e trabalhava, isso não me atrapalha não. Era tranquilo. Na parte da manhã eu trabalhava e na parte da tarde eu ia pra escola. Eu gostava de ir pra escola. Bastante, eu sempre gostei de ir pra escola. Ia sozinho.

Na escola era tranquilo. As notas não era lá as melhores, mas não tão ruim. De matemática mesmo, eu sempre gostei de matemática, ciências, história. Eram as matérias que eu mais gostava. Ah, tinha várias que eu não gostava, mas estudava também. Tirava nota boa. Não tão boa, mas razoável, 7, 8.

As tarefa de casa, ai ficava na responsabilidade das minhas irmã, que era a Silvana e a Monique. Elas que faziam. As tarefas da escola eu fazia de tardzinha, assim quando eu chegava da escola. Era a base das seis horas, da seis a sete. Sempre foi pouca coisa também. Não, nunca me senti cansado. Quanto a isso não, sempre foi tranquilo. Eu fazia sozinho. As vezes a Monique me ajudava. É, a mais velha que eu.

Minha mãe trabalhava fora. Ela era... é.. doméstica. Nessa época ela trabalhava na igreja ainda, a Sueli, a pastora lá. Minha mãe trabalhava fora, a Silvana e o Monique ficava em casa

³⁵ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

³⁶ Associação Atlética Banco do Brasil

cuidado da casa e do meu irmão mais novo e eu ia trabalhar. Mas sempre foi por vontade própria, nunca fui obrigado, nunca, nada. Vontade própria mesmo.

Na escola a convivência com os professores sempre foi boa. Nessa época eu era mais novo né, era pra baixo da quinta série, era só um professor. Sempre fui apegado aos professor, sempre fazia amizade.

Ah, com os colegas sempre tinha aquele que tinha aquelas briguinhas, só que sempre fiz amizade. Tinha amizade. Tinha aqueles que de vez em quando dava algumas briga, mas coisa de um dia, no outro dia tava de boa.

Quanto a bagunça eu não era muito bagunceiro, mas tinha hora que eu ficava conversando; era a conversa, que eu ficava conversando demais, as vezes dava atenção para os que tava falando. Mais pela conversa mesmo. Ah, agora não vou lembrar, mas acho que era sobre, se eu não me engano, futebol essas coisas assim. Coisa boba. Essas coisas.

Nunca matei aula não. Alguma vez eu menti dizendo que tava passando mal pra ir embora, mas pular o muro essas coisas, não. Me dava meio que um negócio ruim. Meu pensamento tava lá em outra coisa e não conseguia focar naquilo. Ai eu pedia liberação, ia pra casa, assistia televisão. As cenas de violência em casa atrapalhava bastante. Na escola atrapalhou. E eu lembro que tinha uma vez, era muito difícil, mas quando meu pai ia na escola. Eu fiquei traumatizado, quando eu via meu pai me dava uma coisa ruim. Um sentimento ruim. Porque toda a vez que eu via ele era sinal de que alguma coisa ruim ia acontecer, com minha mãe, com a minha casa. Eu tive essa sensação, sempre quando eu via ele eu ficava em estado de choque já. Me dava um negócio muito ruim mesmo.

É sobre isso mesmo, assim. Toda vez que ele ia na escola assim... teve uma vez que ele foi me ver na escola, na hora do recreio. Ele chegou bêbado na hora do recreio. Assim, foi.. me deu dinheiro. Foi assim legal também, só que são coisas assim pra sempre, que eu vou memorizar em vê aquela situação. Coisa que nunca saiu dos meus pensamentos mesmo, ficou gravado. Na hora que eu vi ele naquela situação... eu senti muita dó dele. Dó. Foi uma mistura de dó e tristeza e lembrava o que ele já fez e medo. Uma sensação muito ruim. E teve uma vez que... a primeira vez que eu vim pra casa dele, ele tentou colocar fogo na minha madrastra na minha frente, ele tava bêbado. Uma vez ele quase me matou, ele veio correndo de mais. Na frente de uma entrada para uma chácara tinha um buraco lá. Ele foi e bateu naquele buraco, ele foi... quando ele foi pro outro lado tinha um carro vindo de frente quase que nós bate nele. E ele tinha até esquecido que eu tava na garupa dele, ele mesmo falou. Ele só lembrou de mim quando ele sentiu minha mão na barriga dele segurando. Que ele lembrou que tinha alguém

com ele. Essa eu tinha... isso foi quando eu tinha 11 anos de idade. Essa da escola foi antes, acho que eu tinha 10... 10 anos.

Nessa época meu irmão já tinha entrado na escola, à tarde. Ele foi lá para ver nós dois. Ele foi para entregar o dinheiro da pensão para minha mãe. Eu não estava em casa nem meu irmão. Ela falou que estávamos na escola, ele foi lá.

O dinheiro da pensão ele entregou para minha mãe mesmo. Algumas vezes ele entregou já para minhas irmãs, que às vezes eles discutiam por telefone e não queriam se ver. Ai ele entrega o dinheiro para minha irmã, para Silvana, para a Monique. Teve época que ele ia lá em Central City para entregar o dinheiro da pensão, as vezes a gente ia na sorveteria em frente do hospital. Ele chamava eu, ligava para minha irmã e falava que era para ir buscar o dinheiro da pensão que queria ver nós. E tinha dia que eu conseguia inventar uma mentira, falava que não estava em casa eu não sentia vontade de ver ele, falava dele eu passava mal na hora. Não sei se era por medo do que ele fez com a minha mãe, sei que ficou marcado. Muitas vezes quando ele chamava, eu sempre falava que eu não tava em casa, tinha saído. Falava que tava passando mal para não ver ele. Conforme foi passando o tempo, praticamente fui desenvolvendo mais eu vi que aquilo não ia adiantar né.. eu ficar sem ver ele , ele errou mas para tudo tem sua segunda chance. Foi quando eu comecei olhar ele com outros olhos né. Mas até hoje ainda, tem vez que eu fico pensando e me dá um negócio ruim. Da vontade de nunca mais na vida ver ele, na mesma hora bate uma tristeza e a falta dele também. Mesma hora que não dá vontade de ver ele mais, ele para lá eu para cá, mesma hora dá vontade de estar conversando com ele. Sinto falta dele. Ele tava até vindo nas visitas mas aconteceu uma cena ali; minha mãe discutiu e eu fui tentar amenizar e ficou bravo comigo e não voltou de novo. Ano passado mesmo, última vez que vi ele sem ser agora na visita foi fevereiro do ano passado, fiquei o ano todo sem ver ele... só mesmo na visita, final do ano passado em dezembro

Tava ele e minha mãe na visita, ai ele começou a falar igual eu tinha te contado a história da moto né. E não foi eu que fiz aquele roubo, nunca roubei nada, ele começou a falar assim.. ele tem na mente dele que foi eu que roubei por que as acusações tem todo o motivo para falar “foi ele” mas não foi. Na mente dele passa que foi eu ai ele fica falando, sair daqui se roubou não rouba mais e fica falando a palavras de uma forma como se eu fosse um ladrão. Eu comecei a chorar, a mãe tava do lado foi falar para ele parar de falar aquilo, que eu não era ladrão e ai ele entendeu como se a mãe tivesse querendo afrontar ele ai começou a discussão. Eu falei para pararem. Minha irmã também estava e falou para eles não discutirem não brigarem, que as coisas já não estavam boas e ainda piorar a situação não vai adiantar nada. Ele ficou meio bravo saiu e falou que lavou as mãos que não queria mais me ver nem vir na visita e saiu. Depois

desse dia ele não veio mais para cá nem mandou recado. Mas assim por um lado é até bom que nesse momento acho que não precisava tanto porque meu pai é muito sistemático. Toda visita quando ele sai eu fico raciocinando aí isso me faz mais mal ainda, já tô mal e ai ouvir as palavras que ele fala me deixa mais mal ainda. Já tô triste, fico mais triste ainda.

Sim, por que você sabe mais ou menos a história que eu te contei. Eu tô preso por uma coisa que eu não fiz, o que eu fiz mesmo não deu em nada. Fui absolvido. O que eu não fiz... fica passando na minha mente já, hoje tô perdendo a melhor parte da minha vida preso por uma coisa que não foi eu que fiz. Não existe nem forma de provar que não foi eu, tem, mas a justiça fechou o olho para minha defesa né. Te chamarem de ladrão sem ser ladrão ai já vai ficando mais triste ainda. Ainda vem meu pai me lembrar disso toda visita. Por esse lado é bom que ele não venha, mas por outro me dá tristeza.

Ah sim, eu ia na Suíça (sorveteria) né e aí teve um dia que eu tava saindo com carrinho de picolé, acho que era professor de natação da AABB, ele encostou a moto perguntou minha idade ai começou as perguntas. Eu falei minha idade, falei tudo. Ele perguntou se eu já tava trabalhando eu falei que não via problema. Melhor do que tá roubando fazendo outras coisas. Ele foi e saiu e quando foi depois, por acaso, o Conselho aparece lá em casa, não sei se ele foi na SEMBEAS³⁷ e falou, porque eu não me lembro na regra, mas se eu não me engano quem tinha 15 anos de idade podia vender picolé. Quem falava que tinha 12 o pessoal liberava porque via que queria trabalhar, tipo um apoio uma “incentivação” ai deixaram eu pegar o carrinho. Foram lá e proibiram, falaram com o dono da Suíça que ele também ia responder. O Conselho chegou lá em casa, chegou do nada e conversou com a mãe e falou que eu não tinha idade para trabalhar. Escutei tudo, tava na sala. Falou e chamou eu pra conversar. Falou que eu não tô na idade ainda, tô na idade de estudar que isso pode me atrapalhar. Eu falei que já tinha acostumado a trabalhar e estudar fazer os dois e dividia parte pra eles, isso não interferia. Mas o conselho falou que dava interferência que isso podia gerar outras coisa ai foi quando falou que se eu continuasse ela ia responder.

Minha mãe foi e falou que era melhor eu parar mesmo e continuar com estudos que ela se orgulhava porque eu era trabalhador mas era bom eu estudar e pensar em trabalhar mais pra frente. Ai a parti daí que eu deixei e fiquei apenas estudando mesmo.

Sem eu trabalhando assim eu nunca entendi, mas a minha mãe sempre teve muita conta pra pagar: água. Conta que na minha mente não sabia de onde saia aquelas contas mas eu sei que era muita e a renda da mãe tinha época que ela ganhava 300 por mês, 400 por mês, tinha

³⁷ Secretaria Municipal de Bem-Estar e Assistência Social.

vezes que ela não tinha serviço quando ela saiu da igreja. Ela tinha que trabalhar por diária ai era 30 reais 50 reais, quando tinha serviço. Ai a renda era do meu pai da pensão. Meu pai não mandava um valor certo, as vezes ele mandava 300, as vezes 500. Ele trabalha de pedreiro. Tinha mês que ele falava assim: que tava sem serviço que não dava nada. E assim ficava atrasava a pensão várias vezes e foi complicado. Nós não chegou passar necessidade por que sempre teve quem ajudou nós, a igreja mesmo, quando faltava algo ela ajudava. Quando eu tava trabalhando ainda faltava alguma coisa eu ia lá e comprava. Mas quando eu tava sem emprego chegou a faltar, mas a igreja sempre ajudava. A mãe trabalhava lá né, cesta básica essas coisa. Eu deixar de trabalhar atrapalhou bastante, era pouco o que eu ganhava mas já era alguma coisa.

Assim, no começo foi até legal no PETI. Nós ia chegava lá fazia, oração, jogava futebol as vezes, fazia uma roda, ficava conversando até dar 9 horas ai vinha merenda, nós merendava ai ficava descansando. As vezes nos limpava em volta, corria, jogava vôlei. Era só brincadeira mesmo. Quando dava 10 e meia eles saia pra ir embora, chegava ônibus e levava nós.

Sim, no começo eu gostava bastante por que eu não tava acostumado a ficar naquela rotina né. Ai mudou totalmente, era só atividade brincadeira; ai depois foi ficando mais sem graça, foi tirando o pessoal de lá colocando pessoas novas, as pessoas novas já não eram igual os outros. Igual a Rose mesmo, teve uma época que ela saiu que ela tava doente colocaram a Bete e era mais chata não deixava jogar vôlei, futebol, nada, era só ficar lá um olhando pra cara do outro conversando. Não fazia nada. Não fazia sentido ir pra lá. Foi a época que eu sai e tinha a fanfarra também que era na parte da tarde. Eu participei a tardezinha, 5:30h. Ia pro PETI cedo, de tarde pra escola e depois pra fanfarra, apresentação 7 setembro, nós íamos no Estrela. Era a única coisa legal era a fanfarra mesmo, depois foi começou a sair os meninos que tocavam, começou pessoa nova tocar. Ai foi saindo ai não tinha mais pra que. Ai que eu sai.

Sai eu tinha 12 pra 13 anos, acho que foi no início de 13 anos. Ai eu ia pra escola, ia pra casa. Não... acordava, ficava em casa, de tarde ia pra escola. Quando chegava da escola ficava sem fazer nada né, foi onde eu achei um espaço pra entrar nas amizades erradas. Não tinha o que fazer, não tinha ocupação.

No meu bairro que eu moro ali, só tem 2 fileiras de casinha, cada fileira tem 12 casas ou 10. Na fileira da minha casa tinha uma boca de fumo na esquina passando duas casas tinha outra, na esquina tinha outra e do outro lado tinha outra, não, 2 do outro lado, sem contar a casa da mulher que eu te falei lá. Ai era movimento. Toda hora nós éramos roubados e virou bagunça.

Minha mãe arrumou um padrasto ele bebia. Passava aquele pessoal usuário de droga que bebe também né que começou a rodear lá em casa, conversava com meu padrasto ai começou essa amizade, eu fui crescendo e fui ouvindo muitas histórias sempre o pessoal tendo

dinheiro fácil. Foi ai que eu entrei nas amizades. Só que roubar mesmo eu não cheguei a fazer. Por causa que meus amigos roubaram e eu tava junto, vim pra cá também, por que ele roubaram e eu vim. Igual fala o ditado junto com o porco né... isso.

Foi quando entrou o Getúlio no meio, o cara que ficava me ameaçando. Nessa época eu tava estudando a tarde na escola ai começou a ir na porta da escola me ameaçar. Tudo isso começou assim: tava vindo embora um dia, nunca tinha visto ele na vida, saindo da escola eu, meu irmão e um amigo meu da minha sala. Nós saímos da escola descendo a rua na hora que nós viramos tava vindo um menino de bicicleta e outro do lado, a pé. Deu pra reparar que não era boa pessoa tinha tatuagem, todo mal encarado. Eu tava desse lado e ele do outro na hora que ele me viu ele atravessou a rua, meu coração acelerou. Já imaginei qual a intenção, ele veio na minha linha mesmo, ele veio e esbarrou em mim o ombro. Eu olhei pra trás abaixei a cabeça e ele falou assim: O que você ta me olhando? E começou a me xingar ai eu fui e falei com o menino que tava do lado que ele só pode ser louco. Ele só me xingando. Ele parou e veio voltando pro meu lado como se fosse me bater ai começou essa bobeira. No outro dia na porta da escola ele veio pra cima de mim querendo brigar sem motivo algum eu nem se quer falei uma palavra pra ele. Já tava lá. Ele foi e me bateu, foi na hora que começou. Uns amigos meio que separou a discussão né. Mas ai começou meio que uma perseguição né. Onde que ele me via começou me bater. Foi ficando mais grave. Dava porrada, teve uma vez que apanhei de 16 moleques, minha irmã foi pra separar eles...

A família dele toda não é boa pessoa, já tem fama de matar, de roubar. E lá em Central City quem mora lá conhece os tal dos baianos; eles querem ser os donos da cidade, mandar mais que a polícia e todo mundo tem medo deles e eu no caso não bati de frente, mas também não me redimi. Eles queria que eu me humilhasse e foi o que eu fiz. Pedi desculpas várias vezes sem ter feito nada e eles me batiam.

Foi nesse dia, eu tinha saído pra lanchar (isso 1 ano depois), essa perseguição durou quase 3 anos, foi eu meu irmão, o Leo o irmão dele e o Fernando meu primo - ele é do sitio não é acostumado, quando a gente tava voltando na esquina de casa tinha um monte de gente, um monte de gente, na hora que eu vi o revolver levei um susto ai eu continuei. Na hora que eu fui passando o Getúlio já me segurou e falou é esse daqui ó. E começou a bater, bateu no meu irmão. Acho que o Getúlio era o mais novo de lá, o resto tinha idade de 23 anos, 18, 17, idade variada só que bem maior tudo cheio de tatuagem, tava com copo de bebida xingando, fumando. Eles seguraram meu irmão e falou assim:

– Você vai ter que pagar 50 reais agora.

Eu falei

– Por que eu tenho que pagar? Não devo nada para esses caras.

Eles seguraram meu irmão e falou que ele não ia sair daqui se eu não desse os 50 reais. Eu tinha 15 reais e dei pra ele, eu tinha um dinheiro que meu padrasto tinha me dado, nessa época eu tava começando a trabalhar de pedreiro junto com meu padrasto. Nesse dia meu padrasto me deu o dinheiro que eu tinha ajudado ele e minha mãe tinha dado dinheiro pra ir lanchar né. Eu tinha 50 reais em casa, eu fui correndo. Cheguei em casa minha irmã tava na frente jogando futebol com meu cunhado ai ela viu eu sozinho e falou:

– Cadê o Wiliam, Júlio? Cadê o Felipe ?

– Estão ali.

Tentei disfarçar né?! Fui correndo pegar o dinheiro, na hora que eu fui saindo, ela foi e viu que tinha algo errado ela me segurou e falou:

– Cadê o Wiliam?

Ai eu contei o que tava acontecendo né, ela foi junto na hora que a gente chegou lá, minha irmã conheceu mais ou menos quem era o cara e falou assim que eles eram vagabundos, noiados, ladrões e realmente eles eram mesmo. Ela foi e falou isso e eles deram um tapa na cara dela. Meu cunhado entrou no meio da briga, meu irmão assustado saiu correndo foi embora. Ficou o Felipe e mandei o Felipe correr também. Ficou eu, minha irmã, nessa época ela tinha 20 anos de idade já, ai rasgou a camisa do meu cunhado, me bateu com pedaço de vidro, tacaram pedra. Na hora que nós fomos embora eles ficaram xingando. Parou uma mulher no meio da estrada, numa moto ainda, falou pra parar que ia chamar a polícia. Até a mulher ficou assustada. Foi na rua do hospital, bem movimentada. Minha casa é na outra esquina. Nós foi embora e quando chegou em casa achou que tinha acabado. A vizinha do fundo ouviu a discussão né, a Silvana começou a chorar já em desespero que ela já tinha problema de coração, assustada começou a gritar e passar mal e desmaiou. Na hora que nós pensamos que ia tudo se resolver eles chegaram lá em casa tacar um monte de pedra. Até hoje no telhado de casa aquelas eternit grandona tem os buracos, quebrou tudo minha casa. Nesse dia eles foram embora, nós chamamos a polícia, a polícia perguntou o nome né, ai nos falou o nome um por um, só o Getúlio que eu não sabia nem o nome dele nessa época. Eu fui passei a característica deles tudo. A polícia foi conversando perguntou se era de maior eu falei que não ai eles falaram que não pode fazer nada. O carro foi embora e por isso ficou. Nós não sabia que tinha que registrar queixa pra poder acontecer alguma coisa e ficou por isso mesmo.

Continuei sofrendo ameaça e ficou mais grave. Quando fez 2 anos e pouco já de ameaça e tudo mais foi quando ficou mais grave. Um dia ele pegou uma faca e veio pra cima de mim no dia 9 de setembro, num domingo, não lembro se domingo ou sábado, 9 de setembro do ano

passado. Um amigo meu me ligou falei que não tava fazendo nada tava em casa a toa e chamou pra ir lanchar. Ele foi lá em casa, nós íamos de bicicleta quando nós chegamos na lanchonete tinha muita gente, ia ter que esperar muito tempo. Passamos na rodoviária compramos salgados pra ir comendo embora ai ele foi e pegou os lanches e nós descemos. Na hora que eu cheguei na esquina da minha casa, esquina da rádio, na hora que nós virou tinha alguém vindo bem pertinho, na hora que eu olhei era o Getúlio e o Luan na garupa dele de bicicleta. Chegou bem perto de mim dei uma olhada só pra ver mesmo porque estava escuro. Na hora que eu virei e vi que era ele falei é o Getúlio! Na hora que viramos na esquina ele já começou a me xingar, foi e me chutou na costela, desequilibrou a bicicleta e nós caímos. Na hora que eu fui pra levantar ele pegou a faca e tentou me furar ai ele veio pra cima fazendo assim com a faca como se fosse me furar e ia me furar e o Luan também me chutando. Eu mandei meu amigo correr e avisar minha mãe. Na hora que avisou a mãe ele tava tacando pedra já quando viram minha mãe saindo ela falou:

– O que tá acontecendo Júlio?

Ai eles correram e falou assim eu vou te matar. Quando foi nesse mesmo dia eu fui embora e fiquei raciocinando e fiquei com medo. Não tinha pra onde eu ir, sair de Central City não tinha como, ai continuei.

No outro dia, já tinha falado que ia me matar várias vezes, ai eu fui... meu padrasto tinha que me passar um dinheiro de ajudante de pedreiro. Ai nesse mesmo dia nós fomos pra uma festa na Fenda do Biquini. Quando chegamos nessa festa, na saída por volta de meia noite nós tava vindo embora veio um tipo aqueles hippie mostrando uma “varetinha”³⁸ falando que era uma arma e que precisava de dinheiro para ir embora, que veio da Cidade das Esmeraldas e tal e tava vendendo. Eu fui e lembrei do Getúlio que tava me ameaçando e comprei. Qualquer coisa dou um tiro nele ai não sei, vai que eu uso pra assustar né. Ai ele tem medo de nós e me deixa em paz. Eu comprei esse negócio e levei embora.

Quando foi dia 10... no sábado ele me ameaçou, no domingo foi essa festa e na segunda eu tava com essa arma na mão já. Na segunda eu saí, fui lá na pista. Ai eu fui tomar tererê com a Silvana. Quando deu 21:26 ela tinha que ir embora, tinha que estar em casa. A gente se despediu, eu virei e descí sozinho quando cheguei na esquina da escola faltava uma esquina pra chegar em casa, tinha um monte de gente ainda na rua: tava a Manuela prima da minha irmã, um agente penitenciário esposo dela na frente de casa, uma mulher conversando com eles na esquina, um pessoal tomando tererê; eu continuei descendo de cabeça baixa ai eu vi alguém

³⁸ Referiu-se a uma arma artesanal.

saindo do quintal vazio, na hora que eu olhei achei que era meu amigo, o Leandro. Eu olhei para cumprimentar eu vi que era o Getúlio ai eu continuei andando. Ele começou a me xingar já e veio pro meu lado, na hora que eu olhei de novo o Luan atrás dele com uma faca na mão. Eu vi a faca. O Getúlio fez como se fosse puxar alguma coisa, na hora que ele fez assim eu tava com a vareteira ai eu puxei e atirei. Ele foi deu risada e continuou rindo. Na hora que ele fez assim vi que ele tava com alguma coisa, era uma faca também. Eu desesperei. Sabia que ele ia me furar ai eu puxei e atirei, pensei que tinha acertado na barriga dele por que ele abraçou assim, ajoelhou e caiu. A bala tinha pegado na cabeça dele. Na hora eu me lembro que só taquei a vareta fora só o cano da arma, taquei no meio fio e sai correndo pra casa. Ai me deu desespero. Todo mundo viu, todo mundo ficou olhando. Na hora me deu desespero mesmo. Na hora deu sentimento de como eu tivesse sido covarde, querendo ou não eu fui né de ter matado alguém, mas eu nunca imaginei que ia acertar, minha intenção era dar o tiro pra ele ouvir e deixar eu em paz. Mas por acaso o negócio não tinha nem mira e acertou nele. Deu sentimento de ser covarde e desespero na hora, medo e eu sai correndo.

Cheguei em casa falei com a mãe ela tava assustada pelo barulho ai cheguei batendo a porta, ela tava dormindo na sala com meu irmão, entrei pra dentro e falei:

– Matei o Getúlio. Mãe, matei o Getúlio.

Entre em desespero. Falei pra ela que eu ia assumir o que eu fiz. Ia na polícia. Depois ai fiquei preocupado porque a família dele ia querer matar depois minha mãe e meu irmão ai mandei ela ir para a casa do patrão dela, o patrão dela é policial né. Eu falei:

– Vai para casa do Nerivaldo, mãe.

Ela pegou e foi. Pode falar pra ele que foi eu, eu vou assumir e pagar pelo que fiz. Minha mãe falou que ia e que era pra eu me cuidar pelo amor de Deus, ai ela foi. Nessa hora fui no quintal da vizinha, fui pra casa da Elaine que era do lado. Conte a história. Eles já tava ciente mais ou menos da história. Ela deixou eu dormir na casa dela eu dormi. E fiquei lá 2 dias. Depois minha mãe falou pra eu ir na delegacia se apresentar. Eu fui lá me apresentei contei como que foi, já tinha um boletim de ocorrência que ele tinha tentado me matar uma vez, todo mundo já tava ciente que ele me ameaçava e que ia me matar, ele tinha coragem.

Me expliquei como que foi e depois passou 2 meses já e a família dele começou me ameaçar ai eu comecei a trabalhar com meu padrasto. Trabalhei durante 1 mês e pouco de ajudante de pedreiro, ele me pagou R\$ 700 reais. Fui no amigo meu em Central City mesmo e comprei outra arma só que já era um pouco melhor. Porque a família falou que ia me matar que, ia matar minha mãe se não me achasse e virou ameaça cada vez mais forte. Na minha mente

passou que eles iam me matar, matar minha família ai eu comprei essa arma deixei em casa. Fiquei 40 e poucos dias com ela guardada.

Quando foi certo dia chegou um papel. A oficial de justiça me tratou como se eu fosse um ladrão mesmo, falou assim:

– Vim trazer uma intimação pra você, pra você ir lá no fórum amanhã a respeito de um roubo que você anda fazendo.

– Que roubo?

– É tantos pra você me perguntar qual deles?

Ai na hora quase cai pra trás. Ela falou:

– Assina aqui e vai lá amanhã que você vai ficar sabendo.

Eu assinei. Ela perguntou onde era o serviço da minha mãe eu expliquei pertinho de casa eu entrei pra dentro e fiquei com aquilo na cabeça, era só o que faltava. Tinha um vizinho na esquina que tava falando que eu tava roubando, que eu tinha virado bandido, que eu era ladrão isso e aquilo. Esse vizinho sempre falou mal de mim e das minhas irmãs, de todo mundo. Falavam que minha mãe é noiada, eles estavam falando esse boato. Eu já estava ciente que ele tava falando que eu tava fumando né, ai na hora que ele me tratou como bandido eu entrei pra dentro e fiquei só raciocinando fiquei pensando. Passou um milhão de coisa na minha cabeça, eu nunca roubei ninguém, nunca roubei nada, da onde saiu isso? Eu lembrei do Celso que tava falando que eu tava roubando, ai na mesma hora eu fui e deixei quieto, falei: não, vou lá amanhã e vou ver que história é essa né.

Quando pensa que não minha mãe começou a me mandar um monte de mensagem, a oficial chegou lá começou a falar no mesmo tom. Falou assim:

– Seu filho tá roubando por aí a mão armada.

Falou assim pra mãe. A mãe mandou mensagem falando que não aceita ter um filho ladrão, que não foi pra isso que criei você. Não era assim. Me deu um ódio na minha cabeça passou que era o Celso que tinha falado aquilo, fui lá na casa dele e comecei a chamar ele pra nós conversar. Ele não saiu, dei uns tiros no portão dele e dois no muro ai fui pra casa sentei lá na frente, pensei que ele tava lá dentro e não queria sair.

Ele falou:

– O que você fez Júlio?

Mas ele sabia que falava que eu tava roubando, começou a falar que não fez nada que eu tô louco. Eu falei que ele sabe muito bem o que fez. Nós começou uma discussão, ele lá na esquina e eu no final da outra esquina e nós gritando um com o outro ai eu falei:

– Vou falar nada não, Celso. Você sabe o que você fez.

Comecei a chorar fiquei sentado lá na frente. Chegou a viatura. O policial bateu na minha cara e começou a perguntar cadê a arma? Falei que tava lá dentro guardada, aí começou me bater, chutar, aí eu mostrei onde tava a arma ele pegou. Me bateu, ficou chutando, teve um deles que engatilhou a pistola e colocou bem assim na minha boca e ficou batendo falando que eu gostava de ficar apavorando o coitado e eles não sabia da história né?! Falando que eu tinha sorte que a cidade era pequena como se eles fosse me matar se a cidade fosse maior. Eu fiquei tranquilo. Eles foram e perguntou porque eu fiz aí eu expliquei a situação aí eles entenderam meu lado também né. Foi falou assim que era o serviço deles que não era pra eu levar eles a mal. E realmente é o serviço deles né, fiquei tranquilo falei de maneira alguma vou guardar mágoa nem raiva, nem nada. Eles tão certo, eu tava errado né. Que nada é motivo pra ninguém atirar na cara de ninguém.

Foi no outro dia, eles foram lá em casa atrás de mim. Eu tinha encontrado minha namorada, eles foi lá em casa atrás de mim. Pediram meu telefone. Eles falaram que era pra mim buscar o telefone. Eu precisava do telefone aí falei vou lá. Quando cheguei na delegacia, eles falou que tinha saído mandado de prisão que não ia entregar telefone nenhum. Quando cheguei aqui que fui saber porque realmente fui preso. Eu pensei que era por causa do tiro no portão né e não era nada disso aí. Depois ficou na minha mente ou é por causa do tiro no portão ou é por causa do Getúlio. Fiquei raciocinando porque eu tinha sido preso, quando pensa que não os agentes chegou lá né, falou que tinha chegado intimação pra eu ir na audiência. Quando cheguei na audiência foram me falar que era a respeito de um roubo de uma moto. Já fiquei sem saber o que fazer né, que roubo de moto é esse? Quando chegou lá dentro eles me explicou, contou a história, tal, tal. Na hora que falou Selielvis, daí eu lembrei que era o tal do ... que fui ajudar ele um dia. Só que não foi eu que roubei. Só que eu fui lá buscar a moto que ele tinha se acidentado. Essa foi minha única participação. Mas por causa da tatuagem no braço, a mulher falou que o cara que roubou tinha uma tatuagem no braço, a polícia mostrou uma foto minha ela falou que era eu e foi isso. Já não vi nem... até eu mesmo fiquei sem saber como me defender né porque se a vítima falou não tem explicação que vai desmentir isso. Mas eu tenho comigo que Deus sabe que não foi eu. Quanto a justiça tudo mais nem me preocupei em provar nada, Deus sabe. A justiça da terra falha a de Deus não.

A polícia também, a polícia lá de Central City, nem todos, mas teve uns policiais lá que foram covarde comigo. Dentro lá eles falou bem assim começou a perguntar uns negócio de moto eu falei que não sabia aí ele falou assim:

– Júlio, nós sabemos que não foi você, mas você sabe quem foi que roubou.

Eles queriam que eu falasse quem foi ou que eu pagasse pelo que eu não fiz. Falei não, prefiro pagar pelo que eu não fiz do que caguetar os cara e depois eu morrer. Fiquei nessa, foi o que aconteceu, vim pagar pelo que não fiz para não morrer.

Quanto tempo eu to aqui? 2 meses e 10 dias hoje. O tempo é indeterminado. O defensor falou que conseguiu o tempo mínimo. O mínimo é 6 meses, mas todo mundo fala que eu não saio com 6 meses porque eu dei um tiro na mulher também, a acusação é bem grave mesmo.

Esse tiro na mulher eu não fiz. Só achei injusto foi o reconhecimento, o certo que eu acho é por aquele vídeo né porque só por uma foto é impossível. Eu tirei uma foto segurando essa arma que eu tinha comprado e ai pronto mostrou de mim segurando essa arma e uma foto de mim de corpo inteiro e a vítima um dia depois falou que o cara que roubou tinha uma tatuagem no braço ai mostraram uma foto minha segurando uma arma, o quê que ela ia imaginar? Falou foi ele de todo jeito, podia mostrar uma foto de um policial que tem tatuagem no braço segurando uma arma que ela ia falar que foi esse ai. Ela tava abalada ainda, com medo, qualquer pessoa com tatuagem no braço ia ser aquela pessoa. Mesma coisa que ser atacado por um pitibul. Se um pitibul marrom vem e me morde, pelo resto da vida eu vou ter uma sensação de que foi aquele, mas não foi. Eu dei um lado a torcer porque eu tinha ido lá ajudar, ele entrou com a moto que ele usou pra roubar, ai eu fui buscar a moto, esse foi meu único envolvimento mas eu acho que não foi motivo pra eles me prenderem por causa disso.

Não, não sabia, ele agiu de má fé comigo. No outro dia quando a polícia começou a perguntar as coisas eu falei tudo que eu sabia. A moto que eu fui buscar não era roubada nem nada ele usou pra roubar a outra. Eu falei que essa moto não era roubada ai o senhorzinho também falou que eu só fui lá para ajudar mesmo não tava junto com ele. Eu nunca imaginei que ia ser condenado por coisa que não fiz. Mas foi o que aconteceu, eu sei que tem 3 vítimas desse roubo, o senhor, a mulher e eu que tô aqui pagando por uma coisa que não fiz e o cara que roubou tá lá na cidade. No mínimo fazendo a mesma coisa ou bem pior e não aconteceu nada com ele. Tá lá tranquilo e eu pagando pelo que ele fez. Infelizmente é assim.

Eu passei pra de manhã na escola, com medo, pra ver se diminui porque a tarde eu tinha uns amigos eu achei que podia ser por causa disso. Metade do ano eu estudei de manhã e não adiantou nada, porque de manhã era mais gente eu passava mais vergonha porque eu apanhava na frente de todo mundo. Ele ia lá batia, ele nunca veio sozinho, toda vez era 2 ou 3 e todos me batia ninguém fazia nada. Ai comecei a pedir liberação mais cedo, ia na direção várias vezes, chamava a polícia na hora da saída, eles falavam que não era papel deles a partir da calçada não era responsabilidade delas e não é mesmo e ficou por isso. Foi na hora que ninguém fazia nada por mim, o que tinha que fazer era sair da escola e deixar isso aí. Foi quando eu entrei nessa,

sai da escola. Um mês, dois meses só dentro do meu quarto, só saía no quintal no máximo. Quando eu decidi começar a sair de novo foi quando começou a acontecer isso aí de novo.

Até hoje não entendi, ainda me pergunto o que levou isso, o que que adiantou né cara, porque ele morreu de graça. Eu matei de graça, sem motivo algum, porque não existia motivo, ele me ameaçava, mas no geral não teve motivo pra aquilo acontecer. Não existia nem lógica, por causa de um encarar o outro gerou eu matar ele, ele morrer e todo mundo se dar mal na história. Na mente de todo mundo lá de Central Ctiy todo mundo fala que o filho da Celene virou assassino, todo mundo me vê com olho de que sou uma pessoa ruim que sou assassino. Muita gente conversava comigo tranquilo ficou com medo de conversar comigo, se afastou com medo de falar comigo. Onde eu passava todo mundo fica olhando e com olho de uma pessoa mau. Via que eles disfarçava como se tivesse medo, foi uma coisa que atrapalhou minha vida toda. A mãe da menina que eu namorava já não gostava muito de mim, quando ficou sabendo... foi muito ruim, vim preso.

Sim, poxa eu tava a perder porque fiz a besteira com Getúlio, já tava com sensação de que o Júlio é bandido passou 3 meses e eu tava na rua ainda, aí vim preso. A hora que eu sair vão falar já matou, foi preso, já roubou e esse negócio de roubar muita gente fica sabendo não sei como mas ficam sabendo. Teve um amigo meu, lá no facebook no dia do meu aniversário, eu já tava preso, aí ele deu feliz aniversário que esses dias vai passar vai acabar aí foram lá e comentou bem assim que lugar de assassino e bandido era na cadeia mesmo e não precisava nem sair de lá. Tá passando na mente de todo mundo lá que eu sou bandido, que eu tô preso, que eu tenho que ficar aqui apodrecendo e não olham os dois lados da história, olham como se eu fosse uma pessoa ruim, porque ele não sofreram. Foi quase 3 anos que eu sofri, apanhei sem nem saber porquê, pedindo desculpa sem ter errado, sendo humilhado e roubado, fui roubado várias vezes pelo Getúlio, quando ele via eu com boné, dinheiro, ele pegava, telefone do meu amigo, foi demais, ele deu tapa na minha irmã mesmo ela tendo problema de coração.

Todo mundo sofria como eu, ninguém podia fazer nada, minha mãe conhecia o pai dele e foi conversar e o pai dele falou que o Getúlio é caso perdido. O pai dele também é criminoso, titulando o filho dele de bandido mesmo. Que eu tinha que abaixar a cabeça e passar de coitado pro resto da vida, isso que ele refletia para minha mãe. Foi isso, minha mãe só podia ver eu apanhar e não podia fazer nada também. Até porque nessas épocas nós não sabíamos que podia registrar queixa, nós só ligava pra polícia e a polícia muitas vezes nem ia lá, só falava nós vamos averiguar esse caso, falava que tinha muito ocorrência sempre era isso que eles falavam. Essa outra ocorrência nem existia, falava isso pra não ir mesmo. Falava que era eu porque era constante que eu ligava pra polícia. Falava que estava sendo ameaçado e que o Getúlio estava

atrás de mim, de primeiro eles iam atrás ai depois ele foi e virou caso comum pra eles. Eles falavam que estavam em outra ocorrência só para não ir lá mesmo, porque em Central City não tem muita ocorrência, falava só pra não atender eu mesmo.

Trabalhar sim né, teve um dia também até hoje eu lembro da parte da polícia, eu tava voltando do serviço todo sujo, tava trabalhando na casa do Zéca fazendo forro e pintando umas balaústra e as diária pro meu padrasto, na hora que tava saindo, foi assim que eu fiz a tatuagem, foi uma bobeira mas na hora lá eu achei bonito não sei o que passou na minha mente, fui e fiz a tatuagem, por causa dela muita coisa aconteceu, a polícia mesmo onde eles me viam me paravam na frente de todo mundo. Isso já foi um ponto negativo pra mim também, teve um dia que eu voltava do serviço sujo de tinta até que o balde de tinta tinha virado em mim, de calça, coturno e camisa de manga, indo almoçar, quando eu tava descendo de dia a polícia encostou a viatura do meu lado e foi me acompanhando de vagar do meu lado mesmo. Virou uma perseguição por causa da tatuagem. Eu trabalhando e eles no meu pé por causa de uma simples tatuagem. Pra você ter uma ideia eu fui tão ruim fazer essa tatuagem na hora que eu fiz nem sabia o que tava escrito, fui saber quando eu cheguei em casa que fui pesquisar ai eu vi que tava escrito VOCE MESMO SE PERDE. Foi muita bobeira essa tatuagem, por causa dela que eu fui preso.

Cheguei no tatuador tava eu o Alexandre, eu fui lá fazer tatuagem mas não sabia qual... eu fui bobo, moleque comecei a ver os desenhos eu vi esse achei bonito e falei faz ai. Ele cobrou R\$ 250, era o dinheiro que eu tinha. Eu falei vou fazer e fiz. Mas na hora que terminou eu olhei na hora já me arrependi falei meu Deus o que eu fiz? Ai começou bater um arrependimento. Esses dias eu tava lendo a bíblia eu vi o que é que eu tinha. Teve uma época depois de tanta ameaça eu queria mostrar pro Getúlio que eu não era um coitado para ficar apanhando dele. Eu trouxe pra mim mesmo a aparência do mal, queria mostrar que eu também era aquela pessoa e isso foi uma bobeira, foi meio sem lógica fazer tatuagem pra mostrar que eu também não era um coitadinho, mas eu não sou nenhum bandido pra fazer isso e fiz. Foi o mesmo fato da arma, nunca imaginei eu com uma arma, comprei a arma para mostrar que eu também não era obrigado ficar apanhando dele. Quis mostrar que eu também não era qualquer um. Essa foi minha burrice. Talvez se eu tivesse só apanhado e ficado quieto, apesar que ele estaria aí até hoje, mas eu não estaria aqui nem envolvido com as más amizades não teria feito tatuagem nem nada. Talvez eu ia tá oprimido, mal, mas eu acho que o meu lado a torcer foi esse ai queria mostrar que eu era mau pro Getúlio e acabou que mostrou um reflexo de mim que não soube controlar depois. Comecei a andar com as más amizades pra ele ver que eu também andava com alguém que era bandido, isso foi meu erro.

Depois que eu fui pro Conselho eu comecei a trabalhar com meu padrasto. Nessa época era base os dois se minha mãe precisasse de alguma coisa eu dava. Quando meu padrasto veio morar com a gente lá ficou menos mal a situação. E tinha renda dele e da mãe ai já não precisava tanto do meu dinheiro, ai eu comecei a comprar telefone, foi onde eu.. começou a sobrar mais dinheiro, as coisas que eu precisava, roupa, essas coisas... o dinheiro era mais pra mim mesmo, tinha vez que a mãe não tinha recebido ou atrasava o pagamento ai ela falava:

– Ah Júlio, tem R\$ 50 reais, tem R\$ 20 reais?

Ai, ia, né.

O relacionamento com meu padrasto foi ótimo, esse meu padrasto mesmo. O Danilo, ele pra mim mesmo, é porque a mãe começava a discussão, mas o Danilo é muito bom o que estraga ele é a bebida. A partir do momento que ele bebe ele fica descontrolado, fica tranquilo, mas qualquer coisinha que a mãe fala ele acha que tá xingando ele ai começa a discussão. Mas tirando a bebida ele é uma pessoa boa.

Minha mãe que agride ele... acho que tanto que a mãe apanhou do pai ela criou um ódio dentro dela que ela falou que ninguém mais vai bater na minha cara e se meu padrasto falar alguma coisinha ela já senta a mão nele. Já bateu nele várias vezes. Mas os dois, se meu padrasto parasse de beber ia tudo se resolver, não ia ter discussão nem nada ele é uma pessoa muito boa. Sempre que precisei ele me ajudou e ele é muito bom pra mim, não tenho nada que falar dele, muito tranquilo. Ele fez mais papel de pai mesmo do que meu próprio pai.

Na confusão do Getúlio meu pai chegou a ir lá conversar, conversou com Getúlio, meu pai conhece o avô do Getúlio. Ele morava em Gotham City, vinha pra Central City fazer não sei o que, aí que rolava esses encontros. Meu pai sabia que o avô dele era o tal do Sr. Baiano. O pai ia lá conversava. Teve um dia que o pai foi conversar e o Getúlio tava lá. Meu pai falou assim:

– Por que você tá batendo no Júlio? Eu vim pra conversar numa boa.

– Que numa boa nada, comigo é na bala (gestos com a mão).

Meu pai até desistiu. Viu que era caso perdido, não adiantava. Podia falar um milhão de vezes com ele que não ia resolver. Minha mãe conversou muitas vezes com o Getúlio, minha mãe perguntou uma vez na frente da escola por que ele me batia... ele falou:

– Ah não fui com a cara dele.

Esse Getúlio não foi com a cara do próprio primo e eles saíram brigados, eles não se davam bem, não podia um ver o outro que saia briga. A fama do Getúlio é de pessoa ruim, eles é descendente de baiano mesmo. A Nalva, essa Nalva que foi matar minha mãe, ela matou o próprio irmão de consideração dela isso foi quando eu morava lá embaixo ainda de 6 pra 7 anos.

Eu vi, eu tava na hora. Acho que isso ai também que me deixou um trauma, eu vi ela matando ele, na minha frente.

Com 6 pra 7 anos. Tava brincando na frente do quintal ai ela começou a discussão e ela saiu com duas facas e ele correndo. Ela começou a furar ele, na hora que ele chegou na frente de casa começou a gritar socorro. Na hora fiquei com medo de correr dela e morrer, fiquei com medo de ficar parado. Eu só paralisei, não consegui me mexer com medo. Ela deu um monte de facada nele, saindo sangue. Ele morreu. Minha mãe chegou me levou pra dentro eu fiquei sem saber o que falar, chorando, tinha nem o que falar. Isso ai marcou na minha mente. Nunca esqueci nem vou esquecer disso aí. Nunca tinha visto isso acontecer de uma pessoa esfaquear a outra. Para mim nunca imaginei aquilo lá, tava brincando de carrinho, minha mente em outra coisa, do nada aquela gritaria, ele gritando socorro e ela enfiando a faca nele 2 facas de serra. A família dele é assim, uma semana antes de eu atirar no Getúlio, o pai dele tinha sido furado pelo próprio sobrinho, família dele mesmo se mata precisa nem ter ninguém pra eles matar. O cara, tio dele de sangue mesmo, ele foi lá e furou, encheu de facada.

A história do Getúlio foi um marco pra minha vida, bastante. Foi quase 3 anos de perseguição sem motivo e várias vezes eu chegava no Getúlio pedia desculpa sem ter feito nada mas eu pedia e não adiantava ele continuava me batendo do mesmo jeito.

Meu sentimento era de medo, só medo, medo, medo. Sei nem explicar, mas depois que o tempo foi passando ... quando a pessoa sofre muito igual minha mãe que apanhou do meu pai a vida inteira quando ela deu um basta ela decidiu que nunca mais ia apanhar, ai ela começou a dar uma facadas no meu pai. Ai quando ela tava com meu padrasto ela que sempre agredia ele, ela cansou daquilo. No meu caso, foi quase o mesmo. Passei muito tempo só oprimido, apanhando e ficava por isso mesmo, sentimento de medo. Só queria ficar sozinho, tinha vergonha porque eu apanhava na frente de todo mundo. Só ia guardando pra mim, só me fazendo mal e não reagia, quando foi um dia eu cansei. Foi o dia que ele tentou me matar, um dia antes de eu matar ele, falei cansei. Foi o dia que encontrei ele, ele veio pra me furar. Aquele dia eu quis colocar um basta na história, sentimento de que eu também não ia mais, poxa eu tava apanhando por não ter feito nada, passou um ódio com revolta e juntou muita coisa. Lembrava o tanto que já sofri, minha vida toda foi sofrimento, nunca posso falar assim: teve um dia na minha vida que eu fui feliz. Eu não tenho esse dia, não existiu. Comecei me cansar daquilo, porque continuar sofrendo eu não tava afim. Eu quis colocar um fim nisso da pior maneira né que foi atirando no Getúlio, só piorou a situação. Minha mente eu matei ele e se matei junto, minha mente passa muita coisa, a mãe dele... ele tinha uma mãe, ela não vai gostar

de receber a notícia de que o filho levou um tiro. Isso é coisa que fica pra sempre, nunca vou esquecer.

Ah se eu falar que é bom aqui (CASE) vou tá mentindo, mas não é tão ruim. Única coisa que é ruim é eu saber que tô pagando por algo que não fiz. Coloco na minha mente que eu tô pagando o que fiz com o Getúlio e as outras coisas que aprontei. Coloco isso na minha mente, que eu tô aqui porque eu fiz isso, não ouvi minha mãe, as amizades é isso que tá me mantendo forte porque aquelas horas que me da tristeza. Eu tava com essa garota ia fazer 2 anos, ela terminou, ai toda hora que eu lembro eu fico mal ainda mais sozinho. Pior inimigo da gente é nosso próprio pensamento, sem dúvida. O pensamento coloca que não devia ter feito nada disso, só me leva pra baixo, única coisa que me deixa firme mesmo é eu pensar que tô aqui por algo que eu fiz, alguma coisa eu fiz pra tá aqui, isso que faz ficar tranquilo. São coisas que a gente sabe lidar por cima, ninguém se adapta, ninguém consegue se adaptar a sentir dor, eu sinto dor não é dor física, mas a dor do pensamento. É bem pior que a física, que é ficar pensando lá fora, deixei minha mãe, fico imaginando ela que nunca me viu assim, a gente separado, todo dia que ela acorda ela não me vê, complicado. Mas vai acabar né?! Tudo passa.

Por aqui no momento quero pensar que eu errei e quando eu sair lá fora consertar, pensamento é esse no momento. Mas no momento só isso mesmo, consertar onde eu errei e não insistir no mesmo erro né, sair daqui tô com muito pensamento do que fazer lá fora, uma nova chance né, recomeçar onde eu errei tudo. Minha mãe e meu pai falou que ia pagar um curso de cabeleireiro e eu tenho vontade, sei mais ou menos cortar, sair daqui vou fazer isso.

Aprendi, ah foi sozinho mesmo, vendo vídeo, as pessoas quando eu ia cortar cabelo. Tem um amigo lá em Central City que ia abrir um salão: o Juninho. Eu ia lá e nós ficava conversando. E eu fui aprendendo. Quando eu vim morar com meu pai ele tem amigo cabeleireiro eu fui aprendendo mais ou menos ai comecei a cortar o cabelo dos meus amigos lá de Central City, não era bom, mas era mais ou menos. Comecei a gostar de fazer isso. Sair daqui vou fazer o curso e pretendo investir nisso.

O que eu mais quero é voltar pra escola e só consertar o que eu fiz. Pretendo voltar pra minha cidade até na hora que minha mãe... é que nós não vamos ficar lá né, lá em Central City, acho que já deu pra mim. Muitas coisas começaram lá, enquanto eu tiver lá, a mudança tá na gente não no lugar nem nas pessoas, mas lá vai ter muita coisa que vai me atrapalhar a mudar. Eu quero sair de lá, esquecer aquele lugar e vida nova, é o que eu pretendo. Mas sair daqui até nos arrumar outro lugar pra sair, vou continuar estudando, vou ver como funciona o negócio do curso né. Tem um amigo do meu pai que falou que eu podia vim no salão dele aprender mais ou menos, eu tenho um primo que tem salão em Gotham City, disse que eu posso ir lá que ele

vai me ensinar. Depois fazer o curso e tentar arrumar um lugar pra ficar, tem meu primo que falou que eu posso ficar lá assim que eu fizer o curso, posso ficar lá com ele até eu ajeitar um bom dinheiro. É isso que eu pretendo fazer. Só isso, consertar.

Sim, vai consertar parte né porque tem coisa que é impossível consertar igual a mãe do Getúlio mesmo, eu nunca vou consertar o que eu fiz, o filho dela não vai voltar mais nunca, nunca, nunca por nada, nem por dinheiro, nem nada ele vai voltar. Mas apesar que eu nunca vi a mãe do Getúlio, mas toda noite eu peço que Deus conforte o coração dela. Eu acho que tem coisas que o ser humano é impossível perdoar acho que essa é uma das coisas, a mãe do Getúlio nunca vai me perdoar pelo que eu fiz.

Tenho vontade de pedir perdão a ela, tenho muita, muita, peço muito pra Deus que eu acho que não vou ter oportunidade de pedir, mas que Deus conforte né porque a dor, gosto nem de imaginar, pior coisa do mundo, pior do que eu ter matado ela que na mente dela. Ela prefere morrer do que perder o filho. Que é uma coisa muito ruim, certeza. Pior sentimento, mas falaram que ele era filho único dela e ela não era igual o pai dele. O pai dele colocou ele no mal caminho e ela sempre sofreu com Getúlio. Fiquei sabendo que ele quebrou as coisas dela, acho que uma semana antes dele morrer, ele tinha xingado ela. Eles tavam afastado um do outro, acho que ela sofreu mais por causa disso mesmo. Se eu tivesse um filho, o filho quebra tudo na minha casa, a gente fica meio brigado um com outro e quando pensa que não ele vai e morre, teve nem chance de se despedir de forma boa. Lembrança que vai doer no resto da vida, fico imaginando. Ela desmaiou 3 vezes no velório dele, fiquei sabendo, essas coisas me matou por dentro, saber disso tudo. Tudo tem os dois lados, tem o lado de quem mata e de quem morre, infelizmente arqueei com a culpa. Tem pessoa que mata e não tá nem aí. Tem um menino ali embaixo que matou o menino na enxadada e todo dia acha que foi bonito, não se arrepende hora nenhuma. Não consigo ser assim, não consigo, eu tento o máximo esquecer do Getúlio, mas eu não consigo todo santo dia eu tenho que lembrar dessa história fica passando na mente, fica se torturando no meu psicológico, eu mesmo na minha mente como se fosse alguém falando: você matou ele. Uma coisa muito ruim.

Foi em setembro, faz 4 meses né. Pra mim parece que eu tivesse vendo o dia de novo e a cena nunca vai sair da minha mente, na hora que ele caiu. Posso mudar a minha vida, mas a minha mente não consegue esquecer, nunca vai apagar.

Na minha mente o que eu penso é, nossa, muita coisa, mas o principal o estudo livra a gente de muita coisa, sem dúvida. Tenho certeza que se eu tivesse estudando ia ter ocupação na mente, não ia ter tempo de planejar fazer coisa ruim com as pessoas. Sim, foi na época que sai e fiquei com pensamentos ruim, torno de 6 meses sem estudar. Foi nesse 6 meses o espaço que

eu dei pra entrar coisa ruim na minha vida. Quando eu estudava tinha sentimento de culpa de ficar apanhando, sentimento de dor, mas não tinha pensamento de fazer nada contra o Getúlio. Não tinha tempo de ficar pensando que tava cansado disso. Eu parei de estudar e começou.

A escola só me liberava mais cedo, única coisa que eles podiam fazer mesmo, liberar mais cedo. Não, minha mãe era ciente. Eles perguntavam se a minha mãe sabia, eu falava que sabia. Não preocupava muito desse lado. Acho que eles pensou que não ia passar de discussão, porrada e que ia resolver um dia e ia acabar. Mas era uma coisa que não ia acabar eu sempre falei que não ia acabar bem. Na conversa, eu sentia que as ameaças eram graves o motivo foi bobo demais é por ai que a gente percebe que se fosse uma coisa de motivo, se eu tivesse xingado ele tinha mais chance de acabar apenas em soco e porrada mas foi um motivo que não existiu, um motivo verdadeiro.

Pra mim mesmo, a escola tem um papel importante, mas não vou saber explicar a importância do papel da escola na minha vida. Eu não conseguia ver a importância, mas aqui dentro eu vejo bastante. Por um lado eu vejo bastante a importância da escola na minha vida. Estudo é tudo, quem tem consegue tudo, nem tudo, mas muitas coisas. Não escuto isso, sou eu mesmo. Eu imagino mais pelo lado da minha reflexão mesmo que aconteceu comigo, eu acho que se eu tivesse continuado na escola, não dado moral pro Getúlio, apanhado até ele cansar e continuado firme nos estudos acho que não ia ter tempo pra pensar em agressão. Minha bobeira foi abandonar a escola.

Desde quando eu tava na escola eu trabalhava dia de sábado e domingo com meu padrasto. Eu ficava o dia todo trabalhando quando tinha serviço, tinha época que ficava sem serviço. As vezes precisava que eu fosse lá ajudar ele. Mas desde quando eu estudava já ajudava ele. Construiu um quartinho lá nos fundos de casa eu ajudei ele. Desde quando eu estava estudando eu já tava trabalhando, nenhum afetava um ao outro.

Eu acho que o trabalho não poderia ter me ajudado na ocupação, porque no serviço de ajudante mesmo, ia lá carregava massa e o pensamento ficava toda hora no mal. Na escola não, na escola tinha os amigos pra conversar, vinha alguém dava conselho. No serviço não tinha ninguém para dar conselho, só tinha eu mesmo e o pensamento já não era bom e eu ainda ficava imaginando coisa, eu ralando e aquele moleque lazarento não faz nada da vida. Eu sabia o que ele fazia ele vendia droga, mas ficava imaginando que eu não tenho que ficar apanhando do Getúlio e foi quando me deu mais raiva ainda, eu trabalho não faço nada pra ele e ainda tenho que ficar apanhando do Getúlio. Já na escola não, na escola o pensamento era outro, estudando vou dar ponto negativo pra isso e vou deixar acontecer até o dia que eles cansarem, quando eu sai da escola mudou o pensamento. Não tinha mais o diretor falando que eu era novo, pensa

isso. Elizete também falava várias vezes, a Marly conversavam bastante chamava eu lá na direção. Dava bastante conselho e eu sempre ouvia e era bom. Ajudava bastante os conselhos que ela me dava. Eu sai da escola parece que os conselhos que ela me deu ficou dentro da escola, como se eu tivesse esquecido, saí da escola desaparece aqueles conselhos.

E também muita gente assim... eu não procurava ninguém nem com a minha mãe eu conversava muito sobre isso, a história do Getúlio. Teve uma época que eu ligava pra polícia e falava que eu tava apanhando, quando eu via que ninguém ia fazer nada eu cansei e falei não existe isso não, fiquei dentro de casa mesmo só pensava em vingança e não conseguia falar pra ninguém que eu tava sofrendo, que eu tava apanhando, não conseguia, não saia pra fora. Não tinha ninguém pra me ouvir, mesmo se eu quisesse não tinha ninguém. Tinha a namorada, só que isso aí eu evitava muito, ia passar medo pra ela. Se eu falasse que tava me ameaçando de morte ela ia falar meu Deus cê tá ameaçando ele de morte praticamente eu também vou morrer. Eu ficava quieto, preferi não falar nada com ninguém só guardar comigo mesmo e deixar. Teve uma época que eu procurei muito e ninguém me ajudou aí eu imaginei, desisto. Deixa acontecer e guardei só pra mim.

Os policiais nunca orientaram a registrar boletim de ocorrência. Só fui registrar por causa da minha vó. Porque minha vó se alguém olhar pra ela, ela já registra o boletim de ocorrência. Ela foi e falou só por isso que eu fui lá. Acho que encheu o papel de tantas ocorrências, muitas, muitas.

Eu tava com a mãe falando sobre isso e a mãe falou com a vó. Aí a vó conversou com a tia dele, ela apresentou o Getúlio pra minha vó sem ela saber que era ele que me batia. Ela falou assim:

– Esse aqui é matador.

Batendo nas costas do Getúlio. Assim era jeito de falar, mas já dava pra ver que o moleque não era boa pessoa. Ele se intitulava que era bandido, falou que já tinha matado em Gotham City, não sei se é verdade, mas ele falava que já tinha matado um e pra matar outro não custava.

Assim quando eu sair daqui eu vou sentir uma sensação muito triste igual tá sendo pra mim. Por mais que não parece, mas vai ser. Toda pessoa que eu passar vou imaginar que será que a pessoa sabe que eu fiz isso, que eu fui preso, vai passar isso na minha mente. Talvez a pessoa nem sabe mas na mente vai passar que todo mundo tá me olhando como bandido, as vezes nem é isso mas a sensação vai ser essa na minha mente. Mas é tudo questão de tempo, as pessoas vão tirar esse olhar da gente, vai tirar isso da minha mente. Na hora que eu realmente mostrar que eu não sou bandido, que eu sou mais que isso daqui, vai acabar essa perseguição,

esse pensamento. Vou voltar a trabalhar, eles vão ver que eu não sou isso tudo, nem bandido. Bandido não trabalha, não é pessoa boa. Igual agora mesmo, eu fui muito educado, com todo mundo, na escola, mulher do mercadinho quando minha mãe falou ela nem acreditou ela pensou que a mãe tava louca. Que eu sempre fui muito educado. Se tem uma coisa que vem de berço é a educação. Não consigo ser mal educado com ninguém mesmo, esse é o maior ponto positivo pra mim. Quem me conhece sabia, ah Júlio menino tão educado. É meu lado positivo também.

Aqui dentro eu estou trabalhando. Aqui dentro a gente lava o banheiro, faz limpeza no pátio, rastela. O trabalho é leve né, mas já vai desenvolvendo. Não sei se é porque eu sai daquela cela. Mas eu acho que não, por causa que fico muito preso né ai quando a gente sai, dá valor a tudo, tudo mesmo. Cada segundinho que a gente fica aqui fora já é muito valioso. Acho que é isso, é uma reflexão. Eu fico imaginando lá fora com tanta oportunidade pra ficar só no meu trabalho aqui dentro olho e qualquer servicinho que eu sei fazer, fico todo alegre. Lá fora eu não tinha essa visão né. Uma coisa tão fácil de trabalhar, a gente não dá valor.

Conseguir trabalho lá fora é meio difícil, já era difícil antes. Só conseguia que era meu padrasto, caso contrário é difícil conseguir trabalho, difícil mesmo. Aqui na cidade mesmo quando eu vim morar aqui desde do ano passado, morei aqui 3 meses, fiz os currículos pra deixar em mercado, foi difícil, era muita gente, quase impossível conseguir um serviço, serviço é muito difícil mesmo. O mais fácil de achar era de pedreiro e de ajudante e mesmo assim ainda é difícil conseguir. Na época que eu vim morar aqui eu tinha parado de estudar um tempo já, ai dificultou. Sei que é muito difícil arrumar serviço. Mas também acho que é difícil porque eu não tinha curso nem nada ai é difícil mesmo. Acho que com curso seria mais fácil, provavelmente. Cabeleireiro mesmo, acho que se fizer um curso é rapidão. Sem nem fazer o curso já tem vários serviços quando eu sair, o salão do meu primo mesmo, o amigo do meu pai também.

Eu ia morar com meu pai ou então minha mãe ia alugar uma casa aqui, igual ela tava pensando. Isso também que é o lado negativo da história ter que morar de aluguel isso que atrapalha. Lá a gente tem a casa e é nossa, é ruim, mas é nossa, nosso lugar, lá ninguém vai chegar e mandar ir embora, já aqui não... aqui é diferente. Mas é difícil, mas minha mãe planeja isso, morar de aluguel ou então lá em outra cidade ou então eu vim morar com meu pai. Mas morar com meu pai, a gente não se dá bem, meu pai fala coisa desconexa coisa nada a ver e no fim magoa as pessoas, ele sempre foi assim. Ai depois que ele magoa pede perdão, mesma coisa dar um soco na outra pessoa e pedir perdão como se nada tivesse acontecido, depois que machucou não adianta voltar. Meu pai o erro dele é esse, ele machuca as pessoas e depois pede perdão.

A Silvana tá casada, foi embora. Tá morando na Cidade das Esmeraldasfaz uns dias, mandou até uma carta pra mim. A gente tava meio brigado por causa disso tudo, comecei andar com essas amizades ela começou a criar outra visão de mim porque o tal do Celso falou que tava roubando. Ela ficou chateada comigo. Nós tivemos uma discussão. Ela até saiu de casa por causa da briga que a gente teve e por causa do Getúlio, na cabeça da Silvana eu tinha feito alguma coisa com o Getúlio e ela ficou com raiva porque ela apanhou dele e na mente dela passava que eu era o culpado, eu fui culpado de tudo por uma coisa que eu não fiz. Ela levou esse tapa e falou que era culpa minha, que eu fui caçar encrenca com ele, mas isso nunca existiu. Eu e ela ficamos brigados por causa dele, 1 ano sem se falar por causa disso. E ela se casou, ela teve casamento e nem me chamou. Eu não fui no casamento dela, ela não me convidou. Ela pegou meio que uma raiva de mim. Uma vez nós discutimos lá em casa por causa do Getúlio ela falou que eu era vagabundo, que ela tinha levado tapa por causa de discussão, eu fui e comecei a falar:

– Você tem prova que eu fiz alguma coisa com o Getúlio? Sabe da história?

Ai começou a discussão. Já começou o nervoso por causa do problema de coração ai ele pegou uma chave se eu não me engano e falou que ia me matar e virou uma discussão enorme. Teve um dia que ela pegou um pedaço de pau ainda, tudo isso começou por causa do Getúlio e foi aumentando a história. Sei que isso fez minha irmã se afastar de mim, gerou uma briga entre nossa família. Tudo isso por causa dessa história do Getúlio. Minha mãe foi me defender porque ela sabia que eu não tinha feito nada com o Getúlio, a Silvana já falou:

– Você tá do lado dele, tá apoiando ele, tá achando bonito o que o Júlio tá fazendo. O Júlio não tá estudando.

Generalizou. Eu sei que a gente ficou um ano sem se falar. Ela se casou ano passado nem me convidou, aí ela foi embora. Desde quando eu estava lá eu queria pedir desculpa pra ela, mas não tive coragem, eu fui orgulhoso de pedir, depois deu arrependimento. Falei nossa não vai dar tempo de pedir desculpa. Bateu uma saudade quando a mãe falou que ela tava indo embora, eu fiquei triste. Fiquei pensando imagina se ela morre, nós tá brigado sei nem se ela vai me perdoar. Ela foi e escreveu uma carta pra mim. Minha mãe trouxe sexta agora essa carta.

A Monique tá morando com a minha mãe e o Wiliam também. A Amanda não gosta muito do meu padrasto, tem raiva, ela foi morar junto com a Silvana. Ai ficou morando eu, minha mãe, meu padrasto e o Wiliam. Minha irmã mais velha a Luciana, tava fazendo faculdade na Metrópolis ai ela terminou a faculdade de medicina. Ela tá morando na Sensilvânia, se casou e mora lá. Só que o pai dela tinha condição de pagar, ela é filha de outro pai. Ela foi morar na Sensilvânia, se casou e tá lá. O Wiliam mora com minha mãe. A mãe fala que ele tá mal, todos

nós querendo ou não sofremos bastante, mas o Wiliam sofreu bastante, ele era acostumado a ver eu brincando com ele e do nada as coisas virou tudo ao contrário. Fui preso. No dia que vim pra cá ele chorou bastante, ele tava até pra escola, ficou pedindo pra mãe tirar eu daqui. Na mente dele pensou assim que era só questão da minha mãe querer, mas não era.

Ele tem 11 anos. No dia da visita ele veio, nossa, deu tanta tristeza, mas tem que manter firme né. Eu fingi que tava bem, falei que tava bem. Que era pouco tempo, rapidinho eu saia e eu ia voltar pra brincar com ele. A Amanda voltou a morar com a minha mãe porque a Silvana foi embora. A Amanda voltou a morar lá em casa. Ela terminou o 3º ano e o Wiliam tá estudando ainda. Tá morando eles 4 lá em casa, meu padrasto, minha mãe, a Amanda e o Wiliam.

Meu padrasto discutindo com a minha mãe esses tempo atrás e foi preso. Os vizinhos chamaram a polícia. Minha mãe disse que ele bebe fica discutindo e ela não queria mais e foi preso por 2 meses, coisa que abala bastante meu irmão. Ele tem só 10 anos e convive muita coisa. Tem o vizinho lá em casa, ele dá trabalho, os irmão dele (não que eu seja uma boa pessoa), mas lá todos não são boa pessoa, já foram preso, menos um que trabalha no mercado. São 7 ou 8 filhos e todos... a dona Branca e Sr. Fazendeiro sofrem muito, todos roubam, usuário de droga, todos lá respeitam, mas tem o tal do Leandro, ele matou todo o amor que tinha ao próximo. Ele fez muita raiva. Ele bebia e começou a xingar minha mãe, minha irmã, um dia deu um tapa no meu irmão falou que minha irmã e minha mãe ficava com ele, inventou várias coisas. Tinha hora que eu não sabia nem o que fazer da minha vida, muita informação no mesmo momento, esse Leandro falava que minha mãe tava ficando com ele e ele pegava minhas irmãs. Ele entrou lá dentro e chutou tudo, quebrou arvorezinha de casa, tinha pé de jambo nascendo ele chutou e quebrou tudo. Teve um dia que meu tio foi preso por causa dele. Minha mãe tinha ido comprar carvão pra assar carne, foi ela e o Wiliam, na hora que tava voltando o Leandro tava no mercadinho da esquina bêbado começou a xingar. Minha mãe pegou uma faquinha de serra e veio vindo e minha mãe já tava sendo ameaçada por ele faz tempo, ela andava com canivete do meu padrasto, ai ela ficou com o canivete e falou:

– Vem Wiliam se esse cara fizer alguma coisa com nós eu furo ele.

Meu irmão do lado. Quando pensa que não vem meu tio ele pegou e viu e passou todo bobão meio retardado da mente, não sei se ele tava fingindo se isso é real né, ai ele passou tava um monte de xingamento, passou do lado e nem reparou, quando ele parou pra perceber olhou pra trás e viu minha mãe e falou:

– Ei esse cara tá xingando você?

Ai minha mãe falou:

– Tá.

Ela tava com o canivete na mão aberto. Ele jogou a bicicleta no chão e puxou o canivete da mão da minha mãe, chegou a cortar o dedo da mãe e foi pra cima dele e deu uma facada nele bem aqui (altura da costela). Faltou 1 cm pra perfurar a espinha, não sei, ele ia ficar até paraplégico. Meu tio foi preso, gerou briga, meu irmão viu isso aí tudo, isso não é coisa descente pra uma criança ver.

Tem um pessoal lá que meu Deus, até eu me admiro de ter aguentado ficar lá tanto tempo. Os vizinhos lá faz rodinha de carroceiro, fala alto pra ouvir, fica falando que minha mãe é noiada, outro fala que já pegou minha mãe, outro que já pegou minha irmã. O tal do Celso para na rodinha fala assim, que o Celso descarrega caminhão lá no serviço da minha irmã, ai ele fala que minha irmã tava ficando com todos do trabalho dela. Isso não existe, eles falam assim só pra ver o mal mesmo, coisa que não existe eu sei que não existe, conheço bem minha irmã. A Silvana mesmo, falavam que ela tava ficando com os cara do serviço dela, ela é casada, da igreja, batizada, nunca aceitei, apesar de eu e a Silvana não estar se falando, nunca vou aceitar falar isso dela, se eu souber que ela andava no meio de galerinha na rua eles teriam o que falar. Mas não, a Silvana sempre foi de dentro da casa, sempre foi direita, nunca bebeu na vida, nem fumou, sabe nem o que é fumar. E o pessoal cuida da nossa vida ali que é uma beleza sei que é muita “atordoância” ali. Fiquei meio atrapalhado, meu irmão também daqui uns dias, se nós não sairmos dali, vai ter o mesmo futuro, totalmente assim uma pessoa desconexa. Sim, talvez. Acho que é meio provável que meu irmão já começou, ele pegou uma raiva do Getúlio porque ele batia em mim. Um dia o Getúlio foi lá na frente da minha casa me bater, pegou uma ripa, meu irmão entrou lá dentro e pegou uma faca, meu irmão tinha 10 anos esse dia, agora ele tem 11, mas se continuar ali não vai virar uma coisa boa. Ainda mais as amizades, que ele é amigo do tal do filho da Paulo e ele não é boa pessoa, isso daí uma hora vai afetar, vai virar um problema. Sei que eu quero sair logo daqui e mudar aquilo lá. Esquecer aquela cidade. Gosto muito daquela cidade, mas as pessoas estragam a cidade, estragou até minha vontade de ficar lá.

Penso comigo que, aos meus olhos né, mas a escola podia ter feito mais por mim pra evitar. Pra mim a polícia não tava tendo mais ouvido, talvez a diretora ou coordenadora da escola ligasse pra polícia e falasse que tava acontecendo aquilo, talvez a polícia ia dar mais atenção, que ia ver que o caso era mais sério né, não era uma brincadeira nem uma briguinha, era caso sério. Eu acho que se a escola tivesse feito isso ia ajudar muito, ia evitar muita coisa. Acho que ia mudar total, ia evitar a morte do Getúlio, eu estar aqui hoje. Eu pensei que as amizades ia ajudar eu me livrar daquele moleque. A escola não passou tanta confiança, passou conselho, mas não confiança. Muita coisa né. Você me perguntou o que podia ajudar a mudar

a situação? Sim, eu acho que sim né. Igual a escola mesmo, a coordenadora sempre me deu bastante conselho, mas talvez se na escola que tivesse alguém mais ativo mesmo pra acompanhar esses casos, porque na escola se tivesse alguém pra exercer esse papel de ameaça de pessoas ameaçadas esse tipo de coisa, pessoa já acostumada a lidar com isso, se tivesse alguém lá pra me aconselhar bastante mesmo, ia fortalecer o conselho, ajudaria bastante.

Acho que a polícia também né. Minha mente é bem, passa muita coisa, mas nossa muita coisa mesmo, mas também a polícia inclui nisso né. Acho que atenção a mais da polícia quem tá acima de escola, pai e mãe. A polícia que é autoridade tinha que ter um olhar mais ativo. Tem uns policiais que são bem ativos lá, mas tem uns que... eu tinha um vizinho que vivia batendo na mulher dele, ele arrancou fora a sobrancelha dela e mastigou e engoliu, a minha mãe sabe contar a história todinha. Ele era realmente possuído pelo demônio, todo mundo ali viu isso acontecer e assim todo vez torturava a menina, essa menina até se matou aqui em Gotham City. E quando morava lá em Central City, acontecia com frequência. Ligava pra polícia nas primeiras vezes eles vieram, mas conforme foi passando o tempo eles deixou de dar atenção eles falavam assim:

– Ah! Quando morrer 1 ou 2 vocês ligam pra nós.

Eles falavam isso, ou seja, acho que é uma total falta de atenção da polícia, porque se eu fosse policial e isso acontecesse eu ia falar com o delegado que o delegado está acima de mim, o delegado ia falar com a Juíza que tá acima dele e assim eu acho que exercer alguma coisa né porque apenas o que eles fizeram eu acho que eles poderiam ter evitado muita coisa. A polícia é o principal que pode evitar essas coisas. Eu acho que falta atenção mesmo da polícia nessa parte aí. E coitada, ela sofreu muito, teve uma vez que ele encostou ela no muro. Ela tava com roupa toda branca, ai ele encostou ela no muro deu 3 facadas nela, 1 na coxa outra na barriga dela, eu vi foi na frente de casa. Era uma coisa assim que era perturbante aquilo. Na época lá em casa as ruas eram de terra aí passava trator ficava um morrão de terra parecendo uma pedra, uma vez eles discutindo ele jogou ela no chão pegou uma pedra só que era de barro e tacou na cabeça dela e rachou no meio porque era de barro. Eu lembro que ela sofria muito e ninguém podia entrar no meio, porque quem entrasse no meio ia se tornar mais uma vítima né. E todo mundo tinha medo, ligava pra polícia e não dava nada. No fim das contas o outro vizinho discutiu com esse cara, tocou fogo na casa dele quando ele não estava lá. Na hora que acordei pra ir pra AABB tava um barulho que parecia de tiro mas eram as telhas estralando, ele tocou fogo na casa. A menina tava na rua porque ela era usuária de droga, na hora que ela chegou na casa dela que ela viu tudo destruído, a única coisa que ela tinha era a casa, na mente dela não sei o que passou, mas sei que ela foi embora no mesmo dia. Ela foi para Gotham City na casa

da filha dela, no outro dia ela se matou. Acho que de desgosto em ver aquilo tudo. Sei que é muito triste, acho que o que falta pra mudar isso é atenção, a falta de atenção está muita. A polícia principalmente, não dá atenção, leva tudo como se fosse normal, pra eles é normal né porque eles veem isso acontecer direto, mas cada caso tem que ser uma nova atenção, cada caso uma nova ocorrência, uma nova atenção. Tem que ser muita atenção mesmo, não pode tornar mais um caso comum, só mais um. Morreu.. ah é só mais um. Mas acho que é só atenção mesmo pra mudar essas coisa. Acho que falei tudo.

9 TRABALHO, CRIMINALIDADE E SOCIOEDUCAÇÃO

Esta seção tem por objetivo trazer uma breve definição do conceito de trabalho e apontar sua centralidade na vida do ser humano, sem a pretensão de esgotar o assunto. Buscamos apontar para a relação socialmente construída entre trabalho e dignidade e não-trabalho e criminalidade, como parte de um processo de produção de sujeitos desfilados.

É comum a crença de que, por meio do trabalho, a dignidade seja estabelecida; afinal, *o trabalho dignifica o homem* perante a sociedade. Em se tratando do adolescente em conflito com a lei, acredita-se que, atribuindo a ele uma profissão e/ou capacitando-o para o trabalho, ele deixará a prática infracional e usufruirá de todos os seus direitos civis por meio de seu esforço pessoal. A questão não mencionada nessa realidade é o desemprego devastador que atinge nosso país, o que faz com que muitas pessoas estejam fora do mercado de trabalho, mesmo sendo capacitadas.

9.1 A CENTRALIDADE DO TRABALHO NA SOCIEDADE ATUAL

Quando adentramos nas discussões acerca do mundo do trabalho, é fundamental abordar a temática de sua centralidade na atualidade, mais ainda quando se trata dos sentidos do trabalho para adolescentes pobres e negros em conflito com a lei e das possibilidades concretas disponíveis para eles.

O trabalho é uma categoria polissêmica. Para Marx (1980), trata-se de um processo que envolve o ser humano e a natureza, em que o ser humano, com sua própria ação, se apropria dos recursos da natureza, transformando-a e imprimindo-lhe utilidade e sentido. Nessa relação, o ser humano é dialeticamente transformado (MARX, 1980).

Como forma de explicitar a especificidade do trabalho humano, Marx (1980) toma o exemplo da abelha. Para ele, a atividade desempenhada pela abelha é distinta daquela do ser humano, que possui, fundamentalmente, uma consciência. As abelhas, por si próprias, trabalham por instinto, sem planejamento consciente. Em contrapartida, o ser humano, por meio da consciência, imagina e planeja uma ação com a finalidade de criar algo que lhe seja útil. Neste processo, o homem manifesta-se por meio daquilo que foi construído e ao mesmo tempo é influenciado por sua própria criação. Neste movimento, o homem se relaciona com a natureza e com outros homens adquirindo novas potencialidades e capacidades, produzindo o que eles são. A dialética entre homem e natureza gera condições materiais que determinam sua atividade

produtiva e o tipo de sociedade que existirá. Entende-se, portanto, que o trabalho é a mediação entre homem e natureza, expressando a vida humana (OLIVEIRA *et al.*, 2007).

Este processo do trabalho é composto, além de sua consciência e atenção, de sua atividade propriamente dita, do objeto do trabalho e dos meios pelos quais o trabalho acontece (MARX, 1980). A matéria-prima é o objeto filtrado por meio de um trabalho anterior, sendo ela objeto de trabalho. No entanto, nem todo objeto de trabalho é matéria-prima. O meio de trabalho é tudo aquilo que o ser humano utiliza para conduzir suas ações entre si e o objeto de trabalho para atingir seus objetivos, ou seja, um produto. O processo de trabalho termina após a conclusão do produto.

Para Enríquez (2014), tanto para marxistas quanto para não marxistas, o trabalho é considerado a essência do homem. A questão de como o trabalho adquire centralidade na vida humana é um elemento importante nesta discussão, uma vez que, nesta sociedade regida pela produção capitalista, o tempo dedicado ao trabalho pela população é cada vez maior.

Para André Gorz (2005), o trabalho estrutura a relação do homem com o mundo, bem como as relações sociais, pois é central na sociedade. As mudanças que o trabalho sofreu em sua natureza devido ao capitalismo e à Revolução Industrial do século XVIII fizeram com que ele se tornasse central na vida humana, sendo reconhecido pela sociedade como mais valorizado, sobretudo ser for remunerado (ENRIQUÉZ, 2014). Segundo Gorz, a forma como conhecemos o trabalho hoje foi uma invenção da modernidade gerada pelo industrialismo.

Este trabalho difere daquele exercido nos afazeres cotidianos, como os trabalhos domésticos e/ou de autoprodução – isto é, o trabalho em que seus próprios executores são destinatários e beneficiários e que ninguém poderia realizar em seu lugar. Tais trabalhos, para Gorz (s. d.) não expressam uma identidade social, por serem executados “fora” da esfera pública. O trabalho da atualidade, segundo Gorz (s. d.), é o trabalho da esfera pública, reconhecido neste âmbito e, por isso, remunerado. É a partir deste trabalho que se adquire uma existência e uma identidade social, conhecida como profissão. O trabalho socialmente remunerado e determinado é, nesta sociedade, o fator mais importante da socialização.

Anteriormente, entretanto, este trabalho voltado à satisfação das necessidades de subsistência (trabalho que não era remunerado, ou seja, o trabalho “do suor de seu rosto”) era visto como inferior na escala de atividades humanas. “Estavam [os que o praticavam] submetidos à necessidade, incapazes, portanto, de elevação de espírito de desinteresse, de tudo aquilo que habitava a ocupar-se dos assuntos da política.” (GORZ, [s. d.], p. 22). O trabalho para satisfazer as necessidades era considerado servil. Com o passar do tempo, seu significado

foi sendo alterado e o trabalho passou a ser o centro do processo de humanização do homem (ANTUNES, 2005).

Antunes (2005) assevera que a linguagem, a sociabilidade e a divisão do trabalho se originaram do ato laborativo, que possibilitou um “[...] salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social” (ANTUNES, 2005, p. 136). O ser humano tornou-se um ser social por meio do trabalho. Antunes recorre a Marx para dizer que o trabalho é um resultado teleológico idealizado pelo ser social – o que difere do ser biológico animal; ou seja, o animal age puramente pelo instinto, enquanto que o ser humano possui a capacidade de pensar sobre o que fez e melhorar seu produto.

Assim, Antunes (2005) argumenta que a categoria central presente no processo de trabalho está no interior do ser material e que nasce em uma nova objetividade. Para que ocorra essa objetividade, o ser social precisa primeiramente pensar e, depois, produzir. Isso significa que o ser humano necessita racionalizar sobre o que produzir – com que formas, finalidades, processos de construção – e, depois, objetivar o que foi pensado, tendo assim seu efeito final, material. Nesse sentido, a busca por essa produção e reprodução da vida societal em uma atividade autogovernada faz com que o ser deixe de ser um mero epifenômeno da reprodução biológica; em outras palavras, o ser humano deixa de agir por impulsos e instintos e passa a agir de forma racionalizada ou pensada, de forma que possa criar e recriar sobre o que já existe.

Para Antunes (2005) o trabalho se tornou um *referencial ontológico fundante da práxis social*, devido ao processo de autorrealização da humanidade que, por meio dele, busca satisfazer as necessidades do ser social. Deste modo, o trabalho passou a ser uma prática social que visa satisfazer as necessidades humanas; essa prática social se tornou uma ação entre seres sociais, devido à sua inter-relação entres esses próprios seres – logo, deixou de ser uma prática primária entre homem e natureza, e passou a ser a uma prática secundária entre seres sociais. Segundo o autor, o trabalho tem “[...] quer em sua gênese, quer em seu desenvolvimento, em seu ir-sendo e em seu vir-a-ser, uma intenção ontologicamente voltada para o processo de humanização do homem [...]” (ANTUNES, 2005, p. 142). Portanto, de acordo com Antunes, o trabalho é central, pois humaniza o ser humano no decorrer de sua história enquanto o ser o executa e o aperfeiçoa.

Deste modo, tomando como base estes autores, consideramos o trabalho como repleto de sentido para vida humana, *locus primeiro* de realização, por seu papel fundamental na humanização do ser. Este sentido, entretanto, é socialmente construído, seja para uma realização pessoal, seja para uma realização coletiva.

Na conjuntura atual, o mundo do trabalho – impulsionado pela globalização e pelo modo de produção capitalista – sofreu modificações, como o espaço ocupado pelas mulheres em vários segmentos da sociedade e a elevação de produtividade com os avanços tecnológicos. Entretanto, essas modificações trouxeram consigo algumas degradações que afetam a vida de vários trabalhadores – entre eles, estão aqueles que, em nome da produtividade, se sujeitam a uma carga horária de trabalho excessiva, ao desgaste físico e emocional, à maior pressão, o que leva ao adoecimento; enquanto esses se submetem a estas situações, há aqueles que não possuem nenhum emprego. Mesmo com o ingresso das mulheres no mundo do trabalho, ocorreu com isso a pouca ou nenhuma valorização de seu trabalho, que acaba recebendo salários menores que o dos homens. De forma geral, essas mudanças mesmo que tenham trazido “alguns” benefícios não deixaram de precarizar e intensificar a exploração da força de trabalho (NAVARRA; MACIEL; MATOS, 2017). Mesmo assim, o trabalho continua central para o ser humano na sociedade em que vive.

Rizzo e Chamon (2011, p. 408) compactuam dessa ideia e iniciam seu texto dizendo que “[...] o trabalho, nos dias atuais, é visivelmente valorizado, não só pelo retorno financeiro, mas pelo valor moral que ele assume em nossa cultura.” Observa-se que as pessoas são valorizadas pelo trabalho que exercem ou por serem consideradas “trabalhadoras”, em detrimento daquelas que não possuem um emprego ou pelo menos fazem os chamados “bicos”, sendo taxadas de “vagabundas”. Nessa perspectiva, se percebe um valor moral dado ao trabalho, que “dignifica” o ser humano enquanto ele o executa.

Neste sentido, nos perguntamos sobre os sentidos do trabalho para o jovem negro e pobre que cumpre medida socioeducativa de internação. Como é, para ele, a centralidade do trabalho? Que possibilidades efetivas de trabalhar ele vislumbra antes, durante e depois do cumprimento da medida? É possível pensar o trabalho digno numa sociedade desigual?

9.2 MUNDO DO TRABALHO E DESIGUALDADE SOCIAL

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) apontam que mais de 1,2 milhão de pessoas entraram para as estatísticas da população desocupada nos três primeiros meses deste ano, o que levou a um total de 13,4 milhões de pessoas à procura de emprego. Esse aumento de pessoas à procura de um emprego gerou um crescimento na taxa de subutilização da força de trabalho que atingiu 25%, o que evidencia um grupo de 28,3 milhões de pessoas. Nesta conta, estão incluídas pessoas subocupadas com menos de 40 horas semanais, os desocupados e o que estão disponíveis para trabalhar, porém não conseguem um emprego.

Em Rondônia o desemprego subiu de 7,2% no quarto trimestre de 2018 para 9% no primeiro trimestre de 2019, de acordo com os dados do IBGE (2019). Nesta mesma pesquisa, constatou-se que a taxa de desemprego foi maior nas capitais do que no interior; contudo, mesmo que a taxa de desemprego tenha sido menor no interior, houve um aumento de pessoas empregadas subocupadas por insuficiência de horas e que gostariam de trabalhar mais.

Entre pessoas com idade acima de 14 anos que estavam desocupadas, evidenciou-se um aumento na ocupação por meio de trabalhos informais. A taxa de desocupação das pessoas de 14 anos ou mais, que era de 12,3% no trimestre finalizado em maio deste ano, diminuiu para 11,8% no trimestre encerrado em agosto. Entre estes trabalhos, estão comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, alimentação e outros serviços.

Junqueira e Jacoby (2006, p.4) asseveram que

As dificuldades enfrentadas nesse contexto, por exemplo, o desemprego ou uma inserção precarizada no mercado de trabalho, são resultado de grandes transformações societárias que se encontram em curso nas últimas décadas, como o neoliberalismo, a globalização e as transformações no mundo laboral. O Estado, em um processo gradativo de “encolhimento”, resultante dos ajustes estruturais, vem eximindo-se de suas atribuições definidas em lei, reduzindo os seus gastos na área social, em um movimento de focalização de suas políticas e de transferência de suas responsabilidades para a sociedade civil.

Isso significa que o Estado tem deixado de propiciar políticas públicas que garantam condições mínimas de acesso aos direitos e de sobrevivência para a população, e tem designado essa responsabilidade ao próprio sujeito ou para a própria sociedade; ou seja, a sociedade deve buscar sua sobrevivência e os indivíduos que a compõem são as peças que geram, por meio de seus esforços, trabalhos que lhes proporcionem renda. Essa omissão do Estado e a falta de alternativas de enfrentamento da pobreza amplificam a desigualdade na sociedade brasileira. A desigualdade social é expressa na ausência de políticas públicas que garantam, minimamente, alguns direitos da população, como a escolarização e o direito ao trabalho.

De acordo com dados³⁹ divulgados pela Secretaria da Educação de Rondônia (SEDUC/RO), 60% dos jovens de Porto Velho entre 15 e 17 anos de idade estão fora da escola; a razão que mais se destaca é a **necessidade de trabalhar** (32,6%), já que 42% dos jovens pesquisados vivem com renda familiar de apenas um salário mínimo. Contudo, apesar da taxa de desempregados ter-se reduzido 3,4% em relação ao 1º trimestre de 2017 em Porto Velho, o

³⁹ Reportagem publicada no site do governo do estado de Rondônia. Para mais informações acesse: <http://www.rondonia.ro.gov.br/pesquisa-identifica-que-42-dos-jovens-fora-da-escola-em-porto-velho-tem-renda-familiar-de-um-salario-minimo/>.

motivo dessa redução foi o desalento da população desempregada, que buscou outras formas de trabalho – aumentando, desta forma, a taxa de subutilização de sua força de trabalho (aumento de 12,4%). Rondônia é o segundo estado do país com maior taxa de população subutilizada (21%)⁴⁰.

A desigualdade não traz consigo apenas privação de direitos: ela carrega uma discriminação que é vivida pelas classes subalternas, entendidas como de segunda categoria. O contraste evidenciado entre pobreza e riqueza mostra uma desordem social que culmina numa insegurança pública assustadora. A violência é a expressão maior dessa desordem e contribui com a formulação de inúmeros preconceitos associados à pobreza, difundidos pela grande mídia (MELLO, 2001).

Quem vivencia diariamente essa violência no Brasil é, infelizmente, a população negra e pobre. O racismo é ainda um problema que marca a sociedade brasileira e que é a raiz de uma desigualdade social que tem, como base, a diferenciação racial. Desde a escravidão, a realidade vivida pela população negra estava ligada às piores condições de vida, como pobreza e miséria, independentemente de sua residência – campo ou cidade –, marcada pela ausência de perspectiva de ascensão social (FARIAS, 2016).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada⁴¹ (IPEA) publicou que o número de homicídios de negros no Brasil vem aumentando consideravelmente, de 2000 – ano em que foram registrados 23.549 casos – até 2017 – quando o número saltou para 49.524 homicídios. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública corroborou tamanha tragédia; o *Atlas da Violência* (2019) divulgou que a desigualdade racial está presente: a taxa de mortes de não negros manteve-se estável, reduziu 0,3%, enquanto que a de negros cresceu 7,2% em uma década (2007-2017). Nesse mesmo período, o número de jovens negros assassinados saltou de 26.489 para 35.783⁴².

Os jovens negros e pobres, tema desta pesquisa, são, portanto, os mais atingidos por esse modelo econômico fundado na desigualdade social e no racismo.

Autores como Cerqueira e Coelho (2015) e Barros, Acioly e Ribeiro (2016) ressaltam que, quando se trata de homicídios, os jovens negros pobres têm maior probabilidade de serem vítimas do que os jovens não negros. Para Barros *et al.* (2017, p. 1056),

⁴⁰ Para mais informações, acesse: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21247-27-7-milhoes-de-pessoas-estao-subutilizadas-na-forca-de-trabalho-do-pais>.

⁴¹ Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/41>.

⁴² Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/24>.

No Brasil, a questão do racismo é ainda mais complexa. Podemos entender que a intensificação dos homicídios de jovens em sua grande maioria negros, pobres e habitantes das margens urbanas, considerados como aqueles que devem morrer em defesa da sociedade, em nome da ordem, trata-se de uma problemática colonial.

Um exemplo dado pelos autores foram os pronunciamentos emitidos por agentes públicos sobre a chacina ocorrida no início de 2017 na penitenciária do Amazonas – falas que desconsideravam a pessoa humana, como se as vidas dos presos que foram mortos não tivessem valor devido à situação em que se encontravam (encarcerados). Falas como “Ali não tinha nenhum santo” ou “Tinha de ter uma chacina por semana” evidenciam a discriminação que essas pessoas sofriam. Os autores ainda destacaram que o perfil da maioria dos presos se assemelha ao da maioria das vítimas de homicídios do Brasil: jovens, negros e pobres, isto é, pessoas consideradas marginais.

A miséria econômica faz parte da maioria das situações que geram marginalidade; para Castel (1997), essa marginalidade é atingida quando o sujeito está impossibilitado de trabalhar e cortado ou fragilizado em sua inserção relacional, entrando numa zona chamada desfiliação.

A marginalidade pode ser explicada por, pelo menos, três situações: a pobreza integrada, que configura uma pobreza trabalhadora; a indigência integrada, que necessita de socorro por assistência comunitária; e a indigência desfilada, que não localiza um lugar no trabalho e nem na comunidade. Os grandes marginais são aqueles que se encontram institucionalizados ou reclusos. A vulnerabilidade – que, segundo Castel (1997), é gerada pela precarização do emprego e pela fragilidade do apoio relacional – foi, sem dúvida, afetada nos últimos anos também pelo desemprego.

Os jovens são atingidos negativamente por essa marginalidade em relação ao trabalho, pois não conseguem definir uma trajetória profissional estável devido ao desemprego e ao subemprego – e também por possuírem uma referência sociorrelacional que não permite que recebam de seus pais um capital social, o que culmina em pequenos delitos e provocações. São esses jovens que, desde muito cedo, precisam “conseguir”, por seus próprios méritos, crescer e viver com dignidade; são eles que compõem a maior parte dos jovens encontrados nas unidades de internação das medidas socioeducativas.

9.3 O TRABALHO NA MEDIA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

Assim, no âmbito da socioeducação, foco dessa dissertação, o trabalho é considerado uma ferramenta que possibilitaria a ressocialização dos adolescentes em conflito com a lei,

sendo a profissionalização para o trabalho uma estratégia para estimular a responsabilidade do adolescente (SILVA, 2013). Para Farias (2015), a profissionalização é um dos meios para instrumentalizar o adolescente para o trabalho e uma condição de reinserção social.

Já Silveira *et al.* (2015) compreendem o contexto em que o adolescente estava inserido como fundamental para o planejamento – em conjunto com o adolescente que cumpre medida de internação – do desenvolvimento de seus projetos futuros, principalmente porque a maioria deles chega ao sistema sem clareza do que pretende para suas vidas no que se relaciona ao trabalho, mesmo reconhecendo que o trabalho possa contribuir na renda familiar.

Neste sentido, o foco da medida socioeducativa deve ser a busca de potencialidades e aspectos saudáveis dos adolescentes, e não restringir a punição (JESUS, 2013). Para a autora, isso deve ocorrer oportunizando ao adolescente o acesso aos seus direitos que já foram violados desde o nascimento; entre estes direitos, estão a escolarização e a profissionalização/o trabalho.

Considerando o trabalho uma ferramenta que contribui para o processo de ressocialização dos adolescentes envolvidos em atos infracionais, o Estado busca implementar a oferta de cursos profissionalizantes dentro dos centros, com o objetivo de valorizar o adolescente que cumpre medida de internação.

Rizzo e Chamon (2011) afirmam que o trabalho tem sido estimulado para este público, o que se pode notar no Programa Primeiro Emprego, do governo federal. Elas apontam que o trabalho gera nos adolescentes um aumento da autoestima e do sentimento de responsabilidade, os quais são aspectos positivos para ingresso no mercado de trabalho; aumentam também a autonomia e a liberdade diante dos pais ou responsáveis. De acordo com Ferreira (2014), esse trabalho gerado pelo primeiro emprego significa, para os adolescentes, um meio de independência e de construção de um lugar social de pertencimento ao mundo adulto.

O ECA garante ao adolescente o direito à profissionalização e à proteção ao trabalho, em seus artigos 60 ao 69, deixando explícito que tal direito deve respeitar a condição peculiar do adolescente como pessoa em desenvolvimento e visando a uma capacitação profissional que se adeque ao mercado de trabalho (BRASIL, 1990).

No âmbito socioeducativo, o trabalho é visto como forma de contribuir no processo de ressocialização do adolescente (BARRETO; QUINTANA, 2017). A legislação vigente ressalta que a capacitação para o trabalho deve ser uma das prioridades no processo socioeducativo, pois se acredita que ele contribuirá para a não reincidência de atos infracionais (BRASIL, 2012). No artigo 54 do SINASE, está previsto que, no Plano Individual de Atendimento ao adolescente, deve constar a previsão de atividades de integração social e/ou capacitação profissional. Para as autoras Barreto e Quintana (2017), o trabalho, visto como forma de

reinserção social, pode contribuir no processo de ressocialização, possibilitando a construção de outros projetos de vida para os adolescentes que cumprem MSI.

Porém, ainda que isso pareça relevante, as políticas públicas existentes voltadas a esses adolescentes ainda não garantem, efetivamente, que eles usufruam desse direito de serem capacitados para o mercado de trabalho e, muito menos, que sejam protegidos do trabalho informal e precário. É patente a inserção de muitos jovens, principalmente os de classes mais pobres, em trabalhos não registrados para contribuir com a renda familiar.

A profissionalização deve ocorrer observando a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Por sua vez, a CF apresenta vários requisitos de proteção ao trabalho dos adolescentes, corroborados pelo ECA, posteriormente. Para tanto, é vedado o trabalho insalubre, perigoso ou penoso, noturno, e que prejudique a frequência escolar, bem como o desenvolvimento físico, psíquico, moral e social (BRASIL, 1990; 1988).

O SINASE, em seu artigo 76, estabelece o vínculo com o Decreto-Lei nº 4.048, 22 de janeiro de 1942 – que criou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), instituição que garante a oferta de cursos profissionalizantes aos adolescentes que cumprem medida socioeducativa. Este vínculo deve ser concretizado por meio de instrumentos de cooperação celebrados entre o SENAI e os gestores dos sistemas socioeducativos. Essa articulação visa à preparação do adolescente para o mercado de trabalho, acreditando-se que, após sua internação, ele consiga um emprego que lhe proporcione benefícios e saia da criminalidade.

Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, os Códigos de Menores de 1927 e 1979 utilizaram-se do trabalho para educar e disciplinar meninos e meninas que foram sentenciados ao internato (RIZZINI, 1997). Na execução da sentença cumprida nos reformatórios, à época dos Códigos, os “menores” recebiam treinamentos para o trabalho para evitar as práticas infracionais geradas pelo ócio (RIZZINI, 1997; SARAIVA, 2005). Dito de outra forma, nos antigos reformatórios, as meninas recebiam treinamentos para a esfera doméstica e os meninos, para a produção; de acordo com RIZZINI (1997), o objetivo era moldar o “menor” para o trabalho e ensinar-lhe regras para viver em sociedade.

Busca-se, por meio do trabalho, a disciplina e o ensino para viver em sociedade; isto é, procura-se, pelo ensino do trabalho, exercer a função regulatória do Estado (FOUCAULT, 1990), de maneira que o trabalho seja o objeto que fará com que o ser humano não incida na criminalidade, pois por meio dele a trabalhadora ou o trabalhador gastaria sua força na atividade executada, se submeteria a uma ordem hierárquica e ainda teria um retorno financeiro que lhe proporcionaria a sobrevivência.

Porém, o ensino pelo trabalho não ocorre apenas por meio dos cursos profissionalizantes. Dentro do CASE, ainda existem trabalhos internos executados pelos adolescentes com o auxílio de agentes de segurança socioeducativos, como o cultivo da horta, a limpeza do prédio e a capinagem do espaço externo. Desse modo, percebe-se que há uma ambivalência no sentido do trabalho executado, pois o adolescente que possui bom comportamento é nomeado por um servidor para executar tais atividades; contudo, revela-se, no cotidiano, o pensamento de que tal adolescente deve ser punido pelo erro que cometeu (a prática infracional que precedeu sua internação) com o trabalho forçado. Esta ambivalência existe porque não há trabalhos que possam, de fato, ser escolhidos pelos adolescentes de acordo com suas aptidões, mas apenas trabalhos em que se utiliza a força física. Isso faz lembrar o que Foucault (1999, p.15) diz:

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

O corpo do adolescente é posto como objeto de sofrimento, melhor dizendo, como foco do suplício, que se imprime pelo trabalho forçado e pelo enclausuramento; um corpo que teve seus direitos de liberdade e de escolha suspensos durante o processo de internação e que se torna um corpo útil para o trabalho, se ainda estiver num sistema de sujeição – caso contrário, resta-lhe apenas o enclausuramento em seu alojamento (FOUCAULT, 1999).

Considerando que o trabalho possui um valor moral e uma centralidade na sociedade; considerando o desemprego atual, vivenciado pelos brasileiros, e os trabalhos informais executados pelos adolescentes dentro e fora do CASE; e considerando os cursos profissionalizes ofertados a eles, interessa-nos saber quais os sentidos do trabalho para estes adolescentes que cumprem medida de internação e que experimentaram e experimentam essas vivências arroladas acima.

9.4. SENTIDOS DO TRABALHO NA SOCIEDADE E A CRIMINALIDADE

Tomando como pano de fundo para essa discussão a compreensão das práticas discursivas enquanto produções de sentidos que se fazem num tempo longo, num tempo curto

e no tempo vivido, orientados pelos relatos dos adolescentes, este item constitui uma análise a respeito dos sentidos circulantes do trabalho na nossa sociedade, expressos em duas máximas importantes, suas origens e seus efeitos atuais.

A primeira e talvez mais conhecida expressão fala da dignidade conferida ao homem pelo trabalho. Quando alguém diz que “o trabalho dignifica o homem”, diz-se também que aquele que não tem trabalho não é digno. Esse discurso está presente no âmbito socioeducativo e no cotidiano dos jovens entrevistados aqui. Mas antes que adentremos nessa temática em que o trabalho pode dignificar o adolescente que cometeu ato infracional, é oportuno abordar a origem desse ditado popular.

Conforme Kubo e Gouvêa (2010), a palavra trabalho tem sua origem no latim *tripalium*, que designava um instrumento feito por três paus aguçados ou por pontas de ferro que os agricultores usavam para processar os cereais. Seu verbo *tripaliare* significa torturar sobre o *tripalium*, remetendo à compreensão de sofrimento e tortura. Sendo assim, a palavra trabalho vem carregada, por seu contexto histórico, de uma compreensão ligada a uma experiência dolorosa ou de castigo.

Não obstante, no cristianismo, o termo trabalho também se faz presente. Após o pecado de Adão e Eva, que haviam sido postos em um jardim para cultivo sem dor e sofrimento, Deus os expulsou do Paraíso e determinou que, para sobreviver, o homem teria que “comer o pão com o suor do teu rosto”, o que se traduz no sofrimento gerado pelo trabalho para seu sustento. Oliveira e Silveira (2012) apontam que a relação do trabalho está ligada ao discurso religioso e diz respeito a ameaça, castigo, maldição e sofrimento. Basicamente, seria uma forma de compensar, pelo sofrimento, o erro ocasionado pelo pecado original. Na perspectiva cristã, a partir daí, o homem e a mulher tiveram que trabalhar arduamente para conseguir suprir suas necessidades.

Trabalhar, portanto, é visto como condição que humaniza e dignifica o homem numa sociedade que discrimina a ociosidade e a preguiça, as quais podem ocasionar delitos. O trabalho é considerado algo central, pois regula e controla o comportamento do sujeito – que é valorizado por executar uma atividade que lhe traga sustento e valor moral.

Já o ócio e/ou a preguiça são considerados pecados que entrelaçam a sociedade. Na sociedade capitalista, a mendicância e a preguiça tornaram-se crimes sujeitos a pena de prisão e de morte (CHAUI, 2013). No sistema capitalista, o trabalho e/ou a ocupação é valorizado em detrimento da ociosidade (CONSTANTINIDIS, 2012). A ociosidade, de acordo com o ideário social, pode levar o sujeito à prática de atos socialmente reprováveis, o que fica evidente no ditado popular: “mente vazia, officina do diabo”.

De acordo com Constantinidis (2012), o provérbio “cabeça vazia, oficina do diabo”⁴³ é utilizado como sinônimo de que a falta de ocupação pode resultar em pensamentos maus e trazer consequências ruins; o ditado valoriza a ocupação e o preenchimento do ócio, evitando qualquer conduta considerada ruim. Fica evidente, mais uma vez, que o ócio é considerado ameaçador da moral, trazendo a delinquência e a loucura (CONSTANTINIDIS, 2012).

Essa ociosidade rompe com o padrão exigido pela sociedade em que os seres humanos precisam produzir, afastando-se da vagabundagem. Para Castel (2003), vagabundos são aqueles que romperam o pacto social de trabalho, família, moralidade e religião e, por isso, são considerados inimigos da ordem pública; porém, para o autor, têm sua origem pelo processo de desfiliação que ocorreu com eles.

A passagem para a marginalidade se dá como numa gradação de cores; não há barreiras rígidas entre a sociedade e suas margens, entre os indivíduos e os grupos que respeitam as normas estabelecidas e aqueles que as infringem (CASTEL, 2003).

A maioria dos vagabundos possui um trabalho ou é oriunda de outros lugares em busca de um trabalho. Esse é um drama da miséria e da dessocialização. O vagabundo vive como se estivesse fora deste mundo. “De modo geral, dado que a vagabundagem é tida como delito e leva a cometer outros delitos, o testemunho conservado é o de uma condenação” (CASTEL, 2003, p. 134).

A dificuldade de manter um vínculo a um senhor e a brevidade do tempo em um trabalho são condições de pré-julgamento para uma vagabundagem que resultaria em criminalidade devido à instabilidade das relações de trabalho e à fragilidade dos vínculos sociais que o vagabundo possui. O que Castel (2003) diz é que a categoria do vagabundo como a-social e perigoso trata-se de uma construção. Ele não deixa de citar que, obviamente, existem vagabundos perigosos que “escolheram” a ociosidade ao invés do trabalho, mas isso não generaliza toda essa categoria como ociosa e preguiçosa.

Castel (2003) aborda que a condenação do vagabundo e/ou a repressão está no fato de que os representantes não possuem uma solução para essa categoria – como se eles suscitassem problemas por não possuírem um lugar, mas que também não há um lugar na estrutura social. Desta forma, a condenação é o caminho mais rápido diante da impossibilidade de transformar a situação vivenciada por eles.

⁴³ Compreendemos que o termo *cabeça vazia* é o mesmo que *mente vazia*, tendo a mesma representação social.

A repressão na vagabundagem pode ser “justificada” pelo problema de ordem pública que ela pode causar, como tumultos e crimes. Isso já ocorria no Antigo Regime: “[...] quem nada tem e não está ligado a nada é levado a fazer com que as coisas não permaneçam como são” (CASTEL, 2003, p. 138) – isto é, o risco de que os considerados vagabundos, por não possuírem nada, pudessem subverter a ordem social em busca de igualdade social. A questão é que eram taxados de vagabundos todos aqueles que não possuíam emprego, atingidos pela miséria e pelo isolamento social, pela ausência de suporte relacional. Estes compunham a maioria, estigmatizados juntamente com aqueles vagabundos verdadeiramente perigosos – que, em contrapartida, eram a minoria. Não obstante, na sociedade pré-industrial, buscava-se fazer com que esses vagabundos se submetessem a qualquer emprego, em troca de qualquer valor, a fim de forçar a queda dos salários – atribuindo-lhes uma falsa dignidade adquirida pelo trabalho precário que os arrebataria da ociosidade.

Em suma, a ociosidade e a vagabundagem não têm valor moral na sociedade em que vivemos; em contraponto, o trabalho promove o homem a um ser moral e valoriza-o como um ser que pode viver longe da criminalidade. Entrementes, o ócio não deve ser considerado um desejo pleno do ser humano – justamente por nos encontramos em uma sociedade que valoriza o trabalho –, mas como resultado de uma intempérie ou concorrência que assola a sociedade. A inexistência de emprego para toda a população, a ausência de políticas públicas eficazes e a formação escolar precária fazem com que a empregabilidade digna seja cada vez mais difícil de alcançar.

Dada a ausência de políticas públicas eficazes que possam garantir o acesso mínimo aos direitos sociais, muitas famílias vivem em situação de pobreza e miséria, o que estimula muitos jovens a buscar formas de trabalho para contribuir com a situação financeira familiar. De acordo com Junqueira e Jacoby (2006), os adolescentes verbalizaram que o trabalho surge como necessidade, o que prejudica o processo de escolarização, levando-os a uma ausência de qualificação profissional adequada e ao mercado informal, menos qualificado.

Utilizando-se de entrevistas semiestruturadas com adolescentes que estavam no processo de socioeducação, Junqueira e Jacoby (2006) destacaram alguns aspectos que poderiam contribuir para a prática ilícita. O fato de não conseguir um emprego foi um dos pontos levantados pelos adolescentes. As autoras concluíram que a inserção no mundo do trabalho possui um caráter “preventivo” em relação aos delitos.

Carvalho *et al.* (2017) ressaltam que os fatores socioeconômicos têm grande impacto no aumento ou na diminuição da criminalidade e que o desemprego é uma das variáveis econômicas na dinâmica delituosa. Araújo e Antigo (2016) apontam que o desemprego em nível

macrossocial desencadeia outros problemas na sociedade – como o aumento nos índices de pobreza e de criminalidade. Ainda nesse estudo, os autores realçaram que houve um aumento na taxa de desemprego por pessoas mais qualificadas, o que evidencia que, na sociedade atual, não há emprego para todos.

A exclusão (desfiliação) vivenciada atualmente pelos mais pobres, principalmente pelos jovens, tem sido ofuscada pela crença de que essa situação pode ser revertida pelo esforço e pelo interesse deles em estudar e procurar um emprego – mesmo que informal –, a fim de viver uma vida honesta. Ainda assim, se trata de algo mais complexo: como já citado, muitos estão desocupados – ou seja, em nossa sociedade não há emprego para todos os cidadãos, o que gera concorrência do mercado e mais exigências dos contratantes devido ao grande número de pessoas que procuram emprego. Nesse sentido, muitos trabalhadores se submetem a trabalhos desumanos, com violações de direitos trabalhistas garantidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT); muitos adolescentes que não possuem uma escolarização se submetem a trabalho insalubres.

De acordo com Junqueira e Jacoby (2006, p. 4), esse contexto social em que o adolescente está inserido é relevante para explicar o quadro de violência no país.

Procurando-se superar qualquer visão extremista, tendo presente a dimensão complexa e multifacetada da problemática, não se pode desconsiderar que os adolescentes autores de atos infracionais, em geral, são oriundos de grande parcela da população brasileira considerada excluída, de modo que não podem ser vistos separadamente do contexto social, econômico, cultural e político no qual se inscrevem. Combinadas com outras determinações, as condições de vida desses jovens, sem dúvida, contribuem para a construção do quadro de violência no País, repercutindo nos delitos praticados por eles.

Essa realidade de exclusão e desemprego vivida por muito jovens, dominada pelo capitalismo, se agrava com o estímulo ao consumismo. O frequente estímulo ao consumo e ao acúmulo de capital faz com que muitos se submetam ao que lhes resta, como os trabalhos com pouca remuneração e precarizados, o que dificulta o consumo nas bases apresentadas socialmente.

Sem embargo, mesmo que a classe trabalhadora produza determinados produtos, ela possui dificuldade de usufruir de suas produções devido ao baixo salário que recebe, empobrecendo à medida que produz riqueza (CHAUI, 2013). Essa discrepância entre classes, mais uma vez, ressalta a exclusão social em que muitos vivem.

Além disso, como os preços dos produtos seguem as leis de mercado impostas pelos capitalistas e como os trabalhadores precisam de muitos desses produtos para sobreviver, passam a aceitar as piores condições de trabalho, os piores salários, a pobreza, a miséria, a fome, o frio, a doença para ter o *direito ao trabalho*, com o que terão salário para comprar o mínimo daquilo que eles mesmos produziram. Isso significa que os trabalhadores passam a ser dominados pelo mercado: são dominados pelo mercado de trabalho, porque se veem obrigados a aceitar qualquer condição para trabalhar e são dominados pelos produtos do trabalho porque precisam adquiri-los a preços exorbitantes no mercado, sem se dar conta de que essas “coisas” nada mais são que seu próprio trabalho (CHAUI, 2013, p. 185).

Silva (2010) diz que as estratégias para redução da pobreza carecem de um quadro de políticas públicas sociais articuladas às políticas macroeconômicas que garantam um crescimento econômico, a geração de emprego, a elevação de renda advinda do trabalho e a redistribuição de renda no Brasil. A pobreza é decorrente do quadro de extrema desigualdade, em que há uma minoria com grande concentração de renda e uma maioria com pequena quantidade de renda.

Essa desigualdade gerada pela discrepância entre riqueza e pobreza traz consequências ao campo da empregabilidade; na medida em que o sistema capitalista necessita da pobreza para se manter, ele gera uma ampla concorrência no mercado de trabalho, em que muita mão de obra terá que lutar ou conquistar sua vaga por meio da meritocracia. Dessa forma, analisando as questões aqui já apresentadas por esta seção, muitos jovens acabam se inserindo no mundo da “criminalidade” com o objetivo de adquirir melhores condições de sobrevivência neste devastador sistema capitalista.

Exemplo disso é apontado por Faria e Barros (2011), que asseveram que o ingresso de muitos na criminalidade, especialmente no tráfico de drogas, é uma opção entre escolhas escassas que têm o poder de gerar capital. As autoras apontam que há um número expressivo de pessoas aliciadas pelo tráfico de drogas, que o sistema de hierarquia desse “segmento” é organizado, produtivo, comercial, com violência entre grupos e que os líderes dessa organização controlam a comunidade com o poder de decisão que possuem. O fato é que as alternativas para a escolha de um emprego vão se restringindo à medida que os sujeitos não são preparados para o mercado de trabalho legal, que por sua vez é competitivo e excludente; isto é, o mercado ilegal tem surgido como resposta à marginalidade econômica (FARIA; BARROS, 2011).

Assim sendo, o trabalho com a mão de obra capacitada é considerado uma ferramenta que pode possibilitar a ressocialização dos adolescentes em conflito com a lei, sendo a profissionalização para o trabalho uma estratégia de estimular a responsabilidade do

adolescente (SILVA, 2013). Isso se deve às questões aqui já apontadas, de que o trabalho é central na vida do ser humano e que, por meio dele, a humanização e a socialização acontecem.

Por outro lado, o sistema capitalista prega a crença de que, por meio do mérito individual do adolescente, é possível que ele mude sua condição socioeconômica. Contudo, as condições materiais – como baixa escolarização, ausência de capacitação, ineficácia de políticas públicas – somadas ao grande índice de desemprego faz com que muitos se sujeitem a trabalhos informais, precários e com baixa remuneração. Devido à grande vulnerabilidade em que vivem, este é um fator de risco à prática infracional – e, por isso, essa discussão se torna tão complexa. Essas condições desconstruem a ideia de que os esforços pessoais podem fazer com que o indivíduo consiga um emprego, ou que possa “suar” até melhorar sua condição econômica, restando-lhe o *sentimento de culpa* caso isso não aconteça. O sistema capitalista culpa o sujeito por suas condições econômicas, mas não lhe oferece ferramentas por meio de políticas públicas de geração de emprego para que o adolescente ascenda socialmente e tenha uma vida mais digna.

10 GABRIEL: um adolescente “extraviado”

Gabriel foi o último a ser entrevistado. A entrevista ocorreu no dia 25 de Janeiro de 2019, às 9 h. Antes disso, havíamos falado com o psicólogo que o acompanhava dentro do Centro para sugerir um dos adolescentes para que pudéssemos propor a pesquisa. O psicólogo nos indicou Gabriel, que, após a explicação e os esclarecimentos, aceitou a proposta para participar da pesquisa. Após seu assentimento, solicitamos a presença da responsável para propor e sanar quaisquer dúvidas, bem como colher a assinatura de autorização. Após o adolescente e a responsável terem aceitado o convite, realizamos o agendamento. A priori, Gabriel demonstrou-se entusiasmado, porém tímido. No decorrer da entrevista, foi sentindo-se mais à vontade. Nossa percepção foi de que ocorreu um bate-papo, sem resistências. É importante expor que foram necessários dois momentos para esta entrevista. O segundo momento ocorreu para arrazoar pontos que deixaram lacunas na primeira entrevista. Segue sua história:

Bom dia. Éh, mas desde quando eu me lembro, ou até, desde que eu entrei? Ah, minha vida foi desde pequeno minha mãe tentando me ensinar, né?! Como que é que a vida, pra mim ir pra escola, pra aprender a não cair aqui dentro. O tempo foi se passando e eu arrumei meu primeiro emprego. Eu tinha uns 13 anos de idade.

Morava lá no Bairro Mineiro. Quando eu comecei a sair de casa pra mim brincar foi só pra escola e jogar futebol. Foi, uns 13 pra 12 anos já que comecei a sair de casa memo sozinho.

Quando era criança eu era muito sozinho em casa, não gostava de fazer nada, só dentro do quarto, não fazia nada. Ah, isso aí... mais ou menos uns 11 anos de idade, já.. Eu gostava de brincar de futebol com as minhas irmãs, em casa.

Eu morava com minha mãe, minha finada avó, meus irmãos e meu padrasto. Ah, era, era bom, não tinha nem um desentendimento com a família. Era uma família normal. Ah, num sei como te dizer o que é uma família normal, como uma criança normal, ué... a família, brincando, sempre alegre ali, com a mãe, a família tá ali do lado.

Ah, pra creche acho que eu entrei com uns 5 anos de idade. Não me lembro de jeito que era lá. Na primeira vez quando eu fui pra escola, como todo menino, né?! Não queria ficar dentro da sala de aula, queria embora com a mãe, né. Aí eu fui começando conhecer os colega da sala de aula, professores direito... aí da escola, teve até uma época que eu gostava bastante de estudar. Depois foi passando o tempo e eu fui perdendo a graça de estudar, não queria mais estudar. Ah, no começo cê pega amor, quando cê era mais pequeno, cê estudava ali, gostava da

matéria, ia lá fazia a tarefa, como... um menino normal. Eu gostava de matemática. Mas pra mim foi perdendo a graça de estudar. Não queria mais estudar, queria saber de estudar mais não.

Então né?! Comecei a fugir das aulas, comecei a pular o muro da escola pra acompanhar os amigos. Comecei pular o muro da escola pra ir pra casa dos amigos jogar videogame, aí eu chegava em casa tomava uma taca da minha mãe, sempre.

Minha mãe ia lá na escola e o professor falava que eu não tinha ido pra escola. De uns tempo pra cá fui ficando adolescente, aí eu voltei de novo a estudar. Quando eu voltei eu fiquei pelo menos uns 3 anos estudando certinho, eu fui e comecei a desandar de novo com os amigos. Aí foi quando eu caí aqui a primeira vez; puxei e fui embora. Me matriculei de novo, comecei a estudar de novo, aí eu arrumei um serviço de servente de pedreiro (foi o segundo serviço).

O primeiro trabalho era num lava jato, aprendendo tudo um pouco né. Eu cheguei lá no serviço e eu pedi um serviço pro cara, o cara foi e me deu. Passei pelo teste lá, que sempre tem pra lavar o carro, aí eu passei pelo teste, aí eu comecei a trabalhar, fiquei quase uns dois meses trabalhando no lava jato e saí. Foi quando eu caí. Assim que eu saí, foi quando eu fui conhecer as más influências.

Eu saí do lavador porque já não dava mais, o cara... sei lá! Ele era muito ignorante. Faz um negócio errado e ele não sabia explicar e começava a gritar, aí eu fui e saí. Falei não num é pra mim não e saí. Não só comigo, mas com os outros adolescentes lá também. Ele só trabalhava com adolescente. Tinha vez que nós chegava no dia do pagamento e ele não pagava nós, fiquei quais um mês sem receber, aí foi a hora que eu falei:

- Vô embora.

Todo final de semana era o acordo para pagar. Aí eu falei:

- Não vou trabalhar pra um cara que não paga os outros direitos e quando faz só um negócio errado ele... era mais fácil ele chegar e conversar, né?! Não, isso aqui tá errado.

Mas não, ele já chegava ignorante; falei:

- Não, vou sair.

E saí. Aí foi quando eu comecei a andar com os meninos lá perto lá de casa lá, que cometia ato infracional, aí comecei a entrar na pilha deles e caí aqui. Eu saí e fiquei quase uns 3 anos de boa sossegado, aí nisso eu já tinha caído de novo. Eu arrumei outro serviço de servente de pedreiro.

Na minha primeira internação eu fiquei uns 11 meses aqui. Ah, Pra nós que tá aqui, não é só pra mim, pra nós que fica aqui é uma eternidade. Como sempre, parei para refletir na minha vida, estudei aqui dentro.

Estudar aqui dentro foi até bom né?! Que aqui dentro o cara, passa ai, pá.. o cara pá sair pra sala de aula o cara distrai a mente. O cara quer aprender aqui dentro né; aí eu comecei a estudar.

Começaram a me tirar pra trabalhar aqui dentro, aí eu fui aprendendo mais um pouco. A mexer com horta, teve até uma época que tava tendo um curso aí de pedreiro, aí eu fiz esse curso tava chegando no final já, aí aprendi mais um pouco. Eu fui e saí dessa segunda internação e eu comecei a estudar de novo, isso no ano passado. Aí como sempre eu fui... Eu tava já na quinta, porque aqui dentro eu consegui passar. Passei e eu fui pra quinta, aí eu passei cara numa boa, mas aí eu cai aqui de novo. Com um mês eu cai aqui. Eu fui e parei de estudar e comecei a desandar de novo.

Nisso eu já tinha arrumado outro serviço, lá do lado do presídio, aí eu tava trabalhando pro cara de servente de pedreiro, aí eu trabalhando apareceu um menino lá em casa e nós foi fazer coisa errada de novo aí não deu certo de novo e caímos aqui.

Eu já conhecia ele já. Nós foi na casa de um colega dele, do Henrique. Nós chegou lá, nós conversando, aí o Henrique deu a ideia:

- Pá! Vamos rouba?

- Vamo, ué!

Aí nós foi lá e aí caiu eu e aquele outro adolescente que caiu comigo, o Deivide. Não deu certo, né. Nós roubou chegamo na casa do menino lá, estavam todos os meninos, logo depois a polícia chegou. Pegou os negócios que nós tinha roubado. Nós foi pra delegacia. Depois de uns 3 dias que eu tava aqui o cara foi lá em casa perguntar porque eu não tava indo pro serviço, minha mãe falou foi andar com mal companhia tá lá no CASE. Tô aqui até agora, graças a Deus né?! É melhor tá vivo do que morto.

Essa é minha terceira internação. Na segunda internação eu fiquei 43 dias, foi provisório. Caiu eu e o Estevão. O Estevão foi embora com 15 dias, aí teve a audiência, a Juíza foi e me soltou. As vítimas num foi pra audiência aí a Juíza foi e me soltou pra pagar serviço comunitário lá fora, aí fui não dei valor a liberdade e caí aqui de novo.

Pra eu não ter voltado pra cá ué, depende só de mim, né? Porque lá em casa ninguém faz nada de errado, minha mãe trabalha, meu padrasto trabalha, minha irmã já ta com 13 ano e tá estudando e já tá na 8 série e só eu memo, só depende de mim pra mudar memo. Porque lá em casa todo mundo me apoia no ato certo, todo mundo me apoia, eu não preciso ficar nessa vida. Eu fui só nas pilha dos cara, memo, de novo.

As vezes eu faço essas coisas porque cê vê um montão de gente tendo uns negócios que você não tem, aí você chega na sua mãe:

- Mãe dá isso aqui?

- Não eu não posso dá porque você tá assim, assim, assado.

Então tá ué, aí conhece a mal influência, vai e acaba fazendo besteira, né... Não seguindo as regras de casa, né, não obedecendo, aí ela vai e nega. Aí eu acabo roubando os outros.

Ah, sempre que minha mãe exige pra nós, ela pede pra nós só pra estudar e não mexer com nada de errado, ficar só sossegado dentro de casa, não sair, não andar com mal companhia de novo. Eu não fazia nada disso, comecei a desandar de novo, ela foi e começou a negar os negócios pra mim de novo, aí eu fui inventar de roubar com os meninos de novo, aí caí aí.

Minha mãe trabalha no mercado e meu padrasto trabalha em uma prestadora de serviço público. Quando eu tava na rua, num tem... o relacionamento com minha mãe tinha vez que era muito bom, mas tinha vez que nós discutia bastante em casa aí eu acabava saindo de casa. Por causa da minha teimosia, minha mãe falava o que era certo pra mim e eu não queria acreditar, eu ficava irritado e saía de casa. Ela falava que eu ia acabar caindo aqui de novo, que era pra mim parar com isso aí... aí depois começava a falar um montão de coisa pra mim, ficava brava né, toda mãe fica assim com filho. Nessa segunda vez que eu saí eu cheguei a ir embora de casa umas três vez. A última vez que eu voltei pra casa eu caí aqui.

Eu ia pra casa dos menino que eu conhecia, ia pra lá, ficava uns tempo lá. Um mês, umas duas semana, depois eu voltava pra casa de novo. Minha mãe perguntava onde que eu tava, minha mãe ficava preocupada né. Eu sempre mentia pra minha mãe, eu não ia falar onde que tava, senão ia trazer problema pra mãe do menino. Eu falava que tava por aí. Até que um dia ela descobriu onde que eu tava, lá na casa do Rafael que tava aqui, eu fiquei quase um mês lá na casa do Rafael e minha mãe bateu lá. Minha mãe começou a falar um montão de coisa lá pra mim, eu fui e voltei pra casa e depois eu caí aqui.

Meu padrasto e eu no começo nós não se dava bem não. Depois de um tempo pra cá, nós sentou e conversou lá, aí nós ficou sossegado. Ele queria, ahhh.. como pode dizer?! É, ele falava muita coisa que nem minha mãe falava pra mim e eu não aceitava que ele falava pra mim. Tinha vez que ele me xingava, queria me bater, jogava na cara que era pra mim dá valor na minha mãe, que num sei o que. Eu e ele não se dava bem não, sempre acabava em discussão. Eu e meu padrasto quase saímos na porrada já. Mas graças a Deus hoje em dia tá tudo tranquilo. Ué! Nós sentou e esclareceu o que tinha pra falar pro outro né, aí um entendeu o outro. Ficou sossegado, parei de fazer as coisas, que ele... que ele falava que num era pra mim fazer e ele não fazia mais as coisas que eu disse que era pra ele parar de fazer.

Minha irmã está estudando no oitavo ano. Nosso relacionamento é bom, só umas discussõezinhas que isso aí é frequente, mas é sossegado. Rapaz, eu penso sei lá era pra mim já

ter acabado os estudos, já era pra eu tá no 1º ano praticamente, né?! E sou mais véio dos irmãos de casa. Minha irmã, como é que posso falar?! Ela anda mais certo que eu. Tem vez que tipo dá inveja né. Uma menina mais estudiosa dentro de casa, ela pede um bagulho pra mãe e ela vai e dá, agora pro outro que é estragado, pede o bagulho e não dá. Dá até inveja, né?! Mas...

A amizade, né?! Sempre o cara, tem hora que o cara quer aquele negócio e tem outra hora que o cara não quer mais; o cara até tá com a vontade de estudar aí o cara vai e estuda. Depois o cara vai e sai da aula e não vai mais, falta o primeiro dia, aí o segundo, aí vai faltando na aula aí entra de novo nessa vida.

É, o tal do estudo até que é bom. O cara aprende pra ser alguém no futuro, alguma pessoa no futuro. Das matéria eu num tenho nada a reclamar, por causa que sempre fui bom na sala de aula mesmo. Estudava quando queria estudar, estudava memo.

Ah, o futuro é a pessoa que decide qual que vai ser o futuro dele né? Se o cara no dia de hoje ele estuda, é um bom filho dentro de casa, um bom aluno dentro da sala de aula, no futuro ele pode ser um grande empresário, ser uma pessoa honesta, né? Num ser que nem muitos elementos, a escola pode ajudar nisso.

Até na escola, até fora de casa, na escola ensina qual que é o certo qual que é o bom. É por aí que as pessoa para e pensa: qual futuro que eles vai querer pra vida deles, atrás de uma grade ou atrás da grade mas pro lado de fora?! Liberto, estudando, trabalhando, cuidando da família dele.

Só a escola não, muitas coisas. Trabalho mesmo, se o cara trabalhar desde pequeno... o cara pega o gosto né, o cara já acostuma com o trabalho. No futuro dele ele já pensa o que ele pode fazer quando ficar mais velho, pensa o que ele vai fazer, o que que é o certo e o que que é errado. Assim por diante. Tem muitas coisas que ajuda o cara.

Ah, que nem eu falei né?! O cara trabalha desde pequeno, o cara não vai querer saber de roubar. O cara entrou no serviço bom de carteira assinada é... como é que é o nome lá?! É.. como é que é o nome lá?! Menor aprendiz. Então, aquilo lá o cara que trabalha de carteira assinada, menor aprendiz tá bom ué, o cara não vai precisar roubar.

Porque minha mãe sempre quando eu era mais pequeno, minha mãe tinha os números das professoras e da diretora né. Qualquer coisa de errado que acontecesse lá comigo, ligasse pra ela. E a diretora sempre sabia que minha mãe mandava eu pra escola, aí quando eu não aparecia ela ligava né:

- Por que que o Gabriel não veio?
- Ah mais meu filho foi embora uai, foi pra aí...
- Não, o Gabriel tá aqui não.

Era a hora que minha mãe ia na escola e eu num tava lá e era taca na certa. Minha mãe foi chamada mesmo que eles sabiam que eu não tava na escola acho que umas cinco vez. E todas essas cinco vezes eu apanhei e mesmo assim eu continuava faltando na aula. Era ruim né, era vergonhoso né, porque o cara daquele tamanho já apanhar da mãe ainda. Era vergonhoso demais. Chegava na escola assim... quando ia de bermuda as pernas tudo roxa, ai os meninos perguntava o que que é isso nas suas pernas?! Eu nem falava nada não, saía. Ia pra dentro da sala de aula e ficava quietinho na minha lá, vergonha né...

Tinha uns amigos que era boa companhia né, mas tinha outros que era já destraviado pro mundão já. Amigos de boa companhia, é aquele que não quer saber de rolo, não quer saber de droga, de nada do mundo. Quer saber só do estudo, obedece mãe e pai, fica dentro de casa, não faz nada de errado. Agora o mal companhia né, como sempre, sempre leva a pessoa pra perdição.

Eu criei uma amizade lá dentro da escola que o menino já usava maconha, já roubava, aí eu comecei a andar com ele, eu vi o que que ele fazia e eu fui na onda, fazer... foi ele que me apresentou a maconha e o roubo. Eu cheguei a usar maconha na escola, assim... Já cheguei a usar maconha na sala de aula, até dentro da sala de aula. Chamaram a diretora lá. Me levou pra direção e ela falou que ia chamar a polícia. Ela saiu da sala da direção e eu saí correndo depois. Memo no outro dia eu fui lá e a polícia tava lá. Minha mãe ficou sabendo porque eu fui pra delegacia. Ah, eles falo lá quem era e eu não podia falar quem era o cara, né... falei não foi eu que comprei isso aí. Eles perguntou de quem, eu falei que era de um usuário de pedra, mas eles não acreditaram não. Ele perguntou onde eu comprei aí eu falei que eu comprei de um usuário de pedra. Deu quase um tráfico, mas deu só como usuário também, porque pegaram pequena quantia lá comigo, do amigo meu e só.

Quando eu cheguei em casa o bixo foi feio. Minha mãe toda vez que descobria alguma coisa, minha mãe me batia, mas memo assim não aprendi. Ela falava, ela sentou umas par de vez lá comigo na mesa assim, lá da cozinha, conversando. Mas como sempre né, moleque que não vai no conselho, vai na cabeça dos amigo, entra num ouvido e saí no outro. Achava que era mentira que ela tava falando. Eu conheci a maconha na escola.

Vou fazer 5 meses dia 7 agora que estou aqui. Pretendo estudar, tô querendo mudar de vida agora. Parar de fazer ato infracional, parar de fumar droga, andar só com as pessoas certas. Afastando dos mal companhia, ficando só mais dentro de casa, escutar mais a minha mãe. Basta eu querer também né?!

Quando o cara chega naquele bloco B, olha pela aquela grade triangular, aquela bigornia, e pensa o que que eu tô fazendo aqui de novo? É quando a ficha cai. Lá fora o cara acha que a casinha dele nunca vai cair de novo. Mas sempre acaba caindo.

Lá em casa somos eu, o pequenininho Pedro, a Gêssica, a mais nova da parte de mulher e a Jenifer que é a que tá no oitavo. A Gêssica nunca deu dor de cabeça pra minha mãe. Cada um é mais, cada um é, tem 3 anos que o outro, acho que ela tem uns 10 já. Vou fazer 17. Ela vai fazer 14 agora. A outra vai fazer 11. Tá estudando também, ela tá no quarto ano. Com todos os meus irmãos meu relacionamento foi bom. Bom o Pedro é pequenininho, né? Tem uns 4 já. Minha mãe ia colocar ele na creche lá perto de casa.

A escola e o trabalho ajudou, nenhum momento atrapalhou né, porque tudo que é bom nunca atrapalha. Tanto é bom que, o cara que, quem trabalha, quem estuda mesmo, tivesse estudado não tava aqui dentro. Rapaz eles me ajudou em muitas coisas, me ensinou muitas coisas também, me ensinou é... me ensinou, a escola memo me ensinou como era o que é o lado certo, né Cristiano. O lado certo, o lado errado. O serviço me ensinou que nada, nada de, como que eu posso falar, nada que... se o cara for honesto, no trabalho honesto o cara tem de tudo, se o cara for honesto no trabalho o cara tá bom demais.

Rapaz, eu enxergo minha vida aqui dentro, minha vida aqui dentro, aqui dentro memo, aqui dentro não vale nada né?! Porque a maioria da minha juventude foi aqui dentro né, da adolescência, não valia nada, agora lá fora quando sair daqui, graças a Deus quando sair daqui eu quero mudar de vida, quero estudar memo, dá um estudo definitivo só pros estudos, trabalhar de novo, seguir minha vida de outra maneira, não cometer mais ato infracional.

Aqui dentro eu trabalho na horta, saio pra limpeza de vez em quando também. Ah, na horta o cara, o cara aprende de tudo né. Tipo, sai do alojamento um pouco, aprende. Se for maior o caso, eu memo já posso fazer uma horta dentro de casa. Agora limpeza, os cara estão saindo limpando os negócios lá, só. Eu limpava em casa também, é, gosto. Só isso mesmo.

Segundo momento

Minha experiência foi, de quando eu entrei no emprego, né? Quando eu entrei no primeiro emprego pra mim foi um pouco difícil pra aprender as coisas rápido, meio difícil. Depois eu que fui pegando o jeito um pouco. Eu não me lembro muito bem, mas tipo assim. O cara de lá foi que nem eu falei pro cê, ele era muito ignorante, num tem Cristiano?! E o emprego me ajudou a refletir um pouco, quando eu entrar, depois que eu entrei no mundo do crime, me ajudou a refletir, porque era melhor eu tá trabalhando com o cara que era ignorante do que eu tá com as más companhia pra mim não ter caído aqui. Se fosse pra voltar a um tempo atrás eu

preferia ficar com o cara ignorante do que tá aqui dentro. Fiquei quase uns três mês só nesse primeiro emprego.

No segundo emprego foi servente de pedreiro. Rapaz, o segundo emprego foi mais bravo. Mas me ajudou também, um pouco de experiência né. Se eu precisar no futuro, se não tiver estudo, mas Deus queira que não, não tiver o estudo dá pra mim já saber fazer umas casinhas, né fazer uns bico. Mas me ajudou bastante, ajudou.

Foi que nem eu falei pro cê. Que nem o primeiro, me ajudou a refletir né. Sem o cara ficar despreocupado. Todo final de semana tiver o dinheirinho dele, passar... passar despreocupado, passar perto de uma viatura e saber que o dinheiro é honesto. Não se preocupar que a polícia vai parar, bater, chamar de vagabundo, por causa de roubo. É bom demais Cristiano, é bom o cara saber que é honesto, porque essa vida não é boa não. Essa vida do crime não é boa não.

Ah, se Deus quiser eu tô pensando em sair daqui e terminar meus estudo, fazer uma faculdade. Como eu já vou ficar de maior né e entrar como carteira assinada. Fazer faculdade pra ser médico. É bom né, além do dinheiro bom dá pra salvar vida.

Pra conseguir um emprego de carteira assinada depende dos estudos né. Pro cara ter um serviço bom o cara tem que ter estudo Cristiano, se não tiver estudo não tem serviço bom.

Quando eu terminar os estudos vou conseguir um emprego pra mim de carteira assinada. Eu queria memo de mercado. O que tiver lá né, entregador, é bom né. Ah, não sei, porque sempre desde pequeno memo o que eu queria memo quando era pequeno era políça, depois que eu vi a realidade num quero ser mais isso não. Tenho certeza agora. Eu me apeguei né, o mercado parece ser um serviço bom. Realidade, é até meio difícil de falar, né. Muita oprimissão. A políça não faz o serviço dela como tem que ser, de prender e levar. Eles gosta de bater nos outros, ficar xingando. Bota pra oprimir os outros né?! Passei por tudo isso, é ruim né.

Tem até muitas pessoas aqui dentro do socioeducativo, da parte de segurança lá pra baixo, tem vez que se aproveita só porque o menor tá preso não pode falar um “A” que já acha homem pra levar lá pra aquele castigo e bater. Já fui agredido na primeira internação. Da vez que eu fui de bonde pra Porto Velho. Ah, não pode falar nada né. Não tem como ter reação, porque do nada cê saber que um cara que nunca te deu nada chegar e bater no cê, se vai falar o que?! Não tem como falar nada se falar fica pior.

Não, nunca cheguei a falar isso não pra ninguém. Por que depois dava problema pra mim, até aqui dentro né! Porque querendo ou não isso aí entre eles, eles conversa depois. Arruma problema pra mim até aqui dentro. Depois o servidor começa a pegar no pé, né?!

Eu me considero estragado por estar desencaminhado, né. Por isso sou diferente da minha irmã. Como se não tivesse seguindo. Tipo desandado no mundo, praticamente. Porque o único da familiar que é dextraviado é eu. Todo mundo da minha família, graças a Deus, é trabalhador. O único mesmo que desandou nesse mundo foi eu. Ah, pra mim é porque ninguém da minha familiar eu soube que, graças a Deus, foi preso por causa de roubo ou vendendo droga ou alguma coisa, sempre trabalhou. Ai eu já fui preso, já passei por aqui, já é minha terceira vez. Pra mim até onde eu vou, até meio com a minha família mesmo, que querendo ou não, pode ser família e tudo, mas olha com outro olhar. Porque a pessoa que não mora dentro da minha casa, meu parente, mora dentro de outra casa fica até meio estranho pra mim mesmo né. Olha de outro jeito.

Muitas vezes teve gente que chega lá em casa, meu parente memo, meu tio, minha tia e chegar lá em casa e fala pra minha mãe que não sei o que, pra me abandonar que eu não tinha mais jeito não. Eu chego na casa, fica vigiando a gente e acha que a gente vai roubar alguma coisa. Até evitava de ir na casa pra não dá má resposta né?! Sair de lá com mau olhado e depois dá uma má resposta pra pessoa que não quer, que além de você entrar na casa de um familiar, de entrar na casa de um familiar, ai tipo você é meu tio eu entro na sua casa, cê vai ficar me olhando se acha que eu vou ficar quieto?! Eu vou falar alguma coisa ué.

Minha mãe não via isso, eu gostava de ir na casa de parente sozinho memo. Principalmente na minha bisavó. Que mora aqui na zona rural, vinha direto aqui, porque ela já é uma senhora de idade. Mas graças a Deus na minha avó memo nunca teve isso não era mais meus tios memo que ficava com isso ai. Já contei isso pra minha mãe. Teve uma época que nosso familiar parou até de conversar um com outro por causa disso aí. Mas depois, graças a Deus, dia de hoje pra ver assim é até bom. Porque eles vê que dentro de casa memo eu posso ser tudo, mas dentro de casa memo, dentro de casa eu não posso mexer não. Até bom né.

Pra eles eu posso ser ladrão, vagabundo e tudo num tem! Mas dentro de casa eu sei, dentro de casa não posso pegar nem um real escondido não. Até no mundo do crime isso é errado. É dextraviado. O mais dextraviado da família porque eu não quis escutar o conselho da minha mãe. Minha mãe só me aconselhava coisa boa né. Pra eu não voltar pra cá é não voltar com as más amizades, voltar aos estudos, escutar mais ela. Ficar dentro de casa, como sempre eu não escuto cai aqui.

11 DIÁLOGOS ENTRE A TEORIA E HISTÓRIAS DE VIDA

Com a finalidade de alcançar o objetivo desta pesquisa, investigamos por meio das histórias de vida narradas por cinco adolescentes os sentidos de escola e trabalho, destacando os processos produzidos historicamente e socialmente. É importante observar que, por se tratarem de histórias de vida, destacaram-se fatos considerados relevantes importantes para os adolescentes, em suas semelhanças, como por exemplo o ingresso na prática infracional, e também em suas particularidades.

Optamos por utilizar a história de vida como método justamente por acreditarmos que essa técnica proporciona autonomia ao sujeito para poder selecionar o que considera mais importante para si – mesmo que a pesquisa tenha objetivos específicos.

Deste modo, limitamo-nos a duas categorias, oriundas das narrativas, quais sejam: *Sentidos de Escola* e *Sentidos de Trabalho*, foco desta pesquisa. Achamos por bem tecer poucos comentários sobre a família, sobre drogas e sobre a Medida Socioeducativa de Internação. Sem a intenção de esgotar tais assuntos, pois necessitaríamos de estudos mais aprofundados para se quer ter o mínimo de propriedade para falar a respeito e mesmo assim não seria suficiente para atingir a completude das temáticas.

Para melhor compreensão iniciaremos a discussão por cada entrevista e na medida que os assuntos forem se entrelaçando, introduziremos partes das demais histórias de vida.

11.1 SOBRE A FAMÍLIA

Iniciaremos as discussões falando sobre a família, pois sentimos que nas experiências vividas por esses adolescentes, essas aparecem como fundamentais para compreensão das trajetórias de vida. Não é nossa pretensão nos aprofundar nessa temática, mas acreditamos ser importante destacar algumas falas dos adolescentes entrevistados sobre suas famílias.

A família, seja pai, mãe, tio, tia, irmãos, avós, primos e amigos, em suas diferentes configurações, possui um papel importante no desenvolvimento da criança e do adolescente, não apenas destas, mas do próprio ser humano. Rizzini (2002, p. 2) nos faz pensar quando diz que “[...] a família se transforma mas o ser humano continua a depositar nela a base de sua segurança.”

Assim, é válido ponderar que a Constituição Federal pontuou a responsabilidade de garantir os direitos fundamentais a criança e ao adolescente também à família. Essa visão partiu do princípio que a família possui participação nesse processo (BRASIL, 1988). Nesse ínterim,

isso não significa que, de modo geral, a família é culpada pela prática infracional de seus filhos (as “culpas” são as mais variadas: ausências de políticas públicas, sistema capitalista, consumismo, exclusão social, desigualdade, etc.) e não é a intenção dessa dissertação, pois a maioria das famílias vivem em um contexto de privações (ARAÚJO, 2013).

Mas reconhecemos o papel da família na vida do sujeito, para comprovar tal teoria, trazemos aqui algumas falas que em um dado momento da vida dos meninos marcaram suas histórias.

A história de Bolívia inicia com o seguinte enredo: *“Família, vim de família humilde. Não pobre, mas tipo assim, pra sobreviver nesse mundo aí. Tradicional, cristã, mais caseira.”* Ele apresenta a realidade de uma “típica” família brasileira. E como tantas outras, a sua também possui seus percalços. Para ele, o abandono foi uma das explicações para o ingresso no mundo das drogas e para a prática de atos infracionais.

Nesse caminho aí eu fui indo pro lado certo, pro lado errado. Sei lá! Eu acho que eu fui muito, eu pensava muito nessas coisas, num tem? Motivo de eu ser rejeitado, tal! Fui indo, fui crescendo, fui pra escola, me envolvendo com pessoas mais antissocial, as pessoas que ficavam mais isoladas. Fui me envolvendo com droga... mas, tipo que, eu queira desligar a realidade entendeu?! (Bolívia, 18 anos).

O abandono pode trazer grandes prejuízos para crianças e adolescentes, justamente porque o abandono é uma forma grave de descuido, como rompimento familiar, trazendo sofrimentos físicos e psicológicos aqueles que foram abandonados (SILVA; ALVES e ARAÚJO, 2012). Certamente, o abandono precisa ser contextualizado, compreendido também a partir das condições que o produzem.

Bolívia encontrou apoio em sua avó, que contribuiu com seu comportamento sem envolvimento com drogas ou qualquer outro comportamento infracional por um período de nove meses. A importante figura da avó auxiliou diretamente na vida de Bolívia. Para Takahara et al (2019) as avós tendem a assumir a responsabilidade de cuidar de seus netos como “mães” devido ao uso de drogas ou negligencia por parte dos genitores.

Minha vó discutiu com ela e entrou no acordo que ela ia pegá eu pra criar. Após eu nascer, minha vó foi cuidando de mim. Ela sempre falou pra mim isso que aconteceu tal, nunca escondeu o motivo de eu morar com ela. Fui indo assim, fui criado por ela. Morei um pouco com minha tia (Bolívia, 18 anos).

Minha vó foi e deu uma força e eu fui morar com ela, num tem! Foi onde eu tive nove meis sem contato com nada. Nove meis assim, que eu não tive contato com droga, com as amizades antigas. Só o pessoal familiar. “Que eu tava só de serviço ai ia pra casa. Conversava com os parentes, minha irmã, minha vó, minhas tia. Churrasco na casa da minha vó. Deu só o contato familiar, não tinha mais aquele contato com o pessoal que conhecia. Eu fiquei nove mês assim (Bolívia, 18 anos).

Outro que mantinha bom relacionamento com avó era Luan, que nos diz que a relação com ela era boa, mas não se aprofunda em sua fala. Mas destaca que o uso de drogas fez com que esse relacionamento fosse desestabilizado. O uso de drogas evidenciou a mudança de comportamento de Luan, de uma criança/adolescente obediente e carinhosa para um comportamento desobediente e de confronto (TAKAHARA et al, 2019).

Ah, minha história de vida foi mais ou menos ruim e mais ou menos boa. O começo da minha história... desde pequeno eu me dava bem com minha avó, com minha família. Ai depois de um certo tempo quando eu comecei a usar drogas, aí começou um relacionamento meio ruim. Comecei a desobedecer a minha mãe e a desobedecer a minha avó. Daí ela viu que eu tava meio estranho, começou a agir diferente comigo também (Luan, 17 anos).

Joaquim, por sua vez, teve algumas rupturas familiares. A primeira se deu quando teve quer morar com sua avó devido ao uso frequente de drogas por parte de seus pais. Certamente, o conselho tutelar não acreditava ser conveniente que crianças crescessem em um risco familiar e social, assistindo seus pais fazendo uso de crack. O que o levou a morar com sua avó paterna, tornando-se esta muito importante na sua vida principalmente pela posição assumida de não permitir que os meninos fossem institucionalizados.

O ambiente de vulnerabilidade social ocasionado pelo uso de drogas pelos genitores impulsionou a responsabilização da avó para cuidar de seus netos, o que confirma os estudos de Takahara et al (2019) de que o uso de drogas dos genitores pode ser fator que determina o encaminhamento dos filhos a uma família extensa⁴⁴.

Quando eu era pequeno eu morava com o meu pai e minha mãe. Minha mãe era dependente química. Aí chegou um tempo em que o conselho tutelar queria levar nós. Daí minha avó não deixou e pegou a nossa guarda e levou nós para o Espírito Santo. Não lembro minha idade, minha avó que contou. Chegou lá, minha avó fez a matrícula nossa pra estudar na escola. Estudou de boa, lembro disso (Joaquim, 15 anos).

⁴⁴ ECA - Artigo 25, parágrafo único: “Entende-se por família extensa ou ampliada aquela que se estende para além da unidade pais e filhos ou da unidade do casal, formada por parentes próximos com os quais a criança ou adolescente convive e mantém vínculos de afinidade e afetividade” (BRASIL, 1990)

Porém, seria necessária uma análise⁴⁵ mais profunda dos motivos do uso de drogas por parte dos genitores de Joaquim, talvez as condições materiais precárias, o acesso insuficiente de políticas públicas para garantir a sobrevivência da família. Sabemos que vivemos em um país desigual e de exclusão e isso interfere diretamente nas famílias brasileiras.

A relação entre avó e netos se tornou forte ao ponto de a avó tentar ficar com a guarda dos meninos.

Eu morei com minha vó lá até os 13 anos de idade. Daí eu vim pra cá, pra Ji-Paraná. Que minha mãe... meu pai queria ir pra lá, num tem?! Mandar a passagem, porque ele queria nós de todo jeito. Aí minha avó entrou na justiça pra gente ficar com ela. Ela não conseguiu (Joaquim, 15 anos).

O período em que morei com minha avó (paterna) foi bom. O relacionamento com ela era bom, estava melhor que aqui né?! (Joaquim, 15 anos).

Além de possuírem uma boa relação familiar com a avó, esta assumiu total responsabilidade na educação dos netos. Participava das reuniões e cobrava veemente de Joaquim a permanência na escola, punindo-o quando isso não acontecia.

Na época em que eu morava com minha avó tinha reuniões na escola e minha vó ia; e falava que eu tirava nota baixa, os professores falava. Minha vó reagia... (riso, sinal com a mão de surra). Uma surra, né, quando chegasse em casa (riso). Eu ficava nervoso né, mas fazê o quê?! Eu começava a gritar, chorar (Joaquim, 15 anos).

O incentivo à escolarização e o auxílio nesse processo de aprendizagem, por parte da família, é essencial para o desenvolvimento da criança e do adolescente (PINTO, 2008).

Minha avó não sabia que eu matava aula. Só depois que ela foi descobrir. Que o dia que eu fiquei lá perto de casa, eu tava matando aula lá perto de casa, ela viu minha bolsa, assim, e meu chinelo. Aí ela foi lá na escola pra ver se tava na escola, eu não tava. Eu já cheguei até dormir na rua... por causa disso. Ela queria me bater, eu não deixava e ficava na rua. Eu fugia e ficava sentado lá memo a noite toda. Eu voltava no outro dia. Que ela estava mais calma, ela deixava eu entrar pra dentro (risos). Falava só pra mim não fazer isso mais. Ixe! Isso aconteceu várias vezes. E tem outras coisas também: por causa eu

⁴⁵ Como já mencionado, não é nossa pretensão discorrer sobre as situações que levaram as famílias ao uso de drogas e a situações de abandono, pois seria necessário estudos mais aprofundados e a realização de outras entrevistas - já que o foco destas foram os sentidos de escola e de trabalho - para analisar esses fatores. Mas queremos destacar que não compactuamos com a ideia de culpabilizar a estrutura familiar pela violência vividas por estas famílias. Isso se deve por acreditarmos que há outros fatores envolvidos que afetam (abandono paterno, violência contra a mulher, recursos precários, políticas públicas ineficazes, etc) as individualidades dos sujeitos no contexto social que estão inseridos. Entendemos que tratam-se de filhos de outros filhos que também foram violentados pela desigualdade e pela exclusão social.

não queria lavar louça. Por causa que cada um tinha seu dever. O meu lavar louça, meu irmão era limpar casa e o outro varrer o terreiro. Não gostava (risos) (Joaquim, 15 anos).

Mesmo declarando gostar de morar com avó, Joaquim também relata que teve conflitos. Aqui, como em qualquer família, os conflitos existem também e, a depender de como são encarados, podem ajudar ou não na formação humana. Tais conflitos foram oriundos das faltas nas aulas e insubordinação quando não realizava as atividades de casa. Avó cobrava disciplina de Joaquim. Porém, os conflitos vivenciados por ele não sobressaíram sobre a falta que ainda sente de sua avó após ter retornado a morar com seus pais. Ocorreu um rompimento do contato com a mãe-avó.

Aos 13 anos eu voltei pra cá, foi ruim. Por causa que desde pequeno eu morava com minha avó, aí... (silêncio) morar aqui com meus pais é... (silêncio) (Joaquim, 15 anos).

Por causa que aqui eu não chamava minha mãe de mãe. Não chamo até hoje. Costumei... chamar... minha avó, que eu morava com minha avó né?! De vez em quando ela liga pra saber como nós tá. Depois que eu entrei aqui no CASE eu não consegui falar com minha avó. Só pergunta pro meu pai e meu pai fala (silêncio). Também não consegui chamar ele de pai. Chamava os dois pelo nome. (pensativo). Meu pai me chamava de filho, mas minha mãe de Joaquim memo (Joaquim, 15 anos).

A relação com avó era tão forte que Joaquim não se sentia confortável em chamar sua mãe biológica de mãe e muito menos seu pai de pai, os referia pelo o nome. O que era recíproco com sua mãe biológica, que o chamava também pelo nome. Notamos o sofrimento que o adolescente viveu ao retornar a morar com seus pais e também por não conseguir falar com sua avó após adentrar no CASE⁴⁶.

Já a história de vida Gabriel é iniciada pelo relato de sua mãe lhe ensinando como é a vida. E esse ensinamento está ligado diretamente ao fato de impulsioná-lo a ir para a escola. De acordo com Neto, Ramos e Silveira (2016, p. 963) é na família que a criança “[...] encontra o principal espaço de socialização, influenciando na aquisição de habilidades, comportamentos e valores contextualizados culturalmente.”

Bom dia. Éh, mas desde quando eu me lembro, ou até, desde que eu entrei? Ah, minha vida foi desde pequeno minha mãe tentando me ensinar, né?! Como

⁴⁶ O adolescente tem direito a visita família uma vez por semana. As ligações telefônicas para a família só ocorrem no caso de o adolescente não receber visita. As ligações são em dia marcado, tendo um limite de até 4 minutos, podendo ligar apenas para um familiar.

que é que a vida, pra mim ir pra escola, pra aprender a não cair aqui dentro (Gabriel, 16 anos).

Além da nítida participação no ensino de valores, a mãe de Gabriel participava do processo de escolarização indo as reuniões e ainda mantendo o contato com a diretora da escola. E quando Gabriel descumpria as regras da escola, sua mãe corrigia-o punindo-o com uma surra, somado com conversas de aconselhamento. A forma de lidar com a situação era com violência e para Gabriel isso não resolveu.

Então né?! Comecei a fugir das aulas, comecei a pular o muro da escola pra acompanhar os amigos. Comecei pular o muro da escola pá ir pra casa do amigos jogar videogame, aí eu chegava em casa tomava uma taca da minha mãe, sempre (Gabriel, 16 anos).

Quando eu cheguei em casa o bixo foi feio. Minha mãe toda vez que descobria alguma coisa, minha mãe me batia, mas memo assim não aprendi. Ela falava, ela sentou umas par de vez lá comigo na mesa assim, lá da cozinha, conversando. Mas como sempre né, moleque que não vai no conselho, vai na cabeça dos amigos, entra num ouvido e saí no outro. Achava que era mentira que ela tava falando. Eu conheci a maconha na escola (Gabriel, 16 anos).

A função da família tem relação com cuidados, dentre eles estão o apoio, educação, afetividade e orientação (ZANE, 2013). Nestes cuidados estão inclusos a transmissão de valores e estabelecimento de limites (NETO; RAMOS e SILVEIRA, 2016). Até agora, percebemos tais cuidados na vida dos adolescentes aqui apresentados, mesmo que, para algumas famílias, o estabelecer limites implica em correções físicas. Em uma leitura mais geral, estamos enraizados em uma cultura punitiva em que a punição é bem vista para corrigir atos de desobediências e insubordinações. Tais punições tem relação com o adestramento, mesmo que o adolescente não tenha nenhum envolvimento com a criminalidade (RODRIGUES, 2016).

Mesmo que a mãe de Gabriel buscasse ajudá-lo por suas formas de ensinamentos, havia um descrédito por parte da família do adolescente. A visão estigmatizante que pontuou Padovani e Ristum (2016) apenas prejudicava o relacionamento familiar e reafirmava a ideia de que Gabriel era “extraviado”, como se de fato fosse estragado.

Muitas vezes teve gente que chega lá em casa, meu parente memo, meu tio, minha tia e chegar lá em casa e fala pra minha mãe que não sei o que, pra me abandoar que eu não tinha mais jeito não (Gabriel, 16 anos).

Essa visão de estigma faz com que o adolescente se sinta responsável por suas próprias escolhas. De modo que, Gabriel incorpora o discurso e argumenta que *depende apenas dele* para sair da “criminalidade” porque não há ninguém em sua família que faz algo de errado, apenas ele. Aqui, mais uma vez a meritocracia está presente.

Pra eu não ter voltado pra cá ué, depende só de mim, né? Porque lá em casa ninguém faz nada de errado, minha mãe trabalha, meu padrasto trabalha, minha irmã já tá com 13 ano e tá estudando e já tá na 8 série e só eu memo, só depende de mim pra mudar memo. Porque lá em casa todo mundo me apoia no ato certo, todo mundo me apoia, eu não preciso ficar nessa vida. Eu fui só nas pilha dos cara, memo, de novo (Gabriel, 16 anos).

Júlio, por sua vez, veio de um ambiente familiar conflituoso, cheio de agressões assistidas entre seus pais e contínuas brigas. Cenas de violências em que sua mãe sofria marcaram sua vida.

Nos conta que sua mãe “[...] *era agredida direto.*” (sic) e que “[...] *agressão mesmo eu vi várias vezes. Ah, dava soco nela, xingava, tacava coisas nela que encontrava: cadeira.*” (sic), “*Bebia, ele ia lá agredia. Uma vez eu vi, foi uma vez que a mãe reagiu, ela deu três facada nele. Ai isso presenciei, isso eu tava na hora.*” (sic). No caso de Júlio, marcou sua vida, gerando nele um sentimento de repulsa em relação ao pai, principalmente pelas ameaças proferidas em desfavor da mãe. A violência contra a mulher, infelizmente, ainda está bem presente nas famílias brasileiras e isso tem sido fator de rompimento nas relações familiares.

Foi embora e não falou nada e quando foi dois anos depois, meu pai e minha mãe discutindo por celular, meu pai foi e falou pra ela ficar esperta que a, uma vez ele tirou ela da morte, que mandou uma pessoa matar e a pessoa não teve coragem (Júlio, 16 anos).

Após a separação, a ausência do pai somada as lembranças de agressões e a continuidade de violências, a relação entre pai e filho foi afetada, principalmente quando diz que “*Eu fiquei traumatizado, quando eu via meu pai me dava uma coisa ruim. Um sentimento ruim.*” (sic), Esse enredo fez com que arrumasse desculpas para evitar de ver e conversar com o pai.

Não via ele, um tempo sem vê (Júlio, 16 anos).

Ele falava que tava pro sítio trabalhando [...] (Júlio, 16 anos).

Não sei se era por medo do que ele fez com a minha mãe, sei que ficou marcado (Júlio, 16 anos).

Júlio foi afetado, inclusive em seu desenvolvimento escolar devido as cenas de violência intensa. Em um estudo feito por Pereira e Williams (2008) foi constatado de que na visão das educadoras as violências sofridas por crianças e adolescentes interferem no desempenho escolar.

Meu pensamento tava lá em outra coisa e não conseguia focar naquilo. Ai eu pedia liberação, ia pra casa, assistia televisão. As cenas de violência em casa atrapalhava bastante. Na escola atrapalhou (Júlio, 16 anos).

Porém, mesmo diante de todas essas cenas Júlio ainda afirma que sentia falta do pai. O que nos revela que para o adolescente seu pai configurava alguém importante, mas que também não sabia como lidar com todo esse contexto de conflitos.

Foi quando eu comecei olhar ele com outros olhos né. Mas até hoje ainda, tem vez que eu fico pensando e me dá um negócio ruim. Da vontade de nunca mais na vida ver ele, na mesma hora bate uma tristeza e a falta dele também. Mesma hora que não dá vontade de ver ele mais, ele para lá eu para cá, mesma hora dá vontade de estar conversando com ele. Sinto falta dele (Júlio, 16 anos).

Seu pai era tão relevante que o que ele pensava a respeito de Júlio era considerado importante pelo próprio adolescente. Ao entender que foi comparado a um “ladrão”, Júlio sofre.

Na mente dele passa que foi eu ai ele fica falando, sair daqui se roubou não rouba mais e fica falando a palavras de uma forma como se eu fosse um ladrão (Júlio, 16 anos).

Fato é que as experiências de violência sofridas por Júlio, o contexto violento de sua comunidade desde sua infância, trouxeram para o adolescente marcas que imperam em sua vida até o presente momento. Isso fica evidente por suas falas que nos trazem *flashs* violentos.

Em suma, nas histórias de vida aqui apresentadas a família assumiu um papel importante no desenvolvimento de cada adolescente. As avós como figuras que buscaram impor regras, assumindo responsabilidades seja no processo escolar, seja na vida social desses jovens. Mãe que por meio da punição e de aconselhamentos buscava ensinar o caminho “certo” e o “errado”. Percebemos também, nestas histórias, momentos de violências, negligências e abandonos que, de acordo com os meninos, foram momentos que implicaram em decisões de suas vidas como uso de drogas e a prática infracional, na tentativa de fugir da realidade vivida no seio familiar.

11.2 SENTIDOS DE ESCOLA

Como já foi bastante explanado neste texto, a escola possui papel social importante na vida do ser humano principalmente uma vez que, por meio dela, o conhecimento adquirido da sociedade é transferido para outras gerações. Ela ainda possui um papel valioso no desenvolvimento humano como um local de socialização em que relações são estabelecidas (SILVA; FERREIRA, 2014). Seu objetivo, a depender da perspectiva adotada, pode se fazer com que o sujeito tenha um pensamento crítico sobre o mundo e as questões que o cercam ou não, voltado para a adaptação do sujeito.

Para cada sujeito entrevistado, a escola se apresenta de uma forma. Práticas discursivas produzidas no cotidiano e que sofrem interferências do tempo longo, tempo curto e tempo vivido, sentidos que são datados e localizados.

11.2.1 “*Continuei estudando*”: a persistência de Bolívia

Bolívia veio de uma família considerada por ele tradicional e cristã, com condições para sobreviver neste “*mundo aí*” (sic). O jovem, por meio de sua história de vida, nos mostra a situação de muitos adolescentes brasileiros que travam uma batalha entre estudar e trabalhar.

Eu tava com 15, quase fazendo 16 anos, já trabalhava e estudava.

Uma vida adulta precoce vivida por já trabalhar e estudar. Essa vida adulta tornou-se mais concreta com a união estável com outra adolescente que possuía um filho ainda bebê. A labuta diária (trabalho formal ou informal) os direcionaram para o ensino noturno. Todavia, o cansaço, o sono, as dificuldades em realizar as tarefas os colocam em uma posição de subalternidade. Nessa realidade os esforços para permanecer na escola tornaram-se cada vez mais difíceis, devido ao trabalho e as obrigações da vida de casado (SOUSA e OLIVEIRA, 2007; FERRARI e COSTA, 2014).

Eu peguei e voltei a estudar. Estudando a noite e trabalhando de dia. Mas naquela condição, assim: que quando eu tava muito cansado eu não ia. No dia em que eu tava mais sossegado eu ia. Eu continuei estudando né.

[...]Porque tava sem dinheiro, aluguel vencendo. Só ia pegava o dinheiro no final do mês e já não dava mais. Nós indo pra escola nós dois juntos ainda, tinha o neném ainda, tinha que levá pra escola. Eu tava pensando em para de

estudar de novo. Porque ia eu, ela, e tinha que levar o neném pra escola a noite. Uma aula ela assistia, eu ficava cuidando do neném. A outra eu assistia e ela ficava cuidando do neném, na escola, nós assistia uma aula, revezando a outra. Se ele tivesse dormindo nós entrava na sala, senão ficava fora.

Desde quando começa a contar sua história de vida, Bolívia afirma o desejo de estar na escola e ao mesmo tempo suas dificuldades diante das situações, que o impediam de obter êxito. O trabalho aparece novamente como sendo um dos elementos que o “atrapalha”, deixando-o cansado para o estudo. Não era, para ele, entretanto, um motivo à toa.

Mas eu queria terminar, só que eu num conseguia. E me atrapalhava entendeu?! Com os horário, cas coias que ia fazê. Tipo, deixa de ir pra escola pra fazer outra coisa, ia trabaia ficava até mais tarde, ai no outro dia tava cansado pra i. Me atrapalhava, entendeu?! Ai eu num ia. Mas num era que eu queria parar assim por um motivo à toa.

O desejo de concluir sua escolarização parece estar fundado na compreensão de que estudar é importante para si. É nesse momento em que se percebe que essa compreensão está alicerçada em sentidos circulantes sobre a importância da escola na vida e no desenvolvimento do sujeito, tal como já se apontou no capítulo sobre a escola. Essa crença, em contrapartida, é confrontada pelo imediatismo que as o uso e a comercialização de drogas e os delitos podem oferecer. É como se soubesse que a escola é importante, mas também que o seu retorno para sua vida seria a longo prazo. E por isso acabou cedendo ao imediatismo do mundo infracional como forma de adentrar na lógica do consumismo.

A escola passou a possuir o papel de preparação para o mercado de trabalho o que estendeu o tempo de estudo, para que o aluno tivesse um maior tempo para se aperfeiçoar. Contudo, o imediatismo e o consumismo, proporcionado pelo sistema capitalista prejudica a compreensão ou até mesmo a espera para que essa profissionalização aconteça, sem deixar de considerar que a sociedade em que vivemos é marcada pela privação de direitos e exclusão social. E infelizmente, tal realidade se tornou um risco para incorrer na pratica infracional (SAFI, 2013; SILVA, ET AL, 2016).

Eu sempre tive objetivo de ir pra estudar. Mas chega assim na amizade, tal o cara é corrompido pela... ai ele vai pro mal caminho. É mais ofertivo, é melhor, tal, na hora ali no momento.

Talvez ceder ao mundo do crime fosse uma das formas mais rápidas de garantir que as condições materiais fossem alcançadas e de que a “fuga” da realidade fosse experimentada por meio do uso das drogas. O sofrimento vivido pela exclusão ou por menor poder aquisitivo para o consumo é maior do que a espera para resolver a situação da desigualdade por meio de seus esforços, estudando e trabalhando (LEAL, 2008). Quando a sociedade afirma a meritocracia como valor, não afirma o tempo que se gasta para que as condições de vida do indivíduo melhorem (se melhorarem).

Os esforços pessoais de Bolívia estavam se esgotando e por isso a desistência do processo escolar por mais de três vezes. E quando buscava apoio em sua família se deparava com o descrédito justamente por seu histórico de desistências. A própria avó que antes o matriculava regularmente, deixa de acreditar que ele pode retornar a vida escolar.

2016 voltei a estudar de novo. Minha vó já, **eis já não acreditava**, num tem, eis falava assim: - Não! Para com isso **você vai começar a estudar e vai parar. Cê não vai adiante**, se sempre faz isso tal.

Bolívia, então, recorre ao patrão para que o matriculasse para que seu processo de escolarização ocorresse conforme relatado por ele.

Eu pedi pro meu patrão me matricular na escola.

Mesmo pedindo para seu patrão o matricular mais uma vez Bolívia se vê desistindo do processo de escolarização devido o envolvimento com as más amizades e com as drogas. A escola para Bolívia era importante mais não era suficiente para que o tirasse da criminalidade ou que o levasse a deixar o uso de drogas. Enquanto estava estudando, mantinha o uso de drogas e a prática infracional. Os estudos de Silva e Bazon (2014) mostraram que a escola poderia ser o local que ajudaria no abandono e na prevenção de tais condutas, o que não foi evidenciado na história de vida de Bolívia.

Eu já tinha metido umas fita antigamente na época que eu estudava num tem?! 157, cê roubar, tipo assim. Quando eu estudava, na época que eu estudava, que eu tava começando a fumar maconha, na época da escola, dos treze, catorze, os mais véi leva os mais novo né?!

Retrata ainda que uso de substâncias psicoativas se deu enquanto estava estudando. A escola foi o ambiente em que as drogas foram apresentadas para Bolívia. Mesmo que para o

adolescente a escola é um local importante, era também o local em que usufruía das drogas. Entretanto, o uso de tais substâncias não desvalorizava o que pensava sobre o papel da escola. Para ele os sentidos da escola é revelado

Esse conhecimento se adquire estudando, fazendo um... um curso, fazendo faculdade. Cê afundar no conhecimento, entendeu?! Tipo assim, não, não que eu vou fazer, eu tenho que fazer aquilo pra saber se eu quero fazer aquilo. Mas, tipo assim, estudar a respeito pra mim saber como é que aquilo funciona, como é que aquilo vai levar diante da sua carreira, o que que aquilo vai te proporcionar, o que você pode com aquilo se tornar mais tarde, entendeu?! Vejo tipo isso. Uma coisa mais, tipo uns degrau por degrau, entendeu?!

Para Bolívia, a escola pode proporcionar a ampliação sobre o que pode estudar e assim poder se profissionalizar em uma determinada área. Esse sentido pode estar ligado as práticas discursivas a respeito da escola. Discursos do cotidiano que são datados e localizados no contexto em que está inserido, considerando também sua história. Faz ainda uma crítica ao ensino público como limitado e não capaz de oferecer com eficácia as possibilidades das diversas profissões existentes.

Tipo assim, por ser mais, ter, como é que fala, aprendizagem inferior, em pública, quanto mais cê estudar, mais conhecimento você vai poder ter. Que não é que nem você estudar num escola particular você estudar numa escola pública, né?! Cê não tem tipo assim, comé que eu vou explicar, eles não te oferece assim algo tão completo, eles te oferece só o básico. Não dá uma referência.

O pensamento de Bolívia está de acordo com que Souza (2010) apontou. A autora destacou que mesmo com os avanços que a educação brasileira veio passando, como o aumento do número de vagas, a qualidade de ensino ainda não foi atingida. Um exemplo disto é a presença do analfabetismo. De acordo com os dados do IBGE (2019) o Brasil ocupa a quinta maior taxa (8,0%) entre os países da América Latina, que se refere ao analfabetismo com jovens de 15 anos ou mais idade no ano de 2018. Os dados apontam ainda que 11,8% dos jovens com os menores rendimentos abandonaram a escola sem concluir a educação básica. O número de defasagem série-idade é outro exemplo citado por Souza (2010), sendo necessárias algumas implantações de políticas que proporcionassem o desenvolvimento do aluno tais como: progressão continuada, classes de aceleração, entre outras.

A crítica feita por Bolívia ao sistema de ensino público corrobora com os dados medidos por provas nacionais (Prova Brasil, Enem⁴⁷, etc.) de que um aluno de 4ª série sai aprendendo apenas contas simples e compreendendo textos pequenos e que só atingiria o esperado para esta série na 8ª série do fundamental (SOUZA, 2010). Isto nos mostra que a educação no ensino pública ainda tem muito que crescer.

Para Bolívia, a escola é um dos meios iniciais para se ter uma formação em graduação, justamente pelos diversos conhecimentos que os estudos podem oferecer. Ainda para o adolescente, uma das formas de mudar de vida, isto é, de deixar as práticas infracionais e buscar uma conduta pautada nas leis, é por meio do estudo, bem como por meio do trabalho. Isso nos remete ao ideário social de que a escola é uma das formas de levar o sujeito para longe da criminalidade e ser “alguém melhor”.

Penso em voltar a estudar, trabalhar, tornar alguém melhor, né?!

A escola como redenção somada ao esforço pessoal poderá, de acordo com os relatos de Bolívia, fazer com que ele prospere nesta sociedade que possui um desemprego estrutural (ANTUNES; ALVES, 2004; ANTUNES; POCHMANN, 2007) e escassas condições materiais que possam garantir o mínimo para sobrevivência.

Através do estudo, estudando, esforçando, trabalhando. Não é uma coisa que é fácil, num tem?! Mas, tipo assim, se o cara, se você, é que nem eu, eu não tenho objetivo ainda, então, se eu não tenho objetivo de fazer aquilo, como é que eu vou fazer?

Percebemos que é atribuída essa função à escola, seja historicamente, seja socialmente (PATTO, 2007), de modo que essa visão é incorporada também pelos adolescentes que estão inseridos neste meio social. Mesmo que a escola também seja vista como um local de cultivo de vínculos afetivos, ela também continua possuindo sua função de possibilitar que o aluno tenha um futuro digno por meio da qualificação (LEITE *ET AL*, 2016). Resta saber se essa crença na escola se apoia em políticas públicas para educação e para a garantia do trabalho e renda desses jovens.

11.2. 2 “[...] eu já sabia de tudo [...]”: o conhecimento de Luan

⁴⁷ Exame Nacional do Ensino Médio

Luan, por sua vez, conta que seu comportamento na escola e em casa mudou depois do uso de drogas. Sempre fora um garoto de comportamento considerado “adequado”, isto é, comportava-se, fazia as atividades, chegava cedo e ainda era o primeiro a sentar na carteira. Mas com o uso de substâncias relata que ocorreu uma mudança que afetou seu rendimento na sala de aula, pois não conseguia mais ficar em sala e queria, diversas vezes, matar aula para ir à quadra.

Na escola eu também tava diferente já, já não estudava. Quando eu comecei a matar aula. Sempre, direto eu chegava cedo na escola. Era o primeiro a sentar na carteira. Os professor tudinho falava bem de mim. Depois de um certo tempo eles começou a falar mal para minha vó; que eu tava faltando aula; que tava matando aula; que eu já não queria ficar dentro da sala de aula mais. Eu já não me aguentava em ficar mais dentro da sala de aula, só queria ir pra quadra, pra quadra.

Luan relata que foi por meio das amizades na escola que começou a fazer uso de drogas.

Comecei a usar drogas por causa da má influência na escola, amizade mal. Antigamente eu era um ótimo menino. A droga mudou meu comportamento.

Para Luan a droga teve um marco em sua vida fazendo com que seu comportamento afetasse até mesmo seus relacionamentos.

O que mais nos chama atenção nessa história é seu entendimento a respeito da escola. Como se, para ele, a escola já tivesse cumprido seu papel de ensinar a ler e escrever e por isso estava satisfeito, ao contrário de Bolívia, que a considerava em maiores possibilidades.

Eu sabia ler, sabia escrever. Eu achava que eu já sabia de tudo, que não precisava estudar mais. Comecei a faltar, a matar. E quando eu ficava na sala de aula só ficava fazendo bagunça; o professor chamava a atenção. Jogava carteira no professor, tal. Virava o trem dentro da sala. Ah, porque eu achava que era o cara. Já sabia de tudo o que o professor tava falando.

Mais que essa percepção, o que mais intrigava o adolescente era o ensino pautado nos apontamentos de erros e não no reforço das atividades bem executadas. Partindo do conceito de Freire (1997) sobre educação “bancária”, a escola para Luan poderia ser vivida como depósito de conhecimento que não lhe trazia um sentido. Talvez essa percepção poderia ser motivada pela ausência de estímulo a pesquisa e por ser pautado em memorizações de

conteúdos sem uma vivência real da realidade em que o adolescente estava inserido (FREIRE, 1997).

Além de possuir o entendimento de que já havia aprendido o necessário, a relação de não gostar das matérias também o impulsionava Luan para a evasão escolar.

Não me dava bem com português, porque a professora mandava fazer é... conte uma história. A gente contava uma história e mostrar pra ela. ‘Ah, tá tudo errado. Essa letra não é m.. e cê tá colocando n. Não sei o quê.’ (imitou a voz da professora). E corrigia. Essas coisas ai. A única matéria que eu não gostava era português, que eu não me dava. Agora as outras matérias era tudo top, matemática. Mais que eu gostava era ciências. Falava sobre a natureza, essas coisas assim, as coisas do passado. História, história também gostava. Falava sobre passado, mitologia grega, essas coisas assim.

Matérias sem sentido ou uma escola sem sentido não impulsionam crianças e adolescentes a permanecerem nela, principalmente em casos em que a escola se torna o local em que a exclusão social acontece (CARDOSO, FONSECA, 2019). A evasão escolar pode ter diversos motivos e um deles pode ser caracterizado pela não atratividade que as escolas possuem. Matérias que não estimulem a criatividade ou a própria individualidade do aluno não corroboram para uma formação emancipada e duradoura. A disciplina aplicada pela escola também pode ser a razão do abandono escolar de muitos jovens. Tanto é que, o outro motivo que levou Luan a insatisfação foi a disciplina existente na escola.

O ensino embasado na disciplina era considerado chato para Luan.

O que acontecia lá dentro?! Ah, quando ia cantar o hino nacional. Pra... não sei pra que cantar o hino nacional uma vez na semana. Ou cantava todo dia ou não cantava o trem uai. Tinha que ser uma vez na semana, eu achava chato que todo mundo tinha que ficar em fileira. Demorava pra entrar na sala de aula. E o diretor começa a falar e não parava. Achava chato.

Esse método disciplinar aplicado pela escola pode ser caracterizado como adestramento do aluno em que o oprimido não teria a oportunidade de transformar sua mentalidade, sujeitando-se às regras e à disciplina. Batista, Baccon e Gabriel (2015) afirmaram que a escola possui esse poder disciplinar e para Foucault (2014) a escola também assume esse papel. Esse disciplinamento dos mais pobres e menos favorecidos pode ser visto como medo da desordem social e funcionam justamente como forma de mantê-los “adestrados” na forma do sistema predominante. Perceber o ensino disciplinar ditado pela escola por meio de filas e momentos cívicos como chatos é uma forma de insatisfação e não aceitação do sistema que lhe é imposto.

A escola, infelizmente, pode ser utilizada como esteio para essa concepção “doutrinadora” de ideias desiguais e meritocráticas.

A obsessão, que se perpetua na maioria das escolas, pela ordem, autoridade e submissão é oriunda do princípio de manutenção das classes sociais como forma de perpetuação da lógica do capital, sem a necessária criticidade ou possibilidades de mudanças quanto ao que é posto ou imposto pelo grupo hegemônico, próprio da sociedade capitalista (SILVA; MACHADO, 2015, p. 10).

Para as autoras Silva e Machado (2015) há uma trilogia que ainda reina sobre os profissionais da educação, práticas que defendem a escola inclusiva e emancipadora, mas que legitimam a relação produtivista do capital. Essa trilogia é ordem-autoridade-submissão e visa fazer com que o professor transmita o conhecimento, sem muitos questionamentos, bagunças ou inquietações, ressaltando o comportamento disciplinar do aluno.

Se a escola não possibilitar ao aluno a reflexão, não estaria cumprindo sua real função. Para Hannah Arendt (2004) o conhecer e o pensar possuem significados diferentes. Proporcionar o conhecimento não significa que o sujeito esteja exercendo sua capacidade de pensar sobre. Podemos fazer uma analogia ao que Paulo Freire (1997) disse, uma educação bancária não faz com que o sujeito se torne emancipado e “liberto” do controle social. Conhecer ou o ter o “depósito” de conhecimento é sim essencial para emancipação, mas a escola possui um papel que vai além, isto é, fazer que o sujeito pense sobre o próprio conhecimento e ainda tenha suas capacidades usufruídas para continuar a produzir e pensar sobre produzido.

Na Medida Socioeducativa de Internação o objetivo da escola deveria ser o mesmo daquele do ensino regular, mas Luan refere-se à escola de outra forma. Ao contrário de quando frequentava a escola regular e se indignava com a falta de sentido dela, agora a escola se apresenta como uma das possibilidades de não ficar entediado com a rotina dentro do alojamento.

No momento da entrevista, Luan ainda não estava matriculado devido à ausência de documentação que estava sendo providenciada pelo setor de Serviço Social.

Ficar sem estudar aqui me sinto entediado. Porque eu vejo os meninos tudo saindo pra estudar voltando alegre, com livro, e eu fico lá dentro da cela entediado. Poxa, eu podia tá estudando. Porque eu não tô indo estudar.

A escola evita o tédio vivido dentro do alojamento. Significa talvez, um pouco mais de liberdade. Conjecturamos que, para o adolescente, a escola na internação seguia o sentido da escola fora do CASE, em outras palavras, *uma escola sem sentido, mas com o mérito de proporcionar um pouco mais de liberdade no cotidiano da internação.*

11.2.3 “[...] estou estudando [...] pra ser alguém na vida.”: o objetivo de Joaquim

A história de vida de Joaquim é marcada por mudanças e tem como pano de fundo as relações familiares e afetivas. Podemos expor sua história em dois momentos: o primeiro, relacionado com a convivência da avó paterna, em outro estado; e o segundo pelo retorno à convivência com seus pais, já em Rondônia. Conforme Joaquim relatou, por seus pais serem usuários de crack e por não possuírem condições materiais para educá-lo e criá-lo, o adolescente e seus irmãos foram direcionados à avó paterna (família extensa).

Nesse primeiro momento Joaquim relata boas experiências com a escola.

A escola era boa. Ótima: o ensino, os professores. Não lembro da professora (pensativo), não lembro. Tava no... (pensativo) primeiro ano. Foi ótimo! Aprendi muitas coisas e... (pensativo) eu tinha colegas, era bom. Depois eu topei meus amigo lá em outra escola também que eu fui estudar...lá em outra, que eu já tava no sexto. Encontrei eles lá (risos). Foi bem.

A escola para o adolescente foi uma experiência boa, principalmente porque segundo ele os professores de lá eram mais atenciosos e o ajudava quando tinha dificuldades.

A escola era boa, as matéria. Por causa que tinha umas matérias que eu tinha dificuldade, mas os professor de lá ajudava. Tinha matemática e história. Por causa das continha né, que eu tinha dificuldade. Eles passava, ensinava, falava: tanto, tanto; ai cê multiplica por tanto e vê quantos que dá. Ai falava lá.

Me dava bem com os professores. O relacionamento era ótimo. Era bom com os professores de lá. Estudei até os... até o... (pensativo) quinto ou foi o sexto, foi o quinto.

A relação professor-aluno para Joaquim era importante e característico para seu aprendizado. Paulo Freire (1997) fala sobre essa postura que o educador deve ter para levar o conhecimento ao educando de forma que este aprenda e se liberte. O autor fala do professor que é capaz de orientar as atividades, tomar decisões, de modo geral, contribuir no exercício da liberdade.

O educador para Freire (1996, p. 54) deve “[...] entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos.” A *práxis* do educador deve visar a capacitação do aluno para pensar e repensar sobre as disciplinas, vivências e sistemas que lhe são impostos. Para Joaquim o aprendizado parte da relação entre professor e aluno.

Mesmo considerando que a relação com a escola era boa, Joaquim possuía dificuldades em algumas disciplinas e também problemas de relacionamento com alguns dos colegas de classe.

A relação com os colegas da classe não era muito boa não. Os meninos de lá brigava muito. Cê tentava fazer a tarefa eles não deixava. Tipo assim, tinha uns menino lá que era muito bagunceiro, não tem?! Ai cê fazendo sua tarefa eles queria bagunçar, querendo que cê bagunça também. Brigava comigo. Falava que ia pegar na saúde, mas... só falava mesmo.

Contudo, mesmo a escola sendo considerada boa para Joaquim, o adolescente relata que fazia bagunça com seus colegas e que matava aula motivado também por seus amigos. Podemos imaginar que a escola não era atrativa para Joaquim ao ponto de prender sua atenção e de fazer com que compreendesse a real função na vida do sujeito.

Eu tirava nota baixa por causa dos menino lá. Eu me enturmo com os menino e eles não deixa ei fazer a tarefa. Tipo assim, eles fazia bagunça e chamava o cê pra fazer também e o cê ia. E durante a aula, matava aula porque eu ia com eles.

Notamos na vida de Joaquim que o gostar da matéria está relacionada ao saber- fazer e por isso, considerava que tirava boas notas. As que não gostava relacionavam-se ao não saber-fazer.

Os que eu não sabia pedia ajuda pra eles, eles ajudava. Eu gostava de ciências, português. Ciências, português, sociologia, artes. É esses que eu estudava lá. Gostava por causa que eu sabia fazer essas daí. Era mais fácil. Hanram. As outras eu não gostava... (aceno com a cabeça como sinal de que não gostava). Não conseguia aprender.

Joaquim seguiu assim até que seus pais, após o tratamento de drogadição, os trouxeram para morar com eles.

Daí foi e meu pai mandou as passagem. Minha vó trouxe nós. Chegando aqui meu pai matriculou nós na escola.

Nesse segundo momento podemos analisar alguns marcos na vida do adolescente. Dentre eles, a relação entre aluno e professor, já citado por Joaquim e o segundo como se deu seu ingresso na criminalidade.

Para Joaquim fica evidente o quanto foi difícil sua mudança de escola devido a não atenção que recebia dos professores quanto ao ensino das disciplinas.

O que foi mais difícil quando eu vim pra cá morar com eles foi a escola né?! Por causa que aqui tem uns professor... (silêncio e expressão de reprovação)... ruim né?! Ah, eles só passa a tarefa pra você fazer e não ensina. Não fala como é que faz. Tem que fazer...

A fala “*Não fala como é que faz*” somada a fala “*Tem que fazer*” revela a posição que o professor colocava a escola para o adolescente, uma escola sem sentido. Não possibilitar que o adolescente entenda o que lhe é ensinado só reafirma a passagem pela escola como cumprimento de uma regra familiar e social. É importante lembrar que, no entanto, Joaquim não via a escola dessa maneira, pelo contrário, tinha antes uma relação muito afetiva com os estudos.

Tal postura de negligenciar o ensino, valem nos lembrar, que só corrobora para uma educação não emancipatória e libertadora (FREIRE, 1996). A ideia de permitir que o adolescente crie um pensamento crítico pode fazer com que se torne liberto das ideias implantadas por sistemas neoliberais, resultando em uma transformação, inclusive social.

A transformação social é resultante do pensamento crítico que transcende o comando das imposições ou reproduções para a devida formulação das hipóteses. As necessidades de formulação de hipóteses são e serão garantidas ou experienciadas se o professor assumir uma postura que promova maior diálogo preservando o respeito ao saber dos alunos como ponto de partida (ASSIS e MACHADO, 2015, p. 14).

O segundo aspecto trazido na fala de Joaquim diz respeito ao ingresso na criminalidade que, segundo ele, foi incentivado pelos pares que conheceu na escola em que seus pais o matricularam após seu retorno da casa da avó.

Daí se enturmei com os outros menino e... a vida do crime.

Essa experiência na prática de atos infracionais o levou a cumprir medida socioeducativa de internação, onde foi matriculado no Ensino de Jovens e Adultos (EJA)

modular. Já nessa experiência, a relação de Joaquim com a escola dentro do Centro é apresentada por um ensino embasado na moral e em valores. Conforme relata.

O estudo aqui tá melhor né, que aqui também você aprende várias coisas, né?! Não fazer isso mais, não pode.

Joaquim também reforça que a diferença entre estudar lá fora e estudar dentro do Case está no fato de que os professores são mais participativos na relação de ensino-aprendizagem. Novamente vem à tona a importância da relação aluno-professor. Leite (2012) que estudou sobre essa temática nos diz que a afetividade está presente nas decisões dos professores em sala de aula e que isso pode produzir impactos positivos ou negativos na vida dos alunos. A relação de afetividade positiva que se estabelece com o professor tem interferência do processo de aprendizagem.

Aqui dentro (Case) eu estou estudando. O estudo aqui tá melhor né, que aqui também você aprende várias coisas, né?! Não fazer isso mais, não pode. Tá sendo bom. Aqui tem os professores que ensina. De matemática memo, tô aprendendo. O de ciências também. Aqui têm... matemática, ciências, português e educação física.

E mais uma vez a relação com o professor é destacada por Joaquim devendo ser considerada. Paulo Freire (1996) também ressalta que o ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas ter convicção de que a mudança é possível. O papel do educador para Freire, é atribuído na formação humana, na capacidade de fazer com que os educandos devam compreender o futuro. Ter compreensão das atitudes que destroem o ser ou de que adestrem o sujeito a um sistema opressor, pode levar o sujeito a tomar partido para uma *rebeldia* frente as injustiças que acontecem. Queremos dizer que o papel do professor vai além dos valores morais, mas promove a reflexão sobre posturas e pensamentos.

Tá sendo bom. Aqui tem os professores que ensina. De matemática memo, tô aprendendo. O de ciências também. Aqui têm... matemática, ciências, português e educação física.

Agora eu tô gostando de matemática, por causa que esse professor tá ensinando e eu tô desenvolvendo. Tô aprendendo. Tem vez que eu faço errado, né?! Ele vai e: não, não é desse jeito. Ai ele apaga, ai manda eu multiplicar aquilo lá por tanto, dá o resultado. O professor é paciente.

O aprendizado de Joaquim é potencializado com a ajuda dos professores, o fato de nos dizer que está aprendendo porque o professor é paciente é uma revelação drástica de que a postura do professor tem muito efeito na vida escolar do aluno.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.25)

Desse modo, podemos pensar de que as evasões de outras escolas que Joaquim possuía se deram devido a relação com o professor, em outras palavras, o ensino depositário e autoritário não permitia o seu aprendizado. Mas o ensino participativo e relacional do professor proporcionava o aprendizado, para ele. E somando aos ensinamentos dos professores, Joaquim destaca seu engajamento pessoal para aprender. O engajamento do aluno se une ao engajamento do professor

Quando era boa era quando eu queria prestar atenção memo, eu queria fazer a tarefa. E quando não era, era por causa que não queria. Ficava na minha lá memo. E eu não queria fazer as tarefas às vezes por causa que eu dormia na sala.

Já que a relação professor-aluno dentro do centro para Joaquim é motivador, podemos lembrar que a libertação acontece com a parceria entre educador e educandos (FREIRE, 1987). Podemos pensar sobre a meritocracia, mas também podemos compreender que a participação do aluno no processo de adquirir o conhecimento é importante para sua libertação.

Destaca-se ainda o ideário social sobre escola exposto por seus pais quando deixou de frequentar a escola

Eles (os pais) não falou mais nada. Falou que eu vou ter as consequências depois, né?! Que vou ficar sem trabalho, sem estudo. Por causa que meu pai hoje, ele é pedreiro, né. Não teve estudo, ai tá ralando hoje, né?! Eu acredito que estudo na escola pode ajudar a ter uma profissão. Ah, por causa que a escola é pra você fazer uma... como é que fala é...cê se formar em alguma coisa, cê precisa ter estudo. Ser alguém na vida tem que ter estudo. Ser alguém na vida ah, ser enfermeiro, médico, policial... aprender né?! Se formar uai. Policial, o que você quiser. Meu pai falava muito:
- Cê estuda pra ser alguém na vida.

Percebemos que para os pais de Joaquim, a escola possui um papel importante em que pode fazer com que o adolescente não siga seus mesmos passos. Os pais apresentam as possíveis

consequências de estar fora da escola, relacionando-as especialmente a um trabalho servil e sofrido. Inferimos de que a compreensão que os pais de Joaquim têm da escola é o potencial de fazer com que seu filho cresça socialmente, pois os “estudos” lhe proporcionariam uma profissão melhor da que seu pai exerce. Após ter desistido da escola, seus pais não tomaram partido, apenas reafirmaram o discurso social de que sem o estudo ficaria sem trabalho. Vale lembrar que esse discurso evidencia as práticas discursivas no cotidiano e que perpassam o tempo histórico e cultural, manifestando os sentidos produzidos pelo adolescente no instante de sua entrevista.

Eles (os pais) não falou mais nada. Falou que eu vou ter as consequências depois, né?! Que vou ficar sem trabalho, sem estudo.

Com a conclusão do processo de escolarização o adolescente teria garantido um emprego ou teria mais chances de ser contratado por alguma empresa; o que é importante numa sociedade regida pelas relações de assalariamento e extrema desigualdade, como o Brasil. Estudar para “*ser alguém na vida*”, passa a ser então o desejo de Joaquim.

Têm quatro mês que estou estudando aqui dentro do Case. É bom o estudo aqui. Por causa que meu pai sempre me mandou estudar e estou estudando aqui dentro, pra ser alguém na vida. E eu vou sair lá fora e também vou começar a estudar. Fazer o CEEJA. Por causa que o professor falou que avança o sétimo. Faz o oitavo e o nono. Faz seriado eu acho, sei lá. Isso vai me ajudar.

Ser alguém na vida é, ah, um dia ser um médico, ser um policial. Eu quero ser enfermeiro. A escola pode ajudar.

Para ele, ser alguém na vida é possuir uma profissão que seja reconhecida socialmente com um salário bom e, por isso, estudar agora está em seus projetos de vida.

Quando eu sair daqui penso em estudar, ir pra igreja, ser alguém na vida.

A fala utilizada pelo adolescente é incorporada pelo discurso de sua família e da sociedade. Estudar, mesmo que seja por meio do CEEJA, é um dos critérios a serem seguidos; o outro é ir para igreja, da mesma forma que seus pais abandoaram o uso de drogas e estão “*na igreja*” (sic). Joaquim pretende seguir pelo mesmo caminho, certamente por ouvir os conselhos

de seus pais que passaram por uma situação similar a sua. Cumprindo esses critérios, Joaquim se tornará “alguém na vida”, conforme discurso de seu pai?

O fato é que, não é tão simples abandonar a prática infracional ou o uso de drogas ou até mesmo ser “alguém na vida”. As condições em que muitos jovens estão inseridos, a baixa escolarização ou a escolarização precária dada por facilitação para concluir o ensino fundamental e médio (Centro Estadual para Educação de Jovens e Adultos - CEEJA, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - ENCCEJA⁴⁸, e outros), não permitem que os jovens e adultos consigam alcançar esse objetivo: ser alguém na vida.

Primeiro, devemos pensar: o que seria ser alguém na vida? Do contexto de Joaquim é a conclusão de seus estudos e conseguir um emprego que seja financeiramente estável. Com o conhecimento superficial adquirido de forma corrida e acelerada não lhe permite que possua um conhecimento mais aprofundado o que pode prejudicar alcançar empregos melhores e até mesmo adentrar em uma universidade federal pela ampla concorrência. Devemos lembrar que estamos inseridos em um sistema capitalista que destaca a concorrência e a disputa por cargos e bolsas de estudos.

Segundo, sabemos que as diversas formas de aceleração do processo de escolarização não tidas como saudáveis, não permitem ao aluno usufruir de conhecimentos mais aprofundados, mas pelo contrário, tornam-se limitado devido ao curto espaço de tempo que se tem para finalização do tempo letivo. Conhecimentos fragmentados não possibilitam que o indivíduo se emancipe em sua totalidade. Assim sendo, esse meio de escolarização torna-se apenas um dos requisitos que deve ser cumprido para se viver em sociedade. Tendo o reconhecimento social por meio do diploma de que concluiu a escolarização.

Os discursos aqui apresentados fazem parte de uma construção histórica e social, sendo datadas e localizadas. Possuem interferências nos tempos longo, curto e vivido. Tempo longo, justamente por ser um discurso histórico sobre a importância da escola (PATTO, 2007), tempo curto porque perpassa as experiências dos pais de Joaquim e dele mesmo, e tempo vivido porque é a situação em que o adolescente tem vivenciado dentro da medida de internação. Deste modo, a produção de sentidos sobre escola para Joaquim é de um local que permite o conhecimento por meio da ajuda de professores, de maneira que ele adquira uma profissão, tornando-se “alguém na vida”.

⁴⁸ Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

11.2.4 “[...] a escola tem um papel importante, mas não vou saber explicar [...]”: a incerteza de Júlio

Júlio estudava no período vespertino, conciliando o trabalho e a escola. Sentia que o trabalho não atrapalhava em seu desenvolvimento escolar, já que conseguia executar as tarefas para casa no período noturno.

Sim, eu estudava e trabalhava. Na parte da manhã eu trabalhava ai a tarde eu ia pra escola.

Quando eu tava entre 7 e 12 anos eu estudava e trabalhava, isso não me atrapalha não. Era tranquilo. Na parte da manhã eu trabalhava e na parte da tarde eu ia pra escola. Eu gostava de ir pra escola. Bastante, eu sempre gostei de ir pra escola. Ia sozinho.

Após ser abordado por um professor teve que deixar de trabalhar, pois o Conselho Tutelar foi acionado para tomar providências devido não ser permitido o trabalho de adolescente menor de 14 anos.

Depois disso fiquei só estudando. Ai com os meus treze anos de idade, ai foi quando eu comecei a me envolver com as amizades. Com 14 eu parei de ir pra escola no meio do ano, que eu tava sendo ameaçado na frente da escola. Com 13 na verdade foi a época do Getúlio. Comecei a ser ameaçado de morte e apanhar com frequência sem ter feito nada.

Para Júlio o marco em sua história de vida ocorreu nesse momento. Logo após ser proibido de trabalhar, começou a fazer amizades e na sequência deixou de estudar por estar sendo ameaçado por outro adolescente sem motivos aparentes.

Quando chegava da escola ficava sem fazer nada né, foi onde eu achei um espaço pra entrar nas amizades erradas. Não tinha o que fazer, não tinha ocupação.

Notamos também que Júlio diz que gostava de estudar e que suas notas eram consideravelmente boas e que suas notas melhores eram em disciplinas que mais gostava.

As notas não era lá as melhores, mas não tão ruim. De matemática mesmo, eu sempre gostei de matemática, ciências, história. Eram as matérias que eu mais gostava. Ah, tinha várias que eu não gostava, mas estudava também. Tirava nota boa. Não tão boa, mas razoável, 7, 8.

De acordo com sua história de vida compreendemos que Júlio possuía uma boa relação com a escola e com os professores.

Na escola a convivência com os professores sempre foi boa. Nessa época eu era mais novo né, era pra baixo da quinta série, era só um professor. Sempre fui apegado aos professor, sempre fazia amizade.

Assevera que seu comportamento não era de um aluno bagunceiro mesmo com alguns momentos em que conversava demais.

Quanto a bagunça eu não era muito bagunceiro, mas tinha hora que eu ficava conversando; era a conversa, que eu ficava conversando demais, as vezes dava atenção para os que tava falando.

Percebemos em sua fala que em um dado momento da sua história de vida as cenas de violência que vivenciou desde sua infância implicava no seu comportamento na escola e conseqüentemente no seu processo de escolarização, pois seus pensamentos “[...] *tava lá em outra coisa e não conseguia focar naquilo.*” (sic). Isto é, havia uma dificuldade de concentração devido as cenas de violência na infância e devido as ameaças sofridas de um adolescente.

Nunca matei aula não. Alguma vez eu menti dizendo que tava passando mal pra ir embora, mas pular o muro essas coisas, não. Me dava meio que um negócio ruim. Meu pensamento tava lá em outra coisa e não conseguia focar naquilo. Ai eu pedia liberação, ia pra casa, assistia televisão. As cenas de violência em casa atrapalhava bastante. Na escola atrapalhou. E eu lembro que tinha uma vez, era muito difícil, mas quando meu pai ia na escola. Eu fiquei traumatizado, quando eu via meu pai me dava uma coisa ruim. Um sentimento ruim. Porque toda a vez que eu via ele era sinal de que alguma coisa ruim ia acontecer, com minha mãe, com a minha casa. Eu tive essa sensação, sempre quando eu via ele eu ficava em estado de choque já. Me dava um negócio muito ruim mesmo.

Como já abordado nesta seção sobre a família, as cenas de violência familiar e comunitária vivida por Júlio prejudicavam seu desenvolvimento escolar. Não suficiente, Júlio começou a ser perseguido e ameaçado de morte por outro rapaz (Getúlio), que veementemente ia até a escola e o esperava na saída para proferir ameaças e xingamentos.

A partir desse momento a vida de Júlio foi direcionada pela tentativa de se esquivar de Getúlio. Começou a sair mais cedo das aulas, acionava a polícia e se sentiu sozinho, acarretando o abandono escolar.

Ai comecei a pedir liberação mais cedo, ia na direção várias vezes, chamava a polícia na hora da saída, eles falavam que não era papel deles a partir da calçada não era responsabilidade delas e não é mesmo e ficou por isso. Foi na hora que ninguém fazia nada por mim, o que tinha que fazer era sair da escola e deixar isso aí. Foi quando eu entrei nessa, sai da escola.

Não adentrando sobre a prática que o levou ao CASE, mas pensando sobre sua fala, notamos que a escola era um escape que ajudava Júlio a não ter pensamentos negativos em desfavor de Getúlio. A escola contribuía como uma forma de ocupação da mente em que Júlio utilizava para fugir dos pensamentos ruins.

Na minha mente o que eu penso é, nossa, muita coisa, mas o principal o estudo livra a gente de muita coisa, sem dúvida. Tenho certeza que se eu tivesse estudando ia ter ocupação na mente, não ia ter tempo de planejar fazer coisa ruim com as pessoas. Sim, foi na época que sai e fiquei com pensamentos ruim, torno de 6 meses sem estudar. Foi nesse 6 meses o espaço que eu dei pra entrar coisa ruim na minha vida. Quando eu estudava tinha sentimento de culpa de ficar apanhando, sentimento de dor, mas não tinha pensamento de fazer nada contra o Getúlio. Não tinha tempo de ficar pensando que tava cansado disso. **Eu parei de estudar e começou.**

“*Eu parei de estudar e começou*” (sic) nos faz pensar que a escola para Júlio possuía um sentido de ajudá-lo na conduta moral no conviver em sociedade, como se ela fosse a responsável por ditar as regras de convivência e ainda como forma de evitar a criminalidade (produção de sentidos por meio de práticas discursivas). Observamos que, de acordo com Patto (2007), isso contribui com a crença de que com “Escolas cheias, cadeias Vazias”.

Já na escola não, na escola o pensamento era outro, estudando vou dar ponto negativo pra isso e vou deixar acontecer até o dia que eles cansarem, quando eu sai da escola mudou o pensamento. Não tinha mais o diretor falando que eu era novo, pensa isso. Elizete também falava várias vezes, a Marly conversavam bastante chamava eu lá na direção. Dava bastante conselho e eu sempre ouvia e era bom. Ajudava bastante os conselhos que ela me dava. Eu sai da escola parece que os conselhos que ela me deu ficou dentro da escola, como se eu tivesse esquecido, saí da escola desaparece aqueles conselhos.

Além da crença de que a escola pode impedir a criminalidade, ela também é vista, conforme a percepção de Júlio, como uma forma de reparar o dano que fez. Podemos inferir que isso foi gerado pelo contexto histórico e social que o indivíduo está inserido.

O que eu mais quero é **voltar pra escola** e só consertar o que eu fiz.

Mas sair daqui até nos arrumar outro lugar pra sair, **vou continuar estudando**, vou ver como funciona o negócio do curso né.

Spink (2010) nos faz lembrar que as produções de sentidos são entrelaçadas pelo tempo longo, tempo curto e tempo vivido. Isso configura que a ideia de escola como forma de ter evitado a prática infracional e ainda como meio de reparação de danos foi construído historicamente. O sentido de escola para Júlio é perpassado pela crença histórica (tempo longo), pela história cultural (tempo curto) e ainda por suas relações familiares, comunitárias e sociais desde sua existência (tempo vivido).

A interação social que Júlio possuía com os colegas contribuía no sofrimento em que estava passando pelas ameaças. Pensando sobre isso, a escola para Júlio não só ajudava na não prática infracional, como também fortalecia os vínculos entre pares que o auxiliava em sua vivência de ameaças.

Na escola não, na escola tinha os amigos pra conversar, vinha alguém dava conselho.

Mesmo que até agora os sentidos produzidos por Júlio sobre a escola tenham sido apresentados, em um dado momento demonstra dificuldade de estruturar melhor a sua real importância para sua vida.

Pra mim mesmo, a escola tem um papel importante, mas não vou saber explicar a importância do papel da escola na minha vida. Eu não conseguia ver a importância, mas aqui dentro (CASE) eu vejo bastante. Por um lado eu vejo bastante a importância da escola na minha vida. Estudo é tudo, quem tem consegue tudo, nem tudo, mas muitas coisas. Não escuto isso, sou eu mesmo. Eu imagino mais pelo lado da minha reflexão mesmo que aconteceu comigo, eu acho que se eu tivesse continuado na escola, não dado moral pro Getúlio, apanhado até ele cansar e continuado firme nos estudos acho que não ia ter tempo pra pensar em agressão. Minha bobeira foi abandonar a escola.

Há uma dúvida, um pensamento vago sobre o papel da escola; diz: “[...] *tem um papel importante* [...]” (sic), contudo também diz “[...] *não vou saber explicar* [...]” (sic). Notamos que há uma importância, mas que não se sabe distinguir e que só foi notada após ter sido apreendido e levado para um Centro de Atendimento Socioeducativo.

Sobre o papel da escola, enquanto que para Luan a escola possuía a função de apenas ensinar a ler e escrever, para Júlio a escola poderia ir mais além, como por exemplo contribuir com denúncias, além dos próprios conselhos.

Penso comigo que, aos meus olhos né, mas a escola podia ter feito mais por mim pra evitar. Pra mim a polícia não tava tendo mais ouvido, talvez a diretora ou coordenadora da escola ligasse pra polícia e falasse que tava acontecendo aquilo, talvez a polícia ia dar mais atenção, que ia ver que o caso era mais sério né, não era uma brincadeira nem uma briguinha, era caso sério. Eu acho que se a escola tivesse feito isso ia ajudar muito, ia evitar muita coisa.

Conjecturamos que a escola para Júlio é o local onde a interação social ocorria, o ensino moral e de condutas por meio de conselhos e ainda um local em que poderia se sentir protegido e seguro. Isso, mesmo com a incerteza da importância da escola para sua vida.

11.2.5 “Mas pra mim foi perdendo a graça de estudar”: a escola para Gabriel

Gabriel inicia sua história de vida dizendo que desde cedo sua mãe sempre tentou lhe ensinar como é a vida e principalmente como a experiência escolar poderia fazer com que evitasse o ingresso na criminalidade.

Ah, minha vida foi desde pequeno minha mãe tentando me ensinar, né?! Como que é que a vida, pra mim ir pra escola, pra aprender a não cair aqui dentro.

Inicialmente Gabriel relata que possuía boas expectativas sobre a escola e de que era motivado a frequentá-la e estudar. Entretanto, com o passar dos anos relata que foi perdendo o interesse em estudar, de que foi “perdendo a graça” o estudo. Nesse aspecto podemos pensar sobre a não atratividade da escola talvez por sua dinâmica ou forma de ensino ou como vimos com a história de vida de Luan, devido ao ensino pautado nos apontamentos dos erros e na disciplina rígida.

Na primeira vez quando eu fui pra escola, como todo menino, né?! Não queria ficar dentro da sala de aula, queria embora com a mãe, né. Aí eu fui

começando conhecer os colegas da sala de aula, professores direito... aí da escola, teve até uma época que eu gostava bastante de estudar. Depois foi passando o tempo e eu fui perdendo a graça de estudar, não queria mais estudar. Ah, no começo você pega amor, quando você era mais pequeno, você estudava ali, gostava da matéria, ia lá fazia a tarefa, como... um menino normal. Eu gostava de matemática. Mas pra mim foi perdendo a graça de estudar. Não queria mais estudar, queria saber de estudar mais não.

Para Gabriel estudar foi perdendo a graça ao ponto de desejar não mais estudar. Assim, foi se interessando por outras atividades que proporcionavam mais satisfação, como por exemplo, não frequentar a aula, pular muro, sair com os amigos para jogar videogame e entre outros.

Comecei a fugir das aulas, comecei a pular o muro da escola pra acompanhar os amigos. Comecei pular o muro da escola pra ir pra casa dos amigos jogar videogame, aí eu chegava em casa tomava uma taca da minha mãe, sempre.

Diante disso, a mãe de Gabriel reagiu para buscar corrigi-lo com intuito de fazer com que ele refletisse e não mais cometesse tais atitudes. De acordo com Benato e Soares (2014) mesmo que as famílias compreendam a importância da escola para seus filhos, deparam-se com dualidades na educação destes. Isso devido ao trabalho precoce de muitos adolescentes e em muitos casos os pais não sabem como lidar frente as dificuldades apresentadas pelos filhos e também por não conseguirem impor regras e limites. Em contraponto, a escola também possui seus desafios. Oferecer uma educação com sentido para a população vai além de boas intenções. As barreiras apresentadas por uma política social que não está associada a políticas de longo alcance e por não estarem alicerçadas em uma clara consciência dos obstáculos, sejam políticos, econômicos e culturais, e a não valorização dos professores por seus baixos salários e ainda os recursos escassos oferecidos a escola, prejudicam a oferta de uma educação de boa qualidade (GOLDEMBERG, 1993).

Gabriel relata que tentou outras vezes estudar, mas que motivado pelo grupo de pares “desandava” e abandonava novamente seu processo de escolarização.

De uns tempo pra cá fui ficando adolescente, aí eu voltei de novo a estudar. Quando eu voltei eu fiquei pelo menos uns 3 anos estudando certinho, eu fui e comecei a desandar de novo com os amigos. Aí foi quando eu caí aqui a primeira vez; puxei e fui embora. Me matriculei de novo, comecei a estudar de novo, aí eu arrumei um serviço de servente de pedreiro (foi o segundo serviço).

Sua história retrata muitos recomeços e rupturas no processo de escolarização. O fracasso escolar pode ser motivado por diversas razões, seja o abandono por ter que trabalhar para ajudar a família ou pela relação do aluno com o professor (RODRIGUES; CHEHIA, 2017). Há ainda discursos oficiais de que muitos desses fracassos se devem aos métodos de ensino, dificuldades atribuídas por distúrbios físicos ou psíquicos no aluno, em sua família e também no professor. A maior responsabilização é dada ao aluno, ao seu ambiente familiar e em não poucos casos atrelados à pobreza (PATTO, 1988).

No caso de Gabriel compara-se a sua irmã mais nova, denominando-se de “estragado”, ou seja, a “culpa” por não continuar estudado é sua.

Rapaz, eu penso sei lá era pra mim já ter acabado os estudos, já era pra eu tá no 1º ano praticamente, né?! E sou mais véio dos irmãos de casa. Minha irmã, como é que posso falar?! Ela anda mais certo que eu. Tem vez que tipo dá inveja né. Uma menina mais estudiosa dentro de casa, ela pede um bagulho pra mãe e ela vai e dá, agora pro outro que é estragado, pede o bagulho e não dá. Dá até inveja, né?! Mas...

Argumenta que sua motivação vem dos amigos e que mesmo que tenha interesse em estudar, acaba sempre desistindo para poder acompanhar seus amigos em outras atividades mais atrativas.

A amizade, né?! Sempre o cara, tem hora que o cara quer aquele negócio e tem outra hora que o cara não quer mais; o cara até tá com a vontade de estudar aí o cara vai e estuda. Depois o cara vai e sai da aula e não vai mais, falta o primeiro dia, aí o segundo, aí vai faltando na aula aí entra de novo nessa vida.

Porém, Gabriel conjectura que o estudo é bom e que por meio dele a pessoa pode “*ser alguém no futuro*” (sic) e que esse futuro é decidido pela própria pessoa. Apesar de nesse momento, dar a impressão de que está falando o que o entrevistador gostaria de ouvir, essa fala demonstra que Gabriel conhece os sentidos da escola de que vimos tratando aqui, aquela cujo papel é transformar as pessoas “em alguém”. Mais uma vez compreendemos que a escola possui o papel de fazer com que o ser humano consiga formas de melhorar sua vida e de que ela pode ser usada por meio do esforço pessoal para crescer financeiramente, saindo assim de situações precárias de pobreza. Para ele, é preciso ser uma pessoa boa. A moralidade está muito presente nesta fala.

É, o tal do estudo até que é bom, Cristiano. O cara aprende pra ser alguém no futuro, alguma pessoa no futuro. Das matéria eu num tenho nada a reclamar, por causa que sempre fui bom na sala de aula mesmo. Estudava quando queria estudar, estudava memo. Ah, o futuro é a pessoa que decide qual que vai ser o futuro dele né, Cristiano. Se o cara no dia de hoje ele estuda, é um bom filho dentro de casa, um bom aluno dentro da sala de aula, no futuro ele pode ser um grande empresário, ser uma pessoa honesta, né? Num ser que nem muitos elementos, a escola pode ajudar nisso.

Ajudando ainda a fazer com que o indivíduo não se torne um adepto a criminalidade, mas ao esforço pessoal do estudo e do trabalho. Gabriel ainda corrobora com Júlio quando diz que a escola pode ser o local que ensina valores morais para conviver em sociedade, como se ela fosse responsável para ditar o que é certo e errado, leis e condutas sociais aceitáveis. Terminado o processo de escolarização, o ser humano decidirá “*qual futuro que vai querer*” (sic), isto é, qual lado: “*atrás das grades*” (sic) ou para o lado de fora.

Até na escola, até fora de casa, na escola ensina qual que é o certo qual que é o bom. É por aí que as pessoa para e pensa: qual futuro que eles vai querer pra vida deles, atrás de uma grade ou atrás da grade mas pro lado de fora?! Liberto, estudando, trabalhando, cuidando da família dele.

[...] me ensinou, a escola memo me ensinou como era o que é o lado certo, né Cristiano. O lado certo, o lado errado.

Mais uma vez a crença de que a escola pode ser o fator mais importante para evitar a criminalidade e conseqüentemente as cadeias vazias (PATTO, 2007). A fala de Gabriel é impregnada pelo discurso do esforço pessoal e de sua responsabilidade em estudar e viver longe da vida do crime. Tal discurso está tão enraizado que o adolescente nem se quer cogita a ideia de que a situação da pobreza, as precariedades de políticas públicas para contribuir em sua sobrevivência podem ter grande parcela de culpa por sua situação de exclusão.

Para o adolescente, por outro lado, a escola na internação pareceu importante para sua reflexão sobre sua vida. De modo geral, a escola pode permitir que o sujeito reflita sobre suas condições atuais e busque formas para lidar com tais condições, uma delas é o fato de fazer com que o aluno se torne crítico frente a um sistema opressor.

Na minha primeira internação eu fiquei uns 11 meses aqui. Ah, Pra nós que tá aqui, não é só pra mim, pra nós que fica aqui é uma eternidade. Como sempre, parei para refletir na minha vida, estudei aqui dentro.

A escola além de permitir essa reflexão também é caracterizada por “distrair” a mente enquanto cumpre sua medida socioeducativa.

Estudar aqui dentro foi até bom né?! Que aqui dentro o cara, passa ai, pá.. o cara pá sair pra sala de aula o cara distrai a mente. O cara quer aprender aqui dentro né; aí eu comecei a estudar.

Pretendo estudar, tô querendo mudar de vida agora. Parar de fazer ato infracional, parar de fumar droga, andar só com as pessoas certas.

A escola é vivida por Gabriel como possibilidade inicial de mudança de vida e para ele há um degrau de cada vez para mudar de vida. O primeiro é estudar; o segundo é deixar de praticar ato infracional; terceiro parar de usar drogas; e por último andar com as pessoas certas. Importante pontuar que aqui não menciona o trabalho.

Convém pensar que, conforme já abordado, a escola é um dos fatores primordiais para mudança de vida (*“Tanto é bom que, o cara que, quem trabalha, quem estuda mesmo, tivesse estudado não tava aqui dentro”* Gabriel, 16 anos) de acordo com ideário social, como se o ingresso e a frequência na escola fossem suficientes para o abandono da prática infracional. Para Gabriel, abandonar a prática infracional seria opcional e o uso de drogas um hábito que deixaria de um dia para o outro. Notamos nesta história que a vontade do indivíduo é o segredo para mudança geral, não sendo necessário observar e avaliar o contexto social, econômico e histórico em que o adolescente está inserido. Esse pensamento segue a premissa de que “é bandido quem escolhe ser”.

Gabriel verbaliza o interesse em concluir os estudos, cursar uma faculdade e ter sua carteira assinada.

Pra conseguir um emprego de carteira assinada depende dos estudos né. Pro cara ter um serviço bom o cara tem que ter estudo Cristiano, se não tiver estudo não tem serviço bom.

Aqui podemos pensar sobre a crença de que a escola pode levar o sujeito a ter em emprego que seja estável, como se fosse apenas condicionado à conclusão do seu processo de escolarização e não levado em consideração a situação atual do Brasil no que se refere aos níveis de desemprego. Essa é a lógica do sistema capitalista e do modelo de reprodução que a escola possui desse sistema. Práticas individualistas e que estimulam a competitividade, que

desconsidera a curiosidade humana como condição formadora do próprio conhecimento do sujeito (SILVA; MACHADO, 2015).

Quando eu terminar os estudos vou conseguir um emprego pra mim de carteira assinada.

11.3 SENTIDOS DE TRABALHO

O trabalho, tido como central na sociedade, é uma das maneiras de valorização da conduta humana na sociedade em que vivemos. Valorizado por vender sua força de trabalho e ridicularizado pelo ócio, o homem se vê cada vez mais inserido no modo de produção capitalista. Nessa dinâmica, a hipervalorização dos bens materiais de consumo e a responsabilização individual são fundamentais para o desenvolvimento moral de cada um, a conhecida ideia da meritocracia.

Nesse cenário, o adolescente que cumpre medida socioeducativa vivencia suas experiências sobre o trabalho, algumas “dignificantes”, outras um tanto perigosas.

Nos relatos desses cinco jovens ficam evidentes que predominam mais histórias de exploração do trabalho do que de bem-estar e satisfação. Alguns, ainda criança vivenciam o trabalho como se fossem adultos, outros lançam mão da criminalidade como forma de adquirir seus bens de consumo. Vejamos, então, como aparecem os sentidos do trabalho nos pormenores dessas histórias.

11.3.1 “[...] *ah véi, eu tô trabaçando mais num tô conseguindo nada*”: a revolta de Bolívia.

O início da trajetória de trabalho de Bolívia acontece em um sítio, quando sua avó decidiu levá-lo para afastá-lo das más amizades que fortaleciam os comportamentos de risco e por meio do trabalho distraí-lo para não pensar no uso de drogas. Como as drogas são tidas como riscos que podem causar a desordem social, o trabalho pode ser compreendido como forma de manter a essa ordem (FOUCAULT, 1990). O trabalho no sítio foi uma das formas encontradas pela avó para manter a “mente ocupada” de Bolívia, para que não se tornasse uma “oficina do diabo” (CONSTANTINIDIS, 2012).

Fiquei um ano lá, trabalhava tal, fiquei afastado um tempo. Ai eu voltei de novo, eu voltei, fiquei distante num tem?! Ai eu comecei a trabalhar.

Nesta fala de Bolívia, percebemos a ideia central da sociedade de que o trabalho o afasta da criminalidade. Podemos conjecturar que essa ideia vem do contexto histórico que o trabalho possui. Reconhecido desde os primórdios como meio de sobrevivência e principalmente por ser a forma de “pagar” pelos pecados cometidos, o trabalho possibilita ao ser humano uma nova forma de viver em sociedade, isto é, dado ao indivíduo que trabalha um valor moral e dignificante. Evidencia ainda que, nesta sociedade capitalista, há uma batalha travada entre a moral e a sobrevivência, já que as condições materiais proporcionadas pelo trabalho informal muitas vezes não permitem uma vida consideravelmente confortável. Não é por coincidência que no SINASE o trabalho é estimulado ao adolescente que cumpre medida, mas pela crença de que o trabalho pode contribuir para extinção da criminalidade.

Gorz (s/d) diz que o trabalho proporcionou uma existência e uma identidade social denominada profissão. O início das atividades de um trabalhador em marcenaria foi, para Bolívia, um motivo de orgulho por ter adquirido uma profissão.

Peguei uma profissão. Trabalhava bem... [...]

Ao falar que adquiriu uma profissão, observamos a importância dessa afirmação, tornando inequívoca sua identidade profissional. Pegar uma profissão, para Bolívia, significa que ele aprendeu, acumulou saberes importantes que configuram uma profissão.

O trabalho para Bolívia se tornou tão importante que, ao ser convidado por sua mãe para morar em outro município, recusou a proposta por seu trabalho estar “dando certo”. Isso caracteriza a centralidade que o trabalho tem para Bolívia: garantia, suficientemente, a continuidade da vida sozinha, tal qual um adulto.

Não. Tô dando certo aqui, to trabalhando, to ganhando bem, vou ficar aqui.

A centralidade que o trabalho na sociedade demonstra que ele se tornou uma das principais condições de humanização do homem (ANTUNES, 2005). Como foi apontado por Constantinidis (2012) que o trabalho é supervalorizado enquanto que o ócio é desvalorizado. Caracteriza também o “certo” que é valorizado pela sociedade.

Em 2015 eu tava morando sozinho, trabalhando o dia inteiro, estudando a noite. Eu fui, voltei pra escola.

Para ele a vida socialmente “certa” é atingida por estas características, morar sozinho, trabalho e estudar a noite. Em diversos momentos afirma que está trabalhando, o que corrobora com os apontamentos de Constantinidis (2012) e Antunes (2005). Uma responsabilidade assumida que devia ser valorizada.

O trabalho, para Bolívia, foi se tornando tão significativa que optou por parar de estudar e apenas continuar trabalhando. Isso chama atenção para a realidade vivida por muitos jovens pobres: abandonar seu processo de escolarização e permanecer no trabalho informal, pois ainda assim, conseguem, minimamente, continuar vivendo. As privações materiais que lhe proporcionem o mínimo de sobrevivência fazem com que o direito garantido constitucionalmente [a escola] seja negado, isto é, percebemos um ciclo de negações de direitos que fragilizam o desenvolvimento do adolescente. Informações da Secretaria da Educação de Rondônia no ano de 2017 corroboram com essa situação, 32,6% dos jovens estão fora da escola para poderem trabalhar e que 42% dos jovens pesquisados possuíam uma renda familiar de um salário mínimo.

Ai eu foi e parei de estudar de novo. Tava tendo complicação no serviço, problema respiratório por causa da poeira. Parei de estudar. Só trabalhando só. Passei um tempo sem trabalhar porque eu fiquei internado. Eu tive é, como é que fala, eu tava numa situação assim de não, não me alimenta bem, não fazendo as coisas direito. Pegava, saia do serviço ia pra algum lugar comia só uma bolacha tomava um refrigerante, não almoçava, ai chegava de noite assim só comia um lanche, num jantava.

Mesmo com as complicações ocasionadas pelo o trabalho, Bolívia opta em permanecer trabalhando ao invés de continuar estudando, já que naquele momento o trabalho era mais essencial do que seu processo de escolarização. No caso de Bolívia, as condições materiais, financeiras fizeram com que, mesmo doente, permanecesse trabalhando para se sustentar. A vulnerabilidade das formas de inserção no trabalho e a desigualdade social vivida por Bolívia caracterizam uma precarização no trabalho, justamente por não possuir proteção social em seus direitos trabalhistas, insegurança e muito menos saúde no trabalho (DRUCK, 2011). Com a saúde prejudicada pelo trabalho excessivo, uso de drogas e má alimentação, Bolívia segue a vida tentando demonstrar sua capacidade de se virar sozinho, como um adulto.

O trabalho é o pilar que sustenta Bolívia em permanecer lutando contra a criminalidade. Diante de uma proposta de tráfico de drogas feita por uma adulta, o adolescente responde que “*agora só trabalhando*” (sic). Contudo, frente a situação atual que vivencia (contas existentes,

aluguel), entra em uma luta de consciência, cedendo a proposta com a justificativa de que o dinheiro ajudaria a quitar as contas.

De acordo com Trinta *et.al.* (2018) o comércio de drogas representa um segmento de um circuito de exploração do trabalho infantil/juvenil em que esses adolescentes estão inseridos. Esse circuito é caracterizado pelas fontes de renda que o tráfico e o trabalho informal oferecem, ambos por consequência da baixa escolarização e pelo desemprego. A exploração de Bolívia é nítida quando a adulta se aproveita da condição de vulnerabilidade (física e emocional) de Bolívia e insiste em fazê-lo retornar ao comércio de drogas.

Ai eu fui pra casa fiquei pensando, pensando. Eu voltei no outro dia, falei: - Não! Vou ficar só duas semanas lá, o dinheiro que tiro eu já pago esse aluguel ai e fico mais sossegado. Ganho um dinheiro a mais.

A realidade de que o dinheiro de trabalhador como marceneiro não era suficiente para manter uma vida de adulto que já vinha levando. Vender drogas ajudaria a complementar a renda e resolveria parte dos problemas, principalmente familiares, pelos quais passava naquele momento.

Faria e Barros (2011) destacam que muitos jovens adentraram na criminalidade por escolhas entre opções escassas, com o objetivo de gerar capital. A alienação de muitas pessoas no tráfico de drogas é expressiva justamente porque se trata de algo organizado e que controla comunidade com o poder de decisão que possuem (FARIA e BARROS, 2011). Trinta *et. al.* (2018) ressaltam que o tráfico de drogas se utilizou de comunidades de baixa renda das cidades para instalar pontos de venda e, infelizmente, tornou-se uma alternativa laboral para muitos jovens residentes nestes territórios. Kessler (2010, p. 81) diz

Certamente, a falta de trabalho e o impacto do desemprego na família e nos laços comunitários constituíram o contexto no qual o crime se expandiu na Argentina e em toda a América Latina, porém a ênfase exclusiva nas privações era insuficiente para compreender a particularidade dos fatos. Em primeiro lugar, não explica por que entre todos aqueles que sofrem com a pobreza, apenas uma ínfima minoria comete crimes. Além disso, a ênfase analítica exclusiva na pobreza dificulta a compreensão dos sentidos particulares, das emoções e das outras dimensões que seus protagonistas outorgam aos fatos.

Bolívia, mesmo adentrando no mercado das drogas, ainda permaneceu com o seu trabalho considerado socialmente como digno – mesmo sendo inadequado para sua idade.

Ai eu saía do serviço, chegava as seis horas em casa, só tomava um banho, trocava de roupa e já ia pro local onde vendia droga já. Ficava lá até duas

horas, quatro hora da manhã. Eu vendia droga, ganhava dinheiro até...sossegado pra se manter ali.

Trabalhava de dia e a noite eu ia para outro lugar vender droga.

Essa combinação do trabalho com o tráfico de drogas é explicada por Kessler (2010) como uma lógica do trabalhador e uma lógica do provedor. Na lógica do trabalhador está a origem do dinheiro, fruto do trabalho que é honesto e respeitável, isto é, socialmente reconhecido. E na lógica do provedor a legitimidade está não na origem do dinheiro, mas sim na utilização do dinheiro para satisfazer as necessidades, ou seja, qualquer atividade, mesmo que seja ilegal, que lhe propicie uma renda pode ser utilizada para suprir suas necessidades que vão além das básicas, podendo ser: ajudar a mãe, pagar impostos, comprar bebidas alcoólicas, maconha, roupas, ir a festas e outras.

A história de Bolívia nos mostra essa combinação. De um lado, a responsabilidade em contribuir com o sustento de sua família; e de outro, seu desejo em continuar trabalhando honestamente.

Já fui ranquei dinheiro e di pra ela, num tem. Pagou o aluguel, pagou a energia. Minha mãe sabia, mas não trabalhava, mas também não falava assim: -Não faz isso, tipo assim, para com isso, entendeu?!

O grande ápice que podemos considerar desta história é a revolta que Bolívia sente ao perceber que o trabalho informal, mas socialmente dignificante, não lhe é suficiente para viver uma vida que deseja, que também é pautada pelo consumismo. Essa revolta faz com que recorra as propostas de retornar ao mundo crime.

[...] a véi eu to trabalhando mas num to conseguindo nada. Ó que disgrama, trabaiano só pra cume mermo, trabaio, trabaio não ganho nada, não consigo nada, bandoná esse trem, vou trabaia mais não.

Nesta fala é nítida a insustentabilidade que o trabalho exercido por Bolívia possuía. Para ele o trabalho estava lhe permitindo apenas a alimentação, sem conquistas de bens materiais e sem momentos de ócio – o que muitos brasileiros vivem. Isso é uma característica do capitalismo, já que ele força muitos trabalhadores a trabalharem para outras pessoas e não permitindo que usufruam dos bens que eles mesmos produzem por receberem baixos salários

(CHAUI, 2013). Nisso fica evidente o quanto o capitalismo é excludente (MARX, 1980) e de como esse sistema capitalista é pautado no consumismo.

Trinta *et. al.* (2018, p. 37) asseveram que “[...] do ponto de vista das condições de trabalho, o comércio de drogas oferece posições e remunerações similares ou, muitas vezes, mais vantajosas do que as profissões normalmente ocupadas por esses adolescentes e seus familiares.”

Quando retornou à criminalidade, Bolívia destaca que conseguia dinheiro em uma noite para gastar durante toda a semana, não deixando claro com o que seria esse gastar. Diz ainda que depois de possuir dinheiro, surgiram mais amizades e que a sociedade foi o corrompendo com o destaque proporcionado pelo dinheiro e ainda deixa claro que todo mundo prefere dinheiro rápido e fácil. Fato é que o mercado ilegal tem surgido como resposta à marginalidade econômica que o capitalismo impõe na sociedade (FARIA e BARROS, 2011). O tráfico tornou-se uma atividade produtiva em acordo com as tendências do consumismo, estilo de vida e valores recorrentes entre os jovens (TRINTA *et al.*, 2018). Nesta fala abaixo, fica evidente o consumismo valorizado pelo capitalismo e que está infiltrado em Bolívia.

Vou parar, demorei quase um mês pra parar (risos), que eu já tava acostumado entendeu?! Pegar dinheiro, ai antigamente que nós não fazia que era ir numa lanchonete no final de semana, nós já ia, nós já tinha dinheiro pra compra uma roupa pra ela, viu, é tipo assim, é um prazer financeiro entendeu?! Cê num tem, ai cê passa a ter, ai nisso a pessoa vai indo, se vai se empolgando naquilo ali e vai embora. Era fui, consegui num tem, falei pra ela, vou parar então, ai eu fui e parei. Mas nisso ai nos voltou a discutir de novo, nós já num tinha dinheiro e já faltava as coisas e tal. Ai teve um dia que nós tava, eu tava nervoso rapais, ela foi e falou que ia embora.

Mesmo que o trabalho para Bolívia seja visto como um grande potencial para sair da criminalidade, o consumo está tão enraizado em nossa cultura que faz com que um trabalho “socialmente aceito” não seja o suficiente para atender nossos desejos, gerando questionamentos.

Na vida de Bolívia percebemos um dilema vivenciado por ele sobre o trabalho. Enquanto que o trabalho inicialmente é tido como meio de fazer com que se afaste da criminalidade, há ainda a insatisfação que seu trabalho gerava a respeito dos poucos benefícios que lhe proporcionava. A história de vida de Bolívia põe à prova a função regulatória do Estado por meio do trabalho, o que apontou Foucault (1990), que nem sempre é eficaz. Para Bolívia a percepção do trabalho por meio de sua experiência o fez repensar outras opções de sobrevivência e para consumo.

Entretanto, o trabalho honesto ainda surge mais uma vez como possibilidade de mudança de vida, principalmente por ser valorizado pelo retorno financeiro e pelo valor moral em nossa cultura (RIZZO e CHAMON, 2011).

Ah, tipo assim... pra você mudar de vida tem que ter um começo, né. Cê tem que começar de novo, começar em outro lugar, arrumar um serviço, conhecer pessoas novas, tal. [...] Cê começar a trabalhar [...].

O trabalho é tão valorizado pela sociedade e incorporado por Bolívia que para “[...] *começar de novo* [...]” teria que providenciar outro “[...] *serviço* [...]” ou “[...] *começar a trabalhar* [...]”. E para que isso ocorresse, Bolívia deixa claro que depende dele, destacando aqui mais uma vez a meritocracia.

Porque isso ai é começo entendeu?! É tipo um alicerce, a base, se num for isso se não vai, ram! Cê num vai, porque se, se eu voltar a trabalhar no serviço normal, vai voltar aquela revolta, ou então o cara ter que ir, trabalhar pensando em prosperar. Fazer assim, ah, vou trabalhar aqui, vou estudar para mim melhorar meu conhecimento, meu...

Destaca uma possível revolta caso retome ao trabalho socialmente aceito (o trabalho que possuía antes, mesmo que seja insalubre e informal). Mas também destaca que depende do indivíduo para conseguir focar e se esforçar para crescer socialmente, incluído o trabalho e o estudo.

O cara tem que ter o pensamento fixo né?! Tipo assim, ah, vou trabalhar e estudar para amanhã eu ter um emprego melhor, poder prosperar. Poder comprar uma casa melhor, um carro melhor.

Bolívia atribui ao “pensamento” a motivação de manter-se longe da criminalidade e a força de vontade de estudar e trabalhar para conseguir uma vida material melhor. Para Bolívia “[...] *tentar sair dessa vida ai* [...]” é também se profissionalizar. A meritocracia é tão evidente nessa história de vida que nos faz questionar os discursos circulares no cotidiano a respeito dos esforços pessoais para crescer financeiramente. Tais esforços tornam-se inúteis diante do grande número desemprego que assola o Brasil. É claro que não há trabalho para todos, mesmo que haja demasiado esforço para se conseguir emprego. A crise econômica que atinge a nação repercute também em segmentos sociais de mercado, o que prejudica a contratação de mão de obra devido a deficiência gerada pelo baixo nível de consumo dos produtos produzidos. Claro que o nível de consumo é medido pela situação socioeconômica do trabalhado. Aquele que

possui um baixo poder aquisitivo terá um baixo nível de consumo e o que possui um poder aquisitivo maior, terá melhores possibilidades para consumir.

Caso o Estado não proporcione condições para que o cidadão seja preparado e ainda busque formas para que o trabalho possa ser exercido por todos, a situação de muitos jovens não será diferente da de Bolívia.

11.3.2 “*O que eu aprendi na infância eu posso usar*”: perspectiva de Luan

A entrevista de Luan foi a mais curta de todas (conforme já citado). Não obstante, é possível extrair algo que nos faça refletir sobre o trabalho que o adolescente experimentou em sua história de vida.

Relata ter experimentado três trabalhos: lavador de carro, ajudante de tapeceiro e ajudante de pedreiro. Contudo, ao ser questionado sobre a importância desses trabalhos em sua vida, responde apenas que dois deles foram bons e que estes poderiam o ajudar no futuro. Sua fala se resume a:

Foi muito bom assim, pra mim eu acho que foi legal. Que isso no futuro eu posso usar. O que eu aprendi na infância eu posso usar.

Demonstra incerteza ou a ausência de possibilidades em uma profissão, como se sua perspectiva não fosse além do que já experimentou: o trabalho informal.

Para Trinta *et al* (2018) a maioria dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa tiveram experiência com trabalhos informais e que o “sucesso” e a “superação” para estes adolescentes são escassos. Em sua grande parte, o trabalho que lhes são ofertados são pedreiros, faxineiras, mecânicos, dentro outros bicos, todos informais e sem estabilidade. Estes trabalhos normalmente não oferecem horizontes de ascensão ou reconhecimento social.

Aqui dentro eu já saí pra trabalhar já. É bom os agentes tira o cê. Agora mesmo eu vou começar a ir pra horta. Estão construindo uma horta aqui. O agente tira a gente pra trabalhar, sossegado. O banho de sol é legal; que a gente sai com nossos colegas, joga uma “câmera”, uma bola; bate um pingue pongue, igual agora, nós tava jogando um pingue pongue.

Mesmo que os trabalhos ofertados no Case não sejam profissionalizante, Luan ressalta que tais trabalhos são bons por permitirem que saia de seu alojamento. Em concordância com Foucault (2014), a disciplina é aplicada nas prisões na tentativa de manter uma ordem social. Os trabalhos desenvolvidos no Case não são diferentes, tanto é que, para que tais trabalhos

sejam executados pelos adolescentes é necessário que estes mantenham um bom comportamento. Ocorre a “moldagem” do jovem para um comportamento que seja socialmente aceito, configurando uma disciplina do corpo seja por seus suplícios, seja por seus incentivos.

Ah! A gente sai, faz as atividades... fica, se a gente sai de manhã a gente volta umas 11 hora. A gente carpi, faz as coisas lá na horta. Legal! Plantar as coisas. Depois a gente mesmo vai poder ir lá e colher o que a gente mesmo plantou. Quando a gente sai de lá, a gente vai direto pra piscina. Eles deixa a gente na piscina. A gente toma banho de piscina. Ai depois volta pra cela. Ranca jambo. Legal!

Além do incentivo de sair de seu alojamento, ocorre a “recompensa” pelo trabalho executado no Case, que é o fato de ir colher o que se plantou. Para Luan, ver o que foi produzido por meio do cuidado com a horta alivia o fato de estar trancafiado em um alojamento cumprindo medida de internação.

Notamos que o fato de aprender sobre a horta proporciona a Luan uma satisfação, assim como quando relata que trabalhou em um lava-jato, em uma tapeçaria e ainda como ajudante de pedreiro. Para ele todos estes trabalhos são considerados bons. Acreditamos que é devido ao acúmulo de aprendizados e conhecimentos asseverando que poderia utilizar qualquer uma destas profissões quando se tornar adulto. Esse acúmulo de conhecimento gerou em Luan uma satisfação sobre o trabalho executado. E de acordo com Martinez e Paraguay (2003) satisfação no trabalho possui diferentes maneiras de definição e as mais frequentes estão ligadas ao sinônimo de motivação e estado emocional positivo.

Lá fora já trabalhei num lava jato, lavando carro. É legal, bom! Já trabalhei em tapeçaria lá em Porto Velho. Top também. Era ajudante, aprendi altas coisas lá na tapeçaria. Ajudante de pedreiro eu também já trabalhei. Muito bom!

Nessa história de vida é importante que destaquemos sua fala que diz que “*O que eu aprendi na infância eu posso usar.*” (sic.) nos mostra o como o trabalho infantil ainda é muito real na nossa sociedade. Dados do IBGE⁴⁹ (2016) mostram que 1,8 milhões de crianças de 5 a 17 anos trabalhavam no Brasil. E mais da metade dessa quantidade (998 mil) tinha de 5 a 13 anos e o que possuíam 14 a 17 anos não tinham carteira assinada, conforme pede a legislação. Mesmo que os dados sejam de 2016, o Brasil não tem avançado nessa questão. Os dados ainda

⁴⁹<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18383-pnad-continua-2016-brasil-tem-pelo-menos-998-mil-criancas-trabalhando-em-desacordo-com-a-legislacao>

são alarmantes quando se faz o corte de cor. O número de crianças pretas e pardas ocupadas é de 64,1%.

Ah, os dois foi bom né. Que... aprendi, no lavador eu aprendi a lava carro, tira mancha. É, fazer altas coisas, polimento, altas coisas. Na tapeçaria foi muito mais top que eu aprendi costurar, é... mexer com couro. Hidratação de couro. Costurar. Fazer sofá, aprendi a fazer sofá, Puff. Foi muito bom assim, pra mim eu acho que foi legal que isso no futuro eu posso usar. O que eu aprendi na infância eu posso usar. Ah, posso, quem sabe, ser um tapeceiro mais pra frente. Profissional, fazer um curso (silêncio).

Mesmo que para Luan seja motivo de orgulho os trabalhos desenvolvidos ao longo de sua vida, sua história nos mostra a situação de vulnerabilidade que muitos se encontram ocasionados pela exclusão social e pelo trabalho infantil.

11.3.3 “Trabalho é você sustentar sua própria família, né.” O trabalho para Joaquim

Joaquim expressa o sentido de trabalho entrelaçado aos sentidos de escola. Para a ele a escola é a forma pela qual pode conseguir um bom emprego e conseqüentemente “ser alguém na vida”. O interessante é que para ele ter uma profissão que seja reconhecida socialmente é “ser alguém na vida, um trabalho que não seja “ralado”. Compara-se a profissão que seu pai possui: pedreiro.

Joaquim estava fora da escola, sua realidade é a mesma de muitos jovens que não possuem escolarização, muito menos profissionalização para melhorar suas condições econômicas, restando-lhes o trabalho informal e precário. Trinta *et. al.*, (2018) diz que tais trabalhos que são exercidos pelos pais dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, conseqüentemente serão reproduzidos por seus filhos.

Para Joaquim o trabalho está relacionado ao sustento familiar.

Trabalho é você sustentar sua própria família, né. Por causa que um dia você vai ter um filho ai cê tem que trabalhar.

Essa visão de que o trabalho é meio de sustento/alimento vem da Bíblia. Ao criar o homem e a mulher, Deus os colocou no Jardim do Éden para lavrar a terra e se alimentar dela. Ao pecar, Adão e Eva, foram expulsos do paraíso com a sentença de que a partir daquele momento comeriam do suor do seu trabalho. Naquele instante, o trabalho seria a forma de sustento, mas não apenas um trabalho comum, mas um trabalho que gerasse suor. A diferença

seria no sofrimento que anterior ao pecado não existia e que com o pecado tornou-se penoso (OLIVEIRA E SILVEIRA, 2012).

Esse sustento advindo do trabalho é mantido por meio do salário e por isso a valorização do trabalho. Como já mencionado, o salário pode fazer com que o sujeito possua um status social, uma participação na vida social e ainda estratificação social (CASTEL, 2003). Mesmo que o trabalho seja em condições mínimas de segurança e higiene, o indivíduo possuirá o status de trabalhador honesto e não de “bandido”. Para Joaquim o discurso social de que o trabalho é para sustento familiar está incorporado, principalmente quando diz que um dia possuirá um filho. Sua fala demonstra um projeto futuro. Possuir uma família e que conseqüentemente trabalhar para sustentá-la.

Joaquim também fala sobre o trabalho que exerce dentro do Centro.

Aqui no Case só sai para cavar buraco (risos), carpi (risos). Só. Ah, ajudar aqui dentro também, né?! Tira a gente pra carpir. Ai se vai aprendendo a carpir também. Eu sabia carpir.

Percebemos que para ele o trabalho no Case se limitava ao “cavar buraco”, sem ser muito produtivo no aprendizado. Isso pode ser característico dos suplícios aplicados ao corpo do indivíduo que cometeu um crime (FOUCAULT, 2014). O trabalho braçal e forçado é característico do sofrimento que o criminoso deveria sofrer para compensar seus erros. Contudo, Joaquim ainda “tenta” demonstrar um lado positivo desse “cavar buraco”, primeiramente assevera que “*Tira a gente pra carpir*” (sic), demonstrando sua saída do alojamento, mas sem verbalizar seu interesse em sair ou sua satisfação em sair para tal finalidade. Sua história dentro do Case é parecida com a de Júlio, as atividades exercidas dentro do Centro são apenas para que saiam de seus alojamentos, sem que haja uma qualificação real para capacitá-los ao mundo do trabalho.

Afirma que um dia poderia ajudar seu pai, caso este trabalhe futuramente com limpeza de terrenos. Pois em sua fala deixou claro que em sua casa era o que mais ajudava seu genitor, pondo em evidencia o que disseram Trinta *et. al.*, (2018) sobre a continuação que os filhos fazem dos trabalhos exercidos por seus pais. A perspectiva de Joaquim do trabalho exercido dentro do Centro limita-se a ajudar seu pai no trabalho informal.

Para Joaquim, o trabalho está relacionado ao consumir. Quando questionado sobre o que faz com o dinheiro limitou-se a dizer que comprava comida na escola e com roupas para si, além da sensação boa que sentia. Aponta ainda o reconhecimento de que ajudava seu pai, o que

Oliveira (2011) diz que muitos dos jovens ingressam no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar.

Ah, eu... tinha vez que eu levava pra escola. Gastava no recreio né, com comida. Só, só acho que trabalhando com meu pai eu já comprei alguma coisa pra mim, sem ser comida. Trabalhei com meu pai e...(silêncio). Ajudando ele a arrancar uns fios lá. Daí eu comprei um sapato; só o luxo (risos). Ganhei foi uns 80, 70 real. (pensativo) Ajudei ele também né. Por causa que, quando... quando, meu pai pega os material eu ajudo. Eu sou o que mais ajuda meu pai.

Por causa que eu carpi já com meu tio. Já carpi com meu tio. Pegava tanto lá e nós dividia. Quando eu pegava meu dinheiro eu sentia coisa boa, né?!

O adolescente chegou a vender maconha para continuar com o consumo de drogas.

Pra eu comprar maconha...ah, tinha vez que... vendia uns negócio lá (riso). (risos) Tinha vez que eu vendia... (risos – pareceu envergonhado, acenos com a cabeça) droga. Só maconha. Ganhava dinheiro e comprava mais pra vender. O cara ofereceu. Eu dou tanto, tanto pro cê vender. Cê quiser... tá lá. Eu fui e aceitei.

A questão é que a baixa escolarização, a não profissionalização, a instabilidade nos rendimentos, somadas às relações construídas no cotidiano podem ser fatores de riscos para o ingresso no tráfico de drogas e nas práticas de outros atos infracionais (TRINTA *ET AL*, 2018). Esses fatores podem ter contribuído com a venda da maconha que fora proposta por um homem. Isso demonstra, assim como na vida de Bolívia, uma alienação à criminalidade explícita por alguns adultos que usam dos meninos para alcançarem seus objetivos (TRINTA *ET AL*, 2018).

11.3.4 “[...] nunca fui obrigado, nunca [...]”]: a motivação de Júlio

A experiência com o trabalho para Júlio ocorre desde os sete anos de idade quando relatou que começou a vender picolé. Sua motivação por vontade de possuir as “*minhas coisas*” (sic) já que as condições econômicas da família não eram as melhores. Sua fala ainda ressalta que usava do dinheiro de seu trabalho para ajudar nas compras de alimentos para sua casa.

As vezes eu levava, sempre, se faltava arroz eu comprava, levava, as vezes faltava óleo. É, dava o dinheiro para ela também, era pouco, mas o que eu ganhava eu dava pra ela.

Mas sempre foi por vontade própria, nunca fui obrigado, nunca, nada. Vontade própria mesmo.

A cultura em que estamos inseridos tem valorizado o trabalho, mesmo que ele seja um trabalho infantil, desde que a criança ou o adolescente esteja longe da criminalidade.

[...] a cultura do trabalho é uma das justificativas para o uso do trabalho de crianças e adolescentes. Contudo, as justificativas para o uso da mão de obra infantil são ideias incutidas no imaginário social, ao longo das sociedades capitalistas, em que o trabalho é apresentado como melhor que a rua, fazendo com que essa prática seja vista como parte dos códigos morais específicos das famílias populares (TORRES, 2011, p. 80).

Resume que sua vivência com o trabalho foi ocasionada pela “pobreza”.

Acho que foi mais pela pobreza mesmo, nesse sentido.

Para Castel (1997) a miséria econômica pode gerar marginalidade. Essa condição econômica ocasionada pela exclusão social faz com que muitas crianças e adolescentes se submetam a trabalhos informais e insalubres para ajudar nas despesas domésticas. No caso de Júlio isso é evidente. No entanto, é interrompido pelas políticas públicas de proteção à criança e ao adolescente em um trabalho social chamado PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), que faz com que muitos deixem o trabalho e foquem na escolarização e no lazer. Porém, é importante ressaltar que tal política pública não permitiu ou não fez com que as condições econômicas da família de Júlio melhorassem, pelo contrário, fez com que não houvesse mais a ajuda do adolescente. Nesse sentido, para Júlio o programa social não faria muito sentido, já que as condições de sua família não melhoram. Já o trabalhar e estudar demonstra um maior sentido para o adolescente, que como já citado, ele ajudava em casa e por muitos momentos verbalizou que conseguia conciliar os dois sem que houvesse prejuízos em seu processo de escolarização. Como não lhe fazia muito sentido o trabalho social, decidiu sair e continuar apenas estudando.

Sim, eu estudava e trabalhava. Na parte da manhã eu trabalhava ai a tarde eu ia pra escola. Só dia de sábado que eu trabalhava o dia inteiro e dia de domingo também eu vendia picolé. Que a sorveteria era aberta eu vendia o dia inteiro. E dia de semana era só na parte da manhã. Assim foi até meus doze anos de idade, foi quando o conselho foi lá em casa. Ai falou assim que eu não ia mais poder trabalhar e que se minha mãe deixasse eu continuar ir trabalhar ela podia responder na justiça. Por exploração se não engano, alguma coisa assim. Foi falado assim, que eu tinha que entrar no PETI, que é um serviço social para as crianças. Eu fui e entrei no PETI, eu fiquei um ano e meio no PETI. Na parte da manhã eu ia pro PETI e na parte da tarde eu ia pra escola. Era a AABB

(demonstrou-se confuso). Mas ai foi assim, até meu... durante um ano e meio mesmo que eu frequentei o PETI. Eu fui e sai, tava ficando meio chato, não dava mais aquela vontade de ir.

Quando eu tava entre 7 e 12 anos eu estudava e trabalhava, isso não me atrapalha não. Era tranquilo. Na parte da manhã eu trabalhava e na parte da tarde eu ia pra escola.

O fato é que o trabalho também é incentivado no meio das crianças e dos adolescentes, isso fica evidente na fala de Júlio. O circo social revela a valorização que o trabalho possui quando ele diz que havia um apoio para aqueles que queriam vender picolé. Acreditamos que esse incentivo acontece devido ao pensamento de que é melhor trabalhar do que ficar sem fazer nada (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001).

Quem falava que tinha 12 o pessoal liberava porque via que queria trabalhar, tipo um apoio uma “incentivação” ai deixaram eu pegar o carrinho.

Fato é que o trabalho para crianças e adolescentes é tido como disciplinador, nesse sentido Rizzini (2013, p. 389) aponta

O trabalho da criança e do adolescente das classes populares é visto em nossa sociedade como um mecanismo disciplinador, capaz de afastá-los das companhias maléficas e dos perigos da rua. A “escola do trabalho” é percebida como a verdadeira “escola da vida” –a criança é socializada desde cedo para ocupar o seu lugar em uma sociedade extremamente estratificada, onde lhe são reservadas as funções mais subalternas.

À época dos reformatórios o trabalho possuía essa função de “moldá-las” para viver em sociedade (RIZZINI, 1997), hoje sua função não é diferente (FARIAS; BARROS, 2011).

A valorização pelo trabalho repercute até hoje, mesmo em se tratando de crianças e adolescentes (LIMA; RIBEIRO; ANDRADE, 2011). A fala da mãe de Júlio em dizer que se sentia orgulhosa de vê-lo trabalhando revela isso e conseqüentemente se tornou marcante na vida do adolescente.

Minha mãe foi e falou que era melhor eu parar mesmo e continuar com estudos que ela se orgulhava porque eu era trabalhador mas era bom eu estudar e pensar em trabalhar mais pra frente.

Além da satisfação em orgulhar sua mãe, o sentido do trabalho para Júlio é claro no quesito de sustento familiar. Relata que seu trabalho ajudava sua família e que não tiveram privações em sua casa. Mas quando teve que deixar de trabalhar, restando apenas para a mãe o sustento familiar, houve momentos de dificuldades.

Eu deixar de trabalhar atrapalhou bastante [...].

Outra experiência com o trabalho que Júlio teve foi de ajudante de pedreiro juntamente com seu padrasto. O que corrobora com a informação de Trinta *et al.* (2018) de que os adolescentes tendem a seguir as profissões autônomas e informais de seus familiares. Este trabalho foi o que lhe possibilitou a compra de uma arma para se “proteger” das ameaças que vinha sofrendo de um homem. A prática infracional cometida por Júlio não foi motivada pela ausência de trabalho ou por condições econômicas familiares, mas sim como uma forma de resolver a perseguição que vinha sofrendo. O ambiente comunitário em que estava inserido foi característico de violências, vizinhos que se afrontavam, violências vividas na infância como agressões e tentativas de homicídios, brigas entre famílias e principalmente agressões presenciadas entre seu pai e sua mãe.

A solução idealizada por Júlio foi a morte de seu ameaçador, já que até o instante, suas vivências foram entrelaçadas pelas violências familiar e comunitária e não conseguiu ajuda das autoridades para resolver sua situação. O trabalho para Júlio não permitiu que tal ato infracional acontecesse, pelo contrário, segundo ele, ao se perceber trabalhando e ver seu ameaçador no ócio a indignação tomou conta.

Eu acho que o trabalho não poderia ter me ajudado na ocupação, porque no serviço de ajudante mesmo, ia lá carregava massa e o pensamento ficava toda hora no mal. [...] No serviço não tinha ninguém para dar conselho, só tinha eu mesmo e o pensamento já não era bom e eu ainda ficava imaginando coisa, eu ralando e aquele moleque lazarento não faz nada da vida.

Nesse trecho percebemos a valorização do trabalho para Júlio em detrimento do ócio em que Getúlio vivia. Surgiu a revolta por estar fazendo o que socialmente era valorizado enquanto que seu ameaçador estava praticando a criminalidade. Mesmo que para Júlio o trabalho fosse importante, a informalidade nos mostra em sua fala que não pode evitar os pensamentos “ruins”. Muitos jovens devido à pouca escolarização e não profissionalização se submetem a trabalhos braçais que não contribuem em seu desenvolvimento intelectual

(TRINTA *ET AL.*, 2018), na verdade, nessa história, percebe-se que para Júlio o trabalho não ajudou nesse sentido.

Mesmo que o trabalho informal não tenha contribuído para evitar a prática infracional de Júlio, o adolescente apresenta a ideia de que o trabalho pode auxiliar na mudança de vida (BARRETO; QUINTANA, 2017) ao dizer que vai retornar a trabalhar e mostrar para todos que não é bandido, argumentando ainda que quem trabalha não é taxado de criminoso. O que vai ao encontro com que Farias (2015) declara, que a profissionalização é um dos meios que instrumentaliza o adolescente para sua reinserção social.

Vou voltar a trabalhar, eles vão ver que eu não sou isso tudo, nem bandido. Bandido não trabalhão, não é pessoa boa.

O trabalhar para Júlio nos revela que isso é característico de uma “pessoa boa”. Isto é, mais uma vez o ócio é desvalorizado e o trabalho recompensado com valor social. Um dos pontos centrais na vida de Júlio é o fato de que o trabalho poderá fazer com que ele seja visto como uma pessoa honesta e que mudou de vida, mesmo tendo afirmado que o trabalho informal não o ajudava a não pensar em coisas ruins.

O trabalho executado dentro do Centro por Júlio são trabalhos de limpeza predial, que para ele é reconhecido por fazer com que saia de seu alojamento (“cela”), diminuindo seu tempo trancafiado.

Aqui dentro eu estou trabalhando. Aqui dentro a gente lava o banheiro, faz limpeza no pátio, rastela. O trabalho é leve né, mas já vai desenvolvendo. Não sei se é porque eu saí daquela cela. Mas acho eu não, por causa que fico muito preso né aí quando a gente sai, dá valor a tudo, tudo mesmo. Cada segundinho que a gente fica aqui fora já é muito valioso.

Convém pensar que uns dos requisitos da medida socioeducativa de internação é de possibilitar ao adolescente a profissionalização (BARRETO; QUINTANA, 2017). Notamos que no relato de Júlio o trabalho desenvolvido não vai além de atividades de limpeza, pois centro não há funcionários contratados para manutenção e limpeza, restando a ele essas funções. Entrementes, os trabalhos executados por Júlio não passam de suplícios aplicados ao corpo, já que não houve relato de participação em cursos profissionalizantes.

Nessa direção, a internação, a medida socioeducativa ou mesmo o sistema adulto, não têm representado pontos de inflexão capazes de quebrar esse ciclo de precarização do trabalho e informalização experienciado por esses adolescentes e, muitas vezes, pelas gerações anteriores de suas famílias. O

trabalho precário e mal pago, em muitos casos configurado como exploração do trabalho infantil, é visto como o “bom trabalho”, o “trabalho digno” (TRINTA *et al.*, 2018).

Tais trabalhos executados pelo adolescente não têm permitido que este tenha acesso a outras formas de atividades que lhe proporcionasse melhorar suas condições econômicas, deste modo a legislação não tem sido eficaz em seu cumprimento.

A história de Júlio retrata o que já foi abordado na seção sobre trabalho: o desemprego que assola o Brasil. Sato (2017) escreve que o desemprego é uma realidade presente em uma grande parcela da população ou um fantasma que está assustando qualquer trabalhador (pois este está a sujeito a perdê-lo). Isso fica evidente nas palavras de Júlio ao expressar a dificuldade de conseguir um emprego

Conseguir trabalho lá fora é meio difícil, já era difícil antes. Só conseguia que era meu padrasto, caso contrário é difícil conseguir trabalho, difícil mesmo. Aqui na cidade mesmo quando eu vim morar aqui desde do ano passado, morei aqui 3 meses, fiz os currículos pra deixar em mercado, foi difícil, era muita gente, quase impossível conseguir um serviço, serviço é muito difícil mesmo. O mais fácil de achar era de pedreiro e de ajudante e mesmo assim ainda é difícil conseguir.

Para o jovem, essa dificuldade é agravada pela falta de profissionalização ou curso de capacitação, restando-lhe a informalidade com o padrasto ou amigos.

Sei que é muito difícil arrumar serviço. Mas também acho que é difícil porque eu não tinha curso nem nada ai é difícil mesmo. Acho que com curso seria mais fácil, provavelmente. Cabeleireiro mesmo, acho que se fizer um curso é rapidão.

Sendo assim, apresenta perspectiva de que irá fazer um curso profissionalizante de cabeleireiro acreditando que conseguirá um emprego com maior facilidade. Mesmo que possa concluir seu curso e conseguir um emprego, há direitos que devem ser resguardados e que muitos trabalhadores não usufruem deles, como férias remuneradas, FGTS⁵⁰, décimo terceiro salário e outros (SATO, 2017).

Em suma, o trabalho para Júlio está ligado as possibilidades de contribuir no sustento familiar. Isso faz com que o salário que recebia lhe proporcionasse um status social, onde era valorizado por sua família e pela comunidade; participação na vida social, buscando sua

⁵⁰ Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

integração social; e estratificação social, devidos às condições de baixos salários que faz com o sujeito tenha acesso a direitos precários (CASTEL, 2003).

11.3.5 “[...] o único destraviado é eu” O conceito de Gabriel

A história de vida de Gabriel é iniciada pelo seu primeiro emprego em um lavador de carro e motos com 13 anos de idade, evidenciando a informalidade experimentada por estes jovens (TRINTA *et. al*, 2018) e o início precoce nas atividades laborais.

O primeiro trabalho era num lava jato, aprendendo tudo um pouco né. Eu cheguei lá no serviço e eu pedi um serviço pro cara, o cara foi e me deu. Passei pelo teste lá, que sempre tem pra lavar o carro, aí eu passei pelo teste, aí eu comecei a trabalhar, fiquei quais uns dois meses trabalhando no lava jato e saí. Foi quando eu cai. Assim que eu saí, foi quando eu fui conhecer as maus influência.

Esse trabalho para Gabriel que durou dois meses é a forma clara de exploração de adultos que aproveitam da intenção e das condições econômicas dos adolescentes para usá-los em trabalhos informais. Isso fica claro quando Gabriel expõe que não recebia conforme o combinado e que a postura do patrão não era adequada para se corrigir um funcionário adolescente que está em período de aprendizagem, fazendo isso na frente dos clientes. Mais uma vez as condições de trabalho que estes adolescentes se submetem para conseguir o mínimo de condições para sobreviver nesta sociedade revelam a exploração do trabalho infanto-juvenil.

Eu sai do lavador porque já não dava mais, o cara... sei lá! Ele era muito ignorante. Faz um negociinho errado e ele não sabia explicar e começava a gritar, aí eu fui e saí. Falei não num é pra mim não e saí. Não só comigo, mas com os outros adolescentes lá também. Ele só trabalhava com adolescente. Tinha vez que nós chegava no dia do pagamento e ele não pagava nós, fiquei quais um mês sem receber, aí foi a hora que eu falei:
- Vô embora.

Todo final de semana era o acordo para pagar. Aí eu falei:
- Não vou trabalhar pra um cara que não paga os outro direito e quando faz só um negócio errado ele... era mais fácil ele chegar e conversar, né?! Não, isso aqui tá errado.

Não somente a relação entre funcionário e patrão era boa, mas principalmente a exploração que ocorria com os adolescentes apontado pelo véis de que o patrão apenas contratava adolescentes. Um enredo de negações e violações gerou em Gabriel uma revolta que acabou adentrando na criminalidade. A esse respeito Trintra *et al*, (2018) apresentam

Cenas de humilhação na relação com patrões e clientes, trabalhos mal pagos, atividades insalubres, jornadas exaustivas. Frente a essa realidade, não é uma surpresa que a inserção no tráfico de drogas pode ser considerada a opção mais vantajosa ou, muitas vezes, a única possível no mercado de trabalho para a conquista de autonomia, status comunitário e acesso ao consumo.

O fato é que esse trabalho para Gabriel não foi um dos melhores e relata que após ter decidido sair dele conheceu as “más influências”. Talvez as vivências experimentadas por este adolescente no trabalho degradante contribuiu com a prática infracional com seus pares.

E saí. Aí foi quando eu comecei a andar com os menino lá perto lá de casa lá, que cometia ato infracional, aí comecei a entrar na pilha deles e caí aqui. Eu saí e fiquei quase uns 3 anos de boa sossegado, aí nisso eu já tinha caído de novo. Eu arrumei outro serviço de servente de pedreiro.

Para Gabriel ter saído do emprego precário contribuiu para que iniciasse companhias que o levou à prática infracional. Nesse sentido, a ausência de trabalho permitiu que o adolescente tivesse acesso a outras companhias que o impulsionou ao delito, o que confirma os escritos de Junqueira e Jacoby (2006) que dizem que o fato de não possuir um emprego faz com que o sujeito pratique infrações.

Nisso eu já tinha arrumado outro serviço, lá do lado do presídio, aí eu tava trabalhando pro cara de servente de pedreiro, aí eu trabalhando apareceu um menino lá em casa e nós foi fazer coisa errada de novo aí não deu certo de novo e caímo aqui.

A busca da autonomia apresentada por Trintra et al., (2018) e a necessidade gerada pelo consumismo fez com que as práticas infracionais na vida Gabriel fossem frequentes. Após ter experimentado essa “opção” na criminalidade que, de certa forma, lhe deu condições para o poder compra de bens de consumo, Gabriel não negou a oportunidade de praticar mais uma vez ato infracional, mesmo tendo um segundo emprego informal (ajudante de pedreiro).

O trabalho informal não possibilitou a resistência de Gabriel em não praticar mais atos infracionais. Foi movido pelos pares mesmo estando “empregado” em um trabalho informal. É sabido que os pares podem contribuir na prática de comportamentos diversos, principalmente delituosos, já que o grupo de amigos desenvolvem características peculiares, como experimentações de vivências, parcerias, sendo cheios de expectativas sociais (SANTOS, 2013).

Gabriel ainda relata sobre a experiência de executar trabalhos dentro do Centro e ainda da participação de um curso profissionalizante de Pedreiro de Revestimento.

Começaram a me tirar pra trabalhar aqui dentro, aí eu fui aprendendo mais um pouco. A mexer com horta, teve até uma época que tava tenho um curso aí de pedreiro, aí eu fiz esse curso tava chegando no final já, aí aprendi mais um pouco.

A reafirmação de trabalhos informais é percebida no Centro, uma vez que, o curso ofertado aos meninos é de Pedreiro de Revestimento. Não que estejamos desvalorizando a profissão de pedreiro, mas sim, questionando os cursos que lhe são ofertados. A percepção é de que resta a esses garotos trabalhos informais e pesados, que não lhe permitam a expressão de suas capacidades e criatividade. Infelizmente, essas profissões também são valorizadas pelo judiciário quando se trata de adolescentes em conflito com a lei (TRINTA *et al.*, 2018).

Mais do que isso, a percepção disseminada de maneira significativa na própria Rede de Proteção, no Judiciário e entre agentes estatais e organizações que lidam diretamente com esse público tampouco corroboram para tal horizonte de ascensão social via mercado de trabalho formal. Enquanto adolescentes cumprindo medida socioeducativa, cria-se, na prática, uma necessidade institucional de conseguir um emprego. Ao fim e ao cabo, o adolescente, perante o Judiciário, somaria pontos importantes para o encerramento da medida se tivesse um trabalho fixo, mesmo que na economia informal. Para tanto, as comprovações do vínculo são as mais diversas, como fotos no local de trabalho e declarações dos empregadores feitas de próprio punho. O Judiciário, ao aceitar estes “documentos” admite que a chance de um adolescente em medida socioeducativa conseguir um emprego formal é nula. No entanto, ao cobrar um emprego, está contribuindo para a informalidade e exploração “legais” (TRINTA *et al.*, 2018).

Eduardo e Egry (2010) ressalta que os trabalhos ofertados aos adolescentes de classes subalternas são dignos, mas em sua maioria não se percebe uma ampliação para outras profissões. Para estas classes, restam-lhes os trabalhos que também são subalternos, tendendo à manutenção da situação da classe social.

Da mesma maneira, as atividades dentro do Case apenas permitem que Gabriel saia do alojamento, sem que haja se quer treinamento ou capacitação para melhorar suas condições econômicas.

Tipo, sai do alojamento um pouco, aprende.

Convém destacar que ao falar sobre formas de não retornar ao Case demonstra que o trabalho está no meio delas, utilizando-se de exemplos familiares, como sua mãe e seu padrasto.

Pra eu não ter voltado pra cá ué, depende só de mim, né? Porque lá em casa ninguém faz nada de errado, minha mãe trabalha, meu padrasto trabalha, minha irmã já tá com 13 ano e tá estudando e já tá na 8 série e só eu memo, só depende de mim pra mudar memo. Porque lá em casa todo mundo me apoia no ato certo, todo mundo me apoia, eu não preciso ficar nessa vida. Eu fui só nas pilha dos cara, memo, de novo.

Todo mundo na minha família, graças a Deus, é trabalhador.

Para Gabriel não trabalhar e praticar atos infracionais é uma característica de alguém que é “destraviado”, “estragado”. Neste caso, o certo ou o socialmente aceito seria trabalhar e estudar.

Aliás, estudar e trabalhar para cuidar de sua família é denotado como liberdade para Gabriel. O que se enquadra na sua perspectiva para o futuro.

O adolescente fala como se fosse opcional a escolha dos caminhos para a criminalidade ou pelo o trabalho. O que nos demonstra os esforços do próprio indivíduo em optar por um ou por outro.

E o emprego me ajudou a refletir um pouco, quando eu entrar, depois que eu entrei no mundo do crime, me ajudou a refletir, porque era melhor eu tá trabalhando com o cara que era ignorante do que eu tá com as más companhia pra mim não ter caído aqui.

O trabalho para este adolescente é uma das formas de se distanciar da criminalidade, mas lembrando que não é qualquer trabalho. Deve ser de “carteira assinada”, isto é, o trabalho formal. Ter esse trabalho levaria ao prazer e satisfação e assim não teria oportunidade de pensar em praticar atos infracionais. Para ele esse trabalho deve ser incentivado desde “pequeno” para que o “cara” se “acostume” com o trabalho. Ou seja, em análise, a criança deve ser moldada pelo trabalho e para o trabalho para que a ordem social seja sustentada (RIZZINI, 1991; FOUCAULT, 1990). Com efeito, o trabalho com seu poder disciplinar reproduz o sistema capitalista e ainda beneficia a conformidade dos grupos sociais com a sua própria condição (LIMA; RIBEIRO; ANDRADE, 2011).

Interessam-nos destacar a fala de que ao completar 18 anos a exploração que vinha sofrendo será aniquilada por poder ser contratado com carteira assinada.

Como eu já vou ficar de maior né e entrar como carteira assinada.

Essa fala nos mostra que para os adolescentes pobres, menores de 18 anos, restam-lhe trabalhos que sejam informais como lavador de carros e motos, capinar e ajudante de pedreiro. Não sabendo ele que já poderia ser contratado de carteira assinada como menor aprendiz em um trabalho não insalubre, perigoso, penoso e/ou noturno (BRASIL, 1990). O que fica evidente nesse enredo é a submissão ao trabalho precário por ainda ser um adolescente e ainda o nível de exploração que ainda está presente em nossa sociedade.

Um emprego de carteira assinada para Gabriel seria possível apenas com a conclusão do processo de escolarização, não refletindo sobre o desemprego que assola nossa nação. Característico pensamento social de que concluindo o ensino médio terá um trabalho garantido.

Pra conseguir um emprego de carteira assinada depende dos estudos né. Pro cara ter um serviço bom o cara tem que ter estudo Cristiano, se não tiver estudo não tem serviço bom.

Os “estudos” ou o processo de escolarização, para o adolescente, fará com que tenha um trabalho consideravelmente “bom”, infere-se que não seria um trabalho na informalidade.

Podemos pensar a prática infracional como uma questão de “acomodação”. Para Gabriel, se o sujeito possui a *habitualidade*⁵¹ na criminalidade seria mais difícil manter uma vida que se resumiria apenas a trabalhar.

Os sentidos de trabalho para Gabriel estão relacionados a honestidade.

O serviço me ensinou que nada, nada de, como que eu posso falar, nada que... se o cara for honesto, no trabalho honesto o cara tem de tudo, se o cara for honesto no trabalho o cara tá bom demais.

Que nem o primeiro, me ajudou a refletir né. Sem o cara ficar despreocupado. Todo final de semana tiver o dinheirinho dele, passar... passar despreocupado, passar perto de uma viatura e saber que o dinheiro é honesto. Não se preocupar que a polícia vai parar, bater, chamar de vagabundo, por causa de roubo. É bom demais Cristiano, é bom o cara saber que é honesto, porque essa vida não é boa não. Essa vida do crime não é boa não.

O trabalho honesto é característico da valorização social após a revolução industrial, como disse Enriquez (2014) é a essência do homem.

Os trabalhos dos adolescentes entrevistados resumem-se a informalidade. Experiências que violaram seus direitos a capacitação e a proteção ao trabalho. Muitos deles se envolveram

⁵¹ Termo apresentado por Fiorelli e Mangini (2015). FIORELLI, José Osmir; MANGINI, Rosana Cathya R. Psicologia Jurídica. 6 ed. Editora Atlas: São Paulo, 2015.

em trabalhos insalubres e com pouca remuneração, outros nem mesmo deveriam trabalhar devido à idade. Mas toda essa dinâmica nos revela a exclusão que estes garotos sofreram justamente por não terem sido ofertados e garantidos os direitos que foram pautados no Estatuto da Criança e do Adolescente. Devido a essas condições alguns deles se submeteram a práticas infracionais, impulsionados por desejos de adultos que aproveitaram da situação para alienar e induzi-los ao crime.

11.4 OUTROS SENTIDOS

Gostaríamos de aqui, tecer alguns comentários a respeito de alguns fatores que surgiram ao longo das entrevistas e que nos pareceu importante apresentar. Não é nosso objetivo esgotar ou aprofundar, mas de apenas pontuar a importância de tais fatores para reflexões, até porque não é o cerne desta pesquisa. Limitamos a apenas algumas reflexões. Como a linguagem é o meio pelo qual podemos conhecer os sentidos produzidos no cotidiano, utilizaremos de algumas das falas ditas pelos meninos para refletirmos a respeito destes outros sentidos.

11.4.1 Sobre a internação

A medida socioeducativa sobre a medida de internação para os adolescentes é evidenciada pelo caráter sancionatório em detrimento do caráter educativo. Campos (2016) destaca essa questão, quando se evidencia o destaque pelo interesse ao neoliberalismo ao consumo, fazendo com que a educação no sistema socioeducativo se torne uma preparação ao mundo do trabalho. Não que essa preparação seja considerada errada, mas o que está implícito é o desejo de que por meio da meritocracia o adolescente saia da criminalidade e busque formas de trabalho para manter a lógica do capital (EDUARDO; EGRY, 2010). O foco da escola e do trabalho no cumprimento da medida de internação é embasado no modelo capitalista de produção. Isso significa que a medida deveria ser o meio pela qual o adolescente se torne “adestrado” por esta forma de produção capitalista.

Diante de seus objetivos, acreditamos ser interessante trazer as falas que surgiram a respeito da medida de internação para os adolescentes entrevistados.

Um dos primeiros ressaltados aqui, é a oportunidade de reflexão. Em sua maioria, os meninos acreditam que a medida possui essa função de fazer com que reflitam sobre suas vidas, incluindo comportamentos errados e certos, e ainda sobre projetos futuros. E de fato, um dos

propósitos da medida de internação é fazer com o adolescente repense suas práticas, formas de viver, buscando a melhor forma de se conviver em sociedade (PADOVANI e RISTUM, 2016).

Por aqui no momento quero pensar que eu errei e quando eu sair lá fora consertar, pensamento é esse no momento. Mas no momento só isso mesmo, consertar onde eu errei e não insistir no mesmo erro né, sair daqui tô com muito pensamento do que fazer lá fora, uma nova chance né, recomeçar onde eu errei tudo (Júlio, 16 anos).

Quando o cara chega naquele bloco B, olha pela aquela grade triangular, aquela bigornia, e pensa o que que eu tô fazendo aqui de novo? É quando a ficha cai. Lá fora o cara acha que a casinha dele nunca vai cair de novo. Mas sempre acaba caindo (Gabriel, 16 anos).

Ah, vejo aqui dentro como uma mudança né. Que lá fora eu não fazia nada, não tinha interesse de nada. Só vivia na rua. Acho legal, tipo uma mudança para você para e refletir o que você podia tá fazendo lá fora e só tá fazendo aqui dentro por causa da internação. Mas é legal! (Luan, 17 anos).

Contudo, em um estudo feito por Coscioni et al (2018) foi observado que mesmo que os adolescentes possuam projetos de vida, faltam-lhes um senso de ação para que isso aconteça. De certa maneira, como se não soubessem como alcançar tais objetivos mesmo que conheçam os discursos sociais sobre “estudar” e “trabalhar”. Sobre isso, é importante questionar se os objetivos da medida de internação estão sendo alcançados. Pois ela não deve apenas levar o adolescente a reflexão, mas ajudá-lo na formulação de novos projetos e ainda colocá-los em prática (BRASIL, 2012).

Mesmo que a medida de internação propicie tais reflexões ela carrega consigo alguns sofrimentos. Para Luan, a experiência da internação foi difícil, dolorida e triste. Seu sofrimento não foi apenas emocional, mas também física.

Vir para o Case foi impacto pra mim, né. Eu achava que nunca ia parar num lugar desse. Os primeiros dias pra mim foi difícil, né. Não conseguia dormir. Não parava de pensar lá fora. Dava dor de cabeça. Chorava dentro da cela. Era, era chato (Luan, 17 anos).

Sua fala nos mostra o como drástica se torna a medida de internação e por isso é considerada a mais gravosa (BRASIL, 1990). A medida leva ao rompimento dos vínculos sociais e até mesmo a ruptura energética da prática infracional (SCISKESKI, ET AL, 2015). E

não somente por essa ruptura repentina, mas principalmente pela forma que o sistema funciona, isto é, ainda no modelo prisional adulto. “Celas” denominadas de alojamentos, grades, roupas padronizadas, procedimentos como: andar com as mãos para trás, revistas, todos esses pontos são pertencentes a cultura prisional e trazem sofrimento ao adolescente estigmatizando-o como “bandido”.

Quando eu cai aqui eu parei. Eu acho que se eu não tivesse caído eu tava vendendo ainda (Joaquim, 15 anos).

Mas para Joaquim o sofrimento inicial não foi a ruptura da prática infracional, mas sim ver sua mãe chorando. O que nos mostra uma certa valorização da figura materna e um sofrimento gerado no âmbito familiar.

Foi ruim pra minha mãe. Começou a chorar lá, né. Pra mim foi ruim por causa que vim pra cá, né. Ter passado pela polícia. Eu não sabia que existia esse lugar. Achei que nós não ia preso. Tá ruim aqui dentro, né?! Sem falar com minha avó (Joaquim, 15 anos).

A ingenuidade em acreditar que não há medidas “punitivas” para adolescentes que pratiquem atos infracionais e o pensamento de que não poderia ser punido está presente no meio de muitos jovens (conforme relatado por Joaquim). Talvez sejam necessários trabalhos sociais que divulguem os riscos das práticas ilícitas para adolescentes e suas consequências, neste caso, o cumprimento de medidas socioeducativas – mesmo sabendo que as medidas preventivas vão além dessas divulgações, com por exemplo políticas públicas eficazes. Ao mesmo tempo que há meninos que não sabem da existência de centros e unidades de internação, há aqueles que já passaram uma, duas ou até três vezes pela medida de internação. Gabriel, exemplo disso, nos diz que para ele a internação é melhor que do está morto, configurando que a medida oferece uma certa proteção.

Tô aqui até agora, graças a Deus né?! É melhor tá vivo do que morto (Gabriel, 16 anos).

Em última análise, podemos conjecturar que essa proteção pode ser entendida como não ser morto por criminosos e até mesmo pela sociedade civil. Além do que, em sua maioria os adolescentes que adentram ao sistema socioeducativo possuem seus direitos violados e durante

o cumprimento da internação tem suas matrículas escolares reativadas (devido a evasão escolar), possuem acesso à saúde com prioridade, atendimentos com psicólogos e assistentes sociais que providenciam os documentos, que em muitos casos possuem apenas a Certidão de Nascimento e Cartão do Sistema Único de Saúde e isso quando não foram perdidos. Parece um tanto que contraditório, tornasse necessário que o adolescente pratique atos infracionais para que todos os seus direitos garantidos por lei sejam aplicados. Acreditamos que se tais direitos já tivessem sido garantidos, quiçá os meninos estudados nesta pesquisa não teriam cometido atos infracionais. Mas infelizmente, com a ineficácia de políticas públicas muitos incorrem na “criminalidade”.

E mesmo que para Gabriel a internação seja tida como proteção, também conclui que sua vida não vale nada dentro do centro.

Rapaz, eu enxergo minha vida aqui dentro, minha vida aqui dentro, aqui dentro mesmo, aqui dentro não vale nada né?! Porque a maioria da minha juventude foi aqui dentro né, da adolescência, não valia nada, agora lá fora quando sair daqui, graças a Deus quando sair daqui eu quero mudar de vida, quero estudar mesmo, dá um estudo definitivo só pros estudos, trabalhar de novo, seguir minha vida de outra maneira, não cometer mais ato infracional (Gabriel, 16 anos).

O enclausuramento traz para si um sentimento de desvalorização da própria vida, já a liberdade parece lhe propicia novas possibilidades. Para Gabriel, deixar a conduta infracional está ligada às práticas em liberdade. A internação mesmo que para ele seja ruim, faz com que repense novas condutas e formas de viver para não mais cometer atos infracionais.

Contudo, retornando ainda ao sentimento de “menos-valia” da vida, podemos inferir que tal sentimento pode ser produzido devido às práticas punitivas que ainda existem dentro dos sistemas socioeducativos.

Tem até muitas pessoas aqui dentro do socioeducativo, da parte de segurança lá pra baixo, tem vez que se aproveita só porque o menor tá preso não pode falar um “A” que já acha homem pra levar lá pra aquele castigo e bater. Já fui agredido na primeira internação. Da vez que eu fui de bonde pra Porto Velho. Ah, não pode falar nada né. Não tem como ter reação, porque do nada cê saber que um cara que nunca te deu nada chegar e bater no cê, se vai falar o que?! Não tem como falar nada se falar fica pior (Gabriel, 16 anos).

O silêncio, as agressões, castigos por meio de violências revelam o quanto a cultura punitiva ainda está arraigada nas medidas socioeducativas. Como se o Código de Menores ainda estivesse presente, e por isso entendemos que os sentidos sobre medidas de internação são

históricas. A presença de práticas punitivas vem de longas datas, atingido crianças e adolescentes, com o intuito de “consertar” os “desviados” ou, neste caso, o adolescente que praticou ato infracional. Os suplícios dos copos silenciados, falados por Foucault (2014), ainda existem, para alguns agentes da socioeducação esse pensamento deve ser mantido, para eles a disciplina deve ser prioridade. E entendemos aqui disciplina em seu caráter punitivo, correção por meio de agressões, privações e violências. Oliveira e Miranda (2019) asseveram que as práticas punitivas dadas por agressões, maus tratos por policiais e agentes de segurança só incentivam e justificam a continuidade de práticas violentas e “criminosas”, neste caso, a continuidade nas práticas infracionais, naturalizando o ciclo de violência.

Não é à toa que, Luan, ao adentrar na internação, tenha essa impressão a respeito do sistema.

Os primeiros dias até... não conhecia os agentes. Os psicólogos aqui de cima, o pessoal aqui de cima, eu achava que tudo era na ignorância com, com eles aqui dentro. Ai depois eu percebi que eles são legal. Trata a gente de boa. Tem alguns agentes que é sossegado; se pede alguma coisa, eles faz de tudo pra fazer pra você. Se eles puder, o que eles não pode eles fala. Remédio, enfermagem. Tudo isso aí (Luan, 17 anos).

Acreditava que a forma de tratamento deveria ser na cultura punitiva, nas práticas violentas e agressivas. De certa forma, compreendemos que já havia em seu ideário de que deveria “pagar” pelo que fez com esse modelo de tratamento. Com o passar dos dias, verbaliza que teve uma mudança nesse conceito previamente estabelecido.

Mas uma vez ocorre a tentativa de adestramento, conforme apontando por Foucault (2014), é demonstrado no cumprimento da medida de internação. A disciplina declarada por Gabriel e por Luan, exemplifica essa realidade e também através da fala de Joaquim.

Aqui no Case só sai para cavar buraco (risos), carpi (risos). Só. Ah, ajudar aqui dentro também, né?! Tira a gente pra carpir (Joaquim, 15 anos).

Práticas punitivas dadas pela força de trabalho pesado. Nota-se que a primeira fala do adolescente é “cavar buraco” e não “carpir”. Em análise dessa linguagem utilizada, percebemos que esse cavar buraco é carregado de nenhum sentido, mas possivelmente apenas uma atividade vazia e muito provavelmente punitiva para supliciar seu corpo.

Essas práticas punitivas nada mais é do que um controle social e a internação não está desapegada desse modelo. Leal e Macedo (2019, p. 219) apontaram para “[...] um sistema que historicamente tem operado uma medida de internação que se destina aos mecanismos de

controle do capital, que se efetiva por meio de um poder disciplinar que objetiva, em última instância, inserir os adolescentes na lógica do capital.”

O controle social dado, neste caso, pela internação segue a norma da proteção da sociedade e de uma sociabilidade exigida pela lógica do capital, ou seja, comportamentos adequados para se conviver nesta sociedade capitalista e de responsabilização individual (LEAL e MACEDO, 2019). Ocorre a tentativa desse controle por meio da disciplina, mas para Scisleski, Galeano, Silva e Santos (2014, p. 671)

[...] a disciplina, dada a configuração da medida de internação, é meramente a vigilância, o exame, o constante controle e a restrição da circulação, situações que contribuem para a constatação de que essas medidas são ineficazes, pois não são socializadoras, mas repressoras, caracterizadas como dispositivos de controle e não como socioeducativas.

A lógica é de controlar os adolescentes frente a uma possível revolução contra o sistema vigente de nosso país, e por isso são tão ineficazes em seus objetivos. A socialização deveria ocorrer com base na emancipação do jovem e de sua libertação do sistema que lhe oprime, bem como, possibilitar ferramentas que lhe ajude em seu ingresso na sociedade.

De outra maneira, a lógica do capital atribui ao sujeito a culpa de adentrar-se no mundo do “crime”, sua responsabilização individual dos atos praticados. Isto é percebido nos discursos que permeiam a sociedade neoliberal e até mesmo em operadores do direito.

Aqui está o risco, pois estes discursos culpabilizadores podem ocasionar altos níveis de frustrações nos jovens. Recaem sobre eles a total responsabilização da “vida do crime” e não consideram o contexto social em que vivem, como fatores econômicos, políticos, políticas públicas e entre outros (OLIVEIRA e MIRANDA, 2019).

Além dos sofrimentos vividos dentro do processo socioeducativo, da culpa, dos suplícios, a internação ainda carrega o estigma de “bandido” ou de “criminoso”. Na fala de Júlio percebemos essa preocupação.

Tá passando na mente de todo mundo lá que eu sou bandido, que eu tô preso, que eu tenho que ficar aqui apodrecendo e não olham os dois lados da história, olham como se eu fosse uma pessoa ruim, porque ele não sofreram (Júlio, 16 anos).

Tal preocupação também foi apresentada pelos estudos de Padovani e Ristum (2016) que argumentaram que esse olhar estigmatizante torna os adolescentes como incapazes de

mudar suas trajetórias de vida. Esse argumento está embasado de que as pessoas não acreditam na possibilidade de mudança do adolescente, o que reafirma o estigma infrator.

Convém-nos lembrar que os estigmas eram marcas corporais dadas pelos gregos para identificar alguém perante a sociedade, seja por algo extraordinário, seja por algo de ruim (GOFFMAN, 1891). Deste modo, os estigmas dados aos adolescentes que cumprem ou cumpriram medidas socioeducativas só reafirma e fortalecem a exclusão social de que já eram vítimas. Por fim, a medida de internação para os meninos pode ser experimentada como possibilidades de reflexão, mas também como sofrimento.

Concluindo, os adolescentes que cumprem medida de intenção são resultados da conjuntura política, cultura, social e econômica. São pessoas que precisam ter seus direitos garantidos, mas que se esbarram em pequenas ofertas de políticas sociais ineficientes e que, por conseguinte, não conseguem romper as barreias da exclusão social, vivendo à margem da sociedade (SOUZA e COSTA, 2013).

11.4.2 Sobre as drogas

O uso de drogas pode ter início com base em vários fatores e por diversos motivos (ABROMOVAY; MARY, 2005). Entendendo dessa forma, queremos aqui trazer as falas dos adolescentes sobre esse assunto.

Bolívia teve sua primeira experiência com as drogas para fugir da realidade. Nesse caso, a pressão gerada pelo o abandono por parte da mãe e pelas exigências da sociedade fez com que Bolívia iniciasse o uso de drogas (ABROMOVAY; MARY, 2005).

Fui me envolvendo com droga... mas, tipo que, eu queira desligar a realidade entendeu?! Eu não queria viver assim sob pressão da realidade que era ruim assim, queria ficar mais isolado, não ter tanto contato com as pessoas, tal (Bolívia, 18 anos).

Sabemos que na atualidade com as exigências do mercado de trabalho, concorrências, consumimos, mídias propagando produtos “essenciais” para sobrevivência, criando necessidades, e ainda conflitos familiares podem fazer com que muitos jovens ingressem no mundo das drogas com o objetivo de “fugir” da realidade que os perseguem. Isso quando muitos não decidem tirar suas vidas por acreditar que não conseguirão resistir a essa realidade.

Assim, as drogas podem ser um escape para lidar com esse emaranhado de conflitos e cobranças. Nesse ritmo, Bolívia afirma que foi “*embalando*” (sic) no uso de maconha e que logo em seguida já estava vendendo.

Fui indo, fui crescendo, mas no meio de uns doze anos eu já tava fumando maconha. Com uns treze já tava vendendo, fui embalando num tem?! Fui vendendo (Bolívia, 18 anos).

Como já mencionado anteriormente, a escola pode ser o local onde o uso de drogas pode se iniciar, principalmente por seu um lugar de socialização (ABROMOVAY; MARY, 2005). Tanto Bolívia quanto Gabriel tiveram seu primeiro contato com as drogas na escola.

Quando eu estudava, na época que eu estudava, que eu tava começando a fumar maconha, na época da escola, dos treze, catorze, os mais véi leva os mais novo né (Bolívia, 18 anos).

O uso de drogas também acontecia na escola, à noite. Eu peguei e voltei a estudar (Bolívia, 18 anos).

Eu conheci a maconha na escola (Gabriel, 16 anos).

Eu criei uma amizade lá dentro da escola que o menino já usava maconha, já roubava, aí eu comecei a andar com ele, eu vi o que que ele fazia e eu fui na onda, fazer... foi ele que me apresentou a maconha e o roubo. Eu cheguei a usar maconha na escola, assim... Já cheguei a usar maconha na sala de aula, até dentro da sala de aula. Chamaram a diretora lá (Gabriel, 16 anos).

O uso acontecia dentro da sala de aula, o que configura que muitas crianças e adolescentes podem ter acesso as drogas dentro das escolas. Já Joaquim teve acesso

Já tive envolvimento com droga, maconha. A primeira vez que usei foi aqui. Eu tava fazendo curso na paróquia. Tinha um menino lá que fumava, foi e me chamou e eu fiquei curioso pra saber, fui e comecei a fumar (risos) (Joaquim, 15 anos).

O fato é que a família de Bolívia o colocou em descrédito não apenas por suas reiteradas desistências da escola, mas também pelo uso de drogas. E por isso sua mãe não confiou que ele poderia cuidar dos materiais domésticos, acreditando que ele poderia vender ou fazer qualquer outra coisa por ser um usuário de drogas.

Ela falou, chegou em mim e falou que não ia deixar nada não que, eu fumava droga, que eu era usuário de droga, que eu não tinha juízo Ela falou que se eu quisesse ficar com as coisas eu tinha que comprar. Que ai eu podia fazer com as coisas o que eu bem entendesse (Bolívia, 18 anos).

Além do descrédito, Bolívia também teve problemas de saúde. O uso frequente de drogas e a má alimentação fez com quem fosse ao hospital para tratar por intoxicação.

Tava com infecção no sangue, tipo intoxicamento... de droga, entendeu?! Quando você não tem alimentação e usa muita droga (Bolívia, 18 anos).

Para Luan, a droga configurou uma complicação no relacionamento com avó. Disse que possuía uma boa relação até iniciar o uso de drogas, assim como, afetou também seu desenvolvimento escolar. Para ele o uso de drogas surgiu na escola devido as amizades.

Ai depois de um certo tempo quando eu comecei a usar drogas, aí começou um relacionamento meio ruim. Comecei a desobedecer a minha mãe e a desobedecer a minha avó. Daí ela viu que eu tava meio estranho, começou a agir diferente comigo também (Luan, 17 anos).

Antes da droga eu era um ótimo garoto, um bom garoto. Comecei a usar droga por causa da má influência na escola, amizade mal. Antigamente, eu era um ótimo menino. A droga mudou meu comportamento (Luan, 17 anos).

Já Júlio diferente dos demais, sua experiência com drogas se deu por meio de sua comunidade. Claro que também influenciado pelas amizades que conheceu.

Minha mãe arrumou um padrasto ele bebia. Passava aquele pessoal usuário de droga que bebe também né que começou a rodear lá em casa, conversava com meu padrasto aí começou essa amizade, eu fui crescendo e fui ouvindo muitas histórias sempre o pessoal tendo dinheiro fácil. Foi ai que eu entrei nas amizades. Só que roubar mesmo eu não cheguei a fazer. Por causa que meus amigos roubaram e eu tava junto, vim pra cá também, por que ele roubaram eu vim. Igual fala o ditado junto com o porco né... isso (Júlio, 16 anos).

Schenker e Minayo (2005) estudando sobre os fatores de riscos que podem levar o adolescente ao uso de drogas, destacam que o envolvimento grupal tem sido um dos maiores prenúncios do uso de drogas (DALPIAZ, ET AL., 2014). Assim, como a própria comunidade de convivência, pois podem ser facilitadores, uma vez que a frequência da oferta pode naturalizar o uso (SCHENKER; MINAYO, 2005).

A droga está tão presente na vida desses meninos que em suas falas sobre “mudar de vida” percebemos que um dos critérios é deixar uso drogas, denotando um conceito ruim em relação as drogas.

Parar de fazer ato infracional, parar de fumar droga, andar só com as pessoas certas. Afastando dos mal companhia, ficando só mais dentro de casa, escutar mais a minha mãe. Basta eu querer também né?! (Gabriel, 16 anos).

De certa forma, percebemos aqui que as drogas são as causas de muitas práticas infracionais e de rupturas de relacionamentos. Seu uso pode ser motivado por influências de grupos de pares, assim como por fuga da realidade, o que pode acarretar diversos problemas. Contudo, essa é uma temática que merece ser melhor estudada e aprofundada.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi voltar os olhares para as histórias de vida dos adolescentes que cumprem medida de internação no interior de Rondônia. As inquietações a respeito de escola e do trabalho – devido ao grau de importância que lhes confere todo o sistema socioeducativo, como fossem a solução para os problemas das práticas infracionais – nos estimularam a refletir sobre esse discurso histórico, cultural e religioso de que, por meio dos esforços individuais, os adolescentes pudessem sair da criminalidade e ascender socialmente, independentemente das condições de exclusão em que vivem. Nosso interesse foi conhecer quais seriam os sentidos da escola e do trabalho para estes adolescentes, a fim de perceber quais as interferências desses discursos na vida e na fala destes meninos.

É importante pontuar que, em sua maioria, estes adolescentes vêm de famílias pobres e postas à margem da sociedade; famílias e adolescentes são estigmatizados por esta condição e também por serem, em sua maior parte, negros e pardos.

O propósito das medidas socioeducativas, especialmente a de internação, é fazer com que a prática infracional seja interrompida e que o adolescente possa retornar ao convívio em sociedade, sem que utilize de tais práticas para viver. Contudo, como apresentado, as medidas vêm de uma construção histórica marcada por estigmas e preconceitos; adolescentes em conflito com a lei, desde sempre, foram tachados de “menores”, “bandidos”, “delinquentes” e outros adjetivos que desvalorizam a dignidade humana destes meninos. Mesmo com o grande avanço que o ECA trouxe no que diz respeito aos direitos da criança e do adolescente, ainda tem predominado a cultura prisional, enraizada no cotidiano das unidades e centros de internação socioeducativos.

O enclausuramento, conforme nos apontou Foucault (2014), tem sido a marca da violência vivida por estes meninos. Isto nos fez perguntar se, de fato, os centros de atendimento socioeducativo têm alcançado seu propósito de ressocializar ou se têm sido apenas utilizados para o disciplinamento do sistema vigente, embasado no neoliberalismo.

Na busca de alcançar o objetivo deste trabalho, utilizamos a perspectiva pós-construcionista, que busca conhecer as práticas discursivas presentes no cotidiano. Segundo essa perspectiva, os sentidos são produzidos em interanimações dialógicas – falas que perpassam os tempos longo, curto e o vivido. Tornam-se, assim, sentidos datados e localizados em seus contextos histórico e cultural. Entendemos que a entrevista é, também, um momento de interanimação dialógica e de produção de sentido entre entrevistado e entrevistador. Como estávamos interessados na trajetória de vida desses adolescentes, buscamos trabalhar com a

método da história de vida. Ainda que fizéssemos as mínimas intervenções, nossa simples presença como pesquisadores interlocutores provocava um certo tipo de fala.

Sabemos que a escola tem assumido SOCIALMENTE, há bastante tempo, um papel de redentora da criminalidade e, ao mesmo tempo, numa perspectiva mais crítica, o de mola importante no desenvolvimento social, considerada como a grande possibilidade de libertação do ser humano. Sabemos, também, que estas ideias têm sido propagadas em discursos sociais. Devido a isso, se tem estimulado a implantação da escola no sistema socioeducativo por meio de documentos legais que assegurem esse direito aos adolescentes.

Contudo, há que se perguntar: será que o objetivo real do Estado ao propiciar a educação no sistema socioeducativo é permitir que o adolescente se torne um revolucionário do sistema vigente, ou apenas fazer com que estes meninos sejam depositários de conhecimentos que não libertam, mas reproduzem a ordem social? Tal pergunta surge diante das ausências de políticas públicas eficazes que proporcionem os adolescentes pobres o acesso à educação formal crítica em sua totalidade.

Sabemos que existe a crença de se considerar que, por meio do trabalho, o adolescente pode abandonar a criminalidade – discurso inferido pelo ideário de que o trabalho dignifica o homem. Essa ideia corrobora a centralidade que o trabalho veio assumindo ao longo do tempo, principalmente pelo retorno financeiro que fornece. Porém, trabalhos precários têm surgido e não têm permitido que o ser humano usufrua de boas condições materiais para sua sobrevivência, o que resulta na subalternidade de muitas famílias que gozam de coisas mínimas para sobreviver. Nesse cenário, insere-se o discurso meritocrático de que tais situações podem ser resolvidas ou superadas pelos esforços pessoais, “estudando e trabalhando, pois há emprego para todos nessa sociedade” – essa é ideia que está sendo implementada em escolas e, principalmente, em centros de atendimento socioeducativo.

Diante disso, surgem questões como: será que, de fato, há empregos para todos? A profissionalização com qualidade tem sido ofertada a toda a população por meio de políticas públicas que permitem que os sujeitos possam sobreviver nesse mundo desigual? A simples profissionalização é capaz de gerar renda por si só? O trabalho ou a profissionalização oferecida no centro de internação é capaz de proporcionar a preparação do adolescente para sociedade capitalista? Diante de todos estes apontamentos e questionamentos, emergem as falas dos meninos que cumprem medida de internação, importantes para compreender todo esse contexto.

Para os adolescentes aqui entrevistados, a escola é vista de diversas maneiras. Entre eles, ressalta-se a persistência em permanecerem no processo de escolarização, por acreditarem que ela pode permitir novas possibilidades. Um enredo de lutas e desistências, devido às situações

materiais e familiares em que vive o adolescente, faz com que a escola seja um local importante de passagem, mas que não é tão essencial como permanecer trabalhando para se sustentar ou sustentar sua família.

Os sentidos da escola também a apresentam como um local que se limita a ensinar a ler e a escrever, isto é, ao letramento. A disciplina excessiva é reprovada e vista como não estimulante, devido aos ensinamentos com base nos erros, e não nos acertos – um ensino que não permite a reflexão dos conteúdos ensinados, na perspectiva de uma pedagogia bancária, como nos chama atenção Paulo Freire.

Se para alguns a escola é apenas um lugar de passagem e até perde a graça, para outros a escola permite “ser alguém na vida” e/ou “alguém no futuro”. Essas práticas discursivas nos revelam o entendimento de que a escola pode ser a ferramenta para que o sujeito tenha uma boa profissão e cresça financeiramente. Em outras falas percebemos aqui que a ideia da escola redentora e salvadora também está presente no cotidiano; sem ela, o destino seria a criminalidade – e bastaria estudar para conseguir bons empregos.

Educação e trabalho se completam como a díade necessária para ser “alguém na vida”. É importante frisar que a grande questão é que isso se conquistaria por mérito individual e próprio. Destacamos também que a relação entre professor e aluno pode ser primordial para o processo de aprendizagem. A afetividade expressa pela postura do professor pode levar ao aprendizado e o aprendizado pode dar manutenção a essa afetividade, resultando em sucesso na relação de ensino-aprendizagem.

Houve também quem não soubesse dizer a importância da escola, provavelmente pelo papel irrisório da escola em sua história de vida – que, quando deveria ensinar, também não foi capaz, e quando deveria proteger, não fez nada. Mesmo assim, podemos conjecturar que os sentidos produzidos pela escola foram desde a relação entre pares, estabelecidas por meio de conselhos, até a de um local que deveria proporcionar segurança e ensino da moral e de boas condutas, mas não o fez.

Já no que diz respeito à internação no CASE, os sentidos de escola expressaram desde o aprendizado adquirido até à possibilidade de sair do alojamento, permitindo um pouco mais de liberdade e distração da mente no sistema de internação. A escola ajuda na reflexão sobre a vida, especialmente no abandono de práticas infracionais. A escola no centro, diferentemente da escola regular, é apontada como positiva, pois permite sair do confinamento, permite interações e, principalmente, projeções de um futuro talvez um pouco diferente. Nesse sentido, é importante que essa escola seja cada vez mais valorizada pelos gestores das unidades de

internação, e que eles se engajem nesse processo de tornar esses adolescentes autônomos e em condições de seguirem suas vidas de outra forma.

A respeito do trabalho, os sentidos produzidos, que de igual forma entrelaçam o contexto histórico e cultural, são vistos como formas de contribuir com o abandono da prática infracional. Contudo, a insatisfação com as condições precárias de trabalho e com a impossibilidade de consumir levou alguns destes meninos à prática infracional – ciranda da situação atual em que o sujeito está inserido: um contexto que estimula o consumo, ao mesmo tempo que muitos trabalhadores (principalmente aqueles informais) não conseguem consumir devido à precarização do trabalho.

Mesmo com todas as contradições do mundo do trabalho para adolescentes pobres das periferias, o trabalho ainda é visto como central e há certa valorização de quem possui uma profissão. Isso faz com que muitos jovens optem por permanecer trabalhando (mesmo diante de situações precárias de trabalho e de saúde) ao invés de continuar estudando, de maneira que o trabalho acaba sendo interpretado como mais importante que o processo de escolarização.

Os sentidos de trabalho produzidos por estes meninos reforçaram a ideia de que ter uma profissão é ser valorizado socialmente, mesmo que esta profissão seja exercida na informalidade ou até mesmo na exploração do trabalho infantil. Todavia, a experiência na informalidade nem sempre é seguida do sucesso: muitos adolescentes tiveram experiências de exploração e de humilhação. A invisibilidade e a humilhação social provocam sofrimentos ético-políticos (SAWAIA, 2001); o trabalhador que se vê humilhado percebe que trabalhar dessa forma, ao contrário das máximas sociais, não dignifica ninguém.

Houve ainda sentidos de trabalho que ressaltaram o sustento familiar – um sentido produzido numa cultura religiosa, já que é do suor do rosto que vem o sustento. Muitos adolescentes adentram o mercado de trabalho para poder ajudar suas famílias na renda familiar. Para alguns, o trabalho tinha o sentido de prover assistência à mãe, já que o pai não era assíduo na ajuda financeira. Destaca-se, numa das histórias, o sentimento de prazer em ajudar e de que não era doloroso assumir esse papel de provedor, mesmo tendo apenas sete anos.

Houve também sentidos produzidos sobre o trabalho dentro do CASE. Para os meninos, o trabalho dentro do centro foi desde sair de seus alojamentos e aprender a mexer com a horta até “cavar” buracos. Sustentamos a ideia de que o trabalho para certos meninos não passou de reprodução dos suplícios, já que não permitia uma reflexão ou um aprimoramento do que estava sendo executado para atuações futuras – enquanto que, para outros, estes trabalhos foram mais valorizados por permitirem que eles saíssem de seus alojamentos, tendo um pouco mais de

liberdade. COMO A ESCOLA É A LIBERDADE, O TRABALHO NO CENTRO TAMBÉM É.

Mesmo que o objetivo desta pesquisa tenha sido conhecer os sentidos de escola e de trabalho para os adolescentes que cumprem MSI, surgiram nas falas outros aspectos importantes que foram apontados. O primeiro deles é o papel da família na vida destes meninos. Para alguns, mesmo diante do abandono por parte da mãe, ou do uso de drogas dos genitores, as avós cumpriram o papel de cuidadoras e auxiliaram em seu processo de escolarização. Para alguns, mesmo havendo o cuidado por parte das avós, o abandono pela mãe motivou o ingresso no mundo das drogas, uma temática que vale se ser estudada por outros pesquisadores, assim como a inserção na criminalidade (o que esta dissertação não abrange).

A família, para esses meninos, apareceu como facilitadora do ensino de valores morais e também como responsável pelo processo de escolarização. Todavia, houve aquele que cresceu num ambiente de violências domésticas, que resultaram em dificuldades no desempenho escolar; também houve a fala de meninos cujas famílias os colocaram em descrédito devido ao histórico de abandono escolar, práticas infracionais e uso de drogas.

Houve, ainda, falas a respeito da internação; o que, para alguns, pareceu ser um local que ajudaria no processo de reflexão de suas condutas e elaboração de seus projetos de vida, para outros, representou um lugar em que a opressão (violências sofridas) ocorria no cotidiano – não podemos deixar de mencionar o sofrimento vivido devido ao rótulo de “bandido” dado a estes meninos, o que ainda nos faz pensar que a desvalorização da vida surgiu por meio do enclausuramento.

Além destas falas, apareceu o tema do uso de drogas, cujo ingresso pode ter sido motivado pelo abandono familiar ou pelo grupo de pares, ou, ainda, pelo contexto comunitário em que o adolescente estava inserido.

Fato é que, em todas as histórias aqui apresentadas, a meritocracia esteve destacada como o elo entre a escola, o trabalho, a prática infracional ou o uso de drogas, que fará com que a vida do adolescente seja completamente diferente da vivida até hoje. O esforço pessoal de estudar, trabalhar, abandonar as drogas e deixar a prática infracional surgiu, para estes adolescentes, como resposta a todas essas questões.

Sabemos, entretanto, que os investimentos públicos nas escolas não têm sido efetivos, tampouco têm permitido que se promovam mudanças e transformações sequer no interior da própria escola, que dirá na vida dos adolescentes e em seus projetos de futuro. Da mesma forma, as políticas de geração de renda e emprego praticamente deixaram de existir no Brasil; a política

econômica adotada pelos governos neoliberais está fundada na meritocracia, na ideia de que é preciso galgar individualmente os passos para ser um empreendedor bem-sucedido.

Diante disso, se ressaltam os questionamentos: será que apenas com os esforços pessoais o adolescente vai mudar sua realidade, sem que lhe sejam dadas ferramentas por meio de políticas públicas ou da profissionalização qualificada? Sem que se mude a sistema consumista em que estamos inseridos? O CASE tem conseguido cumprir seu papel de retirar esses adolescentes da criminalidade? A ressocialização tem acontecido? Com base nas entrevistas aqui apresentadas, a resposta para todas estas perguntas é “não”.

Sabemos que a escola e o trabalho não são ruins para a sociedade, mas o que queremos destacar é que a meritocracia é vista como fator de mudança e ascensão social. Os dados desta pesquisa nos mostram o quanto o discurso meritocrático está impregnado na sociedade em que estamos inseridos e, conseqüentemente, na vida destes adolescentes – um discurso de que de nada adiantariam investimentos em escolas e políticas sociais para o trabalho, se não houver o esforço do indivíduo para sair da criminalidade ou até mesmo de sua situação de pobreza.

Queremos apontar, com isso, que a escola é, sim, importante para estes meninos, mas seus esforços individuais não são suficientes para mantê-los nela. O trabalho por sua vez também é necessário, mas desde que não seja precário, informal ou experimentado pela exploração.

Por sua vez, dentro do CASE, está imbricada a ideia de que a escola e o trabalho podem disciplinar os adolescentes, o que é caracterizado pelos discursos sociais aqui apresentados, expressos nas falas destes meninos. Desta forma, entendemos que a escola e o trabalho dentro do centro têm tentado cumprir o papel de manter a ordem social, responsabilizando o indivíduo por sua conduta, pela ausência de recursos e pela falta de interesse em estudar e trabalhar; resta aos adolescentes a culpa pelo insucesso de suas vidas.

Pensando nesses meninos que cumprem medidas de internação, essa dissertação veio mostrar a realidade, expressa por eles, do que pensam (pensamentos entrelaçados pelos discursos culturais e sociais) sobre a escola e sobre trabalho, e como eles vêm experimentando essas relações, principalmente pelo sentimento de culpa por terem “se decidido” pela criminalidade, e não por uma vida “honesta”. A “escolha” da prática infracional seria motivada por sua índole, e não pela ausência de recursos ou pelo sistema consumista em que estamos envolvidos.

Mesmo que o ideal da política de ressocialização seja permeado pelo acesso à escola e à profissionalização, a prática tem nos mostrado que o real tem sido diferente – o que nos faz refletir sobre tais políticas. São necessárias análises mais profundas do que tem ocorrido dentro

dos centros e das unidades socioeducativas, no sentido de conhecer as razões pelas quais ressocialização não tem acontecido.

REFERÊNCIAS

- ABROMAVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. Drogas nas escolas: versão resumida. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/in/documentViewer.xhtml?v=2.1.196&id=p::usmarcdef_0000139387&file=/in/rest/annotationSVC/DownloadWatermarkedAttachment/attach_import_03791e55-3d6e-4607-923f-587b39ee6ab6%3F_%3D139387por.pdf&locale=en&multi=true&ark=/ark:/48223/pf0000139387/PDF/139387por.pdf#%5B%7B%22num%22%3A253%2C%22gen%22%3A0%7D%2C%7B%22name%22%3A%22XYZ%22%7D%2C56%2C760%2Cnull%5D. Acesso em: 23 nov. 2019.
- ALVES, Joyce Amâncio de Aquino. **Violência racial e a construção social do “genocídio da população negra”**. 2017. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/spg-4/spg27-1/11020-violencia-racial-e-a-construcao-social-do-genocidio-da-populacao-negra/file>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. *In*: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999. p. 107-146. Disponível em: http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/0_metodo_nas_ciencias_naturais_e_sociais_-_pesquisa_quantitativa_e_qualitativa.pdf. Acesso em: 01 out. 2017.
- ANJOS, Lídia Carla Araújo dos; REBOUÇAS, Gabriela Maia. Da concepção do “menor” ao surgimento da criança e do adolescente enquanto sujeitos de direitos: uma compreensão histórica. *In*: AGRA; Giscard Farias; FONSECA, Ricardo Marcelo; SIQUEIRA, Gustavo Silveira (Coords.). **História do Direito I**. CONPEDI, 2014. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/livro.php?gt=266>. Acesso em: 09 fev. 2019.
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Majino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromisso e perspectivas. **Revista Semestral da ABRAPEE**, v. 12 n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n2/v12n2a20.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-51, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.
- ANTUNES, Ricardo; POCHMANN, Marcio. A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil. *In*: CIMADAMORE, Alberto D.; CATTANI, Antonio David (Orgs.). **Produção de pobreza e desigualdade na América Latina**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Clacso, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/clacso-crop/20120426114339/cattapt.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.
- AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. VII, n. 2, p. 479-500, set. 2007. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos/4-ocio_lazer_e_tempo_livre_na_sociedade_do_consumo_e_do_trabalho_22.pdf. Acesso em: 07 out. 2019.

ARAÚJO, Keilha Israely Fernandes de. **Família e medidas socioeducativas: a importância do acompanhamento familiar**. 2013. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo9-poderviolenciaepoliticaspUBLICAS/familiaemedidasocioeducativasaimportanciadoacompanhamentofamiliar.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARRUDA, Érica Maia Campelo. **O conto A menina vendedora de fósforos e a efetivação das normas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Daiane%20Cristina/Downloads/120-619-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculino. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, jan./mar., 2005.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/237038092_Perspectivas_de_prevencao_da_infrao_o_juvenil_masculina. Acesso em: 03 nov. 2018.

BANDEIRA, Marcos. Execução das medidas socioeducativas. In: BANDEIRA, Marcos. **Atos infracionais e Medidas Socioeducativas: Uma leitura dogmática, crítica e constitucional**. Ilhéus: Editus, 2006.

BARBOSA, Danielle Rinaldi. A natureza jurídica da medida socioeducativa e as garantias do direito penal juvenil. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, v. 1, n. 1, p. 7-69, 2009.

Disponível em:

http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/a_natureza_juridica_da_medida_socioeducativa_e_as_garantias_do_direito_penal_juvenil.pdf. Acesso em: 28 jul. 2018.0

BATISTA, Fabio; BACCON, Ana Lúcia Pereira; GABRIEL, Fábio Antonio. Pensar a escola a partir de Foucault: uma instituição disciplinar em crise? **Inter-Ação**, Goiânia, v. 40, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Daiane%20Cristina/Downloads/30659-Texto%20do%20artigo-148514-2-10-20150728.pdf>. Acesso em: 28 de fev. 2019.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Trad. Marco Estevão e Renato Areira. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BENATO, Dulcemera Terezinha. SOARES, Solange Toldo. Família e escola: uma relação de desafios. In.: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Secretaria de Educação. Governo do Paraná, 2014. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_artigo_dulcemera_terezinha_benato.pdf. Acesso em: 23 de nov. 2019.

BENELLI, Silvio José. Foucault e a prisão como modelo institucional da sociedade disciplinar. In: BENELLI, Silvio José. **A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 63-84. Disponível em <http://books.scielo.org/id/74z7q>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BERTUOL, Carla. **Crianças no espaço urbano**: um estudo sobre políticas públicas no contexto das “cidades amigas da criança”. 2008. 169 f. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17311>. Acesso em 18 ago. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 67/2011**: um olhar mais atento às unidades de internação e semiliberdade para adolescentes. Brasília, 2015.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 15 jun. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 22 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 4.242**, de 06 de janeiro de 1991. Fixa a despesa geral da República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: http://www.ciespi.org.br/media/Base%20Legis/LEI%204242_06_JAN_1921.pdf. Acesso em: 01 jan. 2018.

BRASIL. **Lei nº 6.697**, de 10 de outubro de 1979. Institui o Código de Menores. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6697.htm. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de jul. de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei nº 8.242**, de 12 de outubro de 1991. Cria o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8242.htm. Acesso em 8 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.121**, de 24 de novembro de 1995. Altera dispositivos da Lei nº 4.024, de dezembro de 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9131.htm. Acesso em: 08 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei nº 12.594**, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo [...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112594.htm. Acesso em: 14 jul. 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Levantamento Anual SINASE 2016**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. Disponível em: http://www.sejudh.mt.gov.br/documents/412021/9910142/Levantamento+SINASE+_2016Final.pdf/4fd4bcd0-7966-063b-05f5-38e14cf39a41. Acesso em: 15 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 3**, de 13 de maio de 2016. Disponível em: https://www.lex.com.br/legis_27138173_RESOLUCAO_N_3_DE_13_DE_MAIO_DE_2016.aspx. Acesso em: 28 de fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4**, de 30 de maio de 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=42991-rceb004-16-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 07 out. 2018.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo: Diretrizes e eixos operativos para o SINASE**. Brasília: SDH, 2013. Disponível em: http://www.mpgp.br/portal/arquivos/2017/03/03/17_49_45_295_Plano_NACIONAL_Socioeducativo.pdf. Acesso em: 10 set. 2018.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Brasília: SDH, 2006. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-eadolescentes/pdf/SinaseResoluoConanda.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

BUCHALLA, Cassia Maria; PAIVA, Vera. Da compreensão da vulnerabilidade social ao enfoque multidisciplinar. **Rev. Saúde Pública**, v. 36, supl. 4, p. 117-9, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11171.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

CAMPOS, Herculano Ricardo. Política de atendimento socioeducativo: reflexões à da política educacional. *In*: CAMPOS, Herculano Ricardo *et al.* (Orgs.). **Psicologia e Políticas Educacionais**. Natal: EDUFRN, 2016.

CARDOSO, Priscila Carla; FONSECA, Débora Cristina. Adolescentes autores de atos infracionais: dificuldades de acesso e permanência na escola. **Psicologia e Sociedade**. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v31/1807-0310-psoc-31-e190283.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CARVALHO, Salo de. O encarceramento seletivo da juventude negra brasileira: a decisiva contribuição do poder judiciário. **Rev. Fac. Direito UFMG**, Belo Horizonte, n. 67, p. 623-52, jul./dez. 2015. Disponível em: http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/o_encarceramento_seletivo_da_juventude_negra_brasileira_a_decisiva_contribuicao_do_poder_judiciario.pdf. Acesso em: 16 jan. 2019.

CARVALHO, Saulo Rodrigues de; MARTINS, Lígia Márcia. A sociedade capitalista e a inclusão/exclusão. *In*: FACCI, Marilda Gonçalves Dias *et al.* **A exclusão dos “incluídos”**: uma crítica da Psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: Eduem, 2011.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Introdução a *O direito à preguiça*, de Paul Lafargue. *In*: CHAUÍ, Marilena. **Contra a servidão voluntária**. Homero Santiago (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

CODINHOTO, Elizangela. “**Cortinas de Ferro**”: O trabalho real de socioeducadores de uma unidade socioeducativa de internação do estado de Rondônia. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014. Disponível em:

http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1313/1/Elizangela%20Codinhoto_Cortinas%20de%20ferro.pdf. Acesso em: 18 jul. 2018.

COIMBRA, Cecília M. B.; NASCIMENTO, Maria Lívia do. **A produção de crianças e jovens perigosos**: a quem interessa? Disponível em: <http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/aproducao.pdf>. Acesso: 23 ago. 2017.

COIMBRA, Cecília M. B.; NASCIMENTO, Maria Lívia do. **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?** 2005. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto23.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogos no âmbito das medidas socioeducativas em unidade de internação. Brasília: CFP, 2010. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/artes-graficas/arquivos/2010-CREPOP-Socioeducativas-UI.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

COSCIONI, Vinicius *et al.* Life projects of adolescents under social educative measure of confinement. **Ciências Psicológicas**, v. 12, n. 1, p. 109-20, 2018. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/pdf/cp/v12n1/en_1688-4221-cp-12-01-109.pdf. Acesso em: 07 nov. 2019.

COSSETIN, Márcia; LARA, Angela Mara de Barros. O percurso histórico das políticas públicas de atenção à criança e ao adolescente no Brasil: o período de 1920 a 1979. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 67, p. 115-28, mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8646092>. Acesso em: 09 fev. 2019.

COSTA, Ana Carolina Pontes. As políticas de proteção à infância e adolescência e a educação: reflexões a partir da década de 1920. 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/03.pdf>. Acesso em: -8 fev. 2019.

COSTA, Cândida da. Dimensões da Medida Socioeducativa: entre o sancionatório e o pedagógico. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 62-73, jan./jun. 2015.

DALPIAZ, Ana Kelen. Fatores associados ao uso de drogas: depoimentos de usuários de um CAPS AD. **Aletheia**, set/dez., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n45/n45a05.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Cadernos CGH**, v. 24 n. esp. 1, p. 37-57, 2011. Disponível em: http://www.ufjf.br/angelo_esther/files/2012/10/RH-I-PRECARIZA%C3%87%C3%80O-DO-TRABALHO-2011.pdf. Acesso em 05 nov. 2019.

EDUARDO, Lara de Paula. Estatuto da Criança e do Adolescente: a visão dos trabalhadores sobre sua prática. **Revista da Escola de Enfermagem** da USP. Vol. 44 n. 1, São Paulo, 2010.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100003. Acesso em: 23 nov. 2019.

FALEIROS, Vicente de Paula. Infância e processo político no Brasil. *In*: PILOTTI, F.; RIZZINI, I. (Orgs.). **A Arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño, 1995. p. 49-98.

FALEIROS, Vicente de Paula. Infância e processo político no Brasil. *In*: PILOTTI, F.; RIZZINI, I. (Orgs.). **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FARIAS, Lindbergh. Relatório Final. **CPI Assassinato de Jovens**. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em: 22 jan. 2019.

FERRARI, Ana Terra Rosa; NASCIMENTO, Dulce; MARTINS, Maria Cecília Andrade Dias Lobo; NEVES, Natália de Souza. **Práticas Restaurativas no Atendimento Socioeducativo em Belo Horizonte**. [S.l., s.d].

FERRARI, Vera Lucia Ribeiro; COSTA, Pierre. O aluno trabalhador e sua permanência na escola noturna. *In*: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Vol. 1. Cadernos PDE. Secretaria da Educação. Governo do Estado do Paraná. 2014. Disponível em : http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_geo_artigo_vera_lucia_ribeiro.pdf. Acesso em: 19 de nov. 2019.

FISCHER, Beatriz Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. **História da Educação**, Pelotas, v. 1, p. 5-20, abr. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. *In*: PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à Psicologia Escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Luiz Carlos de. A internalização da exclusão. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, set. 2002, p. 299-325. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12934.pdf>. Acesso em: 03 set. 2018.

FRERES, Helena; GOMES, Valdemarin Coelho; BARBOSA, Fabiano Geraldo. Teoria do capital humano e o reformismo pedagógico pós-1990: fundamentos da educação para o mercado globalizado. *In*: RABELO, Jackeline; JIMENEZ, Susana; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes (Orgs.). **O movimento de educação para todos e a crítica marxista**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16670/1/2015_liv_jrabelo.pdf. Acesso em: 28 de fev.2019.

GALDEANO, Ana Paula; ALMEIDA, Ronaldo (Coords.). **Tráfico de drogas entre as piores formas de trabalho infantil: mercados, famílias e rede de proteção social**. In: São Paulo: CEBRAP, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. (1961). Trad. Dante Moreira. São Paulo: Perspectiva, 1974. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/Manicomios-prisoese-conventos.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GOLDEMBERG, José. O repensar da educação no Brasil. **Estudos Avançados**. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v7n18/v7n18a04.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

GUARESCHI, N. *et al.* Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 1, 1º sem. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

GUARESCHI, N. Infância, adolescência e a família: práticas PSI, sociedade contemporânea e produção de subjetividade. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (Orgs.). **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 254-68. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-17.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2018.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, v. 22, p. 201-46, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em 16 fev. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniéle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Trad. Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2019.

IANNI, Octavio. Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil. Entrevista. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, São Paulo, jan./abr., 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100002. Acesso em: 27 fev. 2019.

IBGE (2019) <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24283-desemprego-sobe-para-12-7-com-13-4-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho>. Acesso em: 01 jun. 2019.

IBGE (2019) <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23919-interior-do-pais-tem-desemprego-menor-porem-sofre-mais-com-subocupacao>. Acesso em: 01 jun. 2019.

IBGE (2019) <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25885-11-8-dos-jovens-com-menores-rendimentos-abandonaram-a-escola-sem-concluir-a-educacao-basica-em-2018>. Acesso em: 19 nov. 2019.

IBGE (2018) <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23465-desemprego-cai-para-11-6-mas-informalidade-atinge-nivel-recorde>. Acesso em: 01 jun. 2019.

JUNQUEIRA, Maíz Ramos; JACOBY, Márcia. O olhar dos adolescentes em conflito com a lei sobre o contexto social. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 6, dez. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Daiane%20Cristina/Downloads/1036-3786-2-PB.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

KAMINSKI, André Karst. **O Conselho Tutelar, a criança e o ato infracional**: Proteção ou Punição? Canoas: Ulbra, 2002.

KESSLER, Gabriel. Trabalho, privação, delito e experiência portenha. Trad. Renata Guedes Mourão Macedo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 22, n. 2, nov, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n2/v22n2a05.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

LEAL, Denise Maria; MACEDO, João Paulo. Os discursos protetivos e punitivos acerca dos adolescentes e medida de internação no Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v17n1/2027-7679-rlcs-17-01-00207.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

LEAL, Giuliana Franco. **Exclusão social e ruptura dos laços sociais**: análise crítica do debate contemporâneo. 2008. 249 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LEITE, Fernanda Moreira *et al.* O sentido da escola: concepções de estudantes adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00339.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-68, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em: 19 de nov. 2019.

LEMES, Flávia Cristina Silveira; JUNIOR, Leandro Passarinho dos Reis. Subjetividade em dívida: formação e sociedade de controle. **Journal of Education**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/10474>. Acesso em: 15 jan. 2019.

LIMA, César Bueno. **Jovens em conflito com a lei**: liberdade assistida e vidas interrompidas. Londrina: EDUEL, 2009.

LIMA, Marília Batarra. RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. ANDRADE, Antonio dos Santos. Percepções de crianças e adolescentes sobre seu trabalho informal. **Psicologia em Revista**. Vol. 17, n. 1, Belo Horizonte, abr., 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100003. Acesso em: 23 nov. 2019.

MACHADO, Adriana Marcondes. Formas de pensar e agir nos acontecimentos escolares: criando brechas com a psicologia. *In*: FACCI, Marinilda Gonçalves; MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; TULESKI, Silvana Calvo. **A exclusão dos “incluídos”**: uma crítica da Psicologia da Educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: Eduem, 2011.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. Marília: Unesp, 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/1430052-Consideracoes-sobre-a-transcricao-de-entrevistas-1-eduardo-jose-manzini.html>. Acesso em: 08 fev. 2018.

MARCONI, Marina de Agrade; LAKATOS, Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINEZ, Maria Carmen. PARAGUAY, Ana Isabel Bruzzi Bezerra. Satisfação e saúde no trabalho – aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25851/27583>. Acesso em: 23 nov. 2019.

MARTINS, José Clerton de Oliveria. Ócio e promoção de saúde. **Revista Bras. Pomoç. Saúde**, Fortaleza, v. 28, n. 3, p. 297-300, jun./set. 2015.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Incluir para continuar excluindo: a produção da exclusão na educação brasileira à luz da Psicologia Histórico-Cultural. *In*: FACCI, Marinilda Gonçalves; MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; TULESKI, Silvana Calvo. **A exclusão dos “incluídos”**: uma crítica da Psicologia da Educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: Eduem, 2011.

MELLO, Silvia Leser. A violência urbana e a exclusão dos jovens. *In*: SAWAIA, Bander (Org.). **As artimanhas da exclusão**. 2 ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2001.

MENDÉZ, Emilio García. Evolución histórica del derecho de la infância: ¿Por que una historia de los derechos especial de la infancia? *In*: ILANUD; SEDH; ABMP (Orgs.). **Justiça, Adolescente e Ato Infracional**. São Paulo: ILANUD, 2006. p. 7-23. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ilanud/book_just_adol_ato_infrac.pdf. Acesso em: 28 jul. 2018.

MOCELIN, Márcia Regina. **Adolescência em conflito com a lei ou a lei em conflito com a adolescência**: a socioeducação em questão. Curitiba: Appris, 2016.

MOREIRA, Celeste Anunciata Baptista Dias. **As medidas socioeducativas e as violações de direitos de adolescentes**. 2011. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/PODER_VIOLENCIA_E_POLITICAS_PUBLICAS/AS_MEDIDAS_SOCIOEDUCATIVAS.pdf. Acesso em: 09 fev. 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000. Disponível em: <https://bioetica.catedraunesco.unb.br/wp-content/uploads/2016/04/Edgar-Morin.-Sete-Saberes.pdf>. Acesso em: 28 de fev. 2019.

NETO, Élida Fluck Pereira; RAMOS, Márcia Ziebell; SILVEIRA, Esalba Maria Carvalho. Configurações familiares e implicação para o trabalho em saúde da criança em nível hospitalar. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v26n3/0103-7331-physis-26-03-00961.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em http://www.gesp.ffe.usp.br/sites/gesp.ffe.usp.br/files/modo_capitalista.pdf. Acesso em: 22 jan. 2019.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves. ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Rev. Latino-am Enfermagem**. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11503.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

OLIVEIRA, Regia Cristina. Trabalho adolescente: a experiência de uma ocupação regular. **Cad. Psicol. Soc. Trab.**, São Paulo, v. 14, n. 1, jun. 2011. Disponível em : http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172011000100005. Acesso em 05 nov. 2019.

OLIVEIRA, Thaíssa Fernanda Kratochwill; MIRANDA, Lilian. Um estudo sobre sentidos da medida socioeducativa de internação na vida de adolescentes institucionalizados. **Psicologia e Sociedade**, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v31/1807-0310-psoc-31-e188517.pdf>. Acesso em: 07 nov. 19.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. O joio e o trigo na defesa da reforma agrária. *In*: STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil: o debate na década de 1990**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/a%20questao%20agraria%206%20-.pdf>. Acesso em 22 jan. 2019.

PADOVANI, Andréa Sandoval; RISTUM, Marilena. A escola como caminho socioeducativo para adolescentes privados de liberdade. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 969-84, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n4/aop1064pt.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2018.

PADOVANI, Andrea Sandoval; RISTUM, Marilena. Significados construídos acerca das instituições socioeducativas: entre o imaginado e o vivido. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 609-22, set./dez., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v21n3/2175-3563-pusf-21-03-00609.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

PATTO, Maria Helena Souza. “Escolas cheias, cadeias vazias”. Nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos Avançados**, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/a16v2161.pdf>. Acesso em 16 fev. 2018.

PATTO, Maria Helena Souza. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1/2, p. 107-21, 1992. Disponível em: <http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/disciplinas/avaliacao/2017/A%20fam%C3%ADli>

a%20pobre%20e%20a%20escola%20p%3%BAblica-anota%3%A7%C3%B5es%20sobre%20um%20desencontro.pdf. Acesso em: 08 fev. 2019.

PATTO, Maria Helena Souza. Sob o signo do descaso. *In*: PATTO, Maria Helena Souza (Org.). **A cidadania negada**: políticas públicas e formas de viver. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PATTO, Maria Helena de Souza. O Fracasso Escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. **Cad. Pesq.**, São Paulo, maio, 1988. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1198/1204>. Acesso em: 23 nov. 2019.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e história de vida. **Serviço Social Revista**, Londrina, v. 2 n. 1, p. 135-48, 1999. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm. Acesso em 26 fev. 2019.

PEREIRA, Paulo Celso; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. A concepção de educadores sobre a violência doméstica e desempenho escolar. **Revista Semestral da ABRAPÉE**, v. 12, n. 1, p. 139-52, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a10.pdf>. Acesso em 19 nov. 2019.

PEREZ, José Roberto Rus; PASSONE, Eric Ferdinando. Políticas sociais de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 649-73, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1740140.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2019.

PINHEIRO, Armando Castelar; GIAMBIAGI, Fábio; GOSTKORZEWICZ, Joana. O desempenho macroeconômico do Brasil nos anos 90. *In*: GIAMBIAGI, Fábio; MOREIRA, Maurício Mesquita (Orgs). **A economia brasileira nos anos 90**. Rio de Janeiro: BNDES, 1999. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2972/1/1999_A%20economia%20brasileira%20nos%20anos%2090_P.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

PINTO, Vania Garcia. **Família e Escola nos Processos de Escolarização de Adolescentes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás. Programa de Mestrado em Psicologia. 2008. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/1995/1/Vania%20Garcia%20Pinto.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

REIS, Carolina. **(Falência familiar) + (Uso de drogas) = risco e periculosidade: a naturalização jurídica e psicológica de jovens com medida de internação compulsória**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2012.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Orgs.) **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIZZINI, Irene. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: PUC/RJ; São Paulo: Loyola, 2004. Disponível em:

http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/ebook_institucionalizacao_de_crianças_no_brasil.pdf. Acesso em: 07 fev. 2019.

RIZZINI, Irene. Crianças, adolescentes e famílias: tendências e preocupações globais. **Interação em Psicologia**. 2002.

RIZZINI, Irene. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. Rio de Janeiro: Petrobrás; Ministério da Cultura, 1997.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. Marcos referentes à prática de institucionalização de crianças e adolescentes ao longo da história: permanências e mudanças. *In*: RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: PUC/RJ; São Paulo: Loyola, 2004. Disponível em: http://www.editora.vrc.puc-rio.br/media/ebook_institucionalizacao_de_crianças_no_brasil.pdf. Acesso em: 08 fev. 2019.

RODRIGUES, Allisson. CHECHIA, Valeria Aparecida. O fracasso escolar e suas implicações no processo de ensino e de aprendizagem. **Psicologia – Saberes & Práticas**, n. 1, v.1, 29-36, 2017. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/11122017213806.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

RODRIGUES, Edimar Edson Mendes. **A cultura punitiva na modernidade tardia: um estudo das racionalidades legislativas do sistema penal brasileiro**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/20269/1/TESE%20-%20Edimar%20Edson%20Mendes%20Rodrigues%20-%20vers%C3%A3o%20definitiva.pdf>. Acesso em: 23 de nov. 2019.

SAFI, Sofia de Souza Lima. **Consumo, logo êxito**: atravessamento da cultura consumista em jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. 2013. 29 f. Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108585/000947632.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 de nov. 2019.

SANTOS, Ana Cláudia Wendt dos. MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a03.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

SANTOS, Inês Maria Meneses dos; SANTOS, Rosângela da Silva. A etapa de análise no método história de vida – uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto & Contexto – enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4. out/dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400012. Acesso em: 26 fev. 2019.

SANTOS, Maria Christina dos; JUNIOR, Moisés Francisco Farah. Sistema Socioeducativo direcionado à responsabilização e promoção social de adolescente autor de ato infracional. **Espaço Jurídico**, v.13, n.2, p. 297-324, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://biblat.unam.mx/en/revista/espacio-juridico/articulo/sistema-socioeducativo->

direcionado-a-responsabilizacao-e-promocao-social-de-adolescente-autor-de-ato-infracional. Acesso em: 10 fev. 2019.

SARAIVA, João Batista Costa. **Adolescente em conflito com a lei**: da indiferença à proteção integral: uma abordagem sobre a responsabilidade penal juvenil. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7-13.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf>. Acesso em: 19 de nov. 2019.

SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho *et al.* Medida socioeducativa de internação: Estratégia punitiva ou protetiva? **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n3/1807-0310-psoc-27-03-00505.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho; GALEANO, Giovana Barbieri. SILVA, Jhon Lennon Caldeira; SANTOS, Suyanne Nayara dos. Medida Socioeducativa de internação: dos corpos dóceis às vidas nuas. **Psicologia: ciência e profissão**, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n3/1982-3703-pcp-34-03-0660.pdf>. Acesso em 07 nov. 2019.

SILVA, Alexia Andrade da *et al.* Adolescentes em conflito com a lei: o CENAM na contramão do estatuto da criança e do adolescente. **Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 3, n. 3, out. 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/3260/1965>. Acesso: 19 nov. 2019.

SILVA, Francisca de Assis; MACHADO, Ilma Ferreira. **Função social da escola**. 2015. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2015/03/10/outros/04a042a839632f3b5704a58479197fad.pdf>. Acesso em 07 nov. 2019.

SILVA, Jorge Luiz; BAZON, Marina Rezende. Educação escolar e conduta infracional em adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Estudos de Psicologia**, v. 19 n. 4, out./dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2014000400005. Acesso em: 19 de nov. 2019.

SILVA, Keliane Lima; ALVES, Camila Vitorino; ARAÚJO, Lindair Ferreira. **Abandono familiar infanto-juvenil**: um olhar sobre uma instituição do AGRESTE Pernambucano, 2012. Disponível em: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-149.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SILVA, Luis Gustavo Moreira; FERREIRA, Tarcísio José. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**, v. 5, n. 2, 2014.

SOUSA, José Nilton de; REITAS, Rita de Cássia Santos. **O ECA: frustrações e contradições**. 2012. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_O%20ECA_frustacoes%20e%20contradicoes%20enpess.pdf. Acesso em: 18 mai. 2019.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>. Acesso em: 27 de fev. 2019.

SOUZA, Luana Alves de; COSTA, Liana Fortunato. A significação das medidas socioeducativas para as famílias de adolescentes privados de liberdade. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 2, p. 277-88, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v18n2/v18n2a11.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

SOUZA, Sandra Zákia; OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Ensino médio noturno: democratização e diversidade. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 53-772, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a05.pdf>. Acesso em: 19 de nov. 2019.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista Esc. Enferm. USP**, p. 119-26, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de Sentido no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. *In*: SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Edição virtual, 2013.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a03v15n2.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

TAKAHARA, Andressa Hithomi *et al.* A experiência de avós no cuidado ao adolescente que consome substâncias psicoativas. **Esc. Anna Nery**, v. 23 n. 1, Rio de Janeiro, jan. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452019000100207&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#B9. Acesso em: 19 de nov. 2019.

TOLEDO, Giuliana de. Como a meritocracia contribui para a desigualdade. **Revista Galileu**. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/06/como-meritocracia-contribui-para-desigualdade.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

TRINDADE, Judite Maria Barboza. O abandono de crianças ou a negação do óbvio. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26357576_O_abandono_de_crianças_ou_a_negação_do_obvio. Acesso em 29 dez. 2018.

VALENTE, Jane. **Família acolhedora: as relações de cuidado e proteção no serviço de acolhimento**. São Paulo: Paulus, 2013.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão Social – um problema de 500 anos. *In*: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. *In*: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ZANE, Andreia Dias de Souza. **A função da família na educação escolar. Manografia. Pós-Graduação em Educação**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Medianeira, 2013. Disponível em:
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4497/1/MD_EDUMTE_2014_2_115.pdf.
Acesso em: 23 nov. 2019.

ZANELLA, Maria N.; LARA, Angela M. de. O Código de Menores de 1927, o direito penal do menor e os congressos internacionais: o nascimento da justiça juvenil. **Revista Angelus Novus**, ano VI, n. 10, p. 105-28, 2015.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto *et al.* A educação como direito: considerações sobre políticas educacionais. *In*: CAMPOS, Herculano Ricardo *et al.* (Orgs.). **Psicologia e Políticas Educacionais**. Natal: EDUFRN, 2016.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO
RESPONSÁVEL LEGAL (TCLE)
TÍTULO DA PESQUISA: OS SENTIDOS DE ESCOLA E TRABALHO NA
PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**

Responsável: Cristiano Estevão Cabral
Número do CAAE: (93826218.2.0000.5300)

Eu, _____, dou meu consentimento livre e esclarecido para autorizar o adolescente _____, do qual sou responsável, a participar como voluntário da pesquisa sobre **OS SENTIDOS DE ESCOLA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Estevão Cabral, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e orientado pela Dr^a. Juliana da Silva Nóbrega.

Assinando este termo de Consentimento, estou ciente de que:

- O objetivo do estudo é compreender os sentidos de escola e trabalho para os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação por meio de suas histórias de vidas, conhecer as expectativas relacionadas a ideias de projeto de vida dos adolescentes e verificar de que maneira estes sentidos participam na construção destes projetos;
- O método utilizado será por meio de entrevistas individuais com o adolescente do qual sou responsável;
- Caso surjam desconfortos durante a pesquisa, será garantido ao adolescente o acompanhamento psicológico, providenciado pelo pesquisador;
- Estou ciente de que a pesquisa pode contribuir no processo de reflexão sobre escola e trabalho na vida do adolescente;
- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a autorização para participação na referida pesquisa;
- Estou livre para interromper, a qualquer momento, a participação na pesquisa do adolescente sem sofrer qualquer forma de retaliação, bem como, sem danos ao adolescente;
- Não haverá qualquer tipo de gasto financeiro de minha parte e não receberei nenhuma forma de pagamento para participar da pesquisa;
- Todos os gastos para pesquisa é de responsabilidade do pesquisador;
- Meus dados pessoais e outras informações que possam me identificar, bem como, do adolescente serão mantidos em sigilo;
- Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde;

- Os resultados gerais obtidos nesta pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos propostos, incluída sua publicação em congresso ou em revista científica especializada;
- Declaro que recebi uma cópia deste termo de consentimento;
- Poderei contatar o pesquisador responsável pela pesquisa através do telefone (69) 993250074, e-mail: cristianoecabral@gmail.com.

Ji – Paraná-RO, _____ de _____ de 201__.

Autorizo o adolescente _____, que está sob minha responsabilidade, a participar da pesquisa intitulada **Os sentidos de escola e trabalho na perspectiva dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação em Rondônia**, direcionada pelo pesquisador Cristiano Estevão Cabral.

Assinatura do Responsável do Adolescente

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares para execução desta pesquisa. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao responsável e ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(para adolescentes acima de 18 anos)

**TITULO DA PESQUISA: OS SENTIDOS DE ESCOLA E TRABALHO NA
PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA
SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**

Responsável: Cristiano Estevão Cabral

Número do CAAE: (inserir após aprovação pelo CEP)

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Esta pesquisa intitulada **OS SENTIDOS DE ESCOLA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**, sob a responsabilidade do pesquisador Cristiano Estevão Cabral, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e orientado pela Dr^a. Juliana da Silva Nóbrega.

Esta pesquisa respeitará os preceitos éticos da ciência e em conformidade com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo seu início somente após a análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia.

Assinando este termo de Consentimento, estou ciente de que:

- O objetivo do estudo é compreender os sentidos de escola e trabalho para os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação por meio de suas histórias de vidas, conhecer as expectativas relacionadas a ideias de projeto de vida dos adolescentes e verificar de que maneira estes sentidos participam na construção destes projetos;
- O método utilizado será por meio de entrevistas individuais que serão gravadas;
- Caso surjam desconfortos durante a pesquisa, será garantido ao adolescente o acompanhamento psicológico, providenciado pelo pesquisador;
- Estou ciente de que a pesquisa pode contribuir no processo de reflexão sobre escola e trabalho na vida do adolescente;
- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a autorização para participação na referida pesquisa;
- Estou livre para interromper, a qualquer momento, a participação na pesquisa sem sofrer qualquer forma de retaliação;
- Não haverá qualquer tipo de gasto financeiro de minha parte e não receberei nenhuma forma de pagamento para participar da pesquisa;
- Todos os gastos da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador;
- Meus dados pessoais e outras informações que possam me identificar serão mantidos em sigilo;
- Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde;

- Os resultados gerais obtidos nesta pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos propostos, incluída sua publicação em congresso ou em revista científica especializada;
- Declaro que recebi uma cópia deste termo de consentimento;
- Poderei contatar o pesquisador responsável pela pesquisa através do telefone (69) 993250074, e-mail: cristianoecabral@gmail.com.

Eu, _____, RG _____ abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador Cristiano Estevão Cabral sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Ji – Paraná-RO, _____ de _____ de 2018.

Assinatura

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares para execução desta pesquisa. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao responsável e ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA ADOLESCENTE (TAA)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **OS SENTIDOS DE ESCOLA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**

Queremos conhecer a história pregressa dos jovens em conflito com a lei frente aos processos de escolarização e trabalho; e compreender suas perspectivas de vida relacionadas a escola e ao trabalho.

Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 12 a 19 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no Centro de Atendimento Socioeducativo, onde serão entrevistados sobre o assunto. Para isso, será usado um gravador de voz e um livro de registro. Caso aconteça algo inesperado ou que você queira desistir da pesquisa pode me procurar, com sabem, trabalho aqui e estou pronto para o que precisar.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa retornaremos aqui para expor os resultados.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa: **OS SENTIDOS DE ESCOLA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO EM RONDÔNIA**

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar chateado.

O pesquisador tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Ji-Paraná-RO, ____ de _____ de _____.

Assinatura do adolescente

Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



www.mapsi.unir.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

À Senhora
Dr^a. Raika Fabíola Guzman da Silva
Coordenadora de Atendimento aos Adolescentes - CAA
Fundação Estadual de Atendimento Socioeducativo - FEASE
Nesta.

Senhora Coordenadora,

Eu, Cristiano Estevão Cabral, portador do Registro Geral 817735 SSP/RO, aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – Mestrado Acadêmico –, sob a orientação da Professora Doutora Juliana da Silva Nóbrega, venho, por meio deste, solicitar a autorização para a realização da pesquisa que tem como título: **“Os sentidos de escola e trabalho na perspectiva dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação em Rondônia”**.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os sentidos de trabalho e de escola produzidos por adolescentes em privação de liberdade ao longo de suas histórias de vida e durante o cumprimento da medida no Centro de Atendimento Socioeducativo de Ji-Paraná/RO. A partir disso, desdobramos os seguintes objetivos específicos: a) Conhecer a história de vida dos adolescentes internados no CASE; b) Identificar a produção de sentidos de escola e trabalho na trajetória de vida dos adolescentes; c) Conhecer as expectativas relacionadas a ideia de projeto de vida desses adolescentes; d) Verificar se e de que maneira estes sentidos de escola e trabalho participam da construção do projeto de vida dos adolescentes.

A metodologia será por meio de Histórias de Vidas, tendo como ferramenta entrevistas abertas.

A atividade proposta será realizada em horário que não traga prejuízos ao trabalho do CASE e nem nas atividades exercidas pelos adolescentes. O método preconiza que a participação dos sujeitos se dê de forma voluntária, os sujeitos que consentirem com sua participação assinarão um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, bem como a autorizando dos responsáveis assinado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para a divulgação dos resultados da pesquisa na dissertação e, possivelmente, em publicações e apresentações científicas, ressaltando-se que em nenhum momento deverão aparecer quaisquer informações que possam revelar suas identidades.

Asseguro que a pesquisa será efetuada dentro dos preceitos éticos da ciência e em conformidade com a legislação brasileira vigente para tal questão que são as resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa somente será iniciada após a análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Na oportunidade, comprometo-me, ao final da pesquisa, retornar a Coordenadora de Atendimento aos Adolescentes e apresentar um relatório com os



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



www.mapsi.unir.br

resultados da pesquisa. Também me coloco à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Caso concorde com esta proposta, solicito que assine a autorização abaixo. Sem mais, despeço-me, agradecendo vossa colaboração.

Cordialmente,

Cristiano Estevão Cabral
Psicólogo
CRP -020/06054
Telefone: (69) 9 9325-0074

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o mestrando Cristiano Estevão Cabral a realizar a pesquisa, conforme os termos acima mencionados.

Porto Velho/RO, ____/____/____.

Assinatura
Dr. Raika Fátima Guzman da Silva
Coordenadora de Atendimento ao Adolescente – CAA
Matrícula 300043327